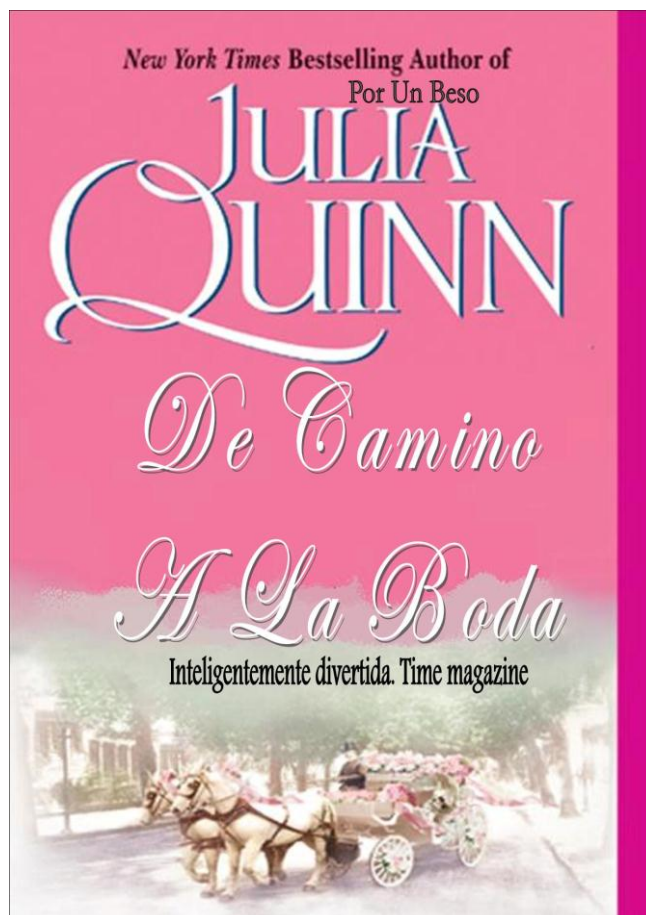
A Caminho do Casamento

JULIA QUINN

BRIDGERTONS 08

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Disponibilização em Esp: *YGMR*
Tradução: *Zel*
Revisão: *Edith*
Revisão Final: *Ilana*
Formatação: *Iara*

Algo cômico aconteceu...

A diferença da maioria dos homens que conhece, Gregory Bridgerton acredita no amor verdadeiro. E está convencido de que quando encontrar à mulher de seus sonhos, saberá em um instante que ela é a única. E isso é exatamente o que ocorreu. Exceto...

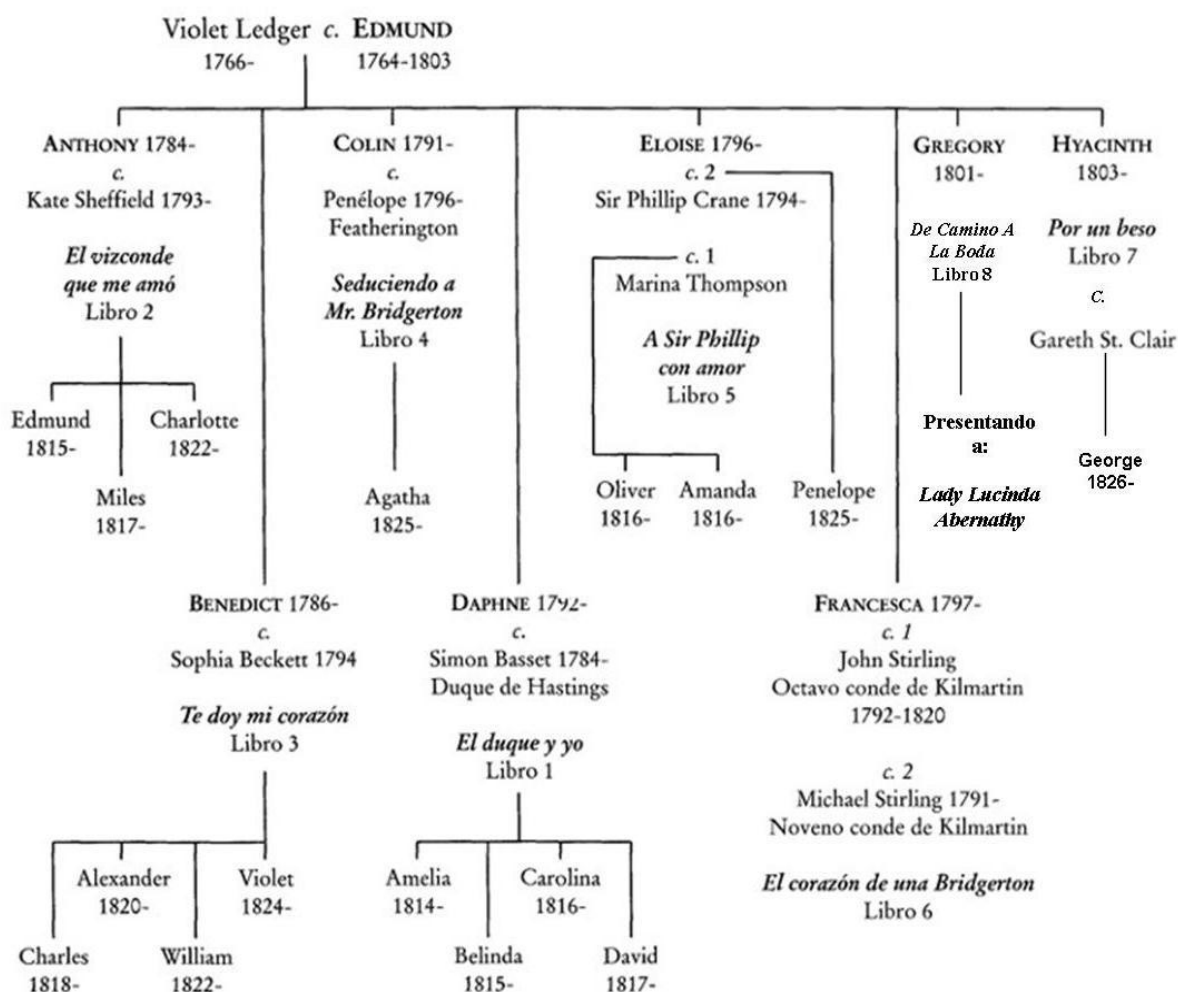
Ela não era a única. De fato, a deslumbrante senhorita Hermione Watson está apaixonada por outro. Mas sua amiga, a sempre prática Lucinda Abernathy, quer salvar Hermione de uma desastrosa aliança, assim se oferece para ajudar Gregory a convencê-la. Mas no processo, Lucy se apaixona. Por Gregory! Exceto...

Lucy está comprometida. E seu tio não está disposto a voltar atrás com o enlace, ainda quando Gregory recupera o juízo e se dá conta que é Lucy, com seu agudo engenho e seu risonho olhar quem faz cantar seu coração. E agora, no caminho do casamento, Gregory deve arriscar tudo para assegurar-se que quando chegar o momento de beijar à noiva, ele seja o único homem que esteja de pé no altar.

Para Lyssa Keusch.
Porque é minha editora.
Porque é minha amiga.
E também para Paul
somente porque sim.

Nota da Revisora Edith: *Na primeira parte do livro o mocinho e a mocinha demoram um pouco para perceberem que estão se amando. Mas a mocinha tem de se casar com outro. Na segunda parte, o mocinho luta para evitar esse casamento. Isso envolve a descoberta de segredos e perigos para a mocinha. Tratei de ler o mais depressa possível pois estava doidinha para saber como o mocinho ia conseguir casar-se com a mocinha. É um suspense!*

Nota da Revisora Ilana: *Fechando com chave de ouro o último livro da saga dos Bridgerton! Gregory passou maus bocados para enfim ficar com sua amada Lucy! Mas no fim o amor supera os problemas e coroa a saga com muitos Bridgertonszinhos... Quem sabe não teremos outros livrinhos, pois com tantos netos Bridgerton história é que não faltaria!*

A Família Bridgerton

No que:

Primeiro, Gregory Bridgerton se apaixona pela mulher equivocada, e
Segundo, ela se apaixona por alguém mais, mas
Terceiro, Lucy Abernathy decide intrometer-se; entretanto,
Quarto, ela se apaixona por Gregory, o que é muito inoportuno por que
Quinto, ela está virtualmente comprometida com Lorde Haselby, mas
Sexto, Gregory se apaixona por Lucy.

O que os põe a todos em uma incômoda situação. Descubra como todos encontram seus finais felizes em: A estupenda conclusão da série Bridgertons Pela incomparável Julia Quinn.

Prólogo
Londres, perto do St. George, Hannover Square, Verão de 1827

Seus pulmões estavam em chamas.

Gregory Bridgerton estava correndo. Através das ruas de Londres, ignorando os olhares curiosos dos transeuntes, estava correndo.

Havia um estranho e poderoso ritmo em seus movimentos - um e dois três e quatro, um e dois três e quatro - que o empurravam, impulsionando-o a seguir adiante, enquanto sua mente permanecia enfocada em uma só coisa.

A igreja.

Tinha que chegar à igreja.

Tinha que deter o casamento.

Quanto tempo levava correndo? Um minuto? Cinco? Não podia saber, não podia concentrar-se em outra coisa diferente a seu destino.

A igreja. Tinha que chegar à igreja.

Deveria ter começado às onze. Isso. A cerimônia. Isso que jamais deveria ter acontecido. Mas entretanto, ela o tinha feito. E ele tinha que detê-la. Tinha que detê-la.

Não sabia como ia fazer, e certamente não sabia por que, mas ela estava fazendo isso, e tudo era um engano. Ela tinha que saber que estava em um engano.

Ela era sua. Ambos se pertenciam. Ela sabia. O pior de tudo, era que ela sabia.

Quanto tempo demoraria para desenvolver uma cerimônia? Cinco minutos? Dez? Vinte? Nunca tinha prestado atenção antes, certamente nunca pensou em olhar seu relógio de princípio a fim.

Nunca pensou que necessitaria dessa informação. Nunca pensou que lhe importaria tanto.

Quanto tempo levava correndo? Dois minutos? Dez?

Virou ao redor de uma esquina e se dirigiu ao Regent Street, grunhindo o que parecia ser um "me perdoe" quando tropeçou com um cavalheiro respeitavelmente vestido, e lhe puxou sua mala ao piso.

Normalmente Gregory se teria detido para ajudar ao senhor, inclinando-se para recolher sua mala, mas não hoje, não esta manhã.

Não agora.

A igreja. Tinha que chegar à igreja. Não podia pensar em nada mais. Não devia. Devia...

Maldição! Patinou ao fazer uma parada, quando uma carruagem se deteve em frente dele. Descansando as mãos em seus quadris - não porque queria, mas sim porque seu desesperado corpo o exigia - aspirou enormes baforadas de ar, tentando aliviar a furiosa pressão de seu peito, esse horrível ardor, que o fazia sentir como...

A carruagem se moveu e ele começou a correr de novo. Agora estava perto. Podia fazê-lo. Não podiam ter passado mais de cinco minutos desde que tinha saído da casa.

Possivelmente seis. Sentia como trinta, mas não podiam ter passado mais de sete.

Tinha que deter isto. Tudo estava mau. Tinha que deter. Deteria.

Já podia ver a igreja. Ao longe, sua torre cinza elevando-se para o brilhante céu azul. Alguém tinha pendurado flores nas linderas. Não podia dizer que classe de flores eram - amarelas e brancas, mas em sua maioria eram amarelas. Derramavam-se no exterior com um abandono temerário, saindo dos cestos. Brilhavam alegres, inclusive contentes, e tudo estava tão mal. Este não era um dia alegre. Não era um evento que devia ser celebrado.

E ele o deteria.

Reduziu a velocidade só o suficiente para poder seguir correndo sem cair de bruços, e então puxou a porta para abri-la, ampla, mais ampla, enquanto escutava o golpe ao chocar-se com a parede exterior. Possivelmente deveria ter entrado com um pouco mais de silêncio, dando um momento para avaliar a situação, para dar-se conta o longe que tinham chegado.

A igreja ficou em silêncio. O sacerdote deteve seu falatório, e cada coluna vertebral de cada banco se virou, até que todos os rostos se voltaram.

Para ele.

- Não - ofegou Gregory, mas tinha tão pouco fôlego, que apenas se podia escutar suas próprias palavras.

- Não - disse, mais alto desta vez, agarrando a borda dos bancos enquanto avançava-. Não o faça.

Ela não disse nada, mas ele a viu. Tinha a boca aberta da comoção. Viu como o buquê caía de suas mãos, e sabia, Por Deus que sabia, que ela tinha deixado de respirar.

Parecia tão formosa. Seu cabelo dourado parecia capturar a luz, e brilhar com um fulgor que o enchia de forças. Endireitou-se, ainda respirando com dificuldade, mas agora podia caminhar sem ajuda, e se soltou do banco.

- Não o faça - disse ele outra vez, avançando para ela com a graça furtiva de um homem que sabe o que quer.

Que sabe o que deve ser.

Ela ainda não falava. Ninguém o fez. Isso era estranho. Trezentos dos intrometidos maiores de Londres, estavam nesse edifício, e ninguém tinha proferido nenhuma palavra. Ninguém podia afastar a vista dele enquanto caminhava no meio do corredor.

- Amo-a - disse, bem ali, em frente de todo o mundo. E a quem lhe importava? Não podia guardar-se esse segredo. Não permitiria que se casasse com ninguém mais, sem assegurar-se de que todo mundo soubesse que ela era a proprietária de seu coração.

- Amo-a - disse outra vez, e pela extremidade do olho pôde ver sua mãe e a sua irmã, sentadas em um banco, boquiabertas pela surpresa.

Seguiu caminhando. Pelo corredor, cada passo era mais seguro, mais confiante.

- Não o faça - disse, saindo do corredor e entrando no altar-. Não se case com ele.

- Gregory - sussurrou ela-. Por que faz isto?

- Amo-a - disse, porque era a única coisa que podia dizer. Era a única que importava. A que seus olhos brilharam, e ele podia ver como continha o fôlego. Ela olhou ao homem com o que estava tratando de casar-se. Levantou as sobrancelhas quando simplesmente lhe respondeu com um diminuto encolhimento de ombros, como se lhe dissesse: Essa é sua opção.

Gregory inclinou um joelho.

- Case-se comigo - disse, com sua própria alma em suas palavras-. Case-se comigo.

Conteve o fôlego. A igreja inteira deixou de respirar.

Ela fixo os olhos nos seus. Eram grandes, claros e tudo o que tinha pensado que era amável e verdadeiro.

- Case-se comigo - sussurrou ele, uma última vez.

Seus lábios tremeram, mas sua voz foi clara quando disse...

Capítulo 1
No que nosso herói se apaixona

Dois meses antes.

A diferença da maioria dos homens que conhece, Gregory Bridgerton acredita no verdadeiro amor.

Teria que ser um idiota para não acreditar nele.

Tendo em conta o seguinte:

A seu irmão mais velho, Anthony.

A sua irmã mais velha, Daphne.

Os seus outros irmãos, Benedict e Colin, sem mencionar as suas irmãs, Eloise, Francesca, e (embora não acreditem) Hyacinth, todos - absolutamente todos - estavam completamente apaixonados por seus respectivos pares.

Para maioria dos homens, esse tipo de coisas só lhes produziria um ataque de bílis, mas para Gregory, que tinha nascido com uma alegria incomparável, que de vez em quando (segundo sua irmã mais nova) era irritante, isso simplesmente significava que não tinha outra opção, mais que acreditar no claro:

O amor existia.

E não era uma completa invenção da imaginação, desenhada para evitar que os poetas morressem de fome. Poderia ser algo que não se podia ver, cheirar ou tocar, mas estava ali, e era só questão de tempo antes que ele, também,

encontrasse à mulher de seus sonhos e se estabelecesse para ser frutífero, multiplicasse-se e assumisse afeições como o papel maché e a coleção de raladores de noz moscada.

Embora, se quisesse ser claro em um ponto, que parecia ser bastante necessário para esse conceito tão abstrato, seus sonhos não incluíam exatamente a uma mulher.

Bom, não a uma com atributos específicos e identificáveis. Não sabia nada da mulher que ia ser sua, a única coisa que supostamente transformaria sua vida completamente, convertendo-o em um pilar feliz de aborrecimento e respeitabilidade. Não sabia se seria baixa ou alta, ou morena ou loira. Gostava de pensar que poderia ser inteligente e possuir um grande senso de humor, mas além disso, como ia saber? Ela podia ser tímida ou franca. Talvez pudesse gostar de cantar.

Ou possivelmente não.

Talvez fosse uma amazona, com uma cútis rosada por estar muito tempo sob o sol.

Não sabia. Quando essa mulher chegasse, essa impossível, maravilhosa e atualmente inexistente mulher, tudo o que em realidade sabia era que quando a encontrasse...

Saberia.

Não sabia como saberia; só sabia que saberia. Ocorreria algo muito importante, seu mundo estremeceria, e a vida se alteraria.... bom, em realidade, não ia chegar sussurrando sua passagem por sua existência. Viria pleno e poderoso, como uma tonelada proverbial de tijolos. A única pergunta era quando.

E enquanto isso, não via nenhuma razão para não passá-la bem enquanto se antecipava a sua chegada. Depois de tudo, a gente não tinha que comportar-se como um monge enquanto esperava ao verdadeiro amor.

Gregory era, segundo todos, um típico homem londrino, com uma cômoda - mas não extravagante - atribuição, tinha muitos amigos, e o suficiente bom senso para saber quando devia afastar-se de uma mesa de jogos. Era considerado suficientemente decente para ser tido em conta no Mercado Matrimonial, pode ser que não estivesse precisamente à cabeça (os quartos filhos nunca chamavam muito a atenção) e sempre estava em demanda quando as matronas da sociedade, necessitavam a um homem que enchesse os requisitos para ser convidado a um bom número de festas.

O que fazia com que sua anteriormente mencionada atribuição, estirasse-se um pouco mais, convertendo-se em um benefício.

Possivelmente devia ter tido um pouco mais de propósito em sua vida. Alguma classe de direção, ou inclusive uma tarefa insignificante que realizar. Mas isso poderia esperar, não é verdade? Logo, estava seguro, tudo se esclareceria. Sabia que era o que desejava fazer, e com quem desejava fazê-lo, e enquanto isso, ele tinha...   Não tinha tempo. Pelo menos, não nesse preciso momento.

Para explicar: atualmente Gregory estava sentado em uma cadeira de couro, uma muito cômoda por certo, e não era que realmente tivesse que pensar no assunto, mais que no fato de que a falta de desconforto conduzia às pessoas a sonhar acordadas, o que por sua vez conduzia a não escutar a seu irmão que, deve anotar-se, estava de pé, aproximadamente a um metro de distância, falando sobre algo ou alguma coisa, quase certamente relacionada com alguma variação das palavras dever e responsabilidade.

Em realidade, Gregory não lhe estava prestando a devida atenção. Raramente o fazia.

Bom, não, ocasionalmente o fazia, mas...

- Gregory? Gregory!

Levantou o olhar, pestanejando. Anthony tinha os braços cruzados, esse nunca era um bom sinal. Anthony era o visconde Bridgerton, e o tinha sido durante mais de vinte anos. E enquanto o era - Gregory era o primeiro em insistir- o melhor dos irmãos, também teria podido ser um excelente suserano.

- Me perdoe por me entremeter em seus pensamentos, desta maneira -disse Anthony em uma voz seca - , mas você , possivelmente - só possivelmente - escutou algo do que lhe disse?

- Diligência - repetiu Gregory como um louro, enquanto assentia com o que julgava era um gesto de suficiente gravidade-. Direção.

- Em efeito -replicou Anthony, e Gregory se felicitou a si mesmo pelo que claramente tinha sido uma excelente atuação-. É a última oportunidade de que busque alguma direção a sua vida.

- É claro - murmurou Gregory, principalmente porque não tinha jantado, e tinha fome, e tinha escutado que sua cunhada estava servindo refrescos no jardim. Além disso, nunca tinha sentido discutir com Anthony. Nunca.

- Deve fazer uma mudança. Escolher um novo caminho.

- Claro. - Possivelmente havia sanduíches. Podia comer-se quarenta dessas ridicularias cortadas pela metade.

- Gregory.

A voz de Anthony tinha esse tom. Aquele que era impossível de descrever, mas suficientemente fácil de reconhecer. E Gregory sabia que era o momento de prestar atenção.

- Correto - disse, porque de verdade, era notável como uma só sílaba poderia apagar a uma frase apropriada-. Espero me unir ao clero.

Isso fez com que Anthony se congelasse. Morto, gelado, frio. Gregory fez uma pausa para saborear o momento. Não lhe importava que para isso, tivesse tido que converter-se em um condenado vigário.

- Me desculpe? - murmurou Anthony finalmente.

- Não é que tenha muitas opções - disse Gregory. E quando essas palavras emergiram, compreendeu que era a primeira vez que as havia dito.

Fazia elas mais reais, de algum modo, mais permanentes-. É o exército ou o clero - continuou-, e bom, devo dizer isto: Sou uma besta para disparar.

Anthony não disse nada. Todos sabiam que tinha razão.

Depois de um momento de incômodo silêncio, Anthony murmurou:

- Há espadas.

- Sim, mas com minha sorte, enviar-me-iam a Suam. - Gregory estremeceu-. Não deve ser muito terrível, mas em realidade, faz muito calor. Quereria ir?

Anthony objetou imediatamente.

- Não, claro que não.

- E - acrescentou Gregory, começando a desfrutar-, há a mãe.

Fez-se uma pausa. Então:

- Ela sabe algo de Suam não é?

- Não gostaria muito de minha partida, e então você, sabe, será o único que deverá sustentar sua mão cada vez que se preocupe, ou tenha algum pesadelo horrível sobre...

- Não diga mais nada - interrompeu Anthony.

Gregory se permitiu rir internamente. Realmente não era justo para sua mãe, quem, só para indicar, nunca havia dito alguma vez que prognosticasse o futuro com algo tão idiota como um sonho. Mas odiaria que ele partisse a Suam, e Anthony teria que escutá-la quando se preocupasse por isso.

E como Gregory não estava particularmente desejoso de partir das bordas nubladas da Inglaterra, o argumento era muito discutível, de qualquer forma.

- Correto - disse Anthony-. Bem. Estou feliz, então, de que finalmente tenhamos podido ter esta conversa.

Gregory deu uma olhada a seu relógio.

Anthony limpou a garganta, e quando falou, escutava-se um fio de impaciência em sua voz.

- E que tenha pensado finalmente em seu futuro.

Gregory sentia que algo se apertava na parte de trás de sua mandíbula.

- Só tenho vinte e seis anos - lhe recordou-. Certamente sou muito jovem para que tenha que me repetir a palavra final.

Anthony simplesmente arqueou uma sobrancelha.

- Quer que fale com o arcebispo? Ver se pode te encontrar uma paróquia?

O peito do Gregory se sacudiu com um espasmo de tosse inesperado.

- Bem, não - disse, quando foi capaz de fazê-lo-. Pelo menos, ainda não.

Anthony levantou um canto da boca. Mas não muito, e não, esse estiramento não poderia definir-se como um sorriso.

- Poderia se casar - disse ele suavemente.

- Poderia - aceitou Gregory-. E o farei. De fato, descida fazê-lo.

- De verdade?

- Quando encontrar à mulher correta. - E então, ante a expressão de dúvida do Anthony, Gregory acrescentou:

- Certamente você entre todas as pessoas, recomendaria um matrimônio por amor em lugar de um por conveniência.

Anthony era reconhecido por estar apaixonado por sua esposa, que por sua vez estava inexplicavelmente apaixonada por ele. Anthony também era celebre por estar consagrado a seus sete irmãos mais novos, por isso Gregory não devia ter sentido um salto tão inesperado de emoção quando lhe disse suavemente:

- Desejo-lhe a mesma felicidade que eu desfruto.

Gregory se salvou de ter que lhe responder, já que seu estômago retumbou ruidosamente. Ofereceu a seu irmão uma expressão de acanhamento.

- Sinto muito. Perdi o jantar.

- Sei. Esperávamos que chegasse mais cedo.

Gregory evitou fazer uma careta de dor. Só o justo.

- Kate estava um pouco aborrecida.

Isso era o pior. Quando Anthony se decepcionava era uma coisa. Mas quando dizia que alguém tinha causado algum desgosto a sua esposa...

Bom, ali era quando Gregory sabia que estava com problemas.

- Saí muito tarde de Londres - resmungou. Era verdade, mas não era nenhuma desculpa para seu mau comportamento. Tinham-no esperado na casa para o jantar, e ele não tinha chegado. Quase disse: "contentarei-a", mas no último momento mordeu a língua. De algum modo sabia que isso poderia piorar tudo, sabia, já que seria como se zombando de sua tardança, assumindo que podia sair bem de qualquer transgressão com um sorriso e um comentário loquaz. O que fazia muito freqüentemente, mas por alguma razão desta vez...

Não quis fazê-lo.

Em seu lugar disse:

- Sinto muito. -E queria dizê-lo, também.

- Ela está no jardim - disse Anthony com aspereza-. Acredito que quer fazer um baile no pátio. Pode acreditar?

Gregory podia acreditar. Isso soava exatamente como sua cunhada. Não era das que permitiam que um momento tão agradável passasse por ela, e com um clima tão raramente bom, por que não organizar um baile ao ar livre?

- Deve dançar com qualquer uma que ela deseje - disse Anthony-. Kate não gostaria que nenhuma de suas jovens damas se sentisse rechaçada.

- É claro que não - murmurou Gregory.

- Reunirei-me com você em um quarto de hora - disse Anthony, enquanto retornava a seu escritório onde vários montões de papéis o esperavam-. Ainda tenho coisas que terminar aqui.

Gregory ficou de pé.

- Passarei para saudar Kate. - E então, a entrevista claramente tinha chegado a seu fim, e quando saiu do quarto se dirigiu ao jardim.

Tinha passado algum tempo desde que estivera em Aubrey Hall, a casa ancestral dos Bridgertons. A família se reunia ali no Kent para celebrar o Natal, é

claro, mas em realidade, não era a casa de Gregory, e nunca tinha sido. Depois que seu pai tinha morrido, sua mãe tinha feito algo pouco convencional e tinha desarraigado à família, escolhendo passar a maior parte do ano em Londres. Nunca tinha explicado suas razões, mas Gregory sempre tinha suspeitado que a elegante casa antiga lhe trazia muitas lembranças.

Como resultado, Gregory sempre se havia sentido mais em casa na cidade que no campo. Bridgerton House em Londres, era a casa de sua infância, não Aubrey Hall.

Ainda, desfrutava de suas visitas, e sempre participava de atividades e jogos bucólicos, tais como montar e nadar (quando o lago estava suficientemente quente para permitir isso), e embora pareça estranho, gostava da mudança de clima. Gostava do ar silencioso e limpo depois de passar meses na cidade.

E gostava da forma como podia deixar tudo atrás quando estava muito calado e limpo.

As festividades da noite estavam celebrando-se na grama do sul, isso era o que lhe havia dito o mordomo quando tinha chegado a casa essa noite. Parecia ser um bom lugar para uma festa ao ar livre, pelo nível do chão, a vista ao lago, e um pátio enorme cheio de suficientes cadeiras para os menos enérgicos.

Quando se aproximou do enorme salão que conduzia ao exterior, pôde escutar os murmúrios baixos das vozes que zumbiam através das portas francesas. Não estava certo de quantas pessoas tinham sido convidadas à festa, mas provavelmente eram ao redor de vinte ou trinta. Muito poucas para ser íntima, mas o suficientes para que não se pudesse escapar a algum lugar pacífico e calado sem deixar um buraco aberto na reunião.

Quando Gregory atravessou o salão, fez uma respiração profunda, tentando determinar a classe de comida que Kate tinha decidido servir a seus convidados.

Não haveria muita, é claro; certamente já os tinha atendido bem no jantar.

Doces, decidiu Gregory, quando percebeu um suave aroma a canela, ao chegar às pedras de cor cinza clara do pátio. Soltou uma respiração de desilusão. Estava morto de fome, e uma enorme bandeja de carne, parecia o céu.

Mas tinha chegado tarde, e ninguém tinha a culpa mais que ele, e Anthony teria sua cabeça se não se unia à festa imediatamente, então os bolos e as bolachas teriam que esperar.

Uma brisa quente se abateu sobre sua pele quando caminhou para o exterior. Fazia muito calor em maio; todos falavam disso. Era o tipo de clima que parecia alegrar o humor, tão surpreendentemente agradável que não se podia deixar de sorrir. E de fato, os convidados pareciam estar muito felizes; os zumbidos baixos das conversas estavam avançadas com freqüentes ataques de risadas.

Gregory lançou um olhar ao redor, tanto para procurar os refrescos, para procurar preferivelmente a sua cunhada Kate, a quem segundo as boas maneiras, devia saudar primeiro. Mas quando seus olhos passaram sobre a cena, em seu lugar a viu...

Ela.

E sabia. Sabia que ela era a única. Estava congelado, imóvel. O ar não corria em seu corpo; mas bem parecia, escapar lentamente até não ficar nada, e ficou ali, vazio, e ansioso por mais.

Não podia ver seu rosto, nem sequer seu perfil. Só lhe via as costas, a impressionantemente perfeita curva de seu pescoço, uma mecha de cabelo loiro formado redemoinhos em seu ombro.

E em tudo o que podia pensar, era: Estou arruinado.

Para todas as mulheres, estava arruinado. Essa intensidade, esse fogo, essa sensação tão esmagadora de estar certo, nunca a havia sentido.

Possivelmente fosse tolo. Possivelmente estava louco. Provavelmente ambas as coisas. Mas tinha estado esperando. Por esse momento, tanto tempo, tinha estado esperando.

E repentinamente tudo se tornou tão claro, porque não ia se unir à tropa ou ao clero, ou aceitar a oferta de seu irmão de administrar uma pequena propriedade.

Tinha estado esperando. Era tudo o que tinha feito. Infernos, não tinha compreendido que não tinha feito nada mais que esperar por este momento.

E ali estava.

Ela estava ali.

E ele sabia.

Sabia.

Moveu-se lentamente sobre a grama, esquecendo Kate e à comida. Conseguiu murmurar suas saudações às pessoas que passaram por seu caminho, enquanto continuava avançando.

Tinha que alcançá-la. Tinha que ver seu rosto, respirar seu aroma, conhecer o som de sua voz.

E então estava ali, só a uns metros de distância. Estava ofegante, intimidado, e de algum modo, conseguiu ficar frente a ela.

Estava falando com outra senhorita, com suficiente animação para determinar que eram boas amigas. Permaneceu ali por um momento, só olhando-as até que elas se voltaram lentamente e compreenderam que ele estava ali.

Sorriu. Suavemente, só um pouco. E disse...

- Como vai?

Lucinda Abernathy, melhor conhecida como, bom, todo mundo a conhecia, como Lucy, sufocou um gemido quando se voltou ante o cavalheiro que se aproximara dela, provavelmente para fazer olhos de bezerro a Hermione, como o faziam, bom, todos aqueles que conheciam Hermione.

Era um risco profissional ser amiga de Hermione Watson. Ela colecionava corações quebrados, da mesma maneira como o velho vigário do Abbey colecionava borboletas.

A única diferença, era, claro, que Hermione não cravava a sua coleção com desagradáveis agulhas pequenas. Sendo justo, Hermione não desejava ganhar os

corações dos cavalheiros, mas com certeza nunca tinha querido romper o coração a nenhum deles. Isso só acontecia. Lucy estava acostumada a isso. Hermione era Hermione, com o cabelo loiro pálido como a cor da manteiga, com o rosto em forma de coração, e um enorme par de olhos com o mais surpreendente tom verde.

Lucy, por outro lado, era... bom, não era Hermione, isso estava bastante claro. Era simplesmente ela mesma, e a maioria do tempo, isso era suficiente.

Lucy era, em quase uma forma visível, simplesmente um pouco menos que Hermione. Um pouco menos loira. Um pouco menos magra. Um pouco menos alta. Seus olhos eram um pouco menos vívidos em cor, em realidade, eram azuis cinzentos, muito atraentes quando se comparavam com os de qualquer outra que não fosse Hermione, mas isso era muito difícil, já que ela nunca ia a nenhum lado sem Hermione.

Tinha chegado a essa estupenda conclusão um dia, enquanto não prestava a devida atenção a suas lições de Composição e Literatura Inglesa na escola da Srta. Moss, para Jovens Damas Excepcionais, onde ela e Hermione tinham estudado durante três anos.

Lucy era um pouco menos. Ou possivelmente, se a gente quisesse dizê-lo melhor, ela simplesmente não era suficiente.

Era, supunha, razoavelmente atraente, nessa saudável e tradicional classe de rosa à maneira Inglesa, mas os homens raramente (ou melhor, nunca) ficavam mudos em sua presença.

Hermione, entretanto... bom, era algo bom que ela fosse uma pessoa tão agradável. Do contrário, teria sido impossível que fossem amigas.

Bom, e que o fato de que ela simplesmente não pudesse dançar. Valsa, contradanças, minuetos, não importava realmente. Se envolvesse música e movimento, Hermione não podia fazê-lo.

E isso era estupendo.

Lucy não se achava em si mesma uma pessoa particularmente superficial, e teria insistido, se qualquer um lhe tivesse perguntado, em que voluntariamente se atravessaria diante de uma carruagem por sua mais querida amiga, mas se sentia uma classe de satisfação imparcial no fato de que a moça mais formosa da Inglaterra tinha dois pés esquerdos, e que pelo menos um deles era de pau.

Metaforicamente falando.

E agora aqui estava outro. Homem, é claro, não pé. Bonito, também. Alto, embora não muito, com um quente cabelo castanho e um sorriso muito agradável. E com um brilho nos olhos, de uma cor que não podia determinar no impreciso ar noturno.

Sem mencionar que não podia ver seus olhos em realidade, porque ele não a estava olhando-a a ela. Estava olhando Hermione, como o faziam sempre todos os homens.

Lucy sorriu educadamente, embora não pudesse imaginar como podia ele notá-lo, e esperou a que se inclinasse e se apresentasse a si mesmo.

E então ele fez a coisa mais assombrosa. Depois de dizer seu nome - devia ter sabido que era um Bridgerton só de olhá-lo - se inclinou e lhe beijou primeiro sua mão.

Lucy conteve o fôlego.

Logo, é claro, compreendeu o que ele estava fazendo.

OH, era bom. Era realmente bom. Nada, mas nada faria que Hermione se fixasse mais rapidamente em um homem, que ver que este o fazia um cumprimento à Lucy.

Mas era muito mau para ele, que o coração de Hermione já estivesse comprometido em outra parte.

OH bom. Seria muito divertido olhar toda a obra, pelo menos.

- Sou a Srta. Hermione Watson - estava dizendo Hermione, e Lucy compreendeu que as táticas do Sr. Bridgerton eram duplamente mãos direitas. Pois ao beijar a mão de Hermione em segundo lugar, podia atrasar-se mais, e ela, realmente, seria a única que devia fazer as apresentações.

Lucy estava quase impressionada. Sem outra coisa mais, isso o marcava ligeiramente como mais inteligente que a maioria dos cavalheiros.

- E esta é minha mais querida amiga - continuou Hermione-. Lady Lucinda Abernathy.

Disse-o da maneira em que sempre o dizia, com amor e devoção, e possivelmente com o toque mais nu de desespero, como se dissesse: Pela graça dos céus, lance um olhar à Lucy, também.

Mas era claro que eles nunca o faziam. Exceto quando queriam um conselho sobre Hermione, e de como ganhar seu coração. Quando isso acontecia, Lucy era muito solicitada.

O Sr. Bridgerton - o Sr. Gregory Bridgerton, corrigiu-se Lucy mentalmente, porque ali havia, até onde sabia, três senhores Bridgertons em total, sem contar ao visconde, é claro - se voltou e a surpreendeu com um brilhante sorriso e com olhos calorosos.

- Como está, Lady Lucinda - murmurou.

- Muito bem, obrigado - e então, poderia golpear-se assim mesma porque realmente tinha gaguejado a muitíssimo, mas pelo amor de Deus, eles nunca a olhavam depois de olhar à Hermione, nunca.

Será que ele estava interessado nela?

Não, impossível. Eles nunca estavam.

E em realidade, isso que importava? É claro que seria algo muito bom, que um homem se apaixonasse louca e apaixonadamente por ela esta vez. Realmente, não se incomodaria por esse tipo de atenções. Mas a verdade era, que Lucy virtualmente estava comprometida com Lorde Haselby e isso tinha sido assim durante anos e anos, assim seria inútil ter a um admirador louco por ela. Não era como se pudessem chegar a algo concreto.

E além disso, certamente Hermione não era culpada de ter nascido com a rosto de um anjo.

Assim Hermione era a sereia, e Lucy era a amiga fiel, e dessa forma todo mundo andava bem. E se não fosse bem, pelo menos era bastante previsível.

- Podemos contar a você como um de nossos anfitriões? - perguntou Lucy finalmente, já que ninguém havia dito nada desde que tinham terminado com o protocolo-.

É um prazer conhecê-lo.

- Temo que não - replicou o Sr. Bridgerton - . Embora eu gostaria muito de tomar um pouco de crédito nas festividades, eu tenho minha residência em Londres.

- É muito afortunado de ter Aubrey Hall para sua família - disse Hermione educadamente-. Embora seja propriedade de seu irmão.

E ali foi quando Lucy soube. O Sr. Bridgerton estava enamorado por Hermione. Que se esquecesse que tinha beijado primeiro sua mão, ou que tinha lhe dado atenção realmente quando havia dito algo, o que a maioria dos homens nunca se incomodavam em fazer. Só tinha que se ver a forma como olhava Hermione quando falava, para dar-se conta, que agora era mais um de sua legião de admiradores.

Seus olhos tinham essa expressão ligeiramente empanada. Os lábios separados. E estava tão concentrado, como se quisesse tomar Hermione, sair correndo com ela nas costas, para mandar às pessoas e aos maneiras ao demônio.

Em oposição à forma em que a olhava a ela, que podia catalogar-se facilmente como desinteressadamente cortês. Ou possivelmente era um olhar do tipo: por que está atravessada em meu caminho, me impedindo assim, tomar a Hermione em meus braços e correr colina abaixo com ela, para mandar às pessoas e as boas maneiras ao demônio?

Isso não era exatamente decepcionante. Não era decepcionante.

Devia haver uma palavra para isso. Em realidade, devia haver.

- Lucy? Lucy?

Lucy compreendeu com um pouco de vergonha que não tinha prestado a devida atenção à conversa. Hermione a olhava com curiosidade, tinha a cabeça inclinada dessa maneira tão dela, que os homens sempre pareciam achar tão agradável. Lucy tinha tratado de imitá-la uma vez. E isso a tinha enjoado.

- Sim? -murmurou, já que algum tipo de expressão verbal parecia ser necessária.

- O Sr. Bridgerton me pediu uma dança - disse Hermione-, mas lhe disse que eu não posso.

Hermione sempre fingia que tinha os tornozelos torcidos ou que tinha um resfriado para manter-se fora da pista de baile. O que também era muito bom e excelente, mas ela sempre passava todos seus admiradores à Lucy. O que tinha sido muito bom e excelente a princípio, mas se tinha convertido em algo tão comum que

Lucy tinha começado a suspeitar que agora os cavalheiros pensavam, que eram dirigidos para ela por pena, o que não podia ter estado mais longe da verdade.

Lucy era, se dizia de si mesma, uma bailarina muito boa. E também uma excelente conversadora.

- Seria um prazer dançar com Lady Lucinda - disse o Sr. Bridgerton, porque, em realidade, que mais podia dizer?

Lucy sorriu, não completamente cordial, mas entretanto era um sorriso, e lhe permitiu conduzi-la para o pátio.

Capítulo 2

No que nossa heroína demonstra uma decidida falta de respeito por todas as coisas românticas.

Gregory era um perfeito cavalheiro, e escondeu muito bem sua desilusão quando ofereceu o braço à Lady Lucinda e a acompanhou à pista de baile provisória. Ela era, estava seguro, uma jovem absolutamente adorável e encantadora, mas não era a Srta. Hermione Watson.

E ele tinha esperado toda sua vida para encontrar-se com a Srta. Hermione Watson.

Mas ainda assim, isto deveria ser considerado benéfico para sua causa. Lady Lucinda era claramente a melhor amiga da Senhorita Watson - a Srta. Watson tinha falado efusivamente sem dúvida sobre ela, durante sua breve conversa, na qual Lady Lucinda tinha olhado algo além de seu ombro, sem escutar aparentemente nenhuma palavra do dito. E com quatro irmãs, Gregory sabia uma coisa ou duas sobre as mulheres, a mais importante das quais era que sempre era uma excelente idéia, fazer-se amigo da amiga, se é que realmente eram amigas, e não só mulheres que pretendiam ser amigas e que somente estavam esperando o momento perfeito para apunhalá-la-se uma à outra nas costelas.

As mulheres eram criaturas misteriosas. Se pudessem aprender a dizer o que realmente queriam dizer, o mundo seria de longe um lugar mais simples.

Mas a Srta. Watson e Lady Lucinda davam a total aparência de amizade e devoção, que era um sonho feito realidade caminhar ao lado do Lady Lucinda. E se Gregory desejava aprender mais sobre a Senhorita Watson, Lady Lucinda Abernathy era o lugar mais claro para começar.

- É há muito tempo como convidada no Aubrey Hall? - perguntou educadamente Gregory, enquanto esperavam que a música começasse.

- Só desde ontem - respondeu ela-. E você? Não o tinha visto em nenhuma das reuniões.

- Cheguei esta noite - disse ele-. Depois do jantar. - Fez uma careta. Agora que não estava olhando à Senhorita Watson, recordou que tinha fome.

- Você deve estar faminto - exclamou Lady Lucinda-. Preferiria dar uma volta pelo pátio em lugar de dançar? Prometo que podemos passear pela mesa dos refrescos.

Gregory teria podido abraçá-la.

- Você, Lady Lucinda, é uma jovem valiosa.

Ela sorriu, mas com um sorriso estranho, e ele não podia interpretá-la realmente. Era claro que lhe tinha gostado de seu elogio, disso estava seguro, mas ali havia algo mais, algo um pouco triste, possivelmente um pouco de resignação.

- Você deve ter um irmão - disse ele.

- Tenho - confirmou, sorrindo ante sua dedução-. É quatro anos mais velho que eu, e sempre está faminto. Estarei por sempre assombrada de que tenhamos tido algum tipo de comida na despensa quando ele chegava a casa da escola.

Gregory acomodou a mão na curva de seu cotovelo, e juntos se dirigiram ao perímetro do pátio.

- Por aqui - disse Lady Lucinda, dando a seu braço um pequeno puxão quando ele tratou de dirigi-los em sentido contrário aos ponteiros do relógio. - A menos que você prefira os doces.

Gregory sentiu como seu rosto se iluminava.

- Há sanduíches?

- Sanduíches. São pequenos, mas estão muito deliciosos, especialmente os de ovo.

Ele assentiu, um pouco ausentemente. Tinha vislumbrado à Srta. Watson pela extremidade do olho, e era algo difícil concentrar-se em nada mais. Sobre tudo ao vê-la rodeada por homens. Gregory estava seguro de que eles só tinham estado esperando que alguém afastasse Lady Lucinda de seu lado, antes de dirigir-se ao ataque.

- Bem, Conhece a Srta. Watson a muito tempo? -perguntou ele, tentando não ser muito claro.

Houve uma ligeira pausa e então disse:

- Há três anos. Estudamos juntas onde a Srta. Moss. Ou melhor, ambas fomos estudantes. Completamos nossos estudos mais cedo, este ano.

- Devo assumir que planejam fazer suas estréias em Londres esta primavera?

- Sim -respondeu ela, fazendo gestos por volta de uma mesa loja de comestíveis de pequenos sanduíches-. Passamos os últimos meses nos preparando. É assim como gosta de chamar à mãe de Hermione, o ir a festas e a pequenas reuniões.

- Polindo-se? - perguntou ele com um sorriso.

Seus lábios se curvaram como resposta.

- Exatamente. Por agora eu poderia fazer as vezes de um excelente castiçal.

Ele não pôde evitar sorrir.

- Um simples castiçal, Lady Lucinda? Por favor, não subestime seu valor. Ao menos você deveria ser uma dessas urnas prateadas extravagantes que todos parecemos necessitar ultimamente em nossos salões de estar.

- Então, sou uma urna - disse ela, quase parecendo considerar a idéia-. Pergunto-me, o que poderia ser Hermione?

Uma jóia. Um diamante. Um diamante engastado em ouro. Um diamante engastado em ouro rodeado por...

Forçou-se a deter a direção de seus pensamentos. Podia realizar suas habilidades poéticas depois, quando não se esperasse que lhe pusesse fim a uma conversa.

Uma conversa com uma jovem muito diferente.

- Asseguro-lhe que não sei - disse ele ligeiramente, enquanto lhe oferecia um prato-. Depois de tudo, mal acabo de conhecer a Senhorita Watson.

Lady Lucinda soltou um pequeno suspiro.

- Provavelmente deveria saber que ela está apaixonada por alguém mais.

Gregory voltou seu olhar à mulher a qual devia prestar atenção.

- Desculpe-me?

Ela encolheu os ombros delicadamente, enquanto colocava uns sanduíches pequenos em seu prato.

- Hermione. Está apaixonada por alguém mais. Pensei que você quereria sabê-lo.

Gregory ficou sem fôlego ante ela, e então, contra a última gota de seu juízo, voltou o olhar para a Srta. Watson. Era o gesto mais claro e patético, mas não pôde evitar. Oh Deus Santo, só queria olhá-la e olhá-la e nunca deter-se. Se isso não era amor, não podia imaginar o que era.

- Presunto?

- O que?

- Presunto. - Lady Lucinda lhe estava oferecendo um pequeno sanduíche com um par de tenazes de servir.

Seu rosto estava desconfortavelmente sereno-. Quer um? -perguntou-lhe.

Ele grunhiu e lhe ofereceu seu prato. E porque não podia afastar do assunto de qualquer jeito, disse rigidamente:

- Estou certo que isso não é de minha incumbência.

- Fala do sanduíche?

- Sobre a Senhorita Watson - soltou.

Embora claro, não queria dizer tal coisa. Até onde sabia, Hermione Watson era de sua incumbência, ou pelo menos o seria, muito em breve.

Estava um pouco desconcertado de que ela aparentemente não tinha sido golpeada pelo mesmo raio que o tinha golpeado a ele. Nunca lhe tinha ocorrido, que quando se apaixonasse, sua futura esposa não pudesse sentir o mesmo, e de imediato como ele, também. Mas pelo menos essa explicação - de que ela pensava que estava apaixonada por alguém mais - aliviava seu orgulho. Era muito melhor

pensar que ela estava enamorada por alguém mais, que completamente indiferente a ele.

Tudo isso faria ela compreender, que quem quer que fosse esse outro homem, não era o indicado.

Gregory não era tão presunçoso para acreditar que pudesse ganhar a qualquer mulher que visse, mas certamente nunca tinha tido dificuldades com o sexo mais formoso, e dada a natureza da reação da Senhorita Watson, era absolutamente inconcebível que seus sentimentos pudessem não ser recíprocos por muito tempo. Teria que trabalhar para ganhar seu coração e sua mão, mas isso poderia fazer com que a vitória simplesmente fosse mais doce.

Ou se disse a si mesmo. A verdade era, que um raio mútuo poderia ser de longe seu menor problema.

- Não se sinta mal - disse Lady Lucinda, enquanto levantava seu pescoço para dar uma olhada aos sanduíches, procurando, provavelmente algo mais exótico que o porco britânico.

- Não o faço - disparou ele, e depois esperou que ela voltasse sua atenção a ele. Quando o fez, disse novamente: - Não o faço.

Ela se voltou, olhou-o francamente e piscou.

- Bom, isso é refrescante, devo lhe dizer. A maioria dos homens teriam se tornado loucos.

Ele franziu o cenho.

- O que quer dizer com que a maioria dos homens teriam se tornado loucos?

- Exatamente o que disse - respondeu ela, olhando-o com impaciência-. E se não se voltarem loucos, zangam-se inexplicavelmente. - Soltou um elegante bufo-. Como se isso pudesse ser sua culpa.

- Culpa? - repetiu Gregory, porque em realidade, estava-lhe custando muito segui-la.

- Você não é o primeiro cavalheiro que imagina estar apaixonado por Hermione - disse ela, com uma expressão bastante cansada-. Acontece todo o tempo.

- Eu não apaixonado - se interrompeu, esperando que ela não notasse a tensão na palavra imagino. Bom Deus, o que lhe estava passando? Estava acostumado a ter senso de humor. Inclusive consigo mesmo. Sobre tudo com ele.

- De verdade? - parecia agradavelmente surpreendida-. Bom, isso é refrescante.

- Por que - perguntou ele com os olhos entrecerrados-, é refrescante?

Ela se voltou.

- Por que está me fazendo tantas perguntas?

- Não faço - protestou ele, embora estivesse fazendo.

Ela suspirou, então o surpreendeu absolutamente lhe dizendo:

- Sinto muito.

- Desculpe?

Deu uma olhada ao sanduíche de salada de ovo em seu prato, e depois a ele, o que não achou elogioso. Ele normalmente estava por cima de uma salada de ovo.

- Pensei que você desejava falar sobre Hermione - disse ela-. Desculpo-me se estava equivocada.

O que pôs ao Gregory em um completo dilema. Poderia admitir que se apaixonara precipitadamente pela Srta. Watson, o que o envergonharia muito, inclusive a um romântico desesperado como ele. Ou poderia negar tudo, o que ela claramente não acreditaria. Ou poderia fazer uma concessão, e admitir que estava algo enamorado, o que normalmente poderia utilizar como uma melhor solução, exceto que com isso estaria insultando Lady Lucinda.

Conheceu duas moças ao mesmo tempo, depois de tudo. E não se apaixonou precipitadamente por ela.

Mas como se pudesse ler seus pensamentos (o qual francamente, assustava-o) ondeou uma mão e disse:

- Rogo-lhe que não se preocupe com meus sentimentos. Realmente estou acostumada a isto. Como lhe disse, isto acontece todo o tempo.

Coração aberto, inserção de uma adaga sem ponta. Torcedura.

- Sem mencionar - continuou ela alegremente-, que estou virtualmente comprometida. -E deu uma dentada a sua salada de ovo.

Gregory se perguntou que classe de homem se ataria a uma criatura tão estranha. Não sentia pena pelo companheiro, exatamente, só queria saber.

Lady Lucinda soltou um pequeno:

- OH!

Seus olhos seguiram aos dela, para o lugar aonde tinha estado a Senhorita Watson.

- Pergunto-me aonde foi ela - disse Lady Lucinda.

Gregory se voltou imediatamente para a porta, esperando ver um último sinal dela antes que desaparecesse, mas já se fora. Isso era condenadamente frustrante.

Que sentido tinha sentir uma atração tão louca, má e imediata, se não podia fazer nada sobre ela?

E que não se esquecesse que tudo tinha sido unilateral. Bom Deus.

Não estava seguro de ter suspirado entre dentes, mas isso foi exatamente o que fez.

- Ah, Lady Lucinda, aqui está.

Gregory levantou o olhar ao ver sua cunhada aproximando-se.

E recordou que se esquecera dela. Kate não se ofenderia; ela era fenomenalmente boa pessoa. Mas ainda assim, Gregory tratava de ter boas maneiras com as mulheres de sua família.

Lady Lucinda lhe fez uma cortesia bastante ligeira.

- Lady Bridgerton.

Kate sorriu calorosamente em troca.

- A Senhorita Watson me pediu que lhe dissesse que não se sente bem e que se retirou por toda a noite.

- Fez isso? Disse-lhe. - OH, não importa. -Lady Lucinda fez um pequeno gesto com a mão, do tipo indiferente, mas Gregory notou um pouco de frustração no gesto desenhado nos cantos de sua boca.

- Um resfriado, acredito - acrescentou Kate.

Lady Lucinda lhe ofereceu uma breve inclinação.

- Sim - disse, parecendo um pouco menos afetada do que Gregory teria imaginado, dadas as circunstâncias, deve ser.

- E você - continuou Kate, voltando-se para o Gregory-, não teve nem sequer a decência de me saudar. Como está?

Ele tomou suas mãos, e as beijou em um gesto de desculpa.

- Tardio.

- Sei. - Seu rosto assumiu uma expressão que não era de irritação, mas um pouco exasperada-. De qualquer modo, Como está?

- Muito bem - sorriu abertamente-. Como sempre.

- Como sempre - repetiu ela, lhe dando um olhar que era uma promessa clara de uma futura interrogação-. Lady Lucinda - continuou Kate, seu tom era grandemente menos seco-. Confio em que conheceu ao irmão de meu marido, o Sr. Gregory Bridgerton?

- É claro -respondeu Lady Lucinda-. Estávamos admirando a comida. Os sanduíches estão deliciosos.

- Obrigado - disse Kate, e logo acrescentou-. E Gregory lhe prometeu uma dança? Não posso lhe prometer música de qualidade profissional, mas conseguimos encontrar um quarteto de cordas entre nossos convidados.

- Fez isso - respondeu Lady Lucinda-. Mas o liberei de sua obrigação para que pudesse mitigar sua fome.

- Você deve ter irmãos - disse Kate com um sorriso.

Lady Lucinda olhou ao Gregory com uma expressão ligeiramente sobressaltada antes de responder:

- Tenho um.

Ele se voltou para Kate.

- Fiz-lhe a mesma observação um pouco mais cedo - explicou ele.

Kate soltou uma breve risada.

- Que coincidência, com segurança. - Voltou-se para a jovem dama e lhe disse-: isso é muito bom para entender o comportamento dos homens, Lady Lucinda. Nunca se deve subestimar o poder da comida.

Lady Lucinda a olhou com os olhos bem abertos.

- Para obter o benefício de um humor agradável?

- Bom, isso - disse Kate, quase com desenvoltura-. Mas realmente não se deve descontar seus usos para ganhar uma discussão. Ou simplesmente para conseguir o que se deseja.

-Ela acaba de sair das salas de aula, Kate - a repreendeu Gregory.

Kate o ignorou e em seu lugar sorriu abertamente à Lady Lucinda.

- A gente nunca é muito jovem para adquirir habilidades importantes.

Lady Lucinda olhou ao Gregory, e depois para Kate, e então seus olhos começaram a faiscar com humor.

- Entendo porque muitos a admiram, Lady Bridgerton.

Kate sorriu.

- É muito amável, Lady Lucinda.

- OH, por favor, Kate - cortou-a Gregory. Voltou-se para Lady Lucinda e acrescentou-: ficará aqui toda a noite se continuar lhe oferecendo seus elogios.

- Não lhe preste atenção - disse Kate com uma careta-. É jovem e tolo, e não sabe o que diz.

Gregory esteve a ponto de fazer outro comentário - não podia permitir que Kate saísse impune depois de haver dito isso - mas então, Lady Lucinda o interrompeu.

- Cantaria-lhe louvores alegremente o resto da noite, Lady Bridgerton, mas acredito que é o momento de que me retire. Devo ir ver como está Hermione. Ela esteve ao ar livre todo o dia, e devo me assegurar que está bem.

- É claro - respondeu Kate-. Por favor, saúde a de minha parte, e me faça saber se necessitar de algo. Nossa governanta diz ser uma botânica muito boa, e sempre está mesclando suas poções. Muitas delas funcionam. - Sorriu abertamente, e a expressão era tão amistosa que Gregory compreendeu imediatamente que aprovava Lady Lucinda. Isso significava algo. Kate nunca tinha suportado aos néscios, de maneira nenhuma.

- Acompanharei-a à porta - disse ele rapidamente. Era o menos que podia fazer para lhe oferecer sua cortesia, e além disso, não ia insultar a melhor amiga da Senhorita Watson.

Despediram-se de Lady Bridgerton, e Gregory colocou o braço na curva de seu cotovelo. Caminharam em silêncio para a porta do quarto de pintura, e Gregory disse:

- Posso confiar em que possa dirigir-se a seu quarto daqui?

- Claro - respondeu ela. E então levantou o olhar - tinha os olhos azuis, notou-o quase ausentemente- e perguntou:

- Quer que transmita alguma mensagem à Hermione de sua parte?

Seus lábios se separaram de surpresa.

- Por que faria isso? -perguntou ele, antes de poder medir sua resposta.

Ela só encolheu os ombros e disse:

- Você é o menor de dois males, Sr. Bridgerton.

Queria lhe pedir desesperadamente que esclarecesse esse comentário, mas não podia fazê-lo, tendo em conta que a acabava de conhecer, por isso se esforçou em manter um semblante tranqüilo, quando disse:

- Saúde a de minha parte, isso é tudo.

- De verdade?

Maldição, a expressão de seu olhar era tão irritante.

- De verdade.

Ela se despediu com a mais pequena das cortesias, e partiu.

Gregory olhou fixamente um momento, a porta através da qual ela tinha desaparecido e logo retornou à festa. Muitos dos convidados tinham começado a dançar, e enchiam o ar com mais sorrisos, mas de algum modo a noite tornou se aborrecida e inanimada.

A comida, decidiu. Comeria outros vinte sanduíches diminutos e logo iria dormir.

Tudo se esclareceria pela manhã.

Lucy sabia que Hermione não tinha dor de cabeça, e tampouco nenhum tipo de dor, não se surpreendeu quando a encontrou sentada na cama, olhando concentradamente o que parecia ser uma carta de quatro páginas.

Escrita em uma letra extremamente compacta.

- Um lacaio me entregou isso - disse Hermione, sem sequer me olhar disse que chegou no correio de hoje, mas se tinha esquecido de trazê-la mais cedo.

Lucy suspirou.

- É do Senhor Edmonds?

Hermione assentiu com a cabeça.

Lucy cruzou o quarto que estava compartilhando com o Hermione atualmente, e se sentou na cadeira do toucador. Esta não era a primeira carta que Hermione tinha recebido do Senhor Edmonds, e Lucy sabia por experiência que Hermione teria que lê-la duas vezes, e logo uma vez mais para lhe fazer uma análise mais profunda, e depois finalmente uma última vez, só para identificar qualquer significado oculto no significado da saudação e o fechamento da missiva.

O que significava que Lucy não teria nada que fazer exceto examiná-las unhas durante pelo menos cinco minutos.

E isso foi o que fez, não porque estivesse terrivelmente interessada em suas unhas, nem porque fosse uma pessoa particularmente paciente, mas sim porque conhecia uma situação inútil quando a via, e não viu nenhuma razão para gastar energia em submeter ao Hermione a uma conversa quando estava tão patentemente indiferente ao que ela tivesse que dizer.

Entretanto, as unhas só podiam ocupar a uma moça um momento, especialmente quando estavam meticulosamente asseadas e cuidadas, por isso Lucy ficou de pé e caminhou para o armário, observando ausentemente seus pertences.

- OH, raios - murmurou-. Odeio quando ela faz isso - sua criada lhe tinha deixado um par de sapatos mau arrumados, com o esquerdo à direita, e o direito à esquerda, e embora Lucy sabia que não havia nada mau com isso, ofendia-a de um modo estranho (e extremamente ordenado) a suas sensibilidades, por isso

endireitou o par de sapatilhas, e depois se endireitou para inspecionar seu artesanato, depois pôs as mãos nos quadris e deu a volta.

- Não terminou ainda? - perguntou-lhe.

- Já quase - disse Hermione, e quase parecia que suas palavras estivessem descansando na borda de seus lábios todo o tempo, como se as tivesse preparado para soltá-las sobre o Lucy quando lhe fizesse uma pergunta.

Sentou-se novamente, zangada. Essa era uma cena que tinham representado inumeráveis vezes com antecedência. Ou ao menos quatro vezes.

Sim, Lucy sabia quantas cartas tinha recebido exatamente Hermione do romântico Sr. Edmonds. Teria gostado de não sabê-lo; de fato, estava um pouco irritada de que esse ponto estivesse invadindo um valioso espaço em seu cérebro que poderia ter sido utilizado para algo útil, como a botânica ou a música, ou céu santo, inclusive outra página de Dê-bretts, mas infelizmente, o fato era, que as cartas do Sr. Edmonds não eram mais que um evento, e quando Hermione tinha um evento, bom, pois Lucy estava forçada também ao ter.

Tinham compartilhado um quarto durante três anos na escola da Srta. Moss, e como Lucy não tinha nenhuma parente feminina próxima, que pudesse ajudá-la a relacionar-se com a sociedade, a mãe de Hermione tinha estado de acordo em patrociná-la, e por isso ali estavam, ainda juntas.

O que em realidade era estupendo, salvo pelo sempre presente (em espírito, ao menos) Sr. Edmonds. Lucy só o tinha visto uma vez, mas sentia como se sempre estivesse ali, rodeando-as, fazendo que Hermione suspirasse em estranhos momentos e olhasse um ponto na distância como se estivesse compondo um soneto de amor, para poder incluí-lo em sua seguinte resposta.

- É consciente - disse Lucy, embora Hermione não tinha dado indícios de ter terminado com sua leitura-, de que seus pais nunca lhe permitirão se casar com ele.

Isso foi suficiente para obter que Hermione baixasse a carta, ao menos um pouco.

- Sim - disse, com uma expressão de irritação-. Já me disse muitas vezes.

- Ele é um secretário - disse Lucy.

- Já sei.

- Um secretário - repetiu Lucy, embora tivessem tido essa mesma conversa muitas vezes-. O secretário de seu pai.

Hermione tinha tomado a carta novamente, em um esforço por ignorar à Lucy, mas finalmente se rendeu e a desceu, confirmando as suspeitas de Lucy de que faz muito tempo tinha terminado e estava agora em sua primeira, ou possivelmente sua segunda releitura.

- O Sr. Edmonds é um homem bom e honorável - disse Hermione, com os lábios franzidos.

- Estou certa que o é - disse Lucy-. Mas não pode se casar com ele. Seu pai é um visconde. Acaso acha que permitirá que sua única filha se case com um secretário sem dinheiro?

- Meu pai me ama - murmurou Hermione, mas sua voz não estava precisamente cheia de convicção.

- Não estou tratando de dissuadi-la de que procure um melhor partido - começou Lucy-. Mas...

- Isso é exatamente o que está tentando fazer - cortou-a Hermione.

- Absolutamente. É somente que não vejo por que não pode tratar de te apaixonar por alguém que seus pais possam aprovar.

A linda boca de Hermione desenhou uma linha de frustração.

- Você não entende.

- O que terá que entender? Não acha que sua vida possa ser mais fácil se te apaixonar por alguém mais conveniente?

- Lucy, nós não escolhemos à pessoa da qual nos apaixonamos.

Lucy cruzou os braços.

- Não vejo por que não.

Hermione deixou cair a boca literalmente.

- Lucy Abernathy - disse-. Você não entende nada.

- Sim - disse Lucy secamente-. Já o tinha mencionado.

- Como acha que pode ser possível que uma pessoa pode escolher de quem se apaixona? - disse Hermione apaixonadamente, embora não tão apaixonadamente o que a obrigou a endireitar-se de sua posição semireclinada na cama. - Não se escolhe. Só acontece. Em um instante.

- Agora, isso eu não acredito - respondeu Lucy, e acrescentou, porque não pôde resistir-: Não em um instante.

- Bem, pois acontece - insistiu Hermione-. Sei, porque me aconteceu assim. E não estava procurando me apaixonar.

- Não o estava fazendo?

- Não. - Hermione a olhou-. Não o estava. Tinha todas as intenções de encontrar um marido em Londres. Na verdade, Quem teria esperado que eu encontraria a alguém no Fenchley?

Dizer isso com essa classe de desdém, só poderia obtê-lo um nativo Fenchleyan.

Lucy revirou os olhos e inclinou a cabeça a um lado, esperando que Hermione continuasse com isso.

O que Hermione não parecia apreciar.

- Não me olhe assim - disparou.

- Como?

- Assim.

- Repito, como?

Todo o rosto do Hermione se contraiu.

- Sabe exatamente o que lhe estou dizendo.

Lucy se golpeou com uma mão na rosto.

- OH -ofegou-. Fala exatamente como sua mãe.

Hermione se retirou com a afronta.

- Isso foi duro de sua parte.

- Sua mãe é encantadora!

- Não quando tem todo o rosto enrugado.

- Sua mãe é encantadora embora tenha o rosto enrugado - disse Lucy, tentando acabar com o assunto-. Agora, vai falar-me do Sr. Edmonds ou não?

- Planeja zombar de mim?

- Claro que não.

Hermione levantou as sobrancelhas.

- Hermione, prometo-lhe que não zombarei de você.

Hermione ainda parecia duvidosa, mas disse:

- Muito bem. Mas se o faz...

- Hermione.

- Como lhe disse - falou ela, dando à Lucy um olhar de advertência-. Não esperava encontrar o amor. Nem sequer sabia que meu pai tinha contratado a um novo secretário.

Simplesmente estava caminhando no jardim, decidindo que rosas desejava cortar para a mesa, e então O vi.

Disse isso com suficiente drama para garantir um rol na cena.

- OH, Hermione - suspirou Lucy.

- Disse que não zombaria de mim - disse Hermione, e apontou com um dedo em sua direção, o qual deixou ao Lucy o suficientemente fora de si, por isso teve que tranqüilizar-se.

- Nem sequer lhe vi o rosto a princípio - continuou Hermione-. Só vi a parte de trás de sua cabeça, a maneira como seu cabelo se frisava na gola de sua jaqueta.

- Então suspirou. Realmente suspirou enquanto se voltava para Lucy com a mais patética das expressões-. E a cor. Verdadeiramente, Lucy, viu uma cor tão espetacularmente loira?

Considerando o número de vezes que Lucy tinha tido que escutar aos cavalheiros fazendo a mesma declaração sobre o cabelo de Hermione, pensou que era melhor não fazer nenhum comentário.

Mas Hermione não o fez. Nem de perto.

- Então ele se voltou - disse-. E vi seu perfil, e juro que é como se tivesse escutado música.

Lucy teria gostado de indicar que o conservatório Watson estava localizado justo ao lado do jardim das rosas, mas conteve sua língua.

- E então ele se voltou - disse Hermione, com sua voz crescendo suavemente e nos olhos essa expressão de estou-memorizando-um-soneto-de amor-. E tudo o que pude pensar é: Estou arruinada.

Lucy ofegou.

- Não diga isso. Nem sequer mencione isso.

A ruína não era a classe de coisas que uma jovem dama devia mencionar à ligeira.

- Não arruinada de arruinada - disse Hermione com impaciência-. Céu Santo, Lucy, estava no jardim das rosas, esteve me escutando? Mas sabia, eu sabia que estava arruinada para outros homens. Nunca haveria outros para comparar.

- E soube tudo isso em só lhe ver a nuca? - perguntou Lucy.

Hermione disparou uma expressão extremamente irritada.

- E seu perfil, mas esse não é o ponto.

Lucy esperou pacientemente pelo ponto, embora estivesse bastante segura de que não seria um com o qual estaria de acordo. Ou provavelmente nem sequer entenderia.

- O ponto é - disse Hermione, sua voz era tão suave que Lucy teve que inclinar-se para poder escutá-la-, que possivelmente não posso ser feliz com ele. Não é possível.

- Bem - disse Lucy devagar, porque não estava precisamente segura de como devia acrescentar isso. - Parece feliz agora.

- Isso é porque ele está esperando por mim. E - Hermione levantou a carta-, disse-me que me ama.

- OH Deus - disse Lucy para si mesma.

Hermione deve tê-la escutado, porque sua boca se apertou, mas não disse nada. Ambas ficaram ali, em seus respectivos lugares, durante um minuto inteiro e então Lucy limpou a garganta e disse:

- Esse agradável Sr. Bridgerton parecia estar interessado em você.

Hermione encolheu os ombros.

- Ele é o filho mais jovem, mas acredito que tem uma boa posição. E certamente é de uma excelente família.

- Lucy, disse-lhe que não estou interessada.

- Bom, ele é muito bonito - disse Lucy, possivelmente um pouco mais enfaticamente do que devia.

- Persegue-o, então - lhe replicou Hermione.

Lucy a olhou sobressaltada.

- Você sabe que não posso. Estou virtualmente comprometida com Lorde Haselby.

- Virtualmente - lhe recordou Hermione.

- Também poderia ser oficial - disse Lucy. E era verdade. Seu tio tinha discutido esse assunto com o Conde do Davenport, o pai do visconde do Haselby, anos atrás.

Haselby tinha dez anos mais que Lucy, e todos estavam esperando simplesmente que ela crescesse.

O que, supunha-se já tinha feito. Certamente as bodas não estariam agora muito longínquas.

E era um bom partido. Haselby era um companheiro absolutamente agradável. Não lhe falava como se fosse uma idiota, parecia ser muito amável com os animais, e sua aparência era suficientemente agradável, mesmo que seu cabelo estivesse começando a escassear. Claro, Lucy só se encontrou com seu futuro marido três vezes, mas todos sabiam que as primeiras impressões eram extremamente importantes e normalmente davam no alvo.

Além disso, seu tio tinha sido seu tutor desde que seu pai tinha morrido há dez anos, e embora ele não tivesse derramado todo seu amor e afeto sobre ela e seu irmão Richard, tinha feito seu dever para com eles, e os tinha criado bem, e Lucy sabia que era seu dever obedecer a seus desejos e honrar os esponsais que tinha arrumado.

Ou virtualmente ordenado.

Realmente, não representava muita diferença. Ela ia se casar com Haselby. Todo mundo sabia.

- Acredito que o utiliza a ele como uma desculpa - disse Hermione.

Lucy pôs rígida sua espinha dorsal.

- Me desculpe?

- Utiliza Haselby como desculpa - repetiu Hermione, e seu rosto assumiu uma expressão tão elevada que Lucy não gostou nem um pouco-. É por isso que não permite que seu coração se comprometa em outra parte.

- E onde está essa outra parte, precisamente, Onde eu poderia ter comprometido meu coração? - exigiu-lhe Lucy-. A temporada nem sequer começou!

- Possivelmente - disse Hermione-. Mas saímos e nos "polimos" como minha mãe e você insistem em chamar. Não esteve vivendo debaixo de uma pedra, Lucy. Conheceu a um sem número de homens.

Não havia forma de lhe indicar que nenhum desses homens a tinha olhado quando Hermione estava perto. Hermione tentaria negá-lo, mas ambas sabiam que só ia ser um esforço por respeitar os sentimentos de Lucy. Assim resmungou algo em seu lugar entre dentes, que ia fazer as vezes de uma resposta, sem ser realmente uma resposta.

Hermione não disse nada; só olhou para Lucy dessa forma arqueada que não costumava utilizar com ninguém mais, e finalmente Lucy teve que defender-se.

- Não é uma desculpa - disse, enquanto cruzava os braços, depois pôs as mãos nos quadris quando não se sentiu bem-. Na verdade, O que ganharia com isso? Sabe que vou casar-me com o Haselby. Isso está planejado há anos.

Cruzou os braços outra vez. E depois os deixou cair. Finalmente se sentou.

- Não é um mal partido - disse Lucy-. E com tudo o que aconteceu com Georgiana Whiton, eu deveria me ajoelhar e beijar os pés a meu tio por arrumar uma aliança aceitável.

Esse foi um momento de horror, que fez com que se desse um silêncio quase reverente. Se tivessem sido católicas, fariam o sinal da cruz.

- Mas pela graça de Deus - disse Hermione finalmente.

Lucy assentiu devagar. Georgina se tinha casado com um homem de sessenta anos ofegante com gota. E nem sequer tinha sido um homem de sessenta com titulo e gota. Céus Santos, ao menos devia ter ganho um "Lady" antes de seu nome por esse sacrifício.

- Para que veja - terminou Lucy-. Haselby realmente não é tão mau. É melhor que a maioria, realmente.

Hermione a olhou. Estreitamente.

- Bom, se isso for o que deseja, Lucy, sabe que a apoiarei abertamente. Mas quanto a mim... - suspirou e seus olhos verdes assumiram esse olhar perdido que fazia com que os homens suspirassem-. Quero algo mais.

- Sei que o quer - disse Lucy, tentando sorrir. Mas não podia nem sequer imaginar como Hermione obteria seus sonhos. No mundo no qual elas viviam, as filhas dos viscondes, não se casavam com os secretários dos viscondes. E por isso Lucy pensava que teria muito mais sentido ajustar os sonhos de Hermione, que reformar a ordem social.

Também, era mais fácil.

Mas nesse momento estava cansada. E queria deitar-se. Trabalharia em Hermione pela manhã. Começando com esse bonito Sr. Bridgerton. Ele poderia ser perfeito para sua amiga, e o céu sabia que ele estava interessado.

Hermione voltaria a si. Lucy se asseguraria disso.

Capítulo 3

No que nosso herói se esforça muitíssimo.

A manhã seguinte foi luminosa e clara, e quando Gregory se dispôs a tomar o café da manhã, sua cunhada apareceu a seu lado, sorrindo fracamente, sem dúvida tramando algo.

- Bom dia - disse ela, de longe muito jovial e alegre.

Gregory assentiu com a cabeça enquanto se servia de ovos em seu prato.

- Kate.

- Pensei, que com este bom tempo, poderíamos organizar uma excursão ao vilarejo.

- Para comprar fitas e laços?

- Exatamente - respondeu ela-. Penso que é importante apoiar aos lojistas locais, não lhe parece?

- Claro -murmurou-. Embora recentemente não tenha em encontrado necessitado de fitas e laços.

Kate parecia não notar seu sarcasmo.

- Todas as jovens têm um pouco de dinheiro para seu uso pessoal e não têm um lugar aonde gastá-lo. Se não as envio ao vilarejo, acho que se atreverão a criar um estabelecimento de jogo no salão rosa.

Isso seria algo que ele gostaria de ver.

- E - continuou Kate muito determinada-, se as envio ao vilarejo, terei que as enviar com acompanhantes.

Quando Gregory não lhe respondeu suficientemente rápido, ela repetiu:

- Com acompanhantes.

Gregory limpou a garganta.

- Devo assumir que está me pedindo que caminhe no vilarejo esta tarde?

- Esta manhã - esclareceu ela-. E, como pensei em emparelhá-los a todos, e, como você é um Bridgerton e é meu cavalheiro favorito de todo o grupo, pensei que poderia lhe perguntar se havia alguém com quem queria ser emparelhado.

Kate não era mais que uma casamenteira, mas nesse caso Gregory decidiu que devia lhe agradecer suas tendências intrometidas.

- De fato - começou ele-. Há...

- Excelente! - interrompeu-o Kate, aplaudindo com alegria-. Será Lucy Abernathy.

Lucy Aber...

- Lucy Abernathy? - repetiu ele, atordoado-. Lady Lucinda?

- Sim, vocês dois pareciam tão compenetrados ontem à noite, e devo lhe dizer, Gregory, que eu gosto muitíssimo dela. Diz que está virtualmente comprometida, mas eu opino que...

- Eu não estou interessado em Lady Lucinda - cortou-a, decidindo que seria muito perigoso esperar que Kate recuperasse o fôlego.

- Não está?

- Não. Não estou. Eu... - se inclinou, embora eles fossem as únicas duas pessoas no salão do café da manhã. De algum modo parecia estranho, e sim, um pouco envergonhado de gritar aos quatro ventos-. Hermione Watson - disse com voz firme-. Gostaria de ser o casal da Senhorita Watson.

- Sério? - Kate não parecia exatamente defraudada, mas bem parecia um pouco resignada. Como se tivesse escutado isso antes. Repetidamente.

Maldição.

- Sim - lhe respondeu Gregory, e sentia como uma enorme onda de irritação o invadia. Primeiro por Kate, porque, bom, ela estava ali, e ele se apaixonara desesperadamente e tudo o que ela podia dizer era: Sério? Mas então compreendeu que tinha estado aborrecido toda a manhã. Não tinha adormecido bem a noite anterior; não tinha podido deixar de pensar em Hermione e a inclinação de seu pescoço, o verde de seus olhos, o suave ritmo de sua voz. Ele nunca – nunca - tinha reagido a uma mulher dessa maneira, e embora estivesse de algum modo aliviado de ter encontrado finalmente à mulher que planejava converter em sua esposa, estava um pouco desconcertado de que ela não tivesse tido a mesma reação por ele.

Só o céu sabia que tinha sonhado com esse momento antes. Sempre tinha pensado em encontrar seu verdadeiro amor, ela sempre tinha flutuado em seus

pensamentos, sem nome, sem rosto. Mas ela sempre tinha sentido a mesma grande paixão. Não o tinha enviado para dançar com sua melhor amiga, pelo amor de Deus.

- Será Hermione Watson, então - disse Kate, falando nessa forma em que as mulheres o faziam quando queriam lhe dizer algo que não podia possivelmente começar a entender inclusive se elas tivessem escolhido traduzi-lo em espanhol, o qual, é claro, não faziam.

Era Hermione Watson. Seria Hermione Watson.

Logo.

Possivelmente essa mesma manhã.

-Acha que há algo que comprar no povoado além de fitas e laços? -Perguntou-Hermione à Lucy enquanto calçavam as luvas.

- Pois isso espero - respondeu Lucy-. Todo mundo faz isto nas casas de festa, não lhe parece? Enviam-nos fora com nosso dinheiro pessoal para comprar fitas e laços.

Neste momento poderia decorar toda uma casa. Ou pelo menos, uma pequena cabana de palha.

Hermione sorriu de modo brincalhão.

- Doarei as minhas à causa, e juntas remodelaremos uma... - se deteve, pensando, depois sorriu-. Uma enorme cabana de palha!

Lucy sorriu abertamente. Havia algo tão leal em Hermione. Ninguém o tinha visto, é claro. Ninguém se incomodava nunca em olhar além de seu rosto. Embora, Hermione raramente compartilhava o suficiente dela com algum de seus admiradores para que compreendessem o que estava atrás de seu formoso exterior. E não é que fosse tímida, precisamente, embora definitivamente não era tão extrovertida como Lucy. Mas, Hermione era uma solitária. Simplesmente não lhe importava compartilhar seus pensamentos e opiniões com as pessoas que não conhecia.

E isso tornava loucos os cavalheiros.

Lucy deu uma olhada ao exterior da janela enquanto entravam em um dos muitos salões do Aubrey Hall. Lady Bridgerton lhes havia dito que chegassem às onze em ponto.

- Ao menos não parece que vai chover - disse ela. A última vez que as tinham enviado por breguices tinha chovido em todo o caminho de volta a casa. Os ramos de uma árvore os tinha mantido ligeiramente secos, mas suas botas tinham estado a ponto de arruinar-se. E Lucy tinha espirrado durante uma semana.

- Bom dia, Lady Lucinda, Senhorita Watson.

Era Lady Bridgerton, sua anfitriã, entrando na sala dessa forma segura que a caracterizava. Seu cabelo escuro estava estirado para trás, e seus olhos brilhavam com aguda inteligência.

- Estou encantada de vê-las -disse-. São as últimas damas a chegar.

- Somos? - perguntou Lucy, horrorizada. Odiava chegar tarde-. Sinto muito. Não nos havia dito que era às onze?

- OH querida, não quis incomodá-la -disse Lady Bridgerton-. Em realidade disse às onze. O que acontece é que pensei em enviá-los a todos por turnos.

- Por turnos? - repetiu Hermione.

- Sim, é muito mais divertido dessa maneira, não lhes parece? Tenho oito damas e oito cavalheiros. Se os tivesse enviado a todos de uma vez, seria impossível manter uma conversa apropriada. Para não mencionar a largura do caminho. Odiaria que se tropeçassem os uns com outros.

Havia algo que dizer sobre a segurança em números, mas Lucy guardou seus pensamentos. Lady Bridgerton claramente tinha alguma classe de agenda, e como Lucy tinha decidido que admirava muito à viscondessa, estava muito curiosa pelo resultado.

- Senhorita Watson, você será o par do irmão de meu marido. Acredito que você o conheceu ontem à noite?

Hermione assentiu cortesmente.

Lucy sorriu para si mesma. O Senhor Bridgerton tinha sido um homem ocupado essa manhã. Bem feito.

- E você, Lady Lucinda - continuou Lady Bridgerton-. Será acompanhada pelo Senhor Berbrooke. - Sorriu fracamente, como se estivesse desculpando-se. Ele é quase um parente - acrescentou-, e, ah, um agradável companheiro.

- Um parente? - repetiu Lucy, já que não estava certa de como devia responder ao atípico tom de dúvida de Lady Bridgerton-. Quase?

- Sim. A irmã da esposa do irmão de meu marido, está casada com seu irmão.

- OH. - Lucy manteve sua parca expressão-. Então são familiares?

Lady Bridgerton sorriu.

- Agrada-me, Lady Lucinda. E quanto a Neville... bom, estou certa que o achará divertido. Ah, aqui está. Neville! Neville!

Lucy observou como Lady Bridgerton se movia para saudar o Senhor Neville Berbrooke na porta. Eles já tinham sido apresentados, é claro; todos os convidados tinham sido apresentados na casa de festas. Mas Lucy ainda não tinha conversado com o Sr. Berbrooke, e nem sequer o tinha visto de perto. Parecia ser um companheiro afável, mas de uma aparência jovial, com a cútis vermelha e um monte de cabelo loiro.

- Olá, Lady Bridgerton - disse ele, chocando de algum modo com a perna da mesa enquanto entrava na sala. - Excelente café da manhã o desta manhã. Sobre tudo os salmões defumados.

- Obrigado - respondeu Lady Bridgerton, observando nervosamente ao vaso chinês que agora se balançava no topo da mesa-. Estou segura que recorda Lady Lucinda.

Ambos murmuraram suas saudações, e logo o Sr. Berbrooke disse:

- Gosta de salmão?

Lucy olhou primeiro para Hermione, e depois para Lady Bridgerton para que lhe desse alguma dica, mas também parecia igualmente confusa como ela, por isso só disse:

- Bem, Sim?

- Excelente! - exclamou ele-. Digo, é uma andorinha de mar a que está lá fora da janela?

Lucy pestanejou. Olhou para Lady Bridgerton, só para dar-se conta que a viscondessa não fazia contato visual.

- Uma andorinha de mar diz você - murmurou Lucy finalmente, já que não sabia qual podia ser a resposta mais conveniente. O Sr. Berbrooke tinha perambulado para a janela, por isso ela se uniu a ele. Olhou para fora. Não podia ver nenhum pássaro.

Enquanto isso, pela extremidade do olho podia ver que o Sr. Bridgerton tinha entrado no salão, e estava fazendo todo o possível por encantar ao Hermione. Céu Santo, o homem tinha um formoso sorriso! Inclusive com dentes brancos, e a expressão se estendia a seus olhos, a diferença da maioria dos jovens aristocratas aborrecidos que Lucy tinha conhecido, o Sr. Bridgerton sorria de verdade.

O que tinha sentido, é claro, já que estava sorrindo para Hermione, da qual estava obviamente enamorado.

Lucy não podia escutar o que estavam dizendo, mas facilmente reconheceu a expressão no rosto do Hermione. Cortês, claro, já que Hermione nunca seria mal educada.

E possivelmente ninguém mais podia ver, mas Lucy quem conhecia tão bem a sua amiga, notava que a única coisa que estava fazendo era tolerar as atenções do Sr. Bridgerton, aceitando seus elogios com um assentimento e um sorriso enquanto sua mente estava longe, longe em outra parte.

Por isso, amaldiçoou ao Sr. Edmonds.

Lucy apertou os dentes enquanto pretendia procurar as andorinhas de mar, aparecidas ou o que fosse, com o Sr. Berbrooke. Não tinha nenhuma razão para acreditar que o Sr. Edmonds não fosse um homem bom, mas a realidade era, que os pais de Hermione nunca aceitariam a união, e embora Hermione pensava que podia viver felizmente com o salário de um secretário, Lucy estava segura de que uma vez murchada a primeira flor do matrimônio, Hermione seria miserável.

Ela podia fazê-lo muitíssimo melhor. Era claro que Hermione podia casar-se com qualquer um. Qualquer um. Não precisaria esforçar-se. Podia ser a rainha do tom se o desejasse.

Lucy olhou ao Sr. Bridgerton, assentindo e mantendo um ouvido posto sobre o Sr. Berbrooke, que tinha retornado a seu assunto sobre os salmões defumados. O Sr. Bridgerton era perfeito. Não possuía um título, mas Lucy não era tão cruel para pensar que Hermione tinha que casar-se com alguém que tivesse o mais alto título disponível. É só que não podia casar-se com um secretário, pelo amor de Deus.

Além disso, o Sr. Bridgerton era extremamente bonito, com um escuro cabelo castanho e lindos olhos avelã. E sua família parecia ser perfeitamente agradável e razoável, o que Lucy pensava, era um ponto a seu favor. Quando alguém se casa com um homem, em realidade, casa-se com sua família.

Lucy não podia imaginar a um melhor marido para Hermione. Bom, supunha que não se queixaria se o Sr. Bridgerton fosse o seguinte na linha de um marquesado, mas em realidade, a gente não podia o ter tudo. E o mais importante, é que estava certa que podia fazer feliz Hermione, inclusive se ela ainda não o tivesse compreendido.

- Farei com que isso aconteça - disse.

- Né? - disse o Sr. Berbrooke-. Encontrou ao pássaro?

- Ali - disse Lucy, apontando para uma árvore.

Ele se apoiou para frente.

- De verdade?

- OH, Lucy! - escutou-se a voz de Hermione.

Lucy se voltou.

- Podemos ir ? O Sr. Bridgerton está desejoso de pôr-se em caminho.

- Estou a seu serviço, Senhorita Watson - disse o homem em questão-. Partiremos quando você disponha.

Hermione deu um olhar à Lucy que claramente dizia que ela estava desejosa de pôr-se a caminho, por isso Lucy disse:

- Então, partamos - e tomou o braço que lhe ofereceu o Sr. Berbrooke e deixou que a conduzisse para o fronte do caminho, conseguindo gemer só uma vez, embora lhe esmagou o dedo do pé três vezes só o céu sabia por que, mas de algum modo, inclusive com uma boa e enorme extensão de grama, o Sr. Berbrooke conseguia encontrar cada raiz de árvore, pedra e buraco, e a levava diretamente para eles.

Raios!

Lucy se preparou mentalmente para suas possíveis lesões. Ia ser uma excursão dolorosa. Mas produtiva. Quando retornassem a casa, Hermione estaria ao menos um pouco intrigada pelo Sr. Bridgerton.

Lucy se encarregaria disso.

Se Gregory tinha tido dúvidas sobre a Srta. Hermione Watson, desvaneceram-se no momento em que pôs a mão na curva de seu cotovelo. Havia uma retidão nisso, uma estranha e mística sensação de duas partes que se convertiam em uma. Ela encaixava perfeitamente a seu lado. Eles encaixavam.

E ele a desejava.

Nem sequer era desejo. Era algo estranho, em realidade. Não estava sentindo nada tão vulgar como o desejo corporal. Era algo mais. Algo interior. Simplesmente desejava que fosse sua. Queria olhá-la, e saber. Saber se ela levaria seu nome, a seus filhos, e o olharia amorosamente cada manhã sobre uma taça de chocolate.

Queria lhe dizer tudo o que sentia, compartilhar seus sonhos, pintar um quadro sobre sua vida juntos, mas não era um idiota, e então simplesmente disse, enquanto a guiava pelo caminho:

- Parece excepcionalmente encantadora esta manhã, Senhorita Watson.

- Obrigada - disse ela.

E depois não disse nada mais.

Ele limpou a garganta.

- Dormiu bem?

- Sim, obrigada - disse ela.

- Está desfrutando de sua estadia?

- Sim, obrigada - disse ela.

Era cômico, mas sempre tinha pensado que a conversa com a mulher que se casaria simplesmente seria um pouco mais espontânea.

Recordou-se, que ela ainda se achava apaixonada por outro homem. Alguém inapropriado, segundo o que tinha comentado Lady Lucinda na noite anterior. Como o tinha chamado ela, o menor de dois males?

Olhou para frente. Lady Lucinda estava tropeçando com algo que estava frente ao braço do Neville Berbrooke quem nunca tinha aprendido a ajustar seu andar ao de uma dama. Parecia estar suportando-o bastante bem, embora pensou que poderia ter escutado um pequeno lamento de dor em um momento dado.

Deu a sua cabeça uma sacudida mental. Isso provavelmente tinha sido um pássaro. Acaso Neville não havia dito que tinha visto um bando deles através da janela?

- É amiga de Lady Lucinda há muito tempo? - Perguntou-lhe à Srta. Watson. Conhecia a resposta, é claro; Lady Lucinda o havia dito a noite anterior. Mas não podia pensar em outra coisa que perguntar. E precisava encontrar uma pergunta, cuja resposta por parte dela não fosse um: sim, obrigado ou não, obrigado.

- Três anos - respondeu a Srta. Watson-. Ela é minha melhor amiga. -E seu rosto finalmente pareceu um pouco animado quando disse-: Devemos alcançá-los.

- Ao Sr. Berbrooke e ao Lady Lucinda?

- Sim - disse ela com uma firme inclinação-. Sim, devemos fazê-lo.

A última coisa que Gregory queria era esbanjar seu precioso tempo a sós com a Srta. Watson, mas em vez disso, pediu ao Sr. Berbrooke que os esperasse. Este o fez, detendo-se tão de repente, que fez que Lady Lucinda se chocasse literalmente com ele.

Ela soltou um grito de sobressalto, mas apesar de tudo isso estava ilesa.

Entretanto, a Senhorita Watson se aproveitou do momento, soltou a mão de seu cotovelo e correu para frente.

- Lucy! -clamou-. OH, queridíssima Lucy, está ferida?

- Não - respondeu Lady Lucinda, parecendo um pouco confundida pelo nível extremo de preocupação de sua amiga.

- Devo tomar-lhe o braço - declarou a Srta. Watson, enquanto enganchava seu cotovelo no de Lady Lucinda.

- Deve? - repetiu Lady Lucinda, afastando-se. Ou possivelmente, tentando fazê-lo-. Não, seriamente, não é necessário.

- Insisto.

- Isso não é necessário - repetiu Lady Lucinda, e Gregory desejou poder ver seu rosto, porque isso soava como se estivesse apertando os dentes.

- Já já - se escutou ao Berbrooke-. Possivelmente eu deva tomar seu braço, Bridgerton.

Gregory o olhou para seu rosto.

- Não.

Berbrooke piscou.

- Era uma piada, já sabe.

Gregory lutou contra o impulso que tinha de suspirar e de algum modo conseguiu dizer:

- Sei. -Conhecia o Neville Berbrooke desde que ambos tinham estado em fraldas, e normalmente tinha mais paciência com ele, mas agora a única coisa que queria era lhe pôr uma focinheira.

Enquanto isso, as duas moças estavam discutindo por algo, em tons tão baixos que Gregory não podia esperar escutar o que estavam dizendo. E não é que ele tivesse podido entender seu idioma, mesmo se estivessem gritando; isso era claramente algo que o confundia das mulheres. Lady Lucinda ainda estava presa a seu braço, e a Senhorita Watson simplesmente se negava a soltá-la.

- Ela está machucada - disse Hermione, voltando-se e batendo suas pestanas.

Batendo suas pestanas? Tinha escolhido esse momento para paquerar?

- Não estou - replicou Lucy. Voltou-se para os dois cavalheiros. – Não es... -repetiu-. O mais mínimo. Deveríamos continuar.

Gregory não podia decidir se estava divertido ou insultado por todo o espetáculo. A Senhorita Watson claramente não desejava que ele fosse seu acompanhante, e enquanto alguns homens gostavam de sofrer pelo inalcançável, ele sempre tinha preferido que suas mulheres fossem sorridentes, amistosas e bem dispostas.

Entretanto, a Srta. Watson se voltou e ele pôde ver sua nuca (o que era isso de sua nuca?). Sentiu-se novamente fundo, sentiu esse louco amor que o tinha capturado a noite anterior, e se disse que não devia perder seu coração. Nem sequer se conheciam há um dia; ela simplesmente necessitava tempo para conhecê-lo. Seu irmão Colin, por exemplo, tinha conhecido a sua esposa durante anos antes de compreender que estavam destinados a estar juntos.

E não é que Gregory planejasse esperar anos e anos, mas isso, punha à situação atual em uma boa perspectiva.

Um momento depois, foi claro que a Srta. Watson não aceitaria, e ambas as mulheres caminhariam de braços dados. Gregory ficou ao passo da Senhorita Watson, enquanto Berbrooke andava, em algum lugar próximo ao Lady Lucinda.

- Você deveria nos dizer que se sente, ao ser parte de uma família tão grande - disse Lady Lucinda, inclinando-se para diante e falando ao lado da Srta. Watson-.

Hermione e eu temos cada uma, um irmão.

- Eu tenho três - disse Berbrooke-. Todos somos homens. Exceto por minha irmã, é claro.

- É... -Gregory estava a ponto de dar sua resposta usual, de que era algo que o deixava louco e o zangava, e que normalmente era muito problemático, mas então, de algum modo a verdade mais profunda se escorregou de seus lábios, e se encontrou dizendo:

- Em realidade, é muito confortável.

- Cômodo? - repetiu Lady Lucinda-. É uma intrigante escolha de palavras.

Olhou além da Srta. Watson, para vê-la observando-o com esses curiosos olhos azuis.

- Sim - disse ele lentamente, deixando que seus pensamentos se ordenassem antes de responder:

- Penso que é muito cômodo ter uma família. É um sentimento de cumplicidade, suponho.

- O que quer dizer? - perguntou Lucy, e parecia sinceramente muito interessada.

- Sei que eles estão ali - disse Gregory-. E se alguma vez estiver com problemas, ou simplesmente necessito de uma boa conversa, sempre posso estar com eles.

E isso era certo. Nunca tinha pensado realmente nisso com tantas palavras, mas era verdade. Não era tão próximo a seus irmãos como eles o eram entre si, mas isso era algo natural, dada a diferença de idade. Quando eles tinham sido homens citadinos, ele tinha estado estudando em Eton. E agora eles três estavam casados, e tinham suas próprias famílias.

Mas ainda assim, sabia que se os necessitasse, ou a uma de suas irmãs se fosse o caso, só tinha que pedir-lhes Nunca o havia feito, claro. Não para algo importante.

O inclusive para a coisa mais insignificante. Mas sabia que podia. Era mais do que a maioria dos homens tinham neste mundo, mais do que a maioria dos homens poderiam ter.

- Sr. Bridgerton?

Ele piscou. Lady Lucinda estava olhando-o um pouco desconcertada.

- Minhas desculpas - murmurou-. Estava divagando, suponho. -Ofereceu-lhe um sorriso e uma inclinação de cabeça, e logo voltou o olhar para a Srta. Watson que, estava surpreso de ver, também havia se voltado para ele. Seus olhos pareciam enormes em seu rosto, claros e deslumbrantemente verdes, e por um momento

sentiu quase uma conexão elétrica. Ela sorriu, só um pouco, com um toque de confusão por ter sido surpreendida, logo afastou o olhar.

O coração de Gregory saltou.

E então Lady Lucinda falou de novo.

- Isso é exatamente o que sinto por Hermione - disse-. Ela é minha irmã de coração.

- A Senhorita Watson é na verdade, uma dama excepcional - murmurou Gregory, e logo acrescentou: - Como, claro, é você.

- Ela é uma aquarelista extraordinária - disse Lady Lucinda.

Hermione se ruborizou belamente.

- Lucy.

- Mas é - insistiu sua amiga.

- Eu gosto de pintar - disse Neville Berbrooke em um tom jovial-. Embora, sempre arruíno minhas camisas, cada vez que o faço.

Gregory o olhou surpreso. Entre sua conversa estranhamente reveladora com Lady Lucinda, e o olhar que tinha compartilhado com a Srta. Watson, esqueceu-se que Berbrooke estava com eles.

- Meu criado se revelou por isso - continuou Neville, passando ao longo-. Não se por que não podem fazer tinta que se possa tirar do linho. - Deteve-se, aparentemente concentrado em um pensamento-. Ou da lã.

- Gosta de pintar? - perguntou- Lady Lucinda ao Gregory.

- Não tenho talento para isso - admitiu ele -. Mas meu irmão é um artista de renome. Duas de suas pinturas estão penduradas na Galeria Nacional.

- OH, isso é maravilhoso! - exclamou ela. Voltou-se para a Srta. Watson-. Escutou isso, Hermione? Deve pedir ao Sr. Bridgerton que a apresente a seu irmão.

- Não desejaria incomodá-lo, Sr. Bridgerton - disse ela com gravidade.

- Não seria nenhum incômodo - disse Gregory, sorrindo-lhe. - Estaria encantado de apresentá-los, e Benedict sempre gostou de falar sobre arte. Raramente posso seguir sua conversa, mas ele sempre parece bastante animado.

- Viu - indicou Lucy, batendo no braço de Hermione-. Você e o Sr. Bridgerton têm algo em comum.

Mesmo Gregory pensou que isso tinha sido um pouco exagerado, mas não o comentou.

- Veludo - declarou Neville de repente.

Três cabeças se voltaram para sua direção.

- Perdão? - murmurou Lady Lucinda.

- Esse é o pior - disse ele, assentindo com grande vigor-. É muito difícil lhe tirar a tinta, quero dizer.

Gregory só podia ver a parte de trás de sua cabeça, mas podia imaginá-la pestanejando quando disse:

- Você se veste de veludo enquanto pinta?

- Só se fizer frio.

- Que... único.

O rosto do Neville se iluminou.

- Acha - Sempre quis ser único.

- Você o é - disse ela, e Gregory não escutou nada mais que certeza em sua voz-. O mais certo é que o seja, Sr. Berbrooke.

Neville sorriu de orelha a orelha.

- Único. Eu gosto disso. Único. - Sorriu novamente, provando a palavra em seus lábios-. Único. Único. Uuuuuuu-niiiiiiiiii-cooooooooooo.

Os quatro continuaram seu caminho para o vilarejo em um agradável silêncio, pontuado pelos ocasionais esforços do Gregory de atrair à Srta. Watson a uma conversa. Às vezes tinha êxito, mas a maioria das vezes, era Lady Lucinda quem terminava conversando com ele. Fazia isso, quando não estava tratando de instigar à Srta. Watson para que participasse da conversa.

E todo o tempo Neville tagarelou, conversando consigo mesmo, em sua maioria sobre suas recém descobertas singularidades.

Por fim, puderam vislumbrar as casas do povoado. Neville declarou para si mesmo que estava singularmente faminto, e o que fosse que isso significasse, então Gregory guiou ao grupo ao Veado Branco, uma estalagem local em que ser servia comida simples, mas sempre muito deliciosa.

- Deveríamos fazer um picnic - sugeriu Lady Lucinda-. Não seria maravilhoso?

- Excelente idéia - exclamou Neville, olhando-a fixamente como se fosse uma deusa. Gregory estava um pouco surpreso pelo ardor de sua expressão, embora Lady Lucinda parecia não dar-se conta.

- Você o que acha, Srta. Watson? - perguntou Gregory. Mas a dama em questão estava perdida em seus pensamentos, com os olhos desfocados, como se permanecessem fixos em uma pintura sobre a parede.

- Srta. Watson? - repetiu ele, e então quando conseguiu chamar sua atenção finalmente, disse:

- Importaria-se que fizéssemos um picnic?

- OH. Sim, isso seria estupendo. - E voltou a olhar fixamente um ponto no espaço, com os lábios perfeitos curvados em uma expressão nostálgica e quase ofegante.

- Excelente trabalho, Sr. Bridgerton - disse Lady Lucinda-. Não está de acordo, Hermione?

- Sim, é claro.

- Espero que tragam o bolo - disse Neville enquanto mantinha a porta aberta para que as senhoras passassem-. Sempre como bolo.

Gregory envolveu a mão da Srta. Watson na curva de seu braço antes que ela pudesse escapar.

- Pedi uma seleção de comidas - disse ele em voz suave. - Espero que algo do que pedi, seja de seu agrado.

Ela levantou o olhar para ele e pôde sentir de novo, o ar saiu a jorros de seu corpo e se perdeu em seus olhos. E sabia que ela sentia, também. Como não podia notá-lo, quando ele se sentia como se suas pernas não pudessem sustentá-lo?

- Estou segura que será estupenda - disse ela.

- Gosta de doces?

- Eu adoro - admitiu ela.

- Então está com sorte - disse Gregory-. O Sr. Gladis prometeu incluir um pouco de bolo de groselha de sua esposa, o qual é muito famoso neste distrito.

- Bolo? -Neville se ergueu visivelmente. Voltou-se para Lady Lucinda-.Disse que nos vão servir bolo?

- Acredito que sim - respondeu ela.

Neville suspirou com prazer.

- Gosta de bolo, Lady Lucinda?

A indireta mais nua de exasperação invadiu seus traços quando lhe perguntou:

- Que tipo de bolo, Sr. Berbrooke?

- OH, qualquer bolo. Doces, saborosos, de frutas, de carne.

- Bom... - limpou a garganta, voltando seu olhar ao redor como se as casas e as árvores, pudessem lhe oferecer alguma guia-. Eu... ah... Suponho que eu gosto da maioria dos bolos.

E esse foi o minuto no qual Gregory ficou bastante seguro de que Neville se apaixonara.

Pobre Lady Lucinda.

Caminharam através da via principal para um campo gramado, e Gregory abriu as mantas, alisando-as no chão. Lady Lucinda, inteligente que era, sentou-se primeiro, e logo fez gestos ao Neville para que se sentasse a seu lado, e com isso garantiu que Gregory e a Srta. Watson estivessem obrigados a compartilhar o outro pedaço de tecido.

E então Gregory pôs todo seu empenho em conquistar seu coração.

Capítulo 4

No qual nossa heroína oferece seu conselho, nosso herói toma, e todos comem muito bolo.

Ele estava fazendo tudo mal.

Lucy olhou sobre o ombro do Sr. Berbrooke, tentando não franzir o cenho. O Sr. Bridgerton estava fazendo um valente esforço por ganhar o favor do Hermione, e Lucy tinha que admitir que sob circunstâncias normais, com uma mulher diferente, ele certamente teria tido êxito. Lucy pensou em muitas das moças que conhecia da escola, cada uma delas estaria completamente apaixonada por ele. Todas, de fato.

Mas não Hermione.

Ele se estava esforçando muito. Estava sendo muito atento, muito concentrado, muito... muito... Bem, muito apaixonado, bastante francamente, ou pelo menos estava muito enamorado.

O Sr. Bridgerton era encantador, era bonito, e obviamente também muito inteligente, mas Hermione tinha visto tudo isso antes. Lucy nem sequer podia começar a contar o número de cavalheiros que tinham perseguido sua amiga da mesma maneira. Alguns eram engenhosos, outros sérios. Davam-lhe flores, poesias, doces, inclusive um havia lhe trazido um cachorrinho (que imediatamente tinha sido rechaçado pela mãe de Hermione, quem tinha informado ao pobre cavalheiro que o hábitat natural dos cães não incluía tapetes Aubusson, porcelanas do oriente, ou a ela mesma).

Mas ao final, todos eram o mesmo. Eram conscientes de cada palavra dela, olhavam-na fixamente como se fosse uma deusa grega que tivesse baixado à terra, e todos caíam os uns sobre outros em um esforço de oferecer os mais engenhosos e românticos elogios para derramá-los sobre suas formosas orelhas. E nunca pareciam notar o pouco originais que eram.

Se o Sr. Bridgerton verdadeiramente desejava conseguir o interesse de Hermione, tinha que fazer algo diferente.

- Mais bolo de groselhas, Lady Lucinda? - perguntou o Sr. Berbrooke.

- Sim, por favor - murmurou Lucy, só para mantê-lo ocupado em fatiar enquanto ela refletia o que ia fazer depois. Realmente não queria que Hermione desperdiçasse sua vida com o Sr. Edmonds, e de verdade, o Sr. Bridgerton era perfeito. Somente necessitava de um pouco de ajuda.

- OH, olhe! - exclamou Lucy-. Hermione não tem nada de bolo.

- Nada de bolo? - ofegou o Sr. Berbrooke.

Lucy bateu suas pestanas para ele, não era uma atitude com a que tivesse muita prática ou habilidade.

- Seria tão amável de lhe servir um pouco?

Quando o Sr. Berbrooke assentiu, Lucy ficou de pé.

- Acho que vou esticar as pernas - anunciou ela-. Há umas flores lindas no lado mais afastado do campo. Sr. Bridgerton, conhece algo sobre a flora local?

Ele a olhou, surpreso por sua pergunta.

- Um pouco - mas não se moveu.

Hermione estava ocupada assegurando ao Sr. Berbrooke que adorava o bolo de groselhas, então Lucy se aproveitou do momento, e indicou com a cabeça às flores, dando esse tipo de olhar urgente ao Sr. Bridgerton, que geralmente significava: "Venha comigo agora".

Por um momento ele parecia estar um pouco confuso, mas se recuperou rapidamente e se levantou.

- Permite-me lhe falar um pouco da paisagem, Lady Lucinda?

- Isso seria maravilhoso - disse ela, possivelmente com um toque muito entusiasta. Hermione a olhava fixamente com muita suspeita. Mas Lucy sabia que

não ia oferecer se a acompanhá-los; isso animaria ao Sr. Bridgerton a acreditar que ela desejava sua companhia.

Assim Hermione ficaria com o Sr. Berbrooke e o bolo. Lucy encolheu os ombros. Era justo.

- Essa, acho, que é uma margarida - disse o Sr. Bridgerton, uma vez cruzado o campo. - E essa de folhas azuis, realmente, não se como sei chama.

- Delphinium - disse Lucy animadamente-. E saiba que não o chamei para que falasse de flores.

- Tinha essa impressão.

Ela decidiu ignorar seu tom.

- Desejo lhe dar um conselho.

- De verdade - pronunciou ele com lentidão. Mas não tinha sido uma pergunta.

- De verdade.

- E qual pode ser seu conselho?

Realmente não havia forma de fazê-lo soar melhor do que era, por isso o olhou nos olhos e lhe disse:

- Está fazendo tudo mal.

- Perdão - disse ele rigidamente.

Lucy sufocou um gemido. Agora tinha cravado seu orgulho, e ele certamente ficaria insuportável.

- Se deseja conquistar a Hermione - disse-, tem que fazer algo diferente.

O Sr. Bridgerton a olhou fixamente com uma expressão que virtualmente raiava ao desprezo.

- Sou capaz de me fazer encarregado de meus próprios cortejos.

- Estou certa de que o é, com outras damas. Mas Hermione é diferente.

Ele permaneceu em silêncio, e Lucy sabia que tinha ganho um ponto. Ele também pensava que Hermione era diferente, fazê-lo compreender o resto não ia ser tão difícil.

- Todos têm feito o que você faz - disse Lucy, dando uma olhada para o picnic para assegurar-se de que nem Hermione, nem o Sr. Berbrooke pudessem unir-se os a eles-. Todos.

- Um cavalheiro adora ser comparado com a manada - murmurou o Sr. Bridgerton.

Lucy tinha um cem número de resposta para isso, mas as guardou em sua mente, para ocupar-se da tarefa que estava levando a cabo e disse:

- Você não pode agir como eles. Precisa afastar-se.

- E como propõe que eu faça isso?

Ela tomou fôlego. Não ia gostar de sua resposta.

- Você deveria deixar de ser tão devoto. Não a trate como uma princesa. De fato, o melhor seria que a deixasse sozinha alguns dias.

Sua expressão se tornou desconfiada.

- E permitir que outro cavalheiro se aproveite?

- De qualquer modo, farão-o - disse ela em uma voz confiante. - Não há nada que você possa fazer.

- Estupendo.

Lucy avançou laboriosamente.

- Se você se retirar, Hermione terá curiosidade de conhecer a razão.

O Sr. Bridgerton parecia duvidoso, por isso ela continuou com:

- Não se preocupe, ela saberá que você está interessado. Céus, depois de hoje, teria que ser uma idiota para não notá-lo.

Ele franziu o cenho ante isso, e a própria Lucy não podia acreditar que estivesse falando com tal franqueza a um homem que mal conhecia, mas os momentos desesperados requeriam medidas ou discursos desesperados.

- Saberá, o prometo. Hermione é muito inteligente. Embora ninguém parece notá-lo. A maioria dos homens não vêem além de seu rosto.

- Eu gostaria de conhecer o que pensa - disse ele suavemente.

Algo em seu tom golpeou ao Lucy diretamente em seu peito. Levantou o olhar, encontrou-se com seus olhos, e tinha o estranho pressentimento de que estava em outra parte, e ele estava em outra parte, e o mundo girava ao redor deles.

Ele não se parecia com os outros cavalheiros que ela conhecia. Não estava certa por que, com exatidão, só que havia algo mais nele. Algo diferente. Algo que a fazia sentir uma dor, no mais profundo de seu peito.

E por um momento pensou que podia chorar.

Mas não o fez. Porque, em realidade, não podia. De qualquer modo, não era essa classe de mulher. Não desejava fazê-lo. E certamente não queria chorar, quando parecia não conhecer a razão para fazê-lo.

- Lady Lucinda?

Tinha permanecido em silêncio muito tempo. Era muito estranho nela, e:

- Ela não desejará permitir a você - disse bruscamente -, conhecer sua mente, quero dizer. Mas você pode – limpou a garganta, pestanejou, recuperou sua concentração, e então pôs os olhos firmemente sobre o pequeno lugar cheio de margaridas que faiscavam sob o sol-. Você pode convencê-la de outra maneira - continuou-. Estou certa de que você pode. Se for paciente. E é autêntico.

Não lhe disse nada imediatamente. Não se escutava mais que o som débil da brisa. E então, com voz suave, perguntou:

- Por que me está ajudando?

Lucy se voltou para ele e se assegurou que nessa ocasião a terra permanecesse firme sob seus pés. Sentia-se ela mesma de novo, rápida, sem dizer coisas sem sentido, e prática com seus defeitos. E ele simplesmente era outro cavalheiro em disputa pela mão de Hermione.

Tudo era normal.

- Se não for você, será o Sr. Edmonds - disse ela.

- Então esse é seu nome - murmurou ele.

- É o secretário de seu pai -lhe explicou-. Não é um mau homem, e não pense que ele simplesmente está atrás de seu dinheiro, mas qualquer idiota poderia dar-se conta que você é um melhor partido.

O Sr. Bridgerton inclinou a cabeça a um lado.

- Por que, pergunto-me, isso soou como se tivesse chamado idiota à Srta. Watson?

Lucy se voltou para ele com os olhos de aço.

- Nunca questione minha devoção por Hermione. Eu não poderia, - dirigiu um olhar rápido para o Hermione para assegurar-se de que não estava olhando-a antes de baixar a voz e continuar-: Acredito que não poderia querê-la mais, mesmo se fosse minha irmã de sangue.

Para seu crédito, o Sr. Bridgerton lhe ofereceu uma inclinação receosa e disse:

- Ofendi-a. Desculpe-me.

Lucy engoliu em seco com desconforto quando reconheceu suas palavras. Ele parecia como se em realidade estivesse falando a sério, o que a acalmou enormemente.

- Hermione significa muito para mim - disse ela. Pensou nas férias escolares que tinha passado com a família Watson, e nas solitárias visitas a sua casa. Suas voltas nunca tinham parecido coincidir com as de seu irmão, e Fennsworth Abbey tinha sido um lugar frio e restritivo, ao ter só a seu tio como única companhia.

Robert Abernathy tinha feito sempre seu dever para com eles, mas era frio e restritivo. A casa significava, largos passeios solitários, solitárias leituras intermináveis, inclusive comidas solitárias, já que o tio Robert nunca tinha mostrado nenhum interesse em jantar com ela. Quando tinha informado ao Lucy que iria ao estabelecimento da Senhorita Moss, seu impulso inicial foi pôr seus braços ao redor dele e lhe dizer: Obrigada, Obrigada Obrigada!

Só que nunca o tinha abraçado antes, em nenhum dos anos nos quais tinha sido seu tutor. E além disso, sentou-se atrás de sua escrivaninha, e havia voltado sua atenção aos papéis que estavam em frente a ele. Lucy tinha sido despedida.

Quando chegou à escola, mergulhou em sua nova vida como estudante. E tinha adorado cada momento. Era tão maravilhoso ter pessoas com quem falar. Seu irmão Robert partira para Eton aos dez anos, inclusive antes que seu pai houvesse falecido, e ela tinha estado vagando nos corredores da Abadia, por quase uma década, sem sequer ter a uma oficiosa preceptora como companhia.

Tinha gostado das pessoas da escola. Essa tinha sido a melhor parte de tudo. Em sua casa não era mais que alguém sem importância, enquanto que na Escola da Srta. Moss para as Jovens Damas Excepcionais, as estudantes tinham procurado sua companhia. Faziam-lhe perguntas e de verdade ficavam esperando para escutar suas respostas. Talvez Lucy não tivesse sido a abelha rainha da escola, mas havia sentido que pertencia a um lugar, e isso era o que lhe importava.

A ela e Hermione tinham atribuído compartilhar um quarto em seu primeiro ano na escola da Srta. Moss, e sua amizade tinha sido quase instantânea. Ao anoitecer desse primeiro dia, ambas tinham sorrido e conversado como se conhecessem de toda a vida.

Hermione a tinha feito sentir-se melhor, de algum modo. Não era só sua amizade, era o conhecimento de sua amizade. Lucy gostava de ser a melhor amiga de alguém. Gostava de ter uma, também, é claro, mas lhe agradava saber que em todo mundo, havia alguém a quem preferia acima de outros. Fazia ela sentir-se segura.

Confortável.

Em realidade, era um sentimento parecido ao que tinha mencionado o Sr. Bridgerton quando tinha falado sobre sua família.

Sabia que podia contar com Hermione. E Hermione sabia que podia contar com ela. E não conhecia outra pessoa no mundo, de que pudesse dizer o mesmo. Seu irmão, possivelmente. Richard sempre viria em sua ajuda se o necessitasse, mas se viam em muito poucas ocasiões nesses dias. Era uma lástima, realmente. Tinham sido muito próximos em sua infância. Além disso em Fennsworth Abbey, raramente havia alguém diferente com quem brincar, por isso não lhes tinha ficado outra opção que permanecer unidos. Felizmente, davam-se bem, a maior parte do tempo.

Forçou a sua mente de volta ao presente e olhou ao Sr. Bridgerton. Estava bastante quieto, olhava-a com uma expressão de educada curiosidade, e Lucy tinha o estranho pressentimento de que se lhe dissesse tudo - sobre Hermione, Richard e Fennsworth Abbey, e o maravilhoso que tinha sido ir à escola...

A teria entendido. Era impossível que não o fizesse, vindo de uma enorme e famosa família unida. Possivelmente ele não sabia o que era estar sozinho, para ter algo que dizer que ninguém mais podia dizê-lo. Mas de algum jeito - o via em seus olhos, que agora estavam repentinamente mais verdes do que tinha notado, e tão concentrados em seu rosto...

Engoliu em seco. Pelo amor de Deus, O que lhe estava acontecendo, que nem sequer conseguia terminar seus próprios pensamentos?

- Só desejo que Hermione seja feliz - conseguiu dizer ela-. Espero que você possa compreendê-lo.

Ele assentiu com a cabeça, e voltou o olhar para o picnic.

- Podemos nos reunir com os outros? - perguntou. Sorrindo com tristeza-. Acredito que o Sr. Berbrooke deu que comer três pedaços de bolo à Srta. Watson.

Lucy sentia como a risada borbulhava em seu interior.

- OH Deus.

Seu tom era encantadoramente doce quando disse:

- Pelo bem de sua saúde, se não houver nada mais que dizer, devemos retornar.

- Pensará no que lhe comentei? - perguntou Lucy, permitindo que ele pusesse a mão em seu braço.

Ele assentiu com a cabeça.

- Farei-o.

Sentiu-se apertando-o um pouco mais forte.

- Tenho razão nisto. Prometo-lhe que tenho. Ninguém conhece Hermione melhor que eu. E ninguém mais viu a todos esses cavalheiros tratando - e falhando- de ganhar seu coração.

Ele se voltou, e cravou os olhos nos seus. Por um momento permaneceram completamente quietos, e Lucy compreendeu que ele estava avaliando-a, medindo a de uma maneira que deveria tê-la incomodado.

Mas não o tinha feito. E isso tinha sido algo muito estranho. Olhava-a fixamente como se pudesse ver sua alma, e não se sentia nem sequer um pouco incomodada.

De fato, sentia-se estranhamente bem.

- Honraria-me aceitar seu conselho com relação à Srta. Watson - disse ele, voltando-se para que eles pudessem retornar para o lugar do picnic-. E lhe agradeço que me tenha devotado sua ajuda para conseguir conquistá-la.

- Sim, a agradeço - gaguejou Lucy, porque em realidade, não tinha sido essa sua intenção?

Mas então compreendeu que já não se sentia tão bem.

Gregory seguiu o conselho de Lady Lucinda ao pé da letra. Essa noite, não se aproximou da Srta. Watson no salão de reuniões onde todos os convidados se congregaram antes do jantar. Quando se dirigiram à sala de jantar, não fez nenhum esforço por interferir com a ordem social e não tinha trocado seu assento para poder sentar-se ao lado dela. E uma vez que os cavalheiros tinham retornado de sua área e se uniram às damas no conservatório para um recital de piano, tomou assento na parte de trás, embora ela e Lady Lucinda estivessem sentadas bastante solitárias, e teria sido muito fácil - inclusive, esperado - para ele, deter-se e murmurar suas saudações quando passasse a seu lado.

Mas não, comprometeu-se com seu possível esquema mal aconselhado, e se tinha ficado na parte traseira da sala. Observou como a Senhorita Watson se encontrava sentada três filas adiante, e logo se sentou em sua cadeira, permitindo-se finalmente a indulgência de olhar sua nuca.

O que tinha sido um passatempo perfeitamente pleno, se não fosse completamente incapaz de pensar em algo diferente a sua absoluta falta de interesse. Nele.

Verdadeiramente, podiam lhe crescer duas cabeças e uma cauda e ele não teria recebido nada mais que um educado meio sorriso, que ela parecia oferecer a todo mundo. Por acaso.

Esse não era o tipo de reação que Gregory estava acostumado a receber das mulheres. Não esperava a adulação universal, mas em realidade, quando fazia um esforço, normalmente conseguia bons resultados.

Realmente, isto era condenadamente irritante.

E quando olhou às duas mulheres, desejando que se voltassem, que se revolvessem, ou fizessem algo que lhe indicasse que estavam conscientes de sua presença. Finalmente, depois de três concertos e uma fuga, Lady Lucinda se virou lentamente em seu assento.

Podia imaginar o que estava pensando com facilidade.

Lentamente, lentamente, agia como se estivesse olhando a porta para ver se alguém entrara. Só observa ligeiramente ao Sr. Bridgerton.

Ele levantou seu copo para saudá-la.

Ela ofegou, ou pelo menos ele esperava que o tivesse feito, e se virou rapidamente.

Sorriu. Provavelmente não deveria desfrutar de seu sofrimento, mas de verdade, era de longe o único momento brilhante de toda a noite.

Quanto à Senhorita Watson - se ela pudesse sentir o calor de seu olhar, não dava nenhuma indicação. Gregory teria gostado de pensar que ela estava ignorando-o cuidadosamente, o que pelo menos lhe teria indicado alguma classe de consciência. Mas quando observou seu olhar vagava ao redor do quarto, inclinando a cabeça de vez em quando para sussurrar algo no ouvido de Lady Lucinda, ficou dolorosamente claro, que ela não estava ignorando-o absolutamente. Isso poderia implicar que tinha notado sua presença.

O que, obviamente não tinha feito.

Gregory sentia suas mandíbulas apertadas. Embora, não duvidava das boas intenções atrás do conselho de Lady Lucinda, este tinha sido evidentemente terrível. E com só cinco dias que ia durar a festa da casa, tinha perdido um tempo valioso.

- Parece aborrecido.

Voltou-se. Sua cunhada deslizou no assento que estava a seu lado e estava falando em voz baixa para não interferir com a apresentação.

- Esse é um verdadeiro golpe para minha reputação como anfitriã - acrescentou ela secamente.

- Não estou - murmurou ele-. É esplêndida como sempre.

Kate se voltou para diante e ficou calada um momento antes de dizer:

- Ela é muito bonita.

Gregory não se incomodou em fingir que não sabia de quem estava falando. Kate era muito inteligente para isso. Mas isso não significava que tinha que animar sua conversa.

- É - disse ele simplesmente, mantendo os olhos para frente.

- Minha suspeita - disse Kate-. É que seu coração está comprometido com alguém mais. Ela não animou nenhuma das atenções dos cavalheiros, e todos eles certamente tentaram.

Gregory sentia como se esticava sua mandíbula.

- Escutei - continuou Kate, certamente consciente de que estava sendo uma chata, embora isso não parecia detê-la-, que se comportou desse modo em toda a primavera. A moça não dá nenhuma indicação de querer casar-se.

- Acredita estar apaixonada pelo secretário de seu pai - disse Gregory. Porque, em realidade, O que ia ganhar mantendo o segredo? Kate encontraria a maneira de averiguar tudo. E possivelmente ela poderia lhe servir de ajuda.

- Sério? - sua voz soou muito forte, e teve que lhe murmurar algumas desculpa a seus convidados-. A sério? - disse outra vez, com voz baixa. - Como sabe?

Gregory abriu a boca para lhe responder, mas Kate respondeu sua própria pergunta.

- Ah, claro -disse-. Foi Lady Lucinda. Ela deve saber tudo.

- Tudo - confirmou Gregory secamente.

Kate ponderou essa informação um momento, e então declarou o claro.

- Seus pais não devem estar felizes por isso.

- Não sei se eles sabem.

- OH Deus. - Kate parecia impressionada por essa pequena intriga, por isso Gregory se voltou para olhá-la. Efetivamente o estava, seus olhos estavam muito abertos e brilhavam.

- Trate de se comportar - disse ele.

- Mas isso é o mais excitante que tive em toda a primavera.

Olhou-a diretamente nos olhos.

- Precisa encontrar uma afeição.

- OH, Gregory - disse ela, lhe dando uma ligeira cotovelada-. Não permita que o amor o torne materialista. É muito divertido para isso. Seus pais nunca lhe permitirão casar-se com o secretário, e ela não tem escapatória. Só deve esperar.

Ele soltou uma irritada respiração.

Kate bateu nele para confortá-lo.

- Sei, sei; deseja arrumar tudo de uma vez. Sua classe nunca tem paciência.

- Minha classe?

Deu-lhe um tapinha na mão, o que considerou claramente como uma resposta.

- De verdade, Gregory -disse-. Isto é para seu bem.

- Que ela esteja apaixonada por alguém mais?

- Deixa de ser tão dramático. O que quero dizer, é que lhe dará tempo para esclarecer seus sentimentos por ela.

Gregory pensou em como se sentia golpeado no estômago, cada vez que a olhava. Bom Deus, especialmente a sua nuca, embora soasse estranho. Não podia imaginar que necessitava de tempo. Isto era tudo o que tinha imaginado que podia ser o amor. Enorme, súbito, e absolutamente estimulante.

E de algum modo, esmagador ao mesmo tempo.

- Surpreendi-me quando não me pediu que sentasse a seu lado no jantar - murmurou Kate.

Gregory observou a parte de trás da cabeça de Lady Lucinda.

- Posso arrumar para amanhã, se o desejar - lhe ofereceu Kate.

- Faça-o.

Kate assentiu.

- Sim, eu... OH, aqui estamos. A música chegou a seu fim. Disposta atenção agora, e mostremos nossa cortesia.

Ficou de pé para aplaudir, igual a ela.

- Alguma vez não conversou todo o tempo durante um recital de música? - perguntou ele, mantendo seu olhar para a frente.

- Tenho uma curiosa aversão por eles - disse ela. Mas então, seus lábios se curvaram em um perverso sorrisinho-. E uma nostálgica classe de carinho, também.

- De verdade? - agora estava interessado.

- Não digo mentiras, é claro - murmurou ela, tratando de não olhá-lo-. Mas em realidade, alguma vez me viu assistindo à ópera?

Gregory levantou as sobrancelhas. Claramente havia uma cantora de ópera em alguma parte do passado de seu irmão. E de qualquer modo, onde estava seu irmão? Anthony parecia ter desenvolvido um notável talento para evitar a maioria das funções sociais da festa da casa. Gregory só o tinha visto duas vezes depois de sua entrevista, na noite em que tinha chegado.

- E onde está o deslumbrante Lorde Bridgerton? - perguntou.

- OH, em alguma parte. Não sei. Encontramo-nos ao final do dia que é tudo o que importa. -Kate se voltou para ele com um sorriso notavelmente sereno. Molestamente serena-. Devo me misturar com outros - disse, sorrindo-lhe como se não lhe importasse nada no mundo-. Que a passe bem - disse e logo partiu.

Gregory duvidava, conversando cortesmente com alguns convidados, enquanto olhava furtivamente à Srta. Watson. Ela estava conversando com dois cavalheiros jovens - ambos, eram dois idiotas fastidiosos - enquanto Lady Lucinda permanecia educadamente a seu lado. E embora a Srta. Watson não parecia estar paquerando com eles, era certo que lhes estava prestando mais atenção que a que ele tinha recebido em toda a noite.

E ali estava Lady Lucinda, sorrindo belamente, ocupando-se de tudo.

Gregory estreitou os olhos. Acaso ela o tinha traído? Não parecia ser desse tipo de mulher. Mas então recordou, que só a conhecia faz vinte e quatro horas. O que tanto a conhecia em realidade? Possivelmente ela tinha uma segunda intenção. E poderia ser uma excelente atriz, com escuros e misteriosos segredos jazendo debaixo de sua superfície.

OH, mas que estava pensando. Estava-se tornando louco. Apostaria até seu último penny que Lady Lucinda não mentiria nem sequer para salvar sua vida. Ela era clara e aberta, e não era definitivamente misteriosa. Tinha-o feito com boas intenções, estava certo disso.

Mas seu conselho tinha sido terrível.

Captou seu olhar. Uma débil expressão de desculpa parecia revoar por seu rosto, e pensou que ela podia ter encolhido os ombros.

Encolhido os ombros? Que demônios significava isso?

Deu um passo adiante.

Então se deteve.

Depois pensou em dar outro passo.

Não.

Sim.

Não.

Talvez?

Maldição. Não sabia o que fazer. Era uma sensação singularmente desagradável.

Voltou seu olhar para Lady Lucinda, assegurando-se de que sua expressão não fosse de doçura e luminosa. Em realidade, tudo tinha sido culpa dela.

Mas claro, agora não estava olhando-o.

Não mudou seu olhar.

Ela se voltou. Abriu os olhos como pratos, tomara com alarme.

Bom, agora estavam chegando a alguma parte. Se não pudesse sentir a bênção do olhar da Srta. Watson, então pelo menos, poderia fazer que Lady Lucinda sentisse sua própria miséria.

Na verdade, havia momentos que não requeriam maturidade e tato.

Permaneceu no extremo da sala, começando a desfrutar finalmente. Havia algo perversamente divertido em imaginar Lady Lucinda como uma pequena lebre indefesa, sem estar segura de onde ou quando poderia encontrar seu final inoportuno.

Era claro, que Gregory não podia atribuir-se nunca o papel de caçador. Sua péssima pontaria lhe garantia que não poderia disparar a nada que se movesse, e era algo condenadamente bom, que ele não fosse responsável por procurar sua própria comida.

Mas podia imaginar-se como uma raposa.

Sorriu, era seu primeiro sorriso da noite.

E então soube que os destinos estavam de seu lado, porque viu Lady Lucinda desculpando-se e saindo pela porta do conservatório, provavelmente para ocupar-se de suas necessidades. Como Gregory estava sozinho na esquina traseira, ninguém notou quando saiu da sala pela outra porta.

E quando Lady Lucinda passou pela porta da biblioteca, ele pôde lhe dar um puxão sem fazer nenhum ruído.

Capítulo 5

No que nosso herói e heroína têm a mais intrigante das conversas.

Em um momento Lucy estava caminhando pelo corredor, enrugando o nariz pensativamente, ao tentar recordar a localização do lavabo mais próximo, e no seguinte tinha sido tirada rapidamente através do ar, só para chocar-se contra um inconfundível enorme, inconfundível caloroso, e inconfundível corpo humano.

- Não grite - disse uma voz. Uma que ela conhecia.

- Sr. Bridgerton? - Céu santo, isto parecia tão estranho nele. Lucy não sabia se devia estar assustada.

- Temos que falar - disse ele, lhe soltando o braço. Mas fechou a porta com segurança e guardou a chave no bolso.

- Agora? - perguntou Lucy. Ajustou os olhos na tênue luz do quarto e compreendeu que estavam na biblioteca-. Aqui? -e então uma pergunta mais pertinente lhe ocorreu-.

Sozinhos?

Ele franziu o cenho.

- Não vou seduzi-la, se isso for o que lhe preocupa.

Ela sentia sua mandíbula apertada. Não tinha pensado que ele o faria, mas não era necessário que reafirmasse seu honroso comportamento como se fosse um insulto.

- Bem, do que temos que falar? - exigiu-lhe-. Se alguém me encontra aqui em sua companhia, arruinará-me. Estou virtualmente comprometida, sabe.

- Sei - disse ele. Nessa classe de tom. Como se lhe houvesse dito algo extremamente irritante, quando ela sabia de fato, que não o tinha mencionado mais de uma vez. Ou possivelmente duas vezes.

- Bom, estou aqui- resmungou ela, sabendo que poderia pensar em uma perfeita réplica mordaz duas horas depois.

- O que - lhe exigiu ele-, está acontecendo?

- O que quer dizer com isso? - perguntou ela, embora soubesse muito bem a que se estava referindo.

- Com a Srta. Watson - disparou ele.

- Hermione? - Como se existisse outra Srta. Watson. Mas isso lhe daria um pouco mais de tempo.

- Seu conselho - disse ele, com os olhos cravados nos seus-. Foi desastroso.

Tinha razão, é claro, mas tinha esperado que ele não o tivesse notado.

- Bem - disse ela, olhando-o cautelosamente enquanto cruzava os braços. Esse não era o melhor dos gestos, mas tinha que admitir que o tinha feito muito bem. Tinha escutado que sua reputação era jovial e divertida, nenhuma das quais estava atualmente em evidência, mas, bom, tampouco estava furioso nem nada parecido. Supôs que não se precisava ser uma mulher para sentir-se um pouco fracassado ante a perspectiva de um amor não correspondido.

E quando olhou com vacilação seu formoso rosto, lhe ocorreu que ele provavelmente não tinha nenhuma experiência com o amor não correspondido. Em realidade, Quem lhe diria não a esse cavalheiro?

Além de Hermione. Mas dizia não a todo mundo. Ele não deveria tomá-lo como pessoal.

- Lady Lucinda? - disse lentamente, esperando sua resposta.

- Claro - disse duvidosamente, desejando que ele não parecesse tão grande no aposento fechado-. Bem. Bem.

Ele ergueu uma sobrancelha.

- Bem.

Ela engoliu a saliva. Seu tom era de uma indulgência vagamente paternal, como se estivesse divertindo-o ligeiramente, mas não o suficiente para ser notado. Conhecia esse tom muito bem. Era o que costumavam usar os irmãos maiores, com as irmãs menores. E amigas que traziam para a casa para passar as férias escolares.

Odiava esse tom.

Mas não obstante deixou de pensar nisso e disse:

- Sei que meu plano não foi tão efetivo, mas sinceramente, não acredito que pudesse fazer algo diferente para obter um resultado positivo.

Isso não parecia ser o que ele desejava escutar. Pigarreou. Duas vezes. E continuou:

- Sinto muitíssimo - acrescentou, porque se sentia muito mal, e sabia por experiência que as desculpas funcionavam quando não tinha nada mais que dizer-. Mas realmente achei que...

- Já me disse isso - interrompeu-a. - Que se ignorasse à Srta. Watson...

- Eu não lhe disse que a ignorasse!

- Claro que o fez.

- Não. Não, não o fiz. Só lhe disse que se afastasse um pouco. Para tratar de não ser muito claro em sua corte.

Isso não tinha sido muito conciso, mas em realidade, Lucy não poderia incomodar-se.

- Muito bem - respondeu ele e seu tom passou de um ligeiro a um supremo tom de irmão mais velho -com-sincera-condescendência-. Se isso não significava que devia ignorá-la, poderia me dizer exatamente que se supõe que devia ter feito?

- Bom... - coçou a nuca, sentindo-se como se de repente tivesse imerso da mais horrorosa das colméias. Ou possivelmente só eram os nervos. Quase preferiria às colméias. Não gostava dessa sensação de nauseia crescendo em seu estômago, enquanto tentava pensar em algo razoável que dizer.

- De qualquer maneira, o fato, feito está - disse ele.

- Não acredito - soltou ela-. Não tenho oceanos de experiência neste tipo de coisas.

- OH, e agora é que me vai dizer isso.

- Bom, valia a pena provar - disparou-. Só Deus sabe, que você não o ia obter por si mesmo.

Sua boca se apertou em uma linha, e ela se permitiu um pequeno sorriso de satisfação, por ter tido a coragem de dizer-lhe. Não era normalmente uma pessoa maliciosa, mas a ocasião parecia requerer um pouco de auto felicitação.

- Muito bem - disse ele, e embora, tivesse preferido que ele se desculpasse e dissesse -explicitamente- o que tinha feito bem, e o que tinha feito mal, já que supunha que em alguns círculos, "Muito bem", poderia ser um reconhecimento de engano.

E a julgar por seu rosto, era mais provável que isso era o que ela ia receber.

Assentiu suntuosamente. Parecia que era o melhor que podia fazer. Se agisse como uma rainha possivelmente poderia ser tratada como uma.

- Tem outra idéia brilhante?

Ou não.

- Bom - disse ela, simulando que ele realmente tinha demonstrado como se lhe importasse sua resposta-. Não acredito que deva me perguntar que fazer, a não ser a razão do por que o que você fez não funcionou.

Ele pestanejou.

- Nunca ninguém se rendeu com Hermione - disse Lucy com um toque de impaciência. Odiava quando as pessoas não entendiam imediatamente o que tinha querido dizer-. Seu desinteresse só lhes fazia redobrar seus esforços. Em realidade, isso é vergonhoso.

Ele parecia um pouco insultado.

- Desculpe-me?

- Não estou falando de você - disse Lucy rapidamente.

- Meu alívio é muito claro.

Lucy deveria ter se ofendido por seu sarcasmo, mas seu senso de humor era tal, que não podia evitar desfrutar.

- Como lhe estava dizendo - continuou ela, porque sempre tinha gostado de não desviar do assunto-, nunca ninguém pareceu admitir sua derrota e se dirigem para outra dama mais acessível. Uma vez que compreendem que alguém mais a quer a ela, parecem zangar-se. É como se ela não fosse mais que um prêmio que deve ser ganho.

- Não para mim - disse ele em voz suave.

Olhou-o no rosto, e compreendeu instantaneamente que o que ele queria dizer, era que Hermione era muito mais que um prêmio. Queria-a. Queria-a de verdade. Lucy não estava certa do por que, ou inclusive como, já que ele mal conhecia sua amiga. E Hermione não tinha sido muito comunicativa em suas conversas, nem sequer quando estava com os cavalheiros que a perseguiam. Mas o Sr. Bridgerton queria à mulher que havia em seu interior, não só a seu perfeito rosto. Ou pelo menos, ele achava que o fazia.

Assentiu lentamente, absorvendo esse novo conhecimento.

- Pensei que possivelmente se alguém deixasse de rondá-la, ela poderia sentir-se intrigada. E não é - se apressou em assegurar-lhe que Hermione veja todas essas atenções dos cavalheiros por ela como se o merecesse. Realmente, é justamente o contrário. Para ser honesta, em sua maioria é uma chateação.

- Seus elogios me afligem. - Mas ele estava sorrindo -só um pouco- quando disse.

- Nunca tive muita experiência com os elogios - admitiu ela.

-Aparentemente não.

Ela sorriu suavemente. Ele não tinha querido insultá-la com suas palavras, e não ia tomá-las como tal.

- Ela voltará a si.

- Acredita?

- Claro. Terá que fazê-lo. Hermione é uma romântica, mas entende como funciona o mundo. Em seu interior sabe que não pode casar-se com o Sr. Edmonds. Simplesmente não pode fazê-lo. Seus pais a repudiarão, ou no menor dos casos a ameaçarão, e ela não é das que se arriscaria a algo assim.

- Se ela realmente amasse a alguém - disse ele suavemente-. Se arriscaria a tudo.

Lucy gelou. Havia algo em sua voz. Algo rude, algo poderoso. Um calafrio percorreu sua pele, lhe arrepiando a carne, deixando-a estranhamente incapaz de mover-se.

Tinha que lhe perguntar. Tinha que fazê-lo. Tinha que saber.

- Você o faria? -sussurrou ela-. Arriscaria tudo?

Ele não se moveu, mas seus olhos ardiam. E não duvidou quando disse:

- Tudo.

Seus lábios se afastaram. Com surpresa? Temor? Algo mais?

- Faria-o você? -respondeu ele.

- Eu... não estou certa. - Agitou a cabeça, e tinha o estranho pressentimento de que realmente não se conhecia assim mesma. Porque essa devia ter sido uma pergunta fácil. Teria sido, há uns dias. Poderia-lhe ter dito que é claro que não, e lhe poderia dizer que ela era muito prática para algo tão tolo.

E em geral, diria que esse tipo de amor não existia, de qualquer modo.

Mas algo tinha mudado, e não sabia o que. Algo tinha mudado em seu interior, deixando-a desequilibrada.

Insegura.

- Não sei -disse ela outra vez-. Suponho que isso depende.

- Do que? -E sua voz se suavizou inclusive um pouco mais. Era incrivelmente suave, mas ainda assim, ela podia entender cada palavra.

- Desde... - não sabia. Como podia saber de que dependeria? Sentia-se perdida, e afundada, e... e... e as palavras apenas saíram. Escorregaram-se suavemente de seus lábios-. Do amor, suponho.

- Do amor.

- Sim. - Céu santo, Quando tinha tido uma conversa como esta? As pessoas realmente falavam dessas coisas? E acaso havia alguma resposta?

Algo se obstruiu em sua garganta, e Lucy se sentiu repentinamente muito só em sua ignorância. Ele sabia, Hermione sabia, e os poetas falavam sobre isso também.

Ela parecia ser a única alma perdida, a única pessoa que não entendia o que era o amor, quem nem sequer estava certa que existisse, ou se inclusive, existia para ela.

- Como se sente - disse ela finalmente, porque não sabia que mais podia dizer-. Como se sente o amor. No que se sente.

Seus olhos se cravaram nos dele.

- Acredita que há alguma diferença?

Ela não tinha esperado outra pergunta. Ainda estava tentando entender a última.

- Como se sente o amor - clareou ele-. Você acredita que possivelmente poderia ser diferente para cada pessoa? Se você amar a alguém, verdadeira e profundamente, não o sentiria como se isso fosse tudo?

Não sabia que lhe dizer.

Ele se voltou e avançou uns passos para a janela.

- Consumiria-a - disse-. Como não poderia fazê-lo?

Lucy só olhava suas costas, hipnotizada pela forma em que sua jaqueta elegantemente cortada, estendia-se em seus ombros. Era a coisa mais estranha, mas parecia não poder afastar seu olhar do pequeno ponto aonde seu cabelo tocava seu pescoço.

Quase saltou quando ele se virou.

- Não haveria nenhuma dúvida - disse ele, sua voz era baixa com a intensidade de um verdadeiro crente-. Você simplesmente saberia. Sentiria como se fosse tudo o que tinha sonhado na vida, e depois sentiria que inclusive esse sentimento o supera.

Caminhou para ela. Uma vez. Depois outra vez. E então disse:

- Isso, acredito eu, é como deve ser o amor.

E nesse momento Lucy soube que não estava destinada a sentir-se dessa maneira. Se isso existia - se o amor existia, da forma em que Gregory Bridgerton imaginava- não esperava por ela. Não poderia imaginar tal voragem de emoções. E não o desfrutaria. Estava segura disso. Não queria sentir-se perdida em um torvelinho, a mercê de algo que estava além de seu controle.

Não queria a miséria. Não queria o desespero. E se isso significasse que também tinha que desterrar a felicidade e o êxtase, então assim seria.

Ergueu a vista para a sua, o que a fez ofegar pela gravidade de suas próprias revelações.

- É muito - se escutou dizer-. Isso seria muito. Eu não poderia... não poderia...

Lentamente, ele negou com a cabeça.

- Não teria escolha. Estaria além de seu controle. Só ocorre.

Abriu a boca surpreendida.

- Isso foi o que ela disse.

- Quem?

Quando respondeu, sua voz soava estranhamente distante, como se estivesse extraindo as palavras diretamente de sua memória.

- Hermione -disse-. Isso foi o que Hermione disse sobre o Sr. Edmonds.

Os lábios do Gregory se apertaram nos cantos.

- Fez isso?

Lucy assentiu lentamente.

- Quase exatamente. Disse que isso só ocorria. Em um instante.

- Disse isso? - as palavras soavam como um eco, e de fato, isso era tudo o que ele podia fazer - sussurrar perguntas insubstanciais, procurando sua verificação, esperando que talvez ele tivesse escutado mau, e ela poderia replicar com algo completamente diferente.

Mas claro, ela não o fez. De fato, era pior do que tinha temido. Disse:

- Ela estava no jardim, isso foi o que disse, simplesmente olhando as rosas, e então foi quando o viu. E soube.

Gregory só a olhava fixamente. Sentia um vazio no peito, a garganta apertada. Isso não era o que queria escutar. Maldição, essa era a última coisa que queria ouvir.

Ela levantou o olhar para ele, e seus olhos, cinzas na tênue luz da noite, encontraram-se com os seus de uma maneira estranhamente íntima. Era como se a conhecesse, como se soubesse o que ia dizer lhe, e como seria a expressão de seu rosto quando o dissesse. Era estranho, e aterrador, e mais que tudo, incômodo, porque esta não era a Honorável Srta. Hermione Watson.

Esta era Lady Lucinda Abernathy, e ela não era a mulher com quem pensava viver o resto de sua vida.

Ela era totalmente agradável, completamente inteligente, e certamente mais que atraente. Mas Lucy Abernathy não era para ele. E quase sorriu, porque tudo poderia ser mais fácil se seu coração tivesse pulsado rapidamente quando a viu pela primeira vez. Possivelmente estivesse virtualmente comprometida, mas não estava apaixonada. Disso estava certo.

Mas Hermione Watson...

- O que disse ela? - sussurrou ele, temeroso da resposta.

Lady Lucinda inclinou a cabeça a um lado, e parecia estar muito confusa.

- Disse que nem sequer tinha visto seu rosto. Só sua nuca.

Só sua nuca.

- E então ele se voltou, e ela escutou música, e tudo o que pôde pensar foi...

Estou arruinado.

- Estou arruinada. Isso foi o que me disse. - Olhou-o, ainda tinha a cabeça inclinada curiosamente a um lado-. Pode imaginar? Arruinada? De todas as coisas que poderia ter dito. Nem sequer posso compreender isso.

Mas ele podia. Podia.

Exatamente.

Olhou para Lady Lucinda, e se deu conta que ela estava olhando para seu rosto. Ainda parecia confusa. E interessada. E um pouco desconcertada quando lhe perguntou:

- Não lhe parece estranho?

- Sim. - Só era uma palavra, mas todo seu coração estava envolto com ela. Porque isso era estranho. Cortava-o como se fora uma faca. Não se supunha que ela devia sentir-se assim por alguém mais.

Essa não era a forma como supunha que acontecia.

E então, como se o feitiço se tivesse quebrado, Lady Lucinda se voltou e caminhou para a direita. Deu uma olhada às prateleiras dos livros - e não era como se pudesse distinguir os títulos com tão pouca luz- e passou os dedos pelos lombos.

Gregory observou sua mão; não sabia por que. Só a olhou enquanto a movia. Ela era muito elegante, compreendeu. A princípio não era muito notável, porque sua aparência era muito sadia e tradicional. As pessoas esperavam que a elegância brilhasse como a seda, que resplandecesse, que as deixasse atordoado. A elegância era uma orquídea, não uma simples margarida.

Mas quando Lady Lucinda se moveu, parecia diferente. Parecia fluir.

Devia ser uma excelente bailarina. Estava certo disso.

Embora não estivesse completamente certo do por que, isso lhe importava.

- Sinto-o - disse ela, dando-a volta de repente.

- Sobre a Srta. Watson?

- Sim. Não quis ferir seus sentimentos.

- Você não o fez - disse ele, possivelmente muito alto.

- Ah. -Pestanejou, possivelmente com surpresa. - Me alegro. De verdade não quis fazê-lo.

Não quis fazê-lo, compreendeu ele. Ela não era esse tipo de pessoa.

Seus lábios se afastaram, mas não falou em seguida. Seus olhos pareciam concentrados em um ponto além de seu ombro, como se estivesse procurando atrás dele as palavras corretas.

- É somente que... Bom, quando você disse o que disse sobre o amor - começou-, soava tão familiar. Realmente não poderia entender isso.

- Eu tampouco posso - disse ele suavemente.

Ela permaneceu em silêncio, olhando-o simplesmente. Seus lábios estavam franzidos - só um pouco- e de vez em quando pestanejava. Não era um movimento de coqueteria, mas era algo bastante deliberado.

Estava pensando, compreendeu. Era o tipo de mulher que pensava nas coisas, provavelmente pela frustração interminável de alguém que se ocupava da tarefa de guiar-se na vida.

- O que fará agora? -perguntou ela.

- Sobre a Srta. Watson?

Ela assentiu com a cabeça.

- O que pensa você que devo fazer?

- Não estou certa -disse-. Poderia lhe falar em seu nome, se lhe parecer.

- Não. - Algo assim lhe parecia muito juvenil. E Gregory mal tinha começado a sentir-se como um verdadeiro homem, amadurecido, preparado para fazer seu próprio caminho.

- Então, pode esperar - disse ela com um diminuto encolhimento de ombros-. Ou pode proceder e tentar cortejá-la de novo. Ela não terá a oportunidade de ver o Sr. Edmonds durante pelo menos um mês, e eu acredito que... eventualmente ela poderia dar-se conta...

Mas ela não terminou. E ele queria saber.

- Dar-se conta do que? - pressionou-a.

Olhou-o, como se acabasse de despertar de um sonho.

- De que você... que você... que você é muito melhor que o resto. Não sei por que ela não pode dar-se conta disso. É muito claro para mim.

Se viesse de alguém mais, isso poderia ter sido uma estranha declaração. Possivelmente, muito atirada. Talvez fosse um sinal coquete de disponibilidade.

Mas não vindo dela. Não era uma pessoa manipuladora, era o tipo de mulher em que um homem poderia confiar. Parecia-se com suas irmãs, supôs, com um engenho perspicaz e um marcado senso de humor. Possivelmente Lucy Abernathy nunca inspiraria aos poetas, mas poderia ser uma excelente amiga.

- Passará - disse ela, com a voz suave mas segura-. Ela o compreenderá. Você e Hermione estarão juntos. Estou certa.

Ele observou seus lábios enquanto falava. Não sabia a razão, mas a forma deles era repentinamente intrigante, a forma como se moviam, formando as consoantes e as vocais. Eram lábios comuns. Nada neles lhe tinha chamado sua atenção antes. Mas agora, na escuridão da biblioteca, com nada no ar além do suave sussurro de suas vozes...

Perguntou-se o que aconteceria se a beijasse.

Afastou-se, sentindo-se de repente, abrumadoramente mau.

- Devemos retornar - disse ele abruptamente.

Uma piscada de dor passou por seus olhos. Maldição. Não tinha querido soar como se estivesse desejoso de livrar-se dela. Nada disso era sua culpa. Só estava cansado. E frustrado. E ela estava ali. E a noite era escura. E estavam sozinhos.

E isso não tinha sido desejo. Não poderia ter sido desejo. Tinha esperado toda sua vida por reagir ante uma mulher, da forma em que o tinha feito com Hermione

Watson. Possivelmente não podia sentir desejo por outra mulher depois disso. Nem por Lady Lucinda, nem por ninguém.

Isso não era nada. Ela era nada.

Não, isso não era justo. Ela era algo. Em realidade, muito importante. Mas não para ele.

Capítulo 6
No que nosso herói consegue progredir.

Deus santo, O que havia dito?

Esse único pensamento rondou pela mente de Lucy enquanto jazia na cama essa noite, muito horrorizada inclusive para dar voltas. Deitou sobre suas costas, olhando fixamente o teto, absolutamente quieta, absolutamente mortificada.

Na manhã seguinte, quando se olhou no espelho, suspirando ao ver a cansada cor lavanda debaixo de seus olhos, ali estava de novo...

OH, Sr. Bridgerton, você é muito melhor que o resto.

E cada vez que o revivia, a voz em sua memória crescia um pouco mais, mais irritante, até que se converteu em uma dessas horríveis criaturas - as moças que tremiam e se deprimiam cada vez que algum irmão mais velho vinha de visita a escola.

- Lucy Abernathy - murmurou entre dentes-. É uma vaca tola.

- Disse algo? -Hermione ergueu o olhar para ela, de seu lugar próximo à cama. Lucy já tinha em sua mão o trinco da porta, pronta para ir tomar o café da manhã.

- Só estou fazendo somas em minha cabeça - mentiu Lucy.

Hermione retornou para calçar os sapatos.

- Pelo amor de Deus, por quê? - disse, principalmente para si mesma.

Lucy encolheu os ombros, embora Hermione não estivesse olhando-a. Sempre dizia que estava fazendo somas em sua cabeça quando Hermione a surpreendia falando sozinha.

Não tinha nem idéia porque Hermione acreditava; Lucy detestava somas, quase tanto como odiava frações e tabelas. Mas parecia o tipo de coisas que podia fazer, tão prática como era, e Hermione nunca tinha questionado.

De vez em quando Lucy resmungava um número, só para fazer a sua atuação mais autêntica.

- Pronta para descer? - perguntou Lucy, enquanto virava à maçaneta . E não é que ela o estivesse. A última coisa que desejava era ver, bem, a ninguém. Ao Sr. Bridgerton em particular, é claro, mas o pensamento de enfrentar ao mundo em geral, era simplesmente horrível.

Mas tinha fome, e tinha que mostrar-se no futuro, e não via por que sua miséria devia cair em um estômago vazio.

Enquanto caminhavam para ir tomar o café da manhã, Hermione a olhou com curiosidade.

- Está bem, Lucy? -perguntou-lhe-. Parece um pouco estranha.

Lucy lutou contra o impulso de sorrir. Ela era estranha. Era uma idiota, e provavelmente não deveria andar solta em público.

Bom Deus, realmente havia dito ao Gregory Bridgerton que era melhor que o resto?

Queria morrer. Ou pelo menos, esconder-se debaixo da cama.

Mas não, não podia conseguir fingir enfermidade e nem sequer era uma boa mentirosa. Nem sequer lhe tinha ocorrido tentá-lo. Era tão ridiculamente normal e rotineira, que se tinha levantado, e estava pronta para ir tomar o café da manhã antes de poder ter um simples pensamento coerente.

Além de ponderar sua aparente loucura, é claro. Por isso não se concentrou no problema.

- Bom, você fez muito bem, de qualquer modo - disse Hermione quando chegaram ao topo das escadas. - Me agrada sua escolha de uma fita verde com esse vestido azul.

Não tinha pensado nisso, mas é muito inteligente. E parece tão linda com seus olhos.

Lucy desceu o olhar para sua roupa. Não recordava ter se vestido. Era um milagre que não parecesse como se escapasse de um circo cigano.

Embora...

Soltou um pequeno suspiro. Escapar com os ciganos soava muito atraente, inclusive prático, já que estava bastante certa de que nunca deveria mostrar seu rosto de novo frente à sociedade educada. Claramente tinha perdido um extremamente importante vaso conector entre seu cérebro e sua boca, e só o céu sabia o que em seguida poderia sair de seus lábios.

Meu Deus! Também poderia ter dito a Gregory Bridgerton que achava um deus.

O que não fez. Absolutamente. Simplesmente pensava nele, como em um para bastante bom para Hermione. E ela havia dito isso a ele. Não é certo?

O que lhe havia dito? Exatamente, o que lhe havia dito?

- Lucy?

Havia-lhe dito que era... lhe havia dito que era...

Deteve-se, consternada.

Queridíssimo Deus. Ele ia pensar que ela o queria.

Hermione seguiu caminhando antes de compreender que Lucy já não estava caminhando a seu lado.

- Lucy?

- Sabe - disse Lucy, em uma voz um pouco gritante-, acho que não tenho fome depois de tudo.

Hermione a olhou com incredulidade.

- No café da manhã?

Isso era muito pouco provável. Lucy sempre comia no café da manhã como um marinheiro.

- Eu... ah, acho que algo não me caiu bem ontem à noite. Possivelmente foi o salmão. - pôs uma mão sobre o estômago para acrescentar mais efeito-. Acho que devo me deitar.

E nunca levantar-se.

- Parece um pouco verde - disse Hermione.

Lucy sorriu fracamente, tomando a decisão consciente de estar agradecida pelos pequenos favores.

- Quer que lhe traga algo? - perguntou Hermione.

- Sim - disse Lucy com ardor, esperando que Hermione não tivesse escutado o ruído de seu estômago.

- OH, mas não devo fazê-lo - disse Hermione, pondo um dedo pensativo nos lábios-. Provavelmente não deveria comer se se sente doente do estômago. A última coisa que precisa é vomitar tudo depois.

- Não estou doente do estômago, exatamente - improvisou Lucy.

- Não?

- É... ah… muito difícil de explicar, de verdade. Eu... - Lucy se curvou contra a parede. Quem sabia se ela no fundo fosse uma boa atriz?

Hermione se apressou a seu lado, mostrando um cenho de preocupação em sua fronte.

- OH querida - disse, apoiando ao Lucy com um braço ao redor de suas costas-. Parece horrível.

Lucy pestanejou. Possivelmente se estivesse doente. Muito melhor. Isso a manteria encerrada durante dias.

- Vou levá-la para à cama - disse Hermione, seu tom não tolerava nenhuma discussão-. E depois chamarei mamãe. Ela saberá o que fazer.

Lucy assentiu aliviada. O remédio de Lady Watson para qualquer classe de doença eram o chocolate e as bolachas. Pouco ortodoxo, isso era seguro, mas como era o que a mãe do Hermione escolhia sempre que ela dizia que estava doente, não podia negar a ninguém mais.

Hermione a guiou de retorno a seu quarto, inclusive chegou ao ponto de lhe tirar as sapatilhas antes que recostasse na cama.

- Se não a conhecesse tão bem - disse Hermione, jogando as sapatilhas descuidadamente no armário-, pensaria que está fingindo.

- Nunca o faria.

- OH, claro que o faria - disse Hermione-. Estou completamente segura. Mas nunca levaria a cabo. É muito tradicional.

Tradicional? O que isso tinha a ver?

Hermione soltou uma respiração irritada.

- Provavelmente terei que me sentar para tomar o café da manhã com o aborrecido Sr. Bridgerton.

- Ele não é tão terrível - disse Lucy, com talvez, um pouco mais de brio, que se poderia esperar de alguém com o estômago cheio de salmão em mal estado.

- Suponho que não - acessou Hermione-. Ele é melhor que a maioria, suponho.

Lucy fez uma careta de dor ao evocar suas próprias palavras. É muito melhor que o resto. Muito melhor que o resto.

Com certeza era a coisa mais espantosa que tinha saído de seus lábios.

- Mas ele não é para mim - continuou Hermione, ignorando o sofrimento de Lucy. - Ele compreenderá muito em breve. E então mudará suas atenções a alguém mais.

Lucy duvidava, mas não disse nada. Tudo era um rolo. Hermione estava apaixonada por Sr. Edmonds, o Sr. Bridgerton estava apaixonado pelo Hermione, e Lucy não estava apaixonada pelo Sr. Bridgerton.

Mas ele achava que estava.

O que não tinha sentido, é claro. Nunca permitiria que isso acontecesse, estava virtualmente comprometida com Lorde Haselby.

Haselby. Esteve a ponto de gemer. Tudo poderia ser muito mais fácil se ao menos pudesse recordar seu rosto.

- Talvez deveria chamar para que nos tragam o café da manhã - disse Hermione, com o rosto tão iluminado como se de repente tivesse descoberto um novo continente-. Acha que nos enviariam uma bandeja?

OH, raios. Para ali foram todos seus planos. Agora Hermione tinha uma desculpa para permanecer todo o dia em seu quarto. E o seguinte, também, se Lucy continuasse fingindo-se doente.

- Não sei por que não pensei antes nisso - disse Hermione, enquanto se dirigia a campainha - . Seria muito melhor que eu permanecesse com você aqui.

- Não - disparou Lucy, com seu cérebro virando rapidamente.

- Por que não?

Exato. Lucy pensou rapidamente.

- Se faz trazer uma bandeja, não terá o que quer.

- Mas eu sei o que quero. Ovos mornos e torradas. Certamente eles podem trazer isso.

- Mas eu não quero ovos mornos e torradas. - Lucy tratou de manter uma expressão lastimosa e patética enquanto podia-. Você conhece meus gostos muito bem. Se for ao salão do café da manhã, estou segura que encontrará exatamente o que quero.

- Mas eu pensei que não ia comer.

Lucy voltou a pôr a mão no estômago.

- Bom, poderia querer comer um pouco.

- OH, muito bem - disse Hermione, soando mais impaciente que outra coisa-. O que quer?

- Bem, possivelmente um pouco de toucinho?

- Com o estômago como um peixe?

- Não estou certa de que tenha sido o pescado.

Por um longo momento, Hermione ficou ali, olhando-a.

- Só toucinho, então? -perguntou ela finalmente.

- Bem, e algo mais que ache que posso desfrutar - disse Lucy, já que teria sido muito fácil lhe pedir o toucinho.

Hermione soltou um suspiro de cansaço.

- Retornarei logo. - Olhou Lucy com uma expressão ligeiramente suspeita-. Não se esforce.

- Não o farei - prometeu Lucy. Sorriu-lhe à porta quando esta se fechou atrás de Hermione. Contou até dez, depois saltou da cama e correu para o armário para endireitar suas sapatilhas. Uma vez que tudo ficou a sua inteira satisfação, agarrou um livro, voltou-se para a cama para recostar-se, e leu.

Depois de tudo, estava sendo uma manhã estupenda.

Quando Gregory entrou em no do café da manhã, sentia-se muito melhor. O que tinha acontecido na noite anterior, não tinha sido nada. Virtualmente tinha esquecido.

Não era como se ele tivesse querido beijar Lady Lucinda. Simplesmente se tinha perguntado por isso, o que estava a um mundo de diferença.

Simplesmente era um homem, antes de tudo. Perguntou-se coisas sobre centenas de mulheres, a maioria do tempo sem sequer ter qualquer intenção de lhes falar. Todos nos perguntávamos coisas. Era o que se fazia que representava a diferença.

O que seus irmãos - seus felizmente casados irmãos, poderiam acrescentar, haviam dito alguma vez? Que o matrimônio não os tinha deixado cegos. Possivelmente não andavam em busca de outras mulheres, mas isso não significava que não notassem o que ficava em frente deles. Assim fora uma garçonete com seios extremamente grandes ou uma jovem dama apropriada com um - bom, com um par de lábios – não se poderia evitar ver a parte do corpo em questão.

E se alguém a visse, então claro que se poderia perguntar, e...

E nada. Tudo se reduzia a um nada.

O que significava que Gregory poderia comer seu café da manhã com a mente limpa.

Os ovos eram bons para a alma, decidiu. O toucinho, também.

Ele era o único ocupante do salão do café da manhã além do cinqüentão e perpetuamente engomado Sr. Snowe, que estava agradecidamente mais interessado em seu periódico que em conversar. Depois dos obrigatórios grunhidos de saudação, Gregory se sentou no extremo oposto da mesa e começou a comer.

A salsicha estava excelente essa manhã. E as torradas também eram excepcionais. Necessitavam de um pouco de manteiga. Aos ovos fazia falta um pouco de sal, mas além disso tudo estava muito saboroso.

Provou o bacalhau salgado. Não estava mau. Absolutamente.

Tomou outra dentada. Mastigou. Desfrutou-o. Teve pensamentos muito profundos sobre a política e a agricultura.

Trocou determinadamente à física Newtoniana. Em realidade devia ter prestado mais atenção no Eton, porque não podia identificar a diferença entra a força e o trabalho.

Vejamos, o trabalho estava relacionado com os julhos, e a força estava...

Nem sequer esta realmente intrigado. Honestamente, tudo poderia ser culpa de algum truque da luz. E de seu humor. havia-se sentido um pouco apagado. Tinha estado olhando sua boca porque ela estava falando, pela graça de Deus. Onde mais tinha tido que olhar?

Recolheu seu garfo com renovado vigor. Voltou para o bacalhau. E a seu chá. Nada o enchia mais que o chá.

Tomou um grande gole, olhando sobre a borda de sua taça quando escutou que alguém vinha pelo corredor.

Ela encheu a porta.

Pestanejou surpreso, depois olhou por cima de seu ombro. Ela tinha chegado sem seu membro extra.

Agora que pensava nisso, nunca tinha visto a Srta. Watson sem Lady Lucinda.

- Bom dia - soltou ele, no preciso tom correto. O suficientemente amistoso para não parecer aborrecido, mas não muito amistoso. Um homem nunca queria parecer tão desesperado.

A Srta. Watson o olhava enquanto estava de pé, e seu rosto não registrava absolutamente nenhuma emoção. Nem felicidade, nem ira, nada além de uma simples piscada de reconhecimento. Era bastante notável, em realidade.

- Bom dia - murmurou ela.

Então, demônios, por que não.

- Acompanhará-me? -perguntou-lhe.

Seus lábios se separaram e se deteve, como se não estivesse muito segura do que desejava fazer. E então, como se lhe oferecesse uma prova perversa de que eles compartilhavam algum tipo de conexão muito forte, lhe leu a mente.

Sério. Sabia exatamente o que ela estava pensando.

OH, muito bem, suponho que tenho que tomar o café da manhã, de qualquer modo.

Isso sem dúvida esquentava a alma.

- Não posso ficar muito tempo - disse a Srta. Watson-. Lucy está doente, e prometi lhe levar uma bandeja.

Era muito difícil imaginar a indomável Lady Lucinda doente, embora Gregory não soubesse por que. Não era como se ele a conhecesse. Em realidade, só tinham conversado em poucas ocasiões. Por acaso.

- Espero que não seja nada sério - murmurou ele.

- Não acredito - respondeu ela, enquanto tomava um prato. Levantou o olhar para ele, pestanejando com esses assombrosos olhos verdes-. Você comeu pescado?

Baixou o olhar para seu bacalhau.

- Agora?

- Não, ontem à noite.

- Acredito que sim. Normalmente como de tudo.

Seus lábios se franziram por um momento, e murmurou:

- Eu também comi.

Gregory esperou uma explicação mais extensa, mas ela não parecia querer lhe oferecer nenhuma. Por isso permaneceu de pé, enquanto ela colocava suavemente delicadas porções de ovos e presunto em seu prato. Então, depois de um momento de deliberação...

Realmente tenho fome? Porque se mais comida ponho em meu prato, mais tempo demorarei para consumi-la. Aqui. No salão do café da manhã. Com ele.

Ela tomou um pedaço de torrada.

Hmmm. Sim, tenho fome.

Gregory esperou até que ela tomou assento frente a ele, e se sentou. A Srta. Watson lhe ofereceu um pequeno sorriso - era tão pequeno que realmente não tinha sido nada mais que um enrugar de lábios- e passou a comer seus ovos.

- Dormiu bem? - perguntou Gregory.

Ela limpou a boca com o guardanapo.

- Muito bem, obrigada.

- Eu não - anunciou ele. Demônios, se a conversa educada não funcionava para atraí-la, possivelmente devia optar por algo surpreendente.

Olhou-o.

- Sinto muito. - E então baixou a cabeça de novo. E comeu.

- Tive um sonho horrível -disse ele-. Um pesadelo, em realidade. Horripilante.

Ela tomou sua faca e cortou seu toucinho.

- Sinto muito - disse, ignorando aparentemente que havia dito as mesmas palavras só há uns momentos.

- Não posso recordar exatamente de que se tratava - meditou Gregory. Estava inventando tudo, é claro. Não tinha adormecido bem, mas não porque tivesse tido um pesadelo.

Mas ia fazê-la falar com ele, embora morresse no esforço. - Você recorda seus sonhos? -perguntou-lhe.

Seu garfo se deteve na metade do caminho para sua boca, e aí estava essa deliciosa conexão de mentes de novo.

Em nome de Deus, por que me está perguntando isso?

Bom, possivelmente não era em nome de Deus. Isso requereria um pouco mais de emoção do que ela parecia possuir. Pelo menos com ele.

- Bem, não - disse-. Normalmente não.

- Sério? Que intrigante. Estimo que posso recordar os meus a metade do tempo.

Ela assentiu com a cabeça.

Se concordava, não teria que lhe dizer nada.

Ele persistiu.

- Meu sonho de ontem à noite era bastante vívido. Havia uma tormenta. Raios e centelhas. Muito dramático.

Ela virou seu pescoço, sempre tão devagar, e olhou sobre seu ombro.

- Srta. Watson?

Ela se voltou.

- Pensei que tinha escutado algo.

Esperava ter escutado algo.

Realmente, esse talento de ler a mente estava começando a ficar tedioso.

- Bem -disse ele-. Bom, por onde ia?

A Srta. Watson começou a comer muito rapidamente.

Gregory se inclinou para diante. Ela não lhe ia escapar tão facilmente.

- OH, sim, a chuva - disse-. Estava chovendo. Um absoluto dilúvio. E a terra começou a afundar-se sob meus pés. Me tragando.

Ele fez uma pausa, de propósito, e então manteve os olhos cravados em seu rosto para forçá-la a que lhe dissesse algo.

Depois de um momento de silêncio bastante embaraçoso, ela mudou seu olhar finalmente da comida para seu rosto. Uma pequena porção de ovo tremeu no bordo de seu garfo.

- A terra se estava afundando - disse ele. E quase sorriu.

- Que desagradável.

- Foi - disse, com grande animação-. Pensei que me ia tragar inteiro.

Sentiu-se alguma vez assim, Srta. Watson?

Silêncio. E depois:

- Não. Não. Não posso afirmar.

Ele tocou o lóbulo de sua orelha ociosamente, e depois disse, com muita desenvoltura:

- Acho que não desfrutei muito.

Pensou que ela poderia cuspir seu chá.

- Bom, em realidade - continuou ele-. A quem gostaria?

E pela primeira vez desde que a conhecia, pensou que viu um deslize da máscara de desinteresse de seus olhos quando disse, com muito sentimento:

- Não tenho idéia.

Inclusive meneou a cabeça. Três coisas de uma vez! Uma frase completa, um pouco de emoção, e uma agitação de cabeça.

Por George, que podia comunicar-se com ela.

- O que aconteceu depois, Sr. Bridgerton?

Deus Santo, lhe tinha feito uma pergunta. Poderia cair de sua cadeira.

- Em realidade - disse ele-. Despertei.

- Isso foi muito afortunado.

- Pensei o mesmo. Eles dizem que se morrer em seus sonhos, morre enquanto dorme.

Seus olhos se abriram como pratos.

- Eles dizem?

- Eles são meus irmãos - admitiu-. Você é livre de avaliar essa informação apoiada nessa fonte.

- Eu tenho um irmão - disse ela-. Encanta-o me atormentar.

Gregory lhe ofereceu uma grave inclinação.

- É esse o trabalho dos irmãos.

- Você atormenta a suas irmãs?

- Só a mais jovem.

- Porque ela é menor.

- Não, é porque o merece.

Ela riu.

- Sr. Bridgerton, você é terrível.

Ele sorriu devagar.

- Você não conhece Hyacinth.

- Se ela o perturba o suficiente para que você deseje atormentá-la, estou certa de que a adoraria.

Ele se reclinou, desfrutando do sentimento de facilidade. Era agradável não ter que trabalhar tão duro.

- Então, seu irmão é mais velho que você?

Ela assentiu.

- Ele me atormenta porque sou menor.

- Quer dizer que você não o merece?

- É claro que não.

Realmente não podia afirmar se ela estava sendo divertida.

- Onde está seu irmão?

- No Trinity Hall. -Tomou o último bocado de seus ovos-. Em Cambridge. O irmão de Lucy também está lá. Foi estudante por um ano.

Gregory não sabia por que ela estava lhe dizendo isso. Não estava interessado no irmão da Lucinda Abernathy.

A Srta. Watson cortou outra porção de toucinho e levantou o garfo para sua boca. Gregory também comeu, olhando-a furtivamente enquanto mastigava. Deus, era linda.

Pensou que nunca tinha visto uma mulher com essa cor de pele. Em realidade, era sua pele. Imaginou que a maioria dos homens pensavam que sua beleza se devia a seu cabelo e a seus olhos, e era certo que esses eram os traços que inicialmente congelavam a um homem. Mas sua pele era como o alabastro, colocado sobre uma pétala de rosa.

Deteve-se no meio da mastigação. Não tinha idéia de que podia ser tão poético.

A Srta. Watson baixou seu garfo.

- Bom - disse, com o mais diminuto dos suspiros-. Suponho que devo preparar esse prato para Lucy.

Ficou de pé imediatamente para ajudá-la. Céus Santos, ela aparentava não querer partir. Gregory se felicitou por esse café da manhã extremamente produtivo.

- Procurarei a alguém para que o leve por você - disse ele, fazendo gestos a um lacaio.

- OH, isso seria estupendo. - Sorriu-lhe agradecidamente, e seu coração saltou de um golpe, literalmente. Tinha pensado que isso simplesmente era uma figura retórica, mas agora sabia que era verdade. O amor realmente podia afetar os órgãos internos das pessoas.

- Por favor, ofereça à Lady Lucinda meus melhores desejos - disse, olhando curiosamente como a Srta. Watson empilhava cinco rodelas de carne no prato.

- Lucy gosta do toucinho - disse ela.

- Já o vejo.

E então passou a tirar com colher os ovos, o bacalhau, as batatas, os tomates e em outro prato pãozinhos e torradas.

- O café da manhã sempre foi sua comida favorita - disse a Srta. Watson.

- Também a minha.

- Direi-lhe isso.

- Não posso imaginar porque lhe importaria isso.

Uma criada tinha entrado no salão com uma bandeja, e a Srta. Watson pôs os pratos nela.

- OH, importará-lhe - disse ela jovialmente-. Para Lucy tudo importa. Inclusive, faz somas em sua cabeça. Por diversão.

- Está brincando. - Gregory não podia imaginar uma maneira menos agradável de manter-se ocupado.

Ela pôs a mão no coração.

- Juro. Penso que ela está tratando de melhorar sua mente, porque nunca foi muito boa com a matemática. - dirigiu-se para a porta, e então se voltou para enfrentá-lo-.

O café da manhã foi estupendo, Sr. Bridgerton. Obrigada por sua companhia e pela conversa.

Ele inclinou a cabeça.

- O prazer é todo meu.

Exceto que não tinha sido. Ela tinha desfrutado de seu tempo juntos, também. Podia vê-lo em seu sorriso. E em seus olhos.

E isso o fazia sentir-se como um rei.

- Sabia que se morrer em seus sonhos, morre enquanto dorme?

Lucy nem sequer deixou de cortar seu toucinho.

- Isso não tem sentido - disse-. Quem te disse isso?

Hermione se sentou na beira da cama.

- O Sr. Bridgerton.

Agora isso estava acima do toucinho. Lucy levantou o olhar imediatamente.

- Então se encontrou com ele no café da manhã?

Hermione assentiu com a cabeça.

- Sentamo-nos frente a frente. Ajudou-me a organizar a bandeja.

Lucy observou seu enorme café da manhã com consternação. Normalmente conseguia esconder seu feroz apetite perdendo o tempo na mesa do café da manhã, então se servia novamente depois de que a primeira onda de convidados se saia.

OH bom, não podia fazer nada a respeito. Gregory Bridgerton certamente estaria pensando que ela era um pato, também, pensaria que era um pato que pesaria oitenta quilos no final do ano.

- Em realidade, ele é muito divertido - disse Hermione, enquanto fazia virar seu cabelo ausentemente.

- Escutei que ele é muito encantador.

- Mmmmm.

Lucy olhou para sua amiga estreitamente. Hermione estava olhando fixamente fora da janela, e se não tivesse esse ridículo olhar de estou-memorizando-un-soneto-de-amor, ao final conseguiria compor uma canção ou duas.

- Ele é extremamente bonito - disse Lucy. Não parecia fazer nenhum dano ao confessá-lo. Não é como se estivesse planejando tirar o chapéu por ele, além disso sua aparência era suficientemente agradável para ser interpretada como uma declaração de um fato, em lugar de uma opinião.

- Acha? -perguntou Hermione. voltou-se para Lucy, inclinando a cabeça pensativamente a um lado.

- OH, sim -respondeu Lucy-. Seus olhos, em particular. Tenho fraqueza pelos olhos avelã. Sempre foi assim.

Em realidade, nunca tinha considerado isso de maneira nenhuma, mas agora que pensava nisso, os olhos avelã eram muito belos. Um pouco castanhos, um pouco verdes.

O melhor de ambos os mundos.

Hermione a olhava com curiosidade.

- Não sabia.

Lucy encolheu os ombros.

- Não lhe disse isso tudo.

Outra mentira. Hermione conhecia cada detalhe aborrecido da vida de Lucy e tinha sido assim durante três anos. Exceto, claro, seus planos de casar Hermione com o Sr. Bridgerton.

O Sr. Bridgerton. Bem. Deveria voltar à conversa sobre ele.

- Mas está de acordo - disse Lucy em sua maioria refletindo em voz alta-, em que ele não é muito bonito. Em realidade, isso é algo bom.

- O Sr. Bridgerton?

- Sim. Seu nariz tem muito caráter, não lhe parece? E tem muito poucas sobrancelhas. - Lucy franziu o cenho. Não se tinha dado conta de que estava tão familiarizada com o rosto do Gregory Bridgerton.

Hermione simplesmente assentiu, por isso Lucy continuou com:

- Não acho que queira me casar com alguém muito bonito. Isso deve ser terrivelmente intimidante. Sentiria-me como um pato cada vez que abrisse a boca.

Hermione riu tolamente pelo fato.

- Como um pato?

Lucy assentiu e decidiu não grasnar. Perguntou-se se os homens que cortejavam Hermione se preocupavam com a mesma coisa.

- Ele tem o cabelo muito escuro - disse Hermione.

- Não tão escuro. - Lucy pensou que seu cabelo era meio castanho.

- Sim, mas o Sr. Edmonds é tão loiro.

O Sr. Edmonds tinha um lindo cabelo loiro, mas Lucy decidiu não comentá-lo. E sabia que devia ser muito cuidadosa a essas alturas. Se pressionasse Hermione com muita força em direção ao Sr. Bridgerton, certamente se negaria e retornaria a seu namorico com o Sr. Edmonds, o qual, é claro, era um completo desastre.

Não, Lucy tinha que ser muito sutil. Se Hermione ia voltar sua devoção para o Sr. Bridgerton, tinha que averiguá-lo ela mesma. Ou pensar que o fazia.

- E sua família é muito inteligente - murmurou Hermione.

- A do Sr. Edmonds? - perguntou Lucy, mal interpretando-a a propósito.

- Não, a do Sr. Bridgerton, é claro. Escutei muitas coisas interessantes sobre eles.

- OH, sim - disse Lucy-. Eu também. Admiro muito Lady Bridgerton. Ela é uma anfitriã maravilhosa.

Hermione assentiu em acordo.

- Acredito que ela prefere você a mim.

- Não seja tola.

- Não me importa - disse Hermione, encolhendo os ombros-. Não é como se eu não gostasse. É somente que prefere a você. As mulheres sempre preferem a você.

Lucy abriu a boca para contradizê-la, mas se deteve, compreendendo que era verdade. Era estranho que nunca o tivesse notado.

- Bom, não é como se fosse casar-se com ela - disse.

Hermione a olhou agudamente.

- Não disse que desejo me casar com o Sr. Bridgerton.

- Não, claro que não - disse Lucy, dando-se pontapés mentalmente. Tinha sabido que essas palavras tinham sido um engano no minuto que saíram de sua boca.

- Mas - Hermione suspirou e se dedicou a olhar para o exterior.

Lucy se inclinou para diante. Então isto era o que significava esperar por uma palavra.

E esperou, e esperou até que não pôde suportar mais.

- Hermione? - perguntou finalmente.

Hermione se atirou na cama.

- OH, Lucy - gemeu, em um tom digno do Covent Garden-. Estou tão confusa.

- Confusa? - Lucy sorriu. Isso tinha que ser algo bom.

- Sim -respondeu Hermione, desde sua posição pouco elegante sobre a cama-. Quando estava sentada na mesa com o Sr. Bridgerton - bom, realmente a princípio pensei coisas muito más sobre ele - mas compreendi que estava desfrutando. Ele é muito divertido, em realidade, e me fez rir.

Lucy não disse nada, esperando que Hermione ordenasse seus pensamentos.

Hermione fez um pouco de ruído, um meio suspiro, um meio gemido. Totalmente de causar pena.

- E então quando compreendi, que o estava olhando e... - rodou para um lado, apoiando-se no cotovelo e sustentando sua cabeça com uma mão-. Vibrei.

Lucy ainda estava tentando digerir o frenético comentário.

- Vibrou? -repetiu-. O que te vibrou?

- Meu estômago. Meu coração. Meu... meu algo. Não sei o que.

- O mesmo lhe passou quando viu o Sr. Edmonds pela primeira vez?

- Não. Não. Não. - Cada não foi dito com uma entonação diferente, e Lucy tinha o estranho pressentimento de que Hermione estava tratando de convencer-se disso.

- Não foi o mesmo absolutamente - disse Hermione-. Mas foi algo parecido. Em uma escala menor.

- Já vejo - disse Lucy, com uma quantidade admirável de gravidade, considerando que ela não entendia nada absolutamente. Mas então como sempre, nunca entendia essa classe de coisas. E depois dessa estranha conversa com o Sr. Bridgerton na noite anterior, estava convencida de que nunca o faria.

- Mas eu pensei que se estiver tão desesperadamente apaixonada por Sr. Edmonds... -, pensa que eu nunca deveria tremer por alguém mais?

Lucy pensou nisso. E então disse:

- Eu não vejo por que o amor tem que ser desesperado.

Hermione se empurrou sobre seus cotovelos e a olhou com curiosidade.

- Essa não foi minha pergunta.

Não foi? E qual foi?

- Bom - disse Lucy, escolhendo suas palavras cuidadosamente-. Possivelmente isso significa...

- Sei o que me vai dizer - atalhou Hermione-. Vai dizer me que isso provavelmente significa que não estou tão apaixonada por Sr. Edmonds como eu

achava. E então me dirá que preciso dar ao Sr. Bridgerton uma oportunidade. E logo me dirá que devo dar uma oportunidade a todos os cavalheiros.

- Bom não a todos - disse Lucy. Mas o resto do que disse foi muito acertado.

- Acha que tudo isto deve me acontecer? Não compreende o terrivelmente angustiante que é tudo isto? Duvidar de mim mesma? E céus, Lucy, Que tal que isto não seja o fim de tudo? E se me acontecer isto de novo? Com alguém mais?

Lucy suspeitava que não lhe tinha pedido que respondesse, mas ainda assim disse:

- Não há nada mau em duvidar de si mesma, Hermione. O casamento é um enorme trabalho. A escolha mais importante de sua vida. Uma vez feita, não pode mudar de opinião.

Lucy tomou um bocado de seu toucinho, recordando-se como agradecida estava de que Lorde Haselby fosse tão conveniente. Sua situação poderia ser muito pior. Mastigou, engoliu e disse:

- Só precisa se dar um pouco de tempo, Hermione. Deve fazê-lo. Não há nenhuma razão para apressar-se no matrimônio.

Fez-se um longo silêncio antes que Hermione respondesse.

- Considero que tem razão.

- Se você verdadeiramente quer estar com o Sr. Edmonds, ele esperará por você. - OH, céus. Lucy não podia acreditar que havia dito isso.

Hermione saltou da cama, para poder ficar ao lado de Lucy e envolvê-la em um abraço.

- OH, Lucy, essa é a coisa mais doce que me disse alguma vez. Sei que não o aceita.

- Bom... - Lucy limpou a garganta, tentando pensar em uma resposta aceitável. Algo que a fizesse sentir menos culpada por não ter mencionado-. Não é que...

Escutou-se uma batida na porta.

OH, graças a Deus.

- Entre - disseram as duas moças ao uníssono.

Uma criada entrou e fez um rápido gesto de cortesia.

- Milady - disse, olhando para Lucy-. Lorde Fennsworth chegou para vê-la.

Lucy ficou sem fôlego ante ela.

-Meu irmão?

- Está esperando-a no salão rosa, milady. Posso lhe informar que vai descer?

- Sim. Sim, é claro.

- Quer que lhe diga algo mais?

Lucy negou com a cabeça lentamente.

- Não, obrigado. Isso é tudo.

A criada partiu, deixando Lucy e Hermione olhando-se mutuamente curiosas.

- Por que acha que Richard está aqui? - perguntou Hermione, com os olhos bem abertos pelo interesse. Encontrou-se com o irmão de Lucy em várias ocasiões, e sempre se deram bem.

- Não sei - Lucy se levantou rapidamente da cama, esquecendo-se de todos seus pensamentos de fingir que tinha dor de estômago-. Espero que tudo esteja bem.

Hermione assentiu e a seguiu até o armário.

- Será que seu tio está doente?

- Não que eu saiba. - Lucy tirou suas sapatilhas e se sentou na beira da cama para voltar a calçá-las nos pés-. O melhor que posso fazer é descer para vê-lo. Se ele estiver aqui, deve ser por algo importante.

Hermione a olhou um momento, e logo perguntou:

- Posso acompanhá-la? Não me intrometerei em sua conversa, é claro. Mas posso descer com você, se o preferir.

Lucy assentiu, e juntas partiram para o salão rosa.

Capítulo 7
No que nosso inesperado convidado entrega notícias angustiantes.

Gregory estava conversando com sua cunhada no salão do café da manhã quando o mordomo a informou de seu inesperado convidado, e naturalmente ele decidiu acompanhá-la ao salão rosa para saudar lorde Fennsworth, o irmão mais velho de Lady Lucinda. Não tinha nada que fazer, e de algum modo parecia que deveria ir encontrar se com o jovem conde, dado que a Srta. Watson tinha falado dele faz um quarto de hora. Gregory só conhecia sua reputação; os quatro anos de diferença de suas idades tinha assegurado que não tivessem cruzado seus caminhos na universidade, e Fennsworth ainda não tinha escolhido tomar seu lugar na sociedade londrino.

Gregory tinha esperado a um tipo estudioso, extremamente devoto à leitura; tinha escutado que Fennsworth tinha escolhido permanecer em Cambridge inclusive quando a escola não estava em temporada. De fato, o cavalheiro que esperava ao lado da janela do salão rosa possuía certa solenidade que o fazia parecer ligeiramente mais velho do que era. Mas Lorde Fennsworth era também alto, magro, e embora talvez fosse um pouco tímido, aparentava um ar de serenidade herdado de algo mais básico que um titulo de nobreza.

O irmão de Lady Lucinda o conhecia, não só porque tinha nascido para ser nobre. Gregory gostou dele imediatamente. Até que ficou claro que ele, como o resto da humanidade masculina, estava apaixonado por Hermione Watson.

O único mistério, em realidade, era a razão pela qual Gregory estava surpreso. Tinha que felicitá-lo - Fennsworth tinha conseguido fazer perguntas em um minuto sobre o bem-estar de sua irmã antes de acrescentar:

- E a Srta. Watson? Unirá-se conosco também?

Não tinha sido tanto pelas palavras mas sim pelo tom, e inclusive não foi tanto pela piscada em seus olhos, mas sim pela faísca de avidez, de antecipação.

OH, isso foi muito evidente. Era desejo desesperado, puro e simples. Gregory já sabia, sabia que seus olhos se acenderam mais de uma vez nos últimos dias.

Deus Santo.

Gregory supôs que ainda encontrava em Fennsworth a um bom companheiro, inclusive com sua irritante teimosia, mas em realidade, toda a situação estava começando a ser aborrecida.

- Estamos encantados de dar as boas-vindas em Aubrey Hall, Lorde Fennsworth - disse Kate, uma vez que lhe tinha informado, que não sabia se a Srta. Watson ia descer em companhia de sua irmã ao salão rosa-. Espero que sua presença não indique que há uma emergência em sua casa.

- Absolutamente - respondeu Fennsworth-. Mas meu tio me pediu que leve Lucy de volta à casa. Deseja falar com ela sobre um assunto muito importante.

Gregory sentiu como um canto de sua boca se levantou.

- Você deve querer muito a sua irmã - disse-, para fazer esta viajem você mesmo. Certamente poderia enviar uma carruagem para ela.

Para seu reconhecimento, o irmão de Lucy não parecia agitado pela pergunta, mas ao mesmo tempo, não tinha uma resposta imediata.

- OH não - disse, as palavras saíram de sua boca rapidamente depois de um bom tempo. - Estive mais que contente em fazer esta viagem. Lucy é uma boa companhia, e não nos visitamos faz muito tempo.

- Vocês devem partir em seguida? - perguntou Kate-. Desfrutei muito da companhia de sua irmã. E estaríamos honrados se você também se convertesse em um de nossos convidados.

Gregory se perguntou o que estava tramando. Kate ia ter que procurar a outra mulher para emparelhar os números se Lorde Fennsworth se unisse à festa. Embora supôs, que se Lady Lucinda partia, teria que fazer a mesma coisa.

O jovem conde duvidou, e Kate aproveitou o momento com uma formosa execução:

- OH, nos diga que ficará. Mesmo se não for por toda a duração da festa.

- Bom - disse Fennsworth, pestanejando enquanto considerava o convite. Era claro que ele queria ficar (e Gregory estava muito seguro de que tinha sabor de ciência certa o porquê). Mas com título ou não, ele ainda era muito jovem, e Gregory imaginou que devia obedecer a seu tio em todos os assuntos pertinentes a sua família.

E havia dito claramente que seu tio desejava a rápida volta de Lady Lucinda.

- Suponho que não haveria problema se ficar um dia mais - disse Fennsworth.

OH, muito bem. Estava desejoso de desafiar a seu tio só para passar um tempo mais com a Srta. Watson. E como era o irmão de Lady Lucinda, era um homem ao que Hermione jamais poderia rechaçar com sua fastidiosa cortesia usual. Gregory se preparou para outro aborrecido dia de competição.

- Por favor, nos diga que ficará até na sexta-feira - disse Kate-. Estamos planejando um baile de máscaras para a noite da quinta-feira, e não quereríamos que o perdesse.

Gregory fez uma nota mental para dar um presente extremamente ordinário à Kate para seu próximo aniversário. Pedras, possivelmente.

- É só um dia a mais - disse Kate com um agradável sorriso.

Nesse momento Lady Lucinda e a Srta. Watson entraram na sala, a primeira em um vestido de amanhã azul claro e a segunda com o mesmo vestido verde que tinha tido posto no café da manhã. Lorde Fennsworth deu uma olhada ao dueto (mais a uma que à outra, e era suficiente dizer que seu sangue não estava tão espesso pelo amor não correspondido), e murmurou:

- Então será na sexta-feira.

- Estupendo - disse Kate, juntando suas mãos-. Farei com que preparem um quarto imediatamente para você.

- Richard? - Perguntou Lady Lucinda-. Por que está aqui? - fez uma pausa na porta e olhou uma por uma a todas as pessoas, aparentemente confundida pela presença de Kate e de Gregory.

- Lucy - disse seu irmão-. Passou muito tempo.

- Quatro meses - disse ela, quase sem pensar, como se em algum canto de seu cérebro requeria sempre uma absoluta exatidão, inclusive quando não era algo importante.

- Céus, esse é um longo tempo - disse Kate-. Deixaremos vocês, Lorde Fennsworth. Estou certa que você e sua irmã desejam ter um momento de privacidade.

- Não há pressa - disse Fennsworth, olhando brevemente à Srta. Watson-. Não quero ser descortês, e ainda não lhe agradeci por sua hospitalidade.

- Não seria descortês absolutamente - apontou Gregory, antecipando uma saída rápida do salão com a Srta. Watson em seu braço.

Lorde Fennsworth se voltou e pestanejou, como se tivesse esquecido da presença de Gregory. Não era muito surpreendente, já que tinha permanecido estranhamente em silencio na maior parte da conversa.

- Rogo-lhe que não se preocupe - disse o conde-. Lucy e eu teremos nossa conversa mais tarde.

- Richard - disse Lucy, parecendo um pouco preocupada-. Tem certeza? Não o esperava, e se algo anda mau...

Mas seu irmão negou com a cabeça.

- Não é nada que não possa esperar. O tio Robert deseja falar com você. Pediu-me que a levasse para casa.

- Agora?

- Não me especificou isso - respondeu Fennsworth-. Mas Lady Bridgerton me pediu que fiquemos até sexta-feira muito cortesmente, e eu estive de acordo. Claro – pigarreou. - Assumindo que deseja ficar.

- É claro - respondeu Lucy, parecendo um pouco desconcertada e perdida-. Mas eu... bom... o Tio Robert...

- Devemos sair - disse a Srta. Watson firmemente-. Lucy, deve ficar com seu irmão um momento.

Lucy olhou a seu irmão, mas ele tinha aproveitado a entrada da Srta. Watson à conversa para olhá-la, e lhe disse:

- E como está, Hermione? Passou muito tempo.

- Quatro meses - disse Lucy.

A Srta. Watson riu e sorriu calorosamente ao conde.

- Estou bem, obrigado. E Lucy tão correta, como sempre. A última vez que falamos foi em janeiro, quando nos visitou na escola.

Fennsworth inclinou seu queixo ante o reconhecimento.

- Como poderia esquecer? Foram dias muito agradáveis.

Gregory teria apostado seu braço direito que Fennsworth fazia a conta de todos os minutos, que não tinha visto a Srta. Watson. Mas a dama em questão ignorava claramente a teimosia do conde, porque só lhe sorriu e lhe disse:

- Foram, não é verdade? Foi tão doce quando nos levou a patinar sobre o gelo. Sempre é uma excelente companhia.

Bom Deus, Como podia ela ser tão ignorante? Não havia forma de que estivesse tão animada se compreendesse a natureza dos sentimentos do conde por ela. Gregory estava certo disso.

Mas embora fosse claro que a Srta. Watson era extremamente carinhosa com Lorde Fennsworth, nada indicava que tivesse qualquer tipo de relação romântica. Gregory se consolava com o conhecimento de que ambos se conheciam faz anos, e por isso naturalmente era tão amistosa com Lorde Fennsworth, dado ser próxima à Lady Lucinda.

Em realidade, eram virtualmente como irmãos.

E falando de Lady Lucinda, Gregory se voltou em sua direção e não se surpreendeu quando a encontrou franzindo o cenho. Seu irmão tinha viajado pelo menos um dia para encontrar-se com ela e agora parecia não ter nenhuma pressa em lhe falar.

E de fato, todos os outros ficaram calados, também. Gregory observou a embaraçosa cena com interesse. Todos pareciam estar em brasas, esperando ver quem falaria depois. Inclusive Lady Lucinda, quem ninguém chamaria tímida, parecia não saber o que dizer.

- Lorde Fennsworth - disse Kate, rompendo o silêncio felizmente-. Você deve ter fome. Deseja algo para tomar o café da manhã?

- Apreciaria-o enormemente, Lady Bridgerton.

Kate se voltou para Lady Lucinda.

- A você tampouco vi tomando o café da manhã. Quer que lhe sirvam também?

Gregory pensou na enorme bandeja que a Srta. Watson lhe tinha levado e se perguntou quanto dela tinha engolido antes de ter que descer para reunir-se com seu irmão.

- É claro - murmurou Lady Lucinda-. Eu gostaria de acompanhar ao Richard, qualquer modo.

- Srta. Watson - atalhou Gregory suavemente-. Se importaria de dar um passeio pelos jardins? Acredito que as peonías estão florescendo. E essas de folhas azuis – sempre esqueço como se chamam.

- Delphinium. -Era Lady Lucinda, é claro. Sabia que ela não ia ser capaz de resistir. Então se voltou e o olhou, com os olhos ligeiramente entrecerrados-. Já o havia dito o outro dia.

- Sei que o fez - murmurou ele-. Mas nunca tive muita cabeça para os detalhes.

- OH, Lucy recorda tudo - disse a Srta. Watson jovialmente-. E seria estupendo dar um passeio pelos jardins com você. Claro, se Lucy e Richard não se importam.

Ambos asseguraram que não, embora Gregory estava muito seguro de ter visto um brilho de decepção e - de desilusão, terá que dizer o de irritação nos olhos do Fennsworth.

Gregory sorriu.

- Encontraremo-nos em nosso quarto? - disse a Srta. Watson a Lucy.

A outra moça assentiu, e com um sentimento de triunfo - não havia nada como uma boa competição - Gregory pôs a mão na curva do cotovelo da Srta. Watson e saiu com ela da sala.

Essa ia ser uma excelente manhã, depois de tudo.

Lucy seguiu seu irmão e Lady Bridgerton à sala do café da manhã, embora não tinha pensado em fazê-lo, já que tinha tido a oportunidade de comer muito do que Hermione lhe tinha levado mais cedo. Mas isso significava que tinha que suportar pelo menos, trinta minutos cheios de uma conversa sem sentido, enquanto seu cérebro se acelerava, imaginando todo tipo de desastres que poderiam ter ocorrido, que pudessem ser os causadores dessa chamada tão inesperada a sua casa.

Richard não pôde lhe falar de nada importante, já que Lady Bridgerton e a metade dos convidados à casa, conversavam inutilmente sobre os ovos mornos e a recente chuva, por isso Lucy esperou sem protestar, enquanto ele terminava (sempre tinha sido irritantemente lento para comer), e fez seu melhor esforço de não perder a paciência enquanto passeavam pela grama lateral, e Richard lhe perguntou sobre a escola, depois por Hermione, depois pela mãe de Hermione, e depois em sua próxima estréia, e depois outra vez por Hermione, com uma cortante mudança para o irmão do Hermione, quem se tinha encontrado aparentemente com ele em Cambridge, e então retornou sobre a estréia, e até que ponto ela pensava compartilhá-la com Hermione.

Finalmente Lucy se deteve, plantou as mãos em seus quadris e lhe exigiu que lhe dissesse por que estava ali.

- Já lhe disse - falou ele, sem olhá-la diretamente nos olhos-. O tio Robert deseja falar com você.

- Mas, por quê? - não era uma pergunta com uma óbvia resposta. O tio Robert não se preocupara em falar com ela em todo o tempo, durante os últimos dez anos. Se tinha planejado começar agora, tinha que haver uma razão para isso.

Richard limpou a garganta várias vezes antes de lhe dizer finalmente:

- Bom, Lucy, acredito que planeja organizar suas bodas.

- Em seguida? - sussurrou Lucy, não sabia por que estava tão surpreendida. Sabia que isso era de esperar-se; tinha estado virtualmente comprometida durante anos.

E havia dito a Hermione, em mais de uma ocasião, que a temporada para ela era realmente uma tolice, porque para que incomodar-se com o gasto, se ia casar se com Haselby afinal?

Mas agora... repentinamente não queria fazê-lo. Pelo menos não, tão cedo. Não queria passar de colegial a esposa, sem ter feito nada no intermédio. Não estava desejando ter aventuras - nem sequer queria uma aventura - em realidade, não era desse tipo de mulheres.

Não estava pedindo muito, só uns meses de liberdade, de sorrisos.

De dançar sem descanso, virando tão rápido que as chamas das velas parecessem serpentes de luz.

Possivelmente era prática. Possivelmente era "a velha Lucy", como muitas vezes a tinha chamado a Srta. Moss. Mas gostava de dançar. E queria fazê-lo. Agora. Antes que envelhecesse. Antes de converter-se na esposa do Haselby.

- Não sei quando - disse Richard, baixando o olhar para ela com... Isso era pesar?

Por que sentiria pesar?

- Acredito que será logo - disse-. O tio Robert parece estar desejoso de fazê-lo.

Lucy simplesmente o olhou com fixidez, perguntando-se por que não podia deixar de pensar em dançar, não podia deixar de imaginar-se, vestida com um vestido azul prateado, mágico e radiante, nos braços de...

- OH! - pôs a mão na boca, como se isso pudesse sossegar seus pensamentos de algum modo.

- O que acontece?

- Nada - disse ela, negando com a cabeça. Seus sonhos não tinham rosto. Não podiam ter. E por isso disse com maior firmeza, outra vez: - Nada. Absolutamente.

Seu irmão se inclinou para examinar a uma flor silvestre que escapara dos exigentes olhos dos jardineiros de Aubrey Hall. Era pequena, azul, e mal estava começando a florescer.

- É encantadora, não lhe parece? - murmurou Richard.

Lucy assentiu com a cabeça. Richard sempre tinha se encantado com as flores. As flores silvestres em particular. Eram diferentes nesse aspecto, compreendeu. Ela sempre tinha preferido a ordem de uma cama belamente arrumada, cada flor em seu lugar, cada pauta cuidadosa e amorosamente conservada.

Mas agora...

Baixou o olhar para a pequena flor, pequena e delicada, crescendo insolentemente onde não pertencia.

E decidiu que gostava das silvestres, também.

- Sei que teria preferido esperar uma temporada - disse Richard apologeticamente-. Mas em realidade, é tão terrível? Realmente alguma vez quis uma, não é?

Lucy engoliu em seco.

- Não - disse, porque sabia que isso era o que ele queria ouvir, e não queria que se sentisse pior do que já se sentia. E além disso ela nunca tinha pensado de uma maneira ou outra em uma temporada em Londres. Pelo menos, não, até agora.

Richard arrancou a pequena flor azul das raízes, olhando-a inquisidoramente, e ficou de pé.

- Alegre-se, Lucy - disse ele, enquanto lhe levantava ligeiramente o queixo-. Haselby não é tão mau. Não deve preocupar-se por ter que te casar com ele.

- Sei - disse ela suavemente.

- Ele não lhe fará mal - acrescentou ele, e sorriu, com esse tipo de sorriso ligeiramente falso. Do tipo que queria ser tranqüilizador, mas que de algum modo não o era.

- Não pensei que ele o faria - disse Lucy, e um fio de algo, arrastou-se em sua voz-. Por que diz tal coisa?

- Por nada absolutamente - disse Richard rapidamente-. Mas sei que é uma preocupação para muitas mulheres. Nem todos os homens tratam a suas esposas com o devido respeito, com o qual Haselby tratará a você.

Lucy assentiu. Claro. Era certo. Tinha escutado muitas histórias. Todos tinham escutado esse tipo de histórias.

- Não será tão mau - disse Richard-. Inclusive acredito que gostará dele. É bastante agradável.

Agradável. Isso era algo bom. Muito melhor que desagradável.

- Algum dia será o conde do Davenport - acrescentou Richard, embora claro ela já sabia isso-. Você será sua condessa. Uma muito proeminente.

Isso era. Suas amigas da escola sempre lhe haviam dito que tinha muita sorte por ter seu futuro já estabelecido, e com tão elevado resultado. Era a filha de um conde e a irmã de um conde. E estava destinada a ser a esposa de um. Não tinha nada de que queixar-se. Nada.

Mas se sentia vazia.

Não era precisamente uma má sensação. Mas estava desconcertada. E pouco familiar. Sentia-se afundada. Sentia-se à deriva.

Não se sentia como ela mesma. E isso era o pior de tudo.

- Não está surpreendida, não é, Lucy? - perguntou Richard-. Sabia que isto ia acontecer. Sabíamos.

Ela assentiu.

- Não acontece nada - disse ela, tratando de não soar tão normal-. É somente que não pensei que passaria tão rápido.

- Claro - disse Richard. Isso é uma surpresa, isso é tudo. Quando se acostumar à idéia, sentirá-se muito melhor. Inclusive, normal. Além de tudo, sempre tinha sabido que seria a esposa do Haselby. E pensa no muito que desfrutará planejando o casamento. O tio Robert disse que ia ser grandiosa. Em Londres, acredito. Davenport insiste nisso.

Lucy se sentiu concordando. Gostava muito de planejar coisas. Havia um sentimento muito agradável em fazer-se encarregada de algo por vir.

- Hermione pode ser sua acompanhante, também - acrescentou Richard.

- É claro - murmurou Lucy. Porque, em realidade, a quem mais ia escolher?

- Há alguma cor que não lhe favoreça? - perguntou Richard com um cenho-. Porque será a noiva. E não quererá ser eclipsada.

Lucy revirou os olhos. Esse era meu irmão.

Entretanto, parecia não compreender que a tinha insultado, e Lucy supôs que não devia ter se surpreendido. A beleza de Hermione era tão legendária que ninguém se insultava com uma comparação desfavorável. A gente teria que enganar-se em pensar de outro modo.

- Não posso vesti-la de negro - disse Lucy. Essa era a única cor que pensou, faria parecer Hermione um pouco pálida.

- Não, não pode, pode? - Richard fez uma pausa, ponderando isso com clareza, e Lucy o olhou ceticamente. Seu irmão, que regularmente se informava do que estava na moda e o que não, estava atualmente interessado na cor do vestido da acompanhante de Hermione.

- Hermione pode vestir-se com qualquer cor que deseje - decidiu Lucy. E por que não? De todas as pessoas que assistiriam, não havia outra que significasse mais para ela que sua melhor amiga.

- Isso é muito característico em você- disse Richard. Olhou-a pensativamente-. É uma boa amiga, Lucy.

Lucy sabia que devia ter se sentido elogiada, mas em seu lugar, só se perguntou por que lhe tinha tomado a tanto tempo compreendê-lo.

Richard lhe sorriu, logo desceu o olhar para a flor, que ainda tinha em suas mãos. Levantou-a, virou-a várias vezes, rodando o caule de um lado ao outro entre seus dedos polegares e indicador. Pestanejou, com a fronte ligeiramente franzida, e logo pôs a flor em frente de seu vestido. Eram da mesma cor azul -ligeiramente púrpura, possivelmente um pouco cinza.

- Deveria levar esta cor - disse ele-. Combina muito e ficaria adorável.

Parecia um pouco surpreso, por isso Lucy compreendeu que não estava lhe mentindo.

- Obrigado - disse ela. Sempre tinha pensado que essa cor fazia parecer os olhos mais luminosos. Richard era a primeira pessoa além de Hermione em lhe fazer esse comentário-. Talvez o faça.

- Quer que retornemos à casa? - perguntou ele-. Estou certa que quererá contar tudo ao Hermione.

Ela fez uma pausa e logo negou com a cabeça.

- Não, obrigado. Acredito que ficarei aqui fora outro momento. - Apontou para um lugar perto do caminho que conduzia ao lago-. Há um banco que está perto. E sinto o sol muito agradável sobre meu rosto.

- Tem certeza? - Richard olhou para o céu-. Sempre está dizendo que não quer que lhe saiam sardas.

- Já tenho sardas, Richard. E não me demorarei muito. -Não tinha planejado sair quando desceu a saudá-lo, por isso não havia trazido seu gorro. Mas ainda era cedo.

Uns minutos de sol não destruiriam sua cútis.

E além disso, queria fazê-lo. Não seria agradável fazer algo porque queria, e não porque o ordenassem?

Richard assentiu.

- Verei-a no jantar?

- Acho que essa é uma mentira pela metade.

Ele sorriu abertamente.

- Saberia.

- Não há nada como um irmão - resmungou ela.

- E não há nada como uma irmã. - inclinou-se e a beijou na testa, pegando-a fora de guarda completamente.

- OH, Richard - murmurou ela, espantada pela úmida reação. Ela nunca chorava. De fato, era conhecida por sua completa falta de tendências de chorar.

- Vê - disse ele, com suficiente afeto para fazer que uma lágrima rodasse por sua face. Lucy a limpou, envergonhada de que a tivesse visto, envergonhada de havê-lo feito. Richard lhe apertou a mão e lhe fez gestos com a cabeça para a grama do sul-. Vá olhar as árvores e algo que tenha que fazer. Sentirá-se melhor quando passar uns momentos a sós.

- Não me sinto tão mal - disse Lucy rapidamente-. Não há necessidade de me sentir melhor.

- Claro que não. Somente está surpreendida.

- Exatamente.

Exatamente. Exatamente. Em realidade, estava encantada, sério. Tinha esperado por este momento durante anos. Não seria agradável ter tudo organizado? Gostava da ordem. Gostava de estar organizada.

Só era a surpresa. Isso era tudo. Era como quando a gente via um amigo em um lugar inesperado e quase nem o reconhecia. Não tinha esperado esse anuncio nesse momento.

E essa era a única razão pela qual se sentia tão estranha.

De verdade.

Capítulo 8

No que nossa heroína se inteira de uma verdade sobre seu irmão (mas não acredita), nosso herói se inteira de um segredo da Srta. Watson (mas não está interessado nele), e ambos se inteiram de uma verdade sobre eles (mas não são conscientes dela).

Uma hora depois, Gregory ainda continuava felicitando-se pela excepcional combinação de estratégia e cronometragem, que o tinha conduzido a sua excursão com a Srta. Watson. Tinham passado um momento absolutamente estupendo, e Lorde Fennsworth havia - bom, Fennsworth também pôde ter tido um momento absolutamente estupendo, mas nesse caso, tinha estado na companhia de sua irmã, e não com a encantadora Hermione Watson.

A vitória era sempre muito doce.

Como tinha prometido, Gregory a tinha levado a dar um passeio através dos jardins de Aubrey Hall, impressionando-a com suas estupendas evocações de seis nomes de horticultura diferentes. Inclusive, o delphinium, ao que em realidade era por tudo o que Lady Lucinda fazia.

Os outros eram, só para lhes dar o devido crédito: a rosa, a margarida, a peonía, o jacinto e a grama. Tudo em seu lugar, pensou que seu desempenho tinha sido muito bom. Os detalhes nunca tinham sido seu forte. E de verdade, tudo tinha sido um jogo a essas alturas.

A Srta. Watson parecia estar encantada em sua companhia, também. Talvez não estivesse suspirando e batendo suas pestanas, mas o véu cortês de desinteresse se foi, e inclusive a tinha feito rir duas vezes nesse dia.

Ela não o tinha feito rir a ele, mas estava seguro de que o tinha tentado, e além disso, com segurança tinha sorrido. Em mais de uma ocasião.

O que tinha sido algo positivo. De verdade. Era muito agradável ter todo seu engenho acordado. Já não se sentia como se o tivessem golpeado no peito, o que, pensava, tinha sido muito bom para sua saúde respiratória. Estava descobrindo que gostava de espirar, uma tarefa que parecia achar muito difícil quando olhava fixamente a nuca da Srta. Watson.

Gregory franziu o cenho, fazendo uma pausa em seu solitário passeio para o lago. Era uma reação muito estranha. E certamente tinha visto sua nuca na manhã.

Não se havia ela adiantado a cheirar umas flores?

Hmmm. Possivelmente não. Em realidade não podia recordar.

- Bom dia, Sr. Bridgerton.

Voltou-se, surpreso de ver Lady Lucinda sentada só em um banco de pedra próximo. Sempre tinha pensado que era uma localização estranha para um banco, já que este ficava em frente de um molho de árvores nada mais. Mas possivelmente esse era o ponto.

Dar as costas à casa, e a todos seus habitantes. Sua irmã Francesca lhe havia dito freqüentemente, que depois de alguns dias com toda a família Bridgerton reunida, as árvores podiam ser uma excelente companhia.

Lady Lucinda sorriu fracamente como saudação, e isso o afetou, porque não parecia ela. Seus olhos pareciam cansados, e sua postura não estava suficientemente reta.

Parece vulnerável, pensou, muito inesperadamente. Talvez seu irmão havia lhe trazido muito más notícias.

- Você tem uma expressão muito sombria - disse ele, caminhando educadamente para ir a seu lado-. Posso acompanhá-la?

Ela assentiu, lhe oferecendo uma espécie de sorriso. Mas não era um sorriso. Não realmente.

Tomou assento a seu lado.

- Teve a oportunidade de falar com seu irmão?

Ela assentiu com a cabeça.

- Contou-me algumas notícias familiares. Não foi nada importante.

Gregory inclinou a cabeça enquanto a olhava. Estava-lhe mentindo, claramente. Mas não quis continuar pressionando-a. Se quisesse compartilhar, já o teria feito. E além disso, não era de sua conta.

Entretanto, tinha curiosidade.

Ela olhou fixamente um ponto na distância, provavelmente alguma árvore.

- Este é um lugar muito agradável.

Essa era uma declaração bastante suave, já que tinha vindo dela.

- Sim - disse ele-. O lago fica a um curto trecho depois dessas árvores. Freqüentemente vou por esse caminho quando desejo pensar.

Ela se voltou de repente.

- Sério?

- Por que está tão surpreendida?

- Eu não sei. - encolheu os ombros-. Suponho que é porque você não parece ser esse tipo de pessoa.

- Das que pensam? - Muito bem, de verdade.

- Claro que não - disse ela, lhe oferecendo um olhar mal-humorado-. Quero dizer, do tipo que não precisa escapar para pensar.

- Me perdoe por minha excessiva arrogância, mas você não parece ser desse tipo, tampouco.

Ela pensou nisso um momento.

- Não o sou.

Ele riu entre dentes por isso.

- Deve ter tido uma verdadeira conversa com seu irmão.

Ela piscou surpreendida. Mas não lhe deu detalhes. Novamente, não se comportava como ela.

- O que deve pensar por aqui? - perguntou ela.

Ele abriu a boca para responder, mas antes que pudesse proferir uma palavra, ela disse:

- Em Hermione, suponho.

Não valia a pena negá-lo.

- Seu irmão está apaixonado por ela.

Isso pareceu tirá-la de sua nuvem.

- Richard? Não seja tolo.

Gregory a olhava ceticamente.

- Não posso acreditar que você não se deu conta.

- Não posso acreditar que você o tenha feito. Pelo amor de Deus, ela pensa nele como um irmão.

- Isso pode ser verdade, mas ele não sente o mesmo por ela.

- Sr. Brid...

Mas ele a deteve ao levantar uma mão.

- Vamos, Lady Lucinda, direi-lhe, vi mais idiotas apaixonados que você.

O sorriso literalmente explodiu de sua boca.

- Sr. Bridgerton - disse ela, uma vez que foi capaz-. Fui a companheira constante de Hermione Watson durante estes três anos. Hermione Watson - acrescentou, só no caso de que ele não tivesse entendido o que lhe queria dizer-. Confie em mim quando lhe digo que não há ninguém que tenha visto mais idiotas apaixonados que eu.

Por um momento Gregory não soube como lhe responder. Ela tinha razão.

- Richard não está apaixonado por Hermione - disse ela com uma trêmula agitação de cabeça. E com um bufo. Um elegante, mas ainda assim. Tinha-soprado a ele.

- Me permita discordar - disse ele, porque tinha sete irmãos, e sabia como sair gracioso de qualquer discussão.

- Não pode estar apaixonado por ela - disse ela, parecendo bastante segura de sua afirmação-. Há alguém mais.

- OH, seriamente? - Gregory nem sequer se incomodou em levantar suas esperanças.

- De verdade. Sempre fala de uma moça que conheceu graças a um de seus amigos - disse ela-. Acredito que era sua irmã. Não posso recordar seu nome. Mary, possivelmente.

Mary. Hmmmph. Sabia que Fennsworth não tinha imaginação.

- Portanto - continuou Lady Lucinda-, não pode estar apaixonado por Hermione.

Pelo menos parecia mais como ela. O mundo parecia ser muito mais firme com Lucy Abernathy ladrando como um terrier. Havia-se sentido quase desequilibrado quando a tinha visto olhando às árvores fixamente com mau humor.

- Acredite no que quiser - disse Gregory com um suspiro profundo-. Mas saiba isto: a seu irmão lhe romperá o coração cedo ou tarde.

- OH, de verdade? - mofou-se ela-. Por que está tão convencido de seu próprio êxito?

- Porque estou convencido da falta dele.

- Você nem sequer o conhece.

- E agora está defendendo-o? Só faz uns momentos, disse-me que ele não estava interessado.

- Não o está. -mordeu o lábio-. Mas é meu irmão. E se estivesse interessado, eu teria que apoiá-lo, não lhe parece?

Gregory levantou uma sobrancelha.

- Vá, com que rapidez troca suas lealdades.

Ela parecia quase arrependida.

- Ele é um conde. E você não.

- Você será uma excelente matrona de sociedade.

Suas costas ficaram rígidas.

- Desculpe-me?

- Leiloando sua amiga para o melhor lance. Você estará bem treinada para quando tiver uma filha.

Ela se endireitou rapidamente, com os olhos acesos com raiva e indignação.

- É terrível o que me disse. Minha principal preocupação sempre foi a felicidade de Hermione. E se pode ser feliz com um conde que passaria a ser meu irmão.

OH, genial. Agora estava tratando de emparelhar Hermione com o Fennsworth. Bem feito, Gregory. Bem feito, de fato.

- Ela pode ser feliz comigo - disse ele, endireitando-se. E era verdade. Tinha feito ela rir duas vezes essa manhã, embora ela não tivesse feito o mesmo por ele.

- Claro que pode - disse Lady Lucinda-. E céus, ela provavelmente o fará, se você não arruinar tudo. Richard é muito jovem para casar-se, de qualquer modo. Só tem vinte e dois anos.

Gregory a olhou com curiosidade. Agora parecia como se opinasse que ele era um melhor candidato. O que estava tramando, de qualquer modo?

- E -acrescentou ela, envolvendo uma mecha de seu escuro cabelo loiro, arás de sua orelha quando o vento o fustigou contra seu rosto-, ele não está apaixonado por ela. Estou muito segura disso.

Nenhum dos dois parecia ter algo que acrescentar a isso, portanto, já que ambos estavam de pé, Gregory apontou para a casa.

- Voltamos?

Ela assentiu com a cabeça, e ambos partiram a passo lento.

- Isto ainda não resolve o problema do Sr. Edmonds - comentou Gregory.

Ela o olhou comicamente.

- E por que me olha assim?

E ela realmente soltou um risinho. Bom, possivelmente não era um risinho, mas fez essa coisa com o nariz que as pessoas fazem quando estão muito contentes.

- Não é nada - disse, ainda sorrindo-. Estou muito impressionada, de que você não pretendesse não recordar seu nome.

- O que, devia havê-lo chamado Sr. Edwards, e depois Sr. Ellington, e depois Sr. Edifique, e...

Lucy o olhou com astúcia.

- Você perdeu todo meu respeito, asseguro.

- Que horror. OH, que horror - disse ele, pondo uma mão sobre o coração.

Ela o olhou sobre seu ombro com um sorriso travesso.

- Isso esteve perto de ser um engano.

Ele parecia indiferente.

- Atiro muito mal, mas se fugir de uma bala.

Agora isso lhe deu curiosidade.

- Nunca escutei a um homem que admita ser um mau atirador.

Ele encolheu os ombros.

- Há coisas que simplesmente não se podem evitar. Sempre serei o Bridgerton que não pode superar a sua própria irmã.

- Essa foi a que você me falou?

- Falo de todas elas - admitiu ele.

- OH. -Franziu o cenho. Devia haver alguma classe de declaração prescrita para tal situação. O que se dizia quando um cavalheiro confessava uma limitação? Não podia recordar ter escutado algo assim antes, mas certamente, alguém no curso da história, algum cavalheiro o tinha feito. E alguém teria tido que lhe responder.

Piscou, esperando que algo importante viesse a sua mente. Nada passou.

E então...

- Hermione não sabe dançar. – Só saiu de sua boca, sem ter sido dirigido por sua cabeça.

Meu Deus! O que estava pensando?

Ele se deteve, voltando-se para ela com uma expressão de curiosidade. Ou possivelmente estivesse sobressaltado. Provavelmente as duas coisas. E disse a única coisa que imaginou se poderia dizer em tais circunstâncias:

- Desculpe-me?

Lucy repetiu, já que não podia voltar atrás.

- Ela não sabe dançar. Por isso não dança. Porque não sabe.

E então esperou que um buraco se abrisse na terra para poder meter-se nele. Tampouco ajudou que estivesse olhando-a fixamente como se estivesse ligeiramente desarrumada.

Conseguiu sorrir fracamente, o qual foi tudo o que encheu o longo momento até que ele finalmente disse:

- Deve haver uma razão pela qual, você me está dizendo isto.

Lucy soltou um nervoso arquejo. Não parecia furioso - só um pouco curioso. E ela não tinha querido insultar Hermione. Mas quando lhe havia dito que não sabia disparar, pareceu-lhe que era justo lhe dizer que Hermione não sabia dançar. Em realidade, encaixava. Os homens supostamente sabiam disparar, e as mulheres supostamente sabiam dançar, e se supunha que as melhores amigas deviam manter suas tolas bocas fechadas.

Claramente, os três necessitavam um pouco de instrução.

- Pensei que ia fazê-lo sentir-se melhor - disse Lucy finalmente-. Porque você não sabe disparar.

- OH, eu sei disparar -disse ele-. Essa é a parte simples. O que não sei é como apontar.

Lucy lhe sorriu abertamente. Não pôde evitá-lo.

- Poderia lhe ensinar.

Ele virou a cabeça rapidamente.

- OH, genial. Não me diga que você sabe disparar.

Ela se ergueu.

- Em realidade, faço-o muito bem.

Ele negou com a cabeça.

- Neste dia só necessitava isto.

- É uma habilidade admirável - protestou ela.

- Estou certo que o é, mas estou farto de que todas as mulheres que conheço sejam melhor que eu. A última coisa que preciso é - OH, genial outra vez, não me diga que a Srta. Watson também é uma excelente atiradora.

Lucy pestanejou.

- Sabe, não estou certa.

- Bem, ainda há esperanças, então.

- Não é estranho? - murmurou ela.

Ofereceu-lhe um olhar inexpressivo.

- Que tenha esperanças?

- Não, que... -não podia dizê-lo. Céu Santo, parecia- idiota inclusive a ela.

- Ah, então pensa que é estranho que você não saiba se a Srta. Watson sabe disparar.

Era isso. Ele o supôs, de qualquer modo.

- Sim - admitiu-. Mas então, por que eu se puder? A pontaria não fazia parte do plano de estudos da Srta. Moss.

- Isso é um grande alívio para todos os cavalheiros, asseguro. - Ofereceu-lhe um sorriso torcido-. Quem lhe ensinou?

- Meu pai - disse ela, e era estranho, porque seus lábios se separaram antes que respondesse. Por um momento pensou que a tinha surpreendido a pergunta, mas não tinha sido isso.

Surpreendeu-se por sua resposta.

- Céu santo - respondeu ele. - Faz isso desde que estava em fraldas?

- Quase - disse Lucy, ainda confundida por sua estranha reação. Provavelmente era porque não pensava freqüentemente em seu pai. Ele havia falecido há muito tempo, portanto havia muito poucas respostas que tinham que ver com o último Conde do Fennsworth.

- Ele pensava que era uma habilidade importante - continuou ela-. Inclusive para as mulheres. Nossa casa está perto da costa de Dover, e ali sempre havia contrabandistas.

A maioria eram amistosos, todo mundo sabia quem era, inclusive o magistrado.

- Ele deve ter desfrutado do brandy francês - murmurou o Sr. Bridgerton.

Lucy lhe sorriu em resposta.

- Igual a meu pai. Mas nem todos os contrabandistas nos conheciam. Alguns, estou certa, eram muito perigosos. E... -se apoiou nele. Realmente não se podia dizer algo assim sem apoiar-se. Onde estaria a diversão?

- E... ? - a incitou ele.

Ela baixou a voz.

- Acredito que havia espiões.

- Em Dover? Faz dez anos? Havia espiões absolutamente. Embora me pergunto, se era prudente armar à população infantil.

Lucy riu.

- Eu era um pouco maior que isso. Acredito que começamos quando tinha sete anos. Richard continuou com suas lições depois que meu pai faleceu.

- Suponho que ele também é um excelente atirador.

Ela assentiu com tristeza.

- Sinto muito.

Reataram seu passeio para a casa.

- Não o desafiarei a um duelo, então - disse ele, com um pouco de brusquidão.

- Preferiria que não o fizesse.

Voltou-se para ela com uma expressão que só poderia chamar-se ladina.

- Por que, Lady Lucinda, acredito que você declarou que sente afeto por mim.

Sua boca caiu aberta como se fora um peixe inarticulado.

- Eu n... por que chegou a essa conclusão? - e por que suas faces se sentiam repentinamente quentes?

- Nunca seria um encontro justo - disse ele, parecendo notavelmente a gosto com suas limitações-. Embora a verdade, é que não conheço um homem em Bretanha com quem pudesse ter um encontro justo.

Ela ainda sentia um pouco atordoada depois de sua surpresa anterior, mas conseguiu dizer:

- Estou certa que está exagerando.

- Não -disse ele casualmente-. Seu irmão certamente me deixaria uma bala em meu ombro. - deteve-se, considerando esse fato-. Assumindo que não tenha a intenção de me colocar no coração.

- OH, não seja tolo.

Ele encolheu os ombros.

- Apesar de tudo, você está mais preocupada com meu bem-estar do que deveria.

- Eu me preocupo com o bem-estar de todo o mundo - murmurou ela.

- Sim - murmurou ele-. Sei.

Lucy parou.

- Por que isso soou como se fosse um insulto?

- Fiz isso? Asseguro-lhe que essa não era minha intenção.

Olhou-o com suspeita, por um momento tão longo que ele finalmente levantou as mãos como gesto de rendição.

- É um elogio, juro - lhe disse.

- Dado a contra gosto.

- Absolutamente! - repassou-a com o olhar, evidentemente incapaz de suprimir um sorriso.

- Está rindo-se de mim.

- Não - insistiu ele, e depois é claro, riu. - Sinto muito. Agora sim estou.

- Você poderia tentar ser amável e dizer pelo menos que está rindo.

- Posso. -Sorriu abertamente, e seus olhos ficaram claramente diabólicos-. Mas seria uma mentira.

Ela quase lhe deu uma palmada no ombro.

- OH, você é terrível.

- Sou a perdição da existência de meus irmãos, asseguro.

- De verdade? - Lucy nunca tinha sido a perdição da existência de ninguém, e parecia importante lhe perguntar-: Como é isso?

- OH, o mesmo de sempre. Que tenho que me estabelecer, encontrar um propósito, me aplicar.

- Casar-se?

- Isso, também.

- É por isso que está apaixonado por Hermione?

Ele fez uma pausa, só por um momento. Mas o fez. Lucy o sentiu.

- Não - disse ele-. Isso é algo completamente diferente.

- Claro - disse ela rapidamente, sentindo-se idiota por lhe perguntar. Tinha falado sobre isso a noite anterior - sobre o amor que só acontecia , sem poder escolher o assunto. Ele não queria que Hermione agradasse a seu irmão; queria a Hermione porque não podia não querê-la.

Isso a fez sentir-se um pouco mais sozinha.

- Retornamos - disse ele, assinalando a porta do salão de reuniões, a qual, nem sequer se tinha dado conta, tinham alcançado.

- Sim, claro. - Olhou à porta, depois olhou a ele, e se perguntou por que se sentia tão desconfortável agora que tinham que despedir-se-. Obrigado pela companhia.

- O prazer foi todo meu.

Lucy deu um passo para a porta, então se voltou para enfrentá-lo com um:

- OH!

Suas sobrancelhas se levantaram.

- Acontece algo de mau?

- Não. Mas deveria me desculpar, por tê-lo obrigado a retornar. Você disse que gostava de ir por esse caminho - que conduz para o lago - quando precisava pensar.

E não o fez.

Olhava-a com curiosidade, sua cabeça estava inclinada ligeiramente a um lado. E seus olhos - OH, ela desejava poder descrever o que via neles. Porque não o entendia, realmente não compreendia como fazia com que sua cabeça se inclinasse ao mesmo tempo em que a dele, como a fazia sentir como se esse momento estivesse estendendo-se mais mais até que poderia durar toda uma vida.

- Não desejava esse tempo para você? - perguntou ela suavemente, tão suavemente que parecia um murmúrio.

Ele negou com a cabeça, lentamente.

- Sim - disse, como se as palavras saíssem dele nesse mesmo momento, como se seus pensamentos fossem novos e não em realidade o que tinha esperado.

- Sim - disse ele outra vez-. Mas agora não.

Ela o olhou, e ele a olhou. E o pensamento que estalou repentinamente em sua cabeça foi....

Ele não sabe por que.

Não sabia por que já não queria estar sozinho.

E ela não sabia por que isso era tão importante.

Capítulo 9
No que nossa história dá um giro.

A noite seguinte foi o baile de máscaras. Ia ser uma grande celebração, não muito grande, é claro - Anthony, o irmão de Gregory não tolerava a interrupção de sua cômoda vida no campo. Mas não obstante, ia ser o pináculo dos eventos da casa de festas. Todos os convidados estariam ali, junto com outra centena de acompanhantes extras - alguns vinham de Londres, outros diretamente de suas casas no campo. Todos os quartos se arejaram e se prepararam para os ocupantes, e

inclusive com isso, um bom número de assistentes à festa estavam ficando nas casas dos vizinhos, ou, infelizmente para uns poucos, nas estalagens próximas.

A intenção original de Kate tinha sido uma festa de fantasia - ela tinha desejado disfarçar-se de Medusa (o que para ninguém foi uma surpresa) - mas finalmente tinha abandonado a idéia, logo depois de que Anthony lhe tinha informado que se ela seguia com isso, ele escolheria seu próprio disfarce.

O olhar que lhe deu foi ao que parece bastante claro para ela, já que sua retirada foi imediata.

Depois havia dito a Gregory que ainda não a tinha perdoado por tê-lo disfarçado de Cupido na festa de disfarces de Billington, o ano passado.

- Disfarçou-o muito de querubim? - murmurou Gregory.

- Mas no lado luminoso - tinha respondido ela-. Agora sei exatamente que devia ser brilhante como um bebê. Bastante adorável, em realidade.

- Até este momento - disse Gregory com uma careta de dor-, estou seguro que entendi exatamente o muito que meu irmão a ama.

- Bastante em realidade. - Sorriu e assentiu com a cabeça-. Muitíssimo, sem dúvida.

E tinham feito o compromisso. Nada de fantasias, só máscaras. Anthony não se importou desse detalhe, já que lhe permitiria abandonar seus deveres como anfitrião completamente, se assim o decidisse (quem notaria sua ausência, depois de tudo?) E Kate ficou a trabalhar, com a intenção de desenhar uma máscara com serpentes de Medusa, saltando em todas as direções. (Para o que não teve êxito).

Ante a insistência de Kate, Gregory chegou ao salão de baile precisamente às oito e meia, o começo anunciado do baile. O que significava, é claro, que os únicos convidados que estavam ali, eram ele, seu irmão, e Kate, mas havia muitos criados caminhando por todos lados, para que não se sentissem tão vazios, e Anthony se declarou muito encantado com a reunião.

- A festa é muito melhor se não houver ninguém mais empurrando - disse ele alegremente.

- Quando se tornou tão contrário à conversa social? - perguntou Gregory, enquanto tomava uma taça de champanha da bandeja de um criado.

- Não é isso absolutamente - respondeu Anthony com um encolhimento de ombros-. Simplesmente perdi minha paciência para todo tipo de estupidez.

- Ele não está envelhecendo muito bem - confirmou sua esposa.

Se Anthony tinha tomado qualquer apontamento de seu comentário, não o demonstrou.

- Simplesmente me nego a tratar com os idiotas - disse a Gregory. Seu rosto se iluminou-. Cortei minhas obrigações sociais pela metade.

- Que sentido teria possuir um título se a gente não pode rechaçar seus próprios convites? - murmurou Gregory ironicamente.

- Efetivamente - foi a resposta do Anthony-. Efetivamente.

Gregory se voltou para Kate.

- Não tem nada que dizer ante isso?

- OH, tenho muito que dizer - respondeu ela, enquanto levantava seu pescoço para examinar o salão de baile, para ver se tinha ocorrido um desastre de último minuto-. Sempre tenho algo que dizer.

- Isso é certo - disse Anthony-. Mas também sabe quando não pode ganhar.

Kate se voltou para o Gregory, embora suas palavras claramente estivessem dirigidas a seu marido.

- O que sei é como escolher minhas batalhas.

- É porque não lhe convém – disse. Essa Anthony é simplesmente sua maneira de admitir a derrota.

- E ele segue em seu empenho - disse Kate sem dirigir-se a ninguém em particular-. Embora saiba que eu sempre ganho no final.

Anthony se encolheu de ombros e ofereceu a seu irmão uma atípica careta de acanhamento.

- Ela tem razão, é claro - terminou sua bebida-. Mas não tem nenhum sentido render-se sem ter lutado.

Gregory só podia sorrir. Não tinham nascido ainda dois tolos apaixonados maiores que eles. Era muito admirável vê-los, mesmo que o deixasse com uma ligeira pontada de ciúmes.

- Como vai sua corte? - perguntou-lhe Kate.

As orelhas de Anthony se ergueram.

- Sua corte? - repetiu, assumindo em seu rosto sua usual expressão de me obedeça-que-eu-sou-o-visconde-. De quem se trata?

Gregory disparou à Kate um olhar irritado. Não tinha compartilhado seus sentimentos com seu irmão. Não estava seguro do por que; certamente era porque em realidade não tinha visto muito ao Anthony nos últimos dias. Mas havia algo mais. Não parecia ser esse tipo de coisa que se deseja compartilhar com seu irmão. Especialmente quando este o considerava mais como um pai que como um irmão.

Sem mencionar que não tinha tido êxito.

Bom, particularmente não desejava que sua família soubesse.

Mas teria êxito. Por que duvidava? Inclusive mais cedo, quando a Srta. Watson o estava tratando muito melhor, tinha estado certo do resultado. Não tinha nenhum sentido que agora - que estava crescendo a amizade entre eles - repentinamente duvidasse de si mesmo.

Kate, ignorou de propósito, a irritação do Gregory.

- Eu adoro quando não sabe algo - disse a seu marido-. Especialmente quando eu se estou inteirada.

Anthony se voltou para o Gregory.

- Tem certeza que quer se casar com uma destas?

- Não com essa precisamente - respondeu Gregory-. Acredito que com alguém muito melhor, suponho.

A expressão de Kate se tornou um pouco mal-humorada, por ter sido chamada com um "essa", mas se recuperou rapidamente, voltando-se para o Anthony para lhe dizer:

- Ele declarou seu amor por... - deixou que uma mão flutuasse no ar como se estivesse afastando uma idéia idiota-. OH, não importa, acredito que não lhe direi isso.

Sua expressão tinha sido muito suspeita. Provavelmente tinha querido mantê-lo afastado desde o começo. Gregory não estava seguro de que se encontrava mais satisfeito - de que Kate tinha guardado seu segredo, ou de que Anthony tinha ficado perplexo.

- Vê se pode supor por você mesmo - disse Kate para Anthony com um sorriso ardiloso-. Talvez isso de algum sentido de propósito a sua noite.

Anthony se voltou para o Gregory com um olhar nublado.

- Quem é?

Gregory encolheu os ombros. Sempre ficava do lado do Kate quando se tratava de frustrar a seu irmão.

- Nem sonharia lhe negar um sentido de propósito.

Anthony murmurou:

- Cachorrinho arrogante - e Gregory soube que a noite tinha tido um excelente começo.

Os convidados começaram a chegar pouco a pouco, e em uma hora, o salão de baile estava invadido com o zumbido das conversas e risadas. Todos pareciam sentir-se um pouco mais aventureiros com as máscaras em seus rostos, já que as brincadeiras começaram a ficar mais acidentadas, e as piadas mais grosseiras.

E as risadas... era muito difícil encontrar as palavras corretas, mas eram diferentes. Havia mais alegria no ar. Sentia-se um fio de excitação, como se os assistentes à festa soubessem, que de algum modo, esta noite era atrevida.

Para liberar-se.

Porque na manhã seguinte, ninguém saberia.

Tudo era perfeito, Gregory gostava das noites como essa.

Entretanto, às nove e meia, sentia como sua frustração crescia. Talvez não tivesse razão, mas estava quase seguro que a Srta. Watson não tinha aparecido ainda. Mesmo com uma máscara, era impossível que mantivesse oculta sua identidade. Seu cabelo era muito deslumbrante, muito etéreo sob a luz das velas para confundir-se com alguém mais.

Mas por outro lado, Lady Lucinda não teria nenhum problema em misturar-se com outros. Seu cabelo era com segurança de uma adorável cor loiro mel, mas não era nada estranho ou único. A metade das damas, provavelmente tinham a mesma cor de cabelo.

Deu uma olhada ao redor do salão de baile. Bom, talvez não fosse a metade. E possivelmente nem sequer um quarto. Mas não era como as mechas de luz de lua de sua amiga.

Franziu o cenho. A Srta. Watson já deveria estar presente. Como membro da casa, não tinha que lutar com os caminhos enlameados, os cavalos coxos, ou inclusive a enorme linha de carruagens que esperavam à frente, no lugar de chegada dos convidados. E enquanto duvidava que ela tivesse desejado chegar cedo como ele, certamente não chegaria com uma hora de atraso.

Isso, não poderia ser tolerado por Lady Lucinda. Claramente era das que gostavam da pontualidade.

No sentido bom.

Como oposto era de um sentido insuportável, rabugento.

Sorriu. Ela não era assim.

Lady Lucinda se parecia com Kate, ou pelo menos assim seria, quando fosse um pouco mais velha. Inteligente, sem dizer coisas sem sentido, só um pouco travessa.

Em realidade, seria muito divertida. Lady Lucinda, era uma pessoa muito alegre.

Mas não a tinha visto entre os convidados, tampouco. Ou pelo menos, pensou que não o tinha feito. Não estava muito seguro. Tinha visto muitas damas com quase a mesma cor de cabelo que o seu, mas nenhum parecia ser o correto. Um deles não se movia do modo correto - muito insípido, possivelmente um pouco torpe. E outro não tinha a mesma altura. Não estava mau, provavelmente lhe faltavam umas polegadas. Mas podia afirmá-lo.

Não era ela.

Certamente estaria em qualquer lugar que estava a Srta. Watson.

Achou bastante tranqüilizador. A Srta. Watson possivelmente não estaria em problemas se Lady Lucinda estivesse com ela.

Seu estômago grunhiu, e decidiu abandonar sua busca no momento, e em seu lugar foi em busca de seu sustento. Kate os havia, como sempre, provido de uma cordial seleção de comida para que seus convidados mordiscassem no transcurso da noite. Dirigiu-se diretamente para o prato de sanduíches - parecidos com os que tinha servido na noite em que tinha chegado, e esses tinha gostado muito também. Comeria-se dez deles.

Hmmm. Viu o pepino - era uma perdida de pão cada vez que via um. Queijo - não, não era o que estava procurando. Possivelmente...

- Sr. Bridgerton?

Lady Lucinda. Conheceria essa voz em qualquer parte.

Voltou-se. Ali estava. Felicitou-se a si mesmo. Tinha estado correto, com relação aos outros loiros mascarados. Definitivamente não se encontrara com ela nessa noite.

Seus olhos se abriram de par em par, e ele compreendeu que sua máscara, coberta com uma piçarra de feltro azul, era da mesma cor de seus olhos. Perguntou-se se a Srta. Watson tinha uma parecida, em um tom verde.

- É você, verdade?

- Como soube? - respondeu-lhe.

Ela pestanejou.

- Não sei. Só o fiz - seus lábios se separaram- só o suficiente para revelar um diminuto brilho de seus dentes brancos, e disse-: Sou Lucy. Lady Lucinda.

- Sei -murmurou ele, ainda olhando sua boca. Que efeito tinham as máscaras? Era como se ao cobrir-se com ela, o fundo se fizesse mais intrigante.

Quase hipnotizante.

Como é que ele não tinha notado a forma como seus lábios se inclinavam ligeiramente nos cantos? Ou as sardas em seu nariz. Tinha sete delas. Precisamente sete, todas tinham forma ovalada, salvo essa última que se parecia com a Irlanda, em realidade.

- Tem fome? - perguntou-lhe ela.

Ele pestanejou, forçado seus olhos de volta para ela.

Ela fez gestos para os sanduíches.

- O presunto está bom. Assim como o pepino. Nunca gostei muito dos sanduíches de pepino - nunca parecem me satisfazer, embora eu gosto do crunch - mas estes têm um pouco de queijo derretido em lugar de só manteiga. Foi uma surpresa muito agradável.

Fez uma pausa para olhá-lo, inclinando sua cabeça a um lado para esperar sua resposta.

Ele sorriu. Não pôde evitá-lo. Havia algo muito divertido quando tagarelava sobre a comida.

Estendeu a mão e pôs um sanduíche de pepino em seu prato.

- Com essa recomendação - disse ele-. Como poderia me negar?

- Bom, os de presunto estão bons, se não gostar.

Outra vez, assim era ela. Querendo a felicidade de todo o mundo. Prove isto. E se não gosta, prove isto, ou isto, ou isto, ou isto. E se tampouco gosta, tenha o meu.

Claro, ela nunca o havia dito, mas de algum jeito sabia que o faria.

Ela baixou o olhar para as fontes de comida.

- Gostaria que não os tivessem revolto todos.

Olhou-a inquisidoramente.

- Desculpe-me?

- Bom - disse ela - com essa singular classe de bom, que predizia uma explicação longa e cordial-. Não acredita que teria mais sentido separar os diferentes tipos de sanduíches? Pôr cada um em seu próprio prato menor? Assim, se você encontrou o que gosta, saberia onde conseguir outro. Ou - nesse momento ficou mais animada, como se estivesse falando de um assunto de grande importância -, escolheria outro. Considere-o. - Tinha mostrado a fonte-. Não haveria nenhum sanduíche de presunto fora da pilha. E você, não poderia abater-se sobre todos eles, buscando-os. Seria muito mal educado.

Olhou-a pensativamente, e então disse:

- Gosta que as coisas estejam ordenadas, não é verdade?

- OH, claro - disse ela com sentimento-. De verdade, eu gosto muito.

Gregory considerou seus próprios costumes desorganizados. Jogava os sapatos no armário, os convites dispersos por toda parte, o ano passado, tinha - dado uma semana de licença a seu valete secretário, para que visitasse seu pai doente, e quando o pobre homem tinha retornado, o caos na escrivaninha do Gregory quase o torna louco.

Gregory observou a expressão séria de Lady Lucinda e riu entre dentes. Provavelmente também a tornaria louca em menos de uma semana.

- Gosta de seu sanduíche? - perguntou-lhe ela, uma vez que tinha tomado um bocado-. O pepino?

- Muito intrigante - murmurou ele.

- Pergunto-me, a comida pode ser intrigante?

Terminou com seu sanduíche.

- Não estou certo.

Ela assentiu ausentemente, então disse:

- O presunto está bom.

Permaneceram em um afável silêncio enquanto davam uma olhada ao salão. Os músicos estavam tocando uma valsa muito animada, e as saias das damas ondulavam como campânulas de seda enquanto davam voltas e voltas. Era impossível olhar a cena e não sentir-se como se a noite estivesse viva, cheia de energia, esperando fazer seu movimento.

Algo aconteceria essa noite. Gregory estava certo disso. A vida de alguém mudaria.

Se tivesse sorte, seria a sua.

Suas mãos começaram a picar. Seus pés, também. Estava custando muito ficar quieto. Queria mover-se, queria fazer algo. Queria pôr sua vida em movimento, estender a mão e capturar seus sonhos.

Queria mover-se. Não podia ficar quieto. Ele...

- Gostaria de dançar?

Não tinha querido pedir-lhe, mas se tinha virado, e Lucy estava ali, a seu lado, e as palavras simplesmente lhe saíram dos lábios.

Seus olhos se iluminaram. Inclusive com a máscara, podia notar que ela estava encantada.

- Sim - disse, quase suspirando-. Eu adoro dançar.

Puxou-a pela mão e a levou a pista. A valsa estava em seu melhor momento, e rapidamente encontraram o passo. Parecia elevá-los, uni-los. Gregory só teve que apertar a mão em sua cintura, e ela se moveu, no instante no qual ele antecipou. Giraram, deram voltas, o ar açoitava seus rostos tão rapidamente que os fazia rir.

Era perfeito. Era ofegante. Era como se a música se arrastara sob suas peles e estivesse guiando todos seus movimentos.

E então tudo chegou a seu fim.

Tão rapidamente. Muito rapidamente. A música terminou, e por um momento ficaram de pé, ainda abraçados, envoltos na lembrança da música.

- OH, isso foi maravilhoso - disse Lady Lucinda, e seus olhos brilharam.

Gregory a soltou e lhe fez uma reverência.

- É uma bailarina extraordinária, Lady Lucinda. Sabia que o seria.

- Obrigada, eu... - seus olhos se cravaram nos seus-. Sabia?

- Eu... - por que lhe havia dito isso? Não tinha querido lhe dizer isso-. Você é muito elegante - disse ele finalmente, conduzindo-a para o perímetro do salão de baile.

Em realidade, era mais elegante que a Srta. Watson, embora isso tivesse sentido já que Lucy lhe tinha comentado sobre as habilidades de dança de sua amiga.

- É pela forma em que você caminha - acrescentou ele, já que ela parecia estar esperando uma explicação mais detalhada.

E teria que conformar-se com isso, porque ele não ia dar mais voltas a essa impressão.

- OH. - e seus lábios se moveram. Só um pouco. Mas foi o suficiente. E isso o afetou - ela parecia feliz. E compreendeu que a maioria das pessoas não se expressavam desse modo. Eles pareciam divertidos, ou entretidos, ou satisfeitos.

Lady Lucinda parecia feliz.

Preferia isso.

- Pergunto-me, onde estará Hermione - disse ela, olhando o dessa forma tão dela.

- Ela não veio com você? - perguntou Gregory, surpreso.

- Fez isso. Mas então nos encontramos com o Richard. E lhe pediu que dançasse. E não - acrescentou com ênfase-, fez isso porque está apaixonado por ela. Simplesmente estava sendo cortês. Isso é o que alguém faz pela amiga de uma irmã.

- Eu tenho quatro irmãs - lhe recordou-. Sei - mas então recordou-. Pensei que a Srta. Watson não sabia dançar.

- Não sabe. Mas Richard não sabe. Ninguém sabe. Exceto eu. E você. -Olhou-o com um pouco de urgência-. Por favor não o diga a ninguém. Rogo. Hermione se mortificaria muito.

- Meus lábios estão selados - lhe prometeu.

- Imaginou que eles foram em busca de algo de beber - disse Lucy, apoiando-se ligeiramente a um lado, como se tratasse de vislumbrar a mesa da limonada-. Hermione fez um comentário sobre o calor. Essa é sua desculpa favorita. Quase sempre funciona quando alguém lhe pede uma dança.

- Não os vejo - disse Gregory, seguindo seu olhar.

- Não, você não poderia. - voltou-se para ele, com um pequeno tremor em sua cabeça-. Não por que os estou procurando. Isso foi há tempo.

- Tão longo para que se possa beber a goles uma bebida?

Ela riu entre dentes.

- Não, Hermione pode demorar bebendo um copo de limonada toda uma noite quando o necessita. Mas penso que Richard poderia ter perdido sua paciência.

Gregory opinava que seu irmão cortaria alegremente seu braço direito, só por ter a oportunidade de olhar fixamente à Srta. Watson enquanto ela pretendia beber sua limonada, mas não ganharia nada ao tentar convencer Lucy disso.

- Imagino que decidiram dar um passeio - disse Lucy, com muita indiferença.

Mas Gregory imediatamente se sentiu ansioso.

- Fora?

Ela encolheu os ombros.

- Suponho. Não acredito que estejam aqui no salão de baile. Hermione não pode passar despercebida em uma multidão. É por seu cabelo, já sabe.

- Mas você acredita que é prudente que tenham saído sozinhos? –insistiu Gregory.

Lady Lucinda o olhava como se não pudesse entender a urgência em sua voz.

- Eles não estão sozinhos - disse-. Pelo menos há duas dúzias de pessoas fora. Eu dei uma olhada para o exterior das portas francesas.

Gregory se obrigou a permanecer perfeitamente quieto enquanto considerava o que fazer. Claramente precisava encontrar à Srta. Watson, e rapidamente, antes que lhe ocorresse algo que pudesse ser irrevogável.

Irrevogável.

Jesus.

Vendo as coisas, podiam mudar em um só instante. Se a Srta. Watson realmente tivesse saído com o irmão de Lucy, se alguém os surpreendesse.

Um calor estranho começou a invadi-lo, um pouco de raiva e ciúmes, e completamente desagradável. A Srta. Watson poderia estar em perigo ou possivelmente não.

Talvez não tivesse dado as boas-vindas aos avanços do Fennsworth.

Não. Não, não pôde tê-lo feito. Virtualmente engoliu esse pensamento. A Srta. Watson pensava que estava apaixonada por esse ridículo Sr. Edmonds, quem quer que fosse. Não receberia com beneplácito os avanços do Gregory ou de Lorde Fennsworth.

Mas se o irmão de Lucy estivesse aproveitando a oportunidade que não tinha tido? Isso lhe doeu, e se alojou em seu peito como uma bala de canhão - esse sentimento, essa emoção, essa sangüenta, horrível, molesta...

- Sr. Bridgerton?

Asquerosa. Definitivamente asquerosa.

- Sr. Bridgerton, passa-lhe algo?

Ele moveu sua cabeça, só a polegada que necessitava para enfrentar Lady Lucinda, mas ainda assim, levou vários segundos concentrar-se em seus traços. Seus olhos pareciam cheios de preocupação, sua boca estava apertada em uma linha angustiada.

- Você não parece bem - disse.

- Estou bem - disparou ele.

- Mas...

- Bem -lhe estalou evidentemente.

Ela retrocedeu.

- Claro que está.

Como pôde ter feito isso Fennsworth? Como tinha conseguido sair com a Srta. Watson? Ele ainda era um bebê, pelo amor de Deus, apenas acabava de sair da universidade, e nunca tinha estado em Londres. E Gregory era... Bom, era mais experiente que isso.

Devia ter prestado mais atenção.

Nunca devia ter permitido que acontecesse isto.

- Talvez, devo ir em busca de Hermione - disse Lucy, afastando-se. - Ao que parece você prefere estar sozinho.

- Não - disse ele bruscamente, com um pouco mais de força que o estritamente cortês-. Irei com você. Buscaremo-la juntos.

- Você acredita que isso é prudente?

- Por que não seria prudente?

- Eu não sei. - deteve-se, olhou-o fixamente, sem piscar, e finalmente disse-: Não acredito que devamos fazê-lo. Você acaba de questionar a prudência do Richard e Hermione por ter saído sozinhos.

- Certamente você não deve procurar na casa sozinha.

- Claro que não - disse, como se ele fosse um idiota por sequer ter pensado nisso-. Vou procurar Lady Bridgerton.

Kate? Bom Deus.

- Não faça isso - lhe disse rapidamente. E possivelmente um pouco desdenhosamente, também, embora essa não tivesse sido sua intenção.

Mas ela claramente se deu conta porque sua voz soava cortante quando lhe perguntou:

- E por que não?

Ele persistiu, com seu tom baixo e urgente.

- Se Kate os encontrar, e estão onde não devem estar, estarão casados em menos de uma quinzena. Tome nota de minhas palavras.

- Não seja absurdo. É claro, que estarão onde devem estar - lhe falou, e isso tomou-o despreparado, porque nunca lhe ocorreu que poderia defender-se com tanto vigor.

- Hermione nunca se comportaria inapropriadamente - continuou com fúria -. E tampouco Richard, no caso de. Ele é meu irmão. Meu irmão.

- Ele a ama - disse Gregory.

- Não. Ele. Não o faz. - Bom Deus, parecia a ponto de explodir. - E ainda quando o fizesse - lhe replicou-. O qual não faz, ele nunca a desonraria. Nunca. Jamais o faria. Não o faria.

- Não faria o que?

Ela engoliu a saliva.
- Não me faria isso.
Gregory não podia acreditar em sua ingenuidade.
- Ele não está pensando em você, Lady Lucinda. De fato, poderia afirmar que você não lhe passou pela mente nem uma vez.
- É horrível o que me disse.
Gregory encolheu os ombros.
- Ele é um homem apaixonado. Portanto, é um homem insensível.
- OH, é assim como funciona? - replicou-lhe ela-. É o que faz que você seja insensível também?
- Não - disse ele concisamente, e compreendeu que em realidade era verdade. Já se tinha acostumado a esse estranho ardor. Tinha recuperado o equilíbrio. E como um cavalheiro de considerável experiência, ele era, ainda quando a Srta. Watson não estava inteirada, mais forte para controlar seus impulsos que Fennsworth.
Lady Lucinda o olhou com desdenhosa impaciência.
- Richard não está apaixonado por ela. Não sei de que outra maneira posso explicar-lhe.
- Está equivocada - disse ele redondamente. Tinha observado Fennsworth durante dias. Ele tinha estado olhando à Srta. Watson. Rindo-se de suas piadas. - buscando-lhe uma bebida.
Tomando uma flor silvestre, envolvendo-a atrás da orelha.
Se isso não era amor, então Richard Abernathy era o mais atento, carinhoso, e desinteressado irmão mais velho na história do homem.
E como também era um irmão mais velho - que tinha sido freqüentemente pressionado a ser o par de baile das amigas de suas irmãs - Gregory podia dizer categoricamente, que não existia um irmão mais velho, com tais níveis de atenção e devoção.
É claro, adorava a sua irmã, mas não sacrificava cada minuto por causa de sua melhor amiga, sem receber em troca algum tipo de compensação.
A menos que um patético e não correspondido amor fatorizava a equação.
- Não estou equivocada - disse Lady Lucinda, parecendo muito a gosto ao cruzar seus braços-. E vou procurar Lady Bridgerton.
Gregory fechou a mão ao redor de seu pulso.
- Esse seria um engano de proporções proverbiais.
Ela deu um puxão para escapar, mas ele não a soltou.
- Não seja condescendente comigo - vaiou ela.
- Não o sou. Estou instruindo-a.
Sua boca literalmente caiu aberta. Realmente, de verdade, completamente aberta.
Gregory teria desfrutado da vista, portanto não estava tão furioso com todo o resto no mundo.

- Você é insuportável - disse ela, uma vez tendo se recuperado.

Ele encolheu os ombros.

- De vez em quando.

- E equivocado.

- Bem feito, Lady Lucinda. - Como de costume, Gregory não podia evitar admirar a alguém capaz de defender-se com o sarcasmo e uma replica mordaz-. Mas provavelmente admiraria muito mais suas habilidades verbais se não estivesse tratando de impedir que fizesse algo monumentalmente tolo.

Olhou-o com os olhos entrecerrados, e disse:

- Não quero voltar a lhe falar.

- Nunca?

- Vou procurar Lady Bridgerton - anunciou.

- Está-me procurando? Para que?

Essa era a última voz que Gregory queria escutar.

Voltou-se. Kate estava de pé diante deles, olhando a cena com uma sobrancelha levantada.

Ninguém disse nada.

Kate olhava significativamente à mão do Gregory, a qual estava ainda envolta ao redor da mão de Lady Lucinda. Deixou-a cair, apartando-se rapidamente.

- Há algo que deva saber? - perguntou Kate, e sua voz era uma mescla absolutamente horrível de pergunta culta e mortal autoridade. Gregory recordou que sua cunhada podia ser uma formidável presença quando o propunha.

Lady Lucinda - é claro - falou imediatamente.

- O Sr. Bridgerton parece acreditar que Hermione poderia estar em perigo.

A conduta de Kate mudou imediatamente.

- Perigo? Aqui?

- Não - estalou Gregory, embora o que em realidade queria dizer era - vou matá-la. A Lady Lucinda, para ser preciso.

- Não a vi durante algum tempo - continuou a irritante idiota-. Chegamos juntas, mas isso foi há uma hora.

Kate deu uma olhada, seu olhar se deteve finalmente nas portas que conduziam ao exterior.

- Não estará no jardim? A maior parte da festa se moveu para o exterior.

Lady Lucinda negou com a cabeça.

- Não a vi. Estava procurando-a.

Gregory não disse nada. Era como se estivesse olhando a destruição do mundo ante seus próprios olhos. E em realidade, O que poderia dizer para detê-la?

- Não está fora? - disse Kate.

- Não pensei que algo estivesse mal - disse Lady Lucinda, muito oficiosamente-. Mas o Sr. Bridgerton se preocupou imediatamente.

- Fez isso? - Kate se voltou rapidamente para olhá-lo- fez isso? Por quê?

- Poderíamos falar disto em outro momento? - replicou Gregory.

Kate imediatamente o rechaçou e olhou diretamente para Lucy.

- Por que se preocupou?

Lucy engoliu em seco. E então sussurrou:

- Penso que ela poderia estar com meu irmão.

Kate empalideceu.

- Isso não é algo bom.

- Richard nunca faria algo inapropriado - insistiu Lucy-. Prometo.

- Ele está apaixonado por ela - disse Kate.

Gregory não disse nada. A vindicação nunca se havia sentido tão amarga.

Lucy olhou para Kate e depois para Gregory, sua expressão virtualmente raiava ao pânico.

- Não -sussurrou-. Não, você está equivocada.

- Não estou equivocada - disse Kate seriamente-. E temos que encontrá-los. Rapidamente.

Ela se voltou e imediatamente e se dirigiu para a porta. Gregory a seguiu, suas pernas longas mantinham o passo com a facilidade. Lady Lucinda parecia estar momentaneamente gelada, e logo, saltando à ação, pôs-se a correr darás dos dois.

- Ele nunca obrigaria ao Hermione a fazer nada - disse ela urgentemente-.Prometo.

Kate se deteve. Voltou-se. Olhou Lucy, sua expressão era franca e possivelmente um pouco triste também, como se reconhecesse que a mulher mais jovem estivesse, nesse momento, perdendo uma parte de sua inocência e que ela, Kate, sentia que tinha que ser a que lhe desse o golpe.

- Ele poderia não fazê-lo - disse Kate com voz baixa.

Forçá-la. Kate não o disse, mas as palavras ficaram no ar de todas maneiras.

- Ele não poderia fazê-lo, Que...

Gregory se deu conta do momento em que ela o compreendeu. Seus olhos, sempre tão cambiantes, nunca lhe tinham parecido mais cinzas.

Feridos.

- Temos que encontrá-los - sussurrou Lucy.

Kate assentiu com a cabeça, e os três saíram do salão silenciosamente.

Capítulo 10

No que o amor triunfa - mas não para nosso herói e heroína.

Lucy seguiu Lady Bridgerton e Gregory pelo vestíbulo, tentando conter a ansiedade que sentia crescendo dentro dela. Seu estômago se sentia estranho, sua respiração não muito bem.

E sua mente não estava suficientemente clara. Precisava enfocar-se no assunto à mão. Sabia que tinha que prestar sua total atenção à busca, mas se sentia

como se uma parte de sua mente se mantivesse apartada - aturdida, aterrada, e incapaz de escapar de uma horrível sensação de premonição.

O que não conseguia entender. Não queria que Hermione se casasse com seu irmão? Acaso não havia dito ao Sr. Bridgerton que esse emparelhamento, além de improvável, seria extraordinário? Hermione seria sua irmã de nome, não só de sentimento, e Lucy não poderia imaginar nada mais digno. Mas ainda assim, sentia-se...

Intranqüila.

E um pouco perturbada também.

E culpada. É claro. Porque com que direito tinha que sentir-se zangada?

- Deveríamos procurá-la por separado - disse o Sr. Bridgerton, uma vez que tinham dado a volta por várias esquinas, e os sons do baile de máscaras se atenuaram na distância. Tirou a máscara, e as duas damas seguiram seu exemplo, deixando as três em uma pequena mesa que estava em um canto retirado do vestíbulo.

Lady Bridgerton meneou a cabeça.

- Não podemos. Você não pode encontrá-los só -disse ela a ele-. Não desejo nem sequer pensar no que lhe ocorreria à Srta. Watson ao ser encontrada sozinha com dois cavalheiros solteiros.

Sem mencionar sua reação, pensou Lucy. O Sr. Bridgerton lhe parecia ser um homem temperamental; por isso não estava certa de que pudesse encontrar a esse par sós sem tomar cartas no assunto ao pensar que devia defender a honra e a virtude, o qual sempre conduzia ao desastre. Sempre. Embora dada a profundidade de seus sentimentos por Hermione, sua reação poderia ser um pouco menos pela honra e a virtude, e um pouco mais pela ira do ciúmes.

Ainda pior, pois embora ao Sr. Bridgerton fizesse falta a habilidade de disparar uma bala em linha reta, Lucy não tinha nenhuma dúvida de que podia pôr um olho negro com uma velocidade letal.

- E ela não pode estar sozinha - continuou Lady Bridgerton, assinalando para Lucy-. Está escuro. E vazio. Os cavalheiros levam máscaras postas, pelo amor de Deus. Isso os faz perder a consciência.

- Eu não saberia onde procurar, tampouco - acrescentou Lucy. Era uma casa enorme. Tinha estado ali quase uma semana, mas duvidava que tivesse visto a metade dela.

- Devemos permanecer juntos - disse Lady Bridgerton firmemente.

O Sr. Bridgerton parecia como se quisesse discutir, mas controlou seu temperamento e em seu lugar disse:

- Bem. Não percamos o tempo, então. - afastou-se, suas longas pernas estabeleceram um ritmo que nenhuma das duas mulheres podiam seguir com facilidade.

Puxou as portas para abri-las, e as deixou pendendo entreabertas, dirigindo-se tão rapidamente para o quarto seguinte para deixar as coisas como as tinha

encontrado. Lucy correu atrás dele, revistando as salas do outro lado do vestíbulo. Lady Bridgerton se adiantou, para fazer exatamente o mesmo.

- OH! - Lucy saltou para trás, fechando de um golpe a porta.

- Encontrou-os? - exigiu-lhe o Sr. Bridgerton. Ele e Lady Bridgerton foram imediatamente a seu lado.

- Não - disse Lucy, ruborizando-se profundamente. Engoliu a saliva-. Era alguém mais.

Lady Bridgerton gemeu.

- Bom Deus. Por favor me diga que não é uma dama solteira.

Lucy abriu a boca, mas passaram vários segundos antes que dissesse:

- Não sei. É pelas máscaras, você compreenderá.

- Tinham postas as máscaras? - perguntou Lady Bridgerton-. Então estão casados. Mas não mutuamente.

Lucy queria lhe perguntar desesperadamente a razão pela qual tinha tirado essa conclusão, mas não sabia como fazê-lo, e além disso, o Sr. Bridgerton desviou seus pensamentos ao passar em frente dela e dar um puxão à porta para abri-la. Um chiado feminino ressonou no ar, seguido por uma zangada voz masculina, pronunciando palavras que Lucy não se atreveria a repetir.

- Sinto muito - grunhiu o Sr. Bridgerton-. Continuem - fechou a porta-. Era Morley - anunciou-. E a esposa do Winstead.

- OH -disse Lady Bridgerton, separando os lábios com surpresa-. Não tinha idéia.

- Temos que fazer algo? -perguntou Lucy. Céu Santo, havia pessoas cometendo adultério a uns metros dela.

- Isso é problema do Winstead - disse o Sr. Bridgerton severamente-. Temos nossos próprios assuntos que arrumar.

Os pés de Lucy permaneceram arraigados no piso enquanto ele se afastava de novo, correndo pelo vestíbulo. Lady Bridgerton olhou a porta, como se quisesse abri-la e aparecer dentro, mas ao final suspirou e seguiu a seu cunhado.

Lucy só olhava fixamente a porta, tentando deduzir o que isso significava para sua mente. O casal sobre a mesa - sobre a mesa, pelo amor de Deus - tinha sido uma surpresa, mas algo mais a incomodava. Algo sobre a cena não estava correto. Desconectada. Fora de contexto.

Ou possivelmente estava recordando algo.

O que era?

- Venha? - chamou-a Lady Bridgerton.

- Sim -respondeu Lucy. E então se aproveitou de sua inocência e juventude e acrescentou-: É o susto, já sabe. Só necessito de um momento.

Lady Bridgerton lhe ofereceu um olhar de simpatia e assentiu, mas continuou com seu trabalho, inspecionando os quartos do lado esquerdo do vestíbulo.

O que tinha visto? Um homem e uma mulher, é claro, e a mencionada mesa. Duas cadeiras, rosas. Um sofá, rajado. E uma mesa, com um vaso de flores cortadas...

Flores.

Era isso.

Sabia onde estavam.

Se ela estava equivocada, e outros tinham razão, e seu irmão realmente estava apaixonado por Hermione, só havia um lugar ao que ele teria tratado de levá-la para convencê-la a lhe retornar seus sentimentos.

O laranjal. Estava do outro lado da casa, longe do salão de baile. E estava cheio, não só com árvores de laranja, mas com flores. Plantas tropicais vistosas que deveram ter custado a Lorde Bridgerton uma fortuna ao importá-las. Elegantes orquídeas. Rosas estranhas. Inclusive, humildes flores silvestres, gastas e replantadas com cuidado e devoção.

Não havia um lugar mais romântico sob a luz da lua, e não havia outro lugar no qual seu irmão se sentisse mais a gosto. Ele amava as flores. Sempre o tinha feito, e possuía uma memória assombrosa para recordar seus nomes, científicos e comuns. Sempre estava recolhendo algumas, procurando alguma classe de informação estranha - qual se abria sob a luz da lua, qual se relacionava com tal planta vinda da Ásia. Lucy sempre o tinha achado tedioso, mas podia dar-se conta como se poderia ser romântico, se não fosse do irmão de alguém de quem se estava falando.

Olhou o vestíbulo. Os Bridgertons se detiveram para falar entre eles, e Lucy podia dar-se conta por suas posturas, que sua conversa era intensamente sentida.

Não seria melhor se ela fosse encontrá-los sozinha? Sem qualquer dos Bridgerton?

Se Lucy os encontrasse, poderia lhes advertir e afastar o desastre. Se Hermione queria casar-se com seu irmão, bom, poderia ser sua opção, não algo que tivesse que fazer por ter sido surpreendida inesperadamente.

Lucy sabia como chegar ao laranjal. Poderia chegar ali em minutos.

Dirigiu-se cautelosamente para o salão de baile. Nem Gregory, nem Lady Bridgerton pareceram perceber.

Tomou sua decisão.

Seis passos calados, apoiando-se cuidadosamente na esquina. E então - um olhar rápido para o vestíbulo- escapou.

E correu.

Recolheu-se as saias e correu como o vento, ou melhor, tão rápido quanto pudesse com seu pesado vestido de baile. Não tinha nem idéia de quanto tempo teria antes que os Bridgertons notassem sua ausência, e embora não soubessem aonde se dirigia, não tinha dúvida de que a encontrariam. Tudo o que Lucy tinha que fazer era encontrar primeiro Richard e Hermione. Se pudesse encontrá-los, e

adverti-los, poderia tirar Hermione pela porta e lhe reclamar por ter se encontrado sozinha com Richard.

Não teria muito tempo, mas podia fazê-lo. Sabia que podia.

Saiu e entrou no vestíbulo oriental, virando ao redor de uma esquina enquanto começava novamente a correr. Seus pulmões começaram a arder, e sua pele se umedeceu com a transpiração debaixo de seu vestido. Mas não reduziu seu passo. Já não estava longe. Podia fazer.

Sabia que podia.

Tinha que fazer.

E então, surpreendentemente, estava ali, ante as pesadas portas duplas que conduziam ao laranjal. Sua mão aterrissou pesadamente sobre um dos trincos , e quis girá-lo, mas em seu lugar se encontrou inclinando-se, esforçando-se por respirar.

Seus olhos lhe ardiam, e tratou de continuar, mas quando quis golpear a porta sentiu uma onda de pânico. Era física, evidente, e a percorreu tão rapidamente que teve que segurar-se à parede para apoiar-se.

Queridíssimo Deus, não queria vê-los. Não queria saber o que estavam fazendo, sem saber sequer por que. Não queria isto, nada disto. Queria que tudo fosse como antes, só três dias atrás.

Não podia voltar atrás? Eram só três dias. Três dias, e Hermione ainda continuaria apaixonada por Sr. Edmonds, que realmente não era um problema já que nada sairia disso, e Lucy ainda seria...

E ela continuaria sendo a mesma, feliz e confiante, e virtualmente comprometida.

Por que tudo tinha que mudar? A vida de Lucy tinha sido absolutamente aceitável como era. Todos tinham seu lugar, e tudo estava em perfeita ordem, e não tinha que pensar tão dificilmente em tudo. Não se tinha preocupado sobre o que significava o amor, ou como se sentia, e seu irmão não estaria encontrando-se em segredo com sua melhor amiga, e seu casamento seria um plano vago para o futuro, e continuaria sendo feliz. Tinha sido feliz.

E queria que tudo voltasse a ser como antes.

Agarrou a maçaneta com mais força, tentando girá-la, mais fortemente mas sua mão não se movia. O pânico ainda estava ali, gelando seus músculos, apertando seu peito.

Não podia concentrar-se. Não podia pensar.

E suas pernas começaram a tremer.

OH, Deus Bendito, ia cair. Ali no vestíbulo, a polegadas de sua meta, ia derrubar se no chão. E então...

- Lucy!

Era o Sr. Bridgerton, e estava correndo para ela, e lhe ocorreu que tinha falhado.

Tinha falhado.

Tinha chegado ao laranjal. Tinha chegado a tempo, mas só pôde ficar de pé diante da porta. Como uma idiota, tinha estado ali, com seus dedos sobre o condenado trinco e...

- Meu Deus, Lucy, em que estava pensando?

Ele a agarrou pelos ombros, e Lucy se apoiou em sua força. Queria cair sobre ele e esquecer.

- Sinto muito - sussurrou-. Sinto muito.

Ela não sabia por que sentia tanto pesar, mas o disse de qualquer modo.

- Este não é lugar para uma mulher sozinha - disse ele, e sua voz soava diferente. Rouca-. Os homens estão bêbados. Usam máscaras como licença para... ficou calado. E então...

- As pessoas não se comportam como sempre.

Ela assentiu, e finalmente o olhou, levantando seus olhos do chão até seu rosto. E então o viu. Só o viu. Seu rosto, que se tinha convertido em algo tão familiar para ela. Parecia conhecer cada traço, da ligeira curva de seu cabelo até a cicatriz diminuta perto de sua orelha esquerda.

Engoliu em seco. Respirou. Não era da forma em que sempre o fazia, mas respirou. Mais devagar, mais perto do normal.

- Sinto muito - disse de novo, porque não sabia que outra coisa dizer.

- Meu Deus - jurou ele, olhando seu rosto com olhos urgentes-. O que lhe aconteceu? Está bem? Alguém...?

Seu afeto se afrouxou ligeiramente enquanto jogava um olhar ao redor freneticamente.

- Quem te fez isto? - exigiu-lhe-. Quem te fez...?

- Não - disse Lucy, negando com a cabeça-. Não foi ninguém. Fui eu. Eu... eu queria encontrá-los. Pensei que se... bom, eu não queria que você e então eu... e então cheguei aqui, e eu...

Os olhos do Gregory se moveram rapidamente para as portas do laranjal.

- Eles estão aí?

- Não sei - admitiu Lucy-. Acredito que sim. Eu não pude - o pânico foi cedendo lentamente, quase se tinha ido, em realidade, e só se sentia um pouco idiota agora. sentia-se estúpida. Tinha estado frente à porta, e não tinha feito nada. Nada.

- Não podia abrir a porta. - Sussurrou ela finalmente. Porque tinha que dizer-lhe Não podia explicar nem sequer podia entender mas tinha que lhe dizer o que tinha acontecido.

Porque ele a tinha encontrado.

E isso marcava a diferença.

- Gregory! -Lady Bridgerton apareceu na cena, lançando-se virtualmente contra eles, claramente sem respiração por ter tratado de manter o ritmo-. Lady Lucinda! Por que você... Está bem?

Parecia tão preocupada que Lucy se perguntou como parecia ela ante seus olhos. Sentia-se pálida. Sentia-se pequena, em realidade, possivelmente o que estava em seu rosto, era o que causava que Lady Bridgerton se visse obviamente preocupada.

- Estou bem - disse Lucy, aliviada de que não a tivesse visto como o tinha feito o Sr. Bridgerton-. Só estou um pouco aflita. Acredito que corri muito rápido.

Foi idiota de minha parte. Sinto muito.

- Quando demos a volta, e você já partira - Lady Bridgerton parecia que estivesse tratando de ser dura, mas a preocupação enrugava sua fronte, e seus olhos pareciam tão amáveis.

Lucy queria chorar. Ninguém a tinha olhado nunca dessa maneira. Hermione a queria, e Lucy se consolava muito com isso, mas isto era diferente. Lady Bridgerton não podia ser muito mais velha que ela - dez anos, possivelmente quinze - mas a forma em que a estava olhando...

Era como se fosse uma mãe.

Foi só por um momento. Só uns poucos segundos, em realidade, mas podia fingir. E possivelmente desejá-lo, só um pouco.

Lady Bridgerton correu para aproximar-se e pôs um braço ao redor dos ombros de Lucy, afastando a do Gregory, quem deixou que seus braços caíssem aos lados.

- Tem certeza que está bem? - perguntou ela.

Lucy assentiu com a cabeça.

- Estou-o. Agora.

Lady Bridgerton observou ao Gregory. Ele assentiu. Só uma vez.

Lucy não sabia o que isso significava.

- Acredito que eles estão no laranjal - disse, e não estava segura do que tinha fechado a sua voz - se era resignação ou pesar.

- Muito bem - disse Lady Bridgerton, seus ombros se ergueram enquanto se dirigia para a porta-. Não tem importância se olharmos, não é?

Lucy negou com a cabeça. Gregory não disse nada.

Lady Bridgerton tomou uma respiração profunda e puxou a porta para abri-la. Lucy e Gregory imediatamente avançaram para dentro, mas o laranjal estava escuro, a única luz era a da lua, que brilhava através das enormes janelas.

- Maldição.

O queixo de Lucy se retirou com a surpresa. Nunca antes tinha escutado uma mulher amaldiçoando.

Por um momento o trio permaneceu quieto, e então Lady Bridgerton avançou e gritou:

- Lorde Fennsworth! Lorde Fennsworth, por favor responda. Está aqui?

Lucy começou a chamar Hermione, mas Gregory pôs uma mão sobre sua boca.

- Não o faça - lhe sussurrou no ouvido-. Se alguém mais estiver aqui, não queremos que se dêem conta que os estamos procurando a ambos.

Lucy assentiu, sentindo-se dolorosamente imatura. Tinha pensado que conhecia o mundo, mas com cada dia que passava, dava-se conta que entendia cada vez menos.

O Sr. Bridgerton se afastou, movendo-se dentro do aposento. Ficou de pé com as mãos nos quadris, com a postura ampla enquanto revistava se havia ocupantes no laranjal.

- Lorde Fennsworth! - convocou Lady Bridgerton novamente.

Nesse momento escutaram um sussurro. Mas suave. E lento. Como se alguém estivesse tentando esconder sua presença.

Lucy se voltou para o som, mas ninguém avançou. Mordeu o lábio. Talvez simplesmente fosse um animal. Havia muitos gatos em Aubrey Hall. Eles dormiam em uma pequena jaula perto da porta da cozinha, mas possivelmente um deles se perdera no caminho, e tinha ficado preso no laranjal.

Tinha que ser um gato. Se fosse Richard, tinha aparecido quando escutou seu nome.

Olhou para Lady Bridgerton, esperando ver o que faria depois. A viscondessa estava olhando intensamente a seu cunhado, falando com voz baixa e lhe fazendo gestos com as mãos, apontando em direção ao ruído.

Gregory lhe mostrou seu assentimento, logo avançou com passos silenciosos, suas pernas longas cruzaram o lugar com uma velocidade impressionante, até...

Lucy ofegou. Antes que tivesse tempo para pestanejar, Gregory se tinha adiantado, com um estranho e primário som saindo de sua garganta. Então saltou claramente através do ar, caindo com um golpe surdo e um grunhido de:

- Tenho-o!

- OH não. - Lucy cobriu a boca com a mão. O Sr. Bridgerton tinha a alguém apanhado no chão, e suas mãos pareciam estar muito perto da garganta de seu cativo.

Lady Bridgerton correu para eles, e Lucy, viu-a, recordando que tinha pés finalmente e correu para a cena. Se esse fosse Richard - OH, por favor, que não seja Richard - precisava alcançá-lo antes que o Sr. Bridgerton o matasse.

- Seu... tome!

- Richard! - gritou Lucy com um chiado. Era sua voz. Não podia haver nenhum engano.

A figura sobre o piso do laranjal se retorcia, e então pôde ver seu rosto.

- Lucy? - parecia aturdido.

- OH, Richard. - Havia um mundo de desilusão nessas duas palavras.

- Onde está ela? - exigiu Gregory.

- Onde está quem?

Lucy se sentiu doente. Richard estava fingindo sua ignorância. Conhecia-o muito bem. Estava mentindo.

- A Srta. Watson. - Soltou Gregory.

- Eu não sei de quem...

Um murmúrio horrível saiu da garganta do Richard.

- Gregory! - Lady Bridgerton lhe agarrou o braço-. Pare!

Ele soltou seu afeto. Só um pouco.

- Possivelmente ela não está aqui - disse Lucy. Sabia que não era verdade, mas de algum modo parecia ser a melhor maneira de salvar a situação-. Richard adora as flores. Sempre o faz. E não gosta das festas.

- É verdade - ofegou Richard.

- Gregory - disse Lady Bridgerton-, deve soltá-lo.

Lucy se voltou para enfrentá-la quando falou, e nesse momento foi quando a viu. Atrás de Lady Bridgerton.

Rosa. Só um brilho. Mais de uma franja, realmente, só escassamente visível através das plantas.

Hermione estava vestida de rosa. Esse mesmo tom.

Lucy abriu os olhos como pratos. Talvez simplesmente era uma flor. Havia montões de flores de cor rosa. Voltou-se para Richard. Rapidamente.

Muito rapidamente. O Sr. Bridgerton viu como sua cabeça virou ao redor.

- O que viu? - exigiu-lhe.

- Nada.

Mas não lhe acreditou. Soltou ao Richard e começou a dirigir-se para a direção em que Lucy estava olhando, mas Richard rodou sobre seu flanco e o agarrou pelos tornozelos. Gregory caiu com um grito, e se desforrou rapidamente, sustentando a camisa do Richard e lhe dando um puxão com bastante força para raspar sua cabeça com o passar do chão.

- Não! - gritou Lucy, correndo para diante. Deus Santo, vão matar-se. Primeiro o Sr. Bridgerton estava acima, depois Richard, logo o Sr. Bridgerton, depois não podia dizer quem estava ganhando, e todo o tempo continuaram golpeando-se mutuamente.

Lucy queria separá-los desesperadamente, mas não via como fazê-lo sem arriscar-se a sair ferida. Ambos estavam além de notar algo tão mundano como um ser humano.

Possivelmente Lady Bridgerton podia detê-los. Era sua casa, e os convidados eram sua responsabilidade. Podia ocupar-se da situação com mais autoridade que a que Lucy, esperaria mostrar.

Lucy se voltou.

- Lady Bri...

As palavras se evaporaram em sua garganta. Lady Bridgerton não estava onde tinha estado faz uns momentos.

OH não.

Lucy se voltou freneticamente.

- Lady Bridgerton? Lady Bridgerton?

E então ali estava, movendo-se atrás de Lucy, caminhando através das plantas, com a mão envolta fortemente no pulso de Hermione. O cabelo de Hermione estava desarrumado, e seu vestido estava amassado e sujo, e - queridíssimo Deus das alturas - parecia como se quisesse chorar.

- Hermione? - sussurrou Lucy. O que aconteceu? O que tinha feito Richard?

Por um momento Hermione não fez nada. Só ficou quieta como um cachorrinho culpado, seu braço se estendeu flacidamente frente a ela, como se tivesse esquecido que Lady Bridgerton a tinha presa pelo pulso.

- Hermione, o que aconteceu?

Lady Bridgerton a soltou, como se Hermione fosse água, correndo em um dique.

- OH, Lucy - se lamentou ela, sua voz se interrompia enquanto corria para frente. - Sinto muito.

Lucy não podia mover-se da comoção, abraçando-a mas não o suficiente. Hermione a abraçava como uma criança, mas Lucy não sabia o que fazer com ela. Seus braços pareciam estranhos, não suficientemente próprios. Olhou mais à frente do ombro do Hermione, para o chão. Os homens finalmente tinham deixado de brigar, mas não estava segura disso, e já não lhe importava.

- Hermione? - Lucy se voltou para atrás, o suficiente para poder olhar seu rosto-. O que aconteceu?

- OH, Lucy - disse Hermione-. Vibrei.

Uma hora depois, Hermione e Richard estavam comprometidos em matrimônio. Lady Lucinda tinha voltado para a festa, e não é que ela pudesse ser capaz de concentrar-se no que estava dizendo, mas Kate tinha insistido.

Gregory estava bêbado. Ou pelo menos, fazia seu melhor esforço para estar.

Supôs que a noite havia lhe trazido muito poucos favores. Em realidade não tinha encontrado a Lorde Fennsworth e à Srta. Watson em flagrantes. Algo que tivessem estado fazendo - e Gregory estava gastando muita energia para não imaginar o que detiveram quando Kate tinha gritado o nome do Fennsworth.

Mas ainda, sentia como que tudo tinha sido uma farsa. Hermione se tinha desculpado, depois Lucy se desculpara, e depois Kate se desculpara, o que parecia notavelmente desnecessário até que terminou com sua frase:

- Mas vocês, a partir deste momento, estão comprometidos em matrimônio.

Fennsworth tinha parecido encantado, o pequeno idiota fastidioso, e então tinha tido a coragem de oferecer um pequeno sorrisinho triunfante ao Gregory.

Gregory o tinha golpeado com o joelho nas bolas.

Não muito forte.

Isso poderia ter sido um acidente. Realmente. Ainda estavam no chão, obstinados em uma posição de ponto morto. Era completamente acreditável que seu joelho pudesse escorregar.

Para cima.

Em qualquer caso, Fennsworth tinha grunhido e caiu. Gregory rodou de lado, ao segundo que o conde o soltou, e se moveu correntemente a seus pés.

- Sinto-o muito - lhe havia dito às damas-. Não estou certo do que lhe tenha acontecido.

Mas como, aparentemente, foi tudo. A Srta. Watson se desculpou com ele - depois que Lucy se desculpasse primeiro, depois Kate, depois Fennsworth, embora só o céu sabia por que, quando ele tinha sido claramente o vencedor da noite.

- Não se necessita nenhuma desculpa - disse Gregory bruscamente.

- Não, mas eu... - parecia causar pena, mas Gregory simplesmente não lhe prestou atenção.

- Passei um maravilhoso momento no café da manhã - disse ela-. Somente queria que soubesse.

Por quê? Por que lhe diria isso? Acaso pensava que isso lhe faria sentir-se bem?

Gregory não havia dito uma palavra. Só lhe ofereceu uma única inclinação, e então se afastou. Outros podiam encarregar-se dos detalhes. Não tinha nenhum laço com o casal recentemente comprometido, nem nenhuma responsabilidade com eles ou conveniência. Não lhe importava quando ou como as famílias seriam informadas.

Não era de sua conta. Nada o era.

Assim saiu. Tinha que conseguir uma garrafa de brandy.

E agora aqui estava. No escritório de seu irmão, bebendo o licor de seu irmão, perguntando-se que infernos significava tudo isto. A Srta. Watson estava perdida para ele, isso estava muito claro. A menos que claro, ele quisesse seqüestrar à moça.

O que não faria. Com toda segurança. Ela provavelmente chiaria como uma idiota em todo o caminho. Para não mencionar ao pequeno assunto de que possivelmente lhe tinha entregue ao Fennsworth. OH, e Gregory não ia destruir sua boa reputação. Não faltava mais. A gente não seqüestrava a uma mulher de bom berço – especialmente a uma que estava comprometida com um conde - e esperava emergir com um bom nome intacto.

Perguntou-se o que Fennsworth lhe havia dito para que saíssem sozinhos.

Perguntou-se o que Hermione tinha querido dizer quando disse que tinha vibrado.

Perguntou-se se eles o convidariam ao casamento.

Hmmm. Provavelmente. Lucy insistiria nisso, não é verdade? Correta para os detalhes, isso era. As boas maneiras acima de tudo.

E agora o que? Depois de tantos anos de sentir-se ligeiramente sem objetivo, de esperar, esperar, esperar a que todas as peças de sua vida estivessem em seu lugar, tinha pensado que finalmente tinha encontrado seu caminho. Tinha encontrado à Srta. Watson e estava preparado para dar um passo adiante e conquistá-la.

O mundo tinha sido luminoso, bom e cheio de promessas.

OH, muito bem, o mundo tinha sido absolutamente luminoso, bom e cheio de promessas antes. Nunca tinha sido infeliz o mínimo. De fato, a ele realmente não tinha importado esperar. Nem sequer estava certo de ter querido encontrar a sua noiva tão logo. Simplesmente porque acreditasse que o verdadeiro amor existia não significava que o queria em seguida.

Tinha tido uma existência muito agradável antes. Infernos, a maioria dos homens trocariam seus dentes caninos para tomar seu lugar.

Fennsworth não, claro.

O pequeno cachorrinho maldito, sem dúvida estava riscando cada último detalhe de sua noite de bodas nesse minuto.

Pequeno encrespado...

Jogou sua bebida para trás e se serviu de outra.

Então o que significava isto? O que significava quando alguém se encontra com a mulher que o faz esquecer como respirar e ela se casava com outra pessoa? O que se supunha que devia fazer agora? Sentar-se e esperar que o pescoço de alguém mais o levasse ao êxtase?

Tomou outro gole. Já tinha tido suficiente com os pescoços. Eles estavam excessivamente valorizados.

Reclinou-se na cadeira, deixando cair pesadamente os pés na escrivaninha de seu irmão. Anthony o odiaria, claro, mas acaso ele estava no aposento? Não. Havia ele descoberto à mulher com a que esperava casar-se nos braços de outro homem? Não. E atualmente, seu rosto tinha servido como um saco de box para um conde surpreendentemente em forma?

Definitivamente não.

Gregory tocou cautelosamente sua maçã da face esquerda. E seu olho direito.

Não ia parecer atraente amanhã, isso era certo.

Mas Fennsworth tampouco, pensou alegremente.

Alegremente? Acaso estava contente? Quem o ia pensar?

Soltou um longo suspiro, tentando avaliar seu estado de sobriedade. Tinha que ser o brandy. Sua felicidade não estava em sua agenda essa noite.

Embora...

Gregory ficou de pé. Como se fosse uma prova. Uma prova científica. Podia estar de pé?

Podia.

Podia caminhar?

Sim!

Ah, mas podia caminhar direito?

Quase.

Hmmm. Não estava tão bêbado como tinha pensado.

Deveria sair. Não tinha sentido desperdiçar seu inesperado bom humor.

Caminhou para a porta e pôs a mão sobre a maçaneta. Deteve-se, inclinando sua cabeça para pensar.

Tinha que ser o brandy. De verdade, não havia outra explicação para isso.

Capítulo 11
No que nosso herói faz a única coisa que jamais teria antecipado.

A ironia da noite não estava perdida para Lucy enquanto caminhava de retorno a seu quarto.

Sozinha.

Depois do pânico do Sr. Bridgerton pelo desaparecimento de Hermione, depois que Lucy lhe tentara minuciosamente escapar só em meio do que estava se tornando uma noite escandalosa, depois que um casal tinha sido forçado a comprometer-se, pelo amor de Deus - ninguém tinha notado quando Lucy abandonou o baile de máscaras sozinha.

Ainda não podia acreditar que Lady Bridgerton tivesse insistido que retornasse à festa. Tinha levado virtualmente a Lucy pelo pescoço, depositando a aos cuidados de alguém ou de outra tia solteira antes de procurar à mãe do Hermione, quem, presumia-se, não tinha idéia da emoção que esperava por ela.

E por isso ficou de pé no extremo do salão de baile como uma idiota, olhando ao resto dos convidados, perguntando-se como eles, não tivessem podido ser conscientes dos eventos da noite. Parecia inconcebível que três vidas pudessem ter mudado tão completamente, e que o resto do mundo continuasse como de costume.

Não, pensou, com muita tristeza, em realidade - eram quatro; o Sr. Bridgerton tinha que ser considerado. Seus planos para o futuro tinham resultado ser decididamente diferentes de como tinham sido no início da noite.

Mas não, todo mundo parecia perfeitamente normal. Dançavam, riam, comiam sanduíches que ainda seguiam penosamente agitados em uma bandeja de comida.

Era a visão mais estranha. Algo não deveria parecer diferente? Alguém não deveria aproximar-se de Lucy e lhe dizer, com olhos inquisidores -Você parece um pouco alterada.

Ah, já sei. Seu irmão devia ter seduzido sua melhor amiga.

Ninguém o fez, claro, e quando Lucy olhou sua imagem no espelho, estava surpreendida de parecer completamente inalterada. Um pouco cansada, possivelmente, talvez um pouco pálida, mas além disso, parecia como a Lucy de sempre.

Cabelo loiro, não muito loiro. Olhos azuis - outra vez, não muito azuis. A boca torpemente formada que nunca parecia ver-se da forma que queria, e o mesmo nariz indefinível com as mesmas sete sardas, incluída aquela próxima a seu olho que ninguém nunca parecia notar, exceto ela.

Parecia-se com a Irlanda. Não sabia por que isso lhe interessava, mas sempre o tinha feito.

Suspirou. Nunca tinha ido a Irlanda, e provavelmente nunca o faria. Parecia idiota que isso lhe incomodasse tão de repente, já que nunca tinha querido ir a Irlanda.

Mas se o desejasse, teria que pedir a Lorde Haselby, não é? Não era muito diferente a ter que pedir permissão ao Tio Robert para fazer, bom, algo, mas de algum modo...

Meneou a cabeça. Suficiente. Essa tinha sido uma noite estranha, e agora estava de um estranho humor, apanhada em toda sua estranheza em meio de um baile de máscaras.

Estava claro que tinha que deitar-se.

E então, depois de trinta minutos de tentar aparentar como se estivesse desfrutando, finalmente ficou claro que a tia solteirona a quem tinham confiado seu cuidado, não entendia o alcance de sua atribuição. Não era uma difícil dedução; já que quando Lucy tinha tentado lhe falar, ela tinha entreabertos os olhos através de sua máscara e lhe tinha chiado:

- Levanta o queixo, menina! Conheço-a?

Lucy decidiu que essa não era uma oportunidade que devia ser desperdiçada, e por isso lhe respondeu:

- Sinto muito. Pensei que você era outra pessoa - e saiu diretamente do salão de baile.

Sozinha.

De verdade, era quase cômico.

Quase.

Entretanto, não era tola, e já que tinha cruzado o suficiente da casa essa noite para saber que enquanto os convidados se espalhavam para a parte oeste e sul do salão de baile, nunca se tinham aventurado à ala norte, onde a família tinha seus quartos privados. Estritamente falando, Lucy tampouco devia ter saído dessa maneira, mas depois do que tinha acontecido nas últimas horas, pensava que talvez merecia um pouco de liberdade.

Mas quando chegou ao enorme corredor que conduzia à ala norte, viu uma porta fechada. Lucy piscou surpreendida; nunca tinha visto uma porta nesse lugar antes.

Supôs que os Bridgertons as deixavam abertas normalmente. Então seu coração se afundou. Certamente devia estar com chave - por que, qual era o propósito de fechar uma porta, se não fosse parar às pessoas fora?

Mas a maçaneta da porta virou com facilidade. Lucy fechou cuidadosamente a porta atrás dela, derretendo-se virtualmente com o alívio. Não podia suportar a idéia de ter que retornar à festa. Só queria arrastar-se dentro da cama, enroscar-se debaixo dos lençóis, fechar os olhos e dormir, dormir, dormir.

Isso soava como o céu. E com sorte, Hermione não teria retornado ainda. Ou melhor ainda, sua mãe insistiria que permanecesse essa noite em seu quarto.

Sim, a privacidade parecia ser extremamente atraente nesse momento.

Estava escuro enquanto caminhava, e quieto, também. Depois de um minuto, os olhos de Lucy se ajustaram à escuridão. Não havia lanternas ou velas para iluminar o caminho, mas algumas portas tinham ficado abertas, permitindo que pálidos eixos de luz de lua, fizessem paralelogramos no tapete. Caminhou devagar, e com uma estranho tipo de deliberação, cada passo era cuidadosamente medido e dirigido, como se estivesse balançando-se em uma linha magra, que se estendia diretamente no centro do corredor.

Um, dois...

Nada excepcional. Freqüentemente contava seus passos. E sempre nos degraus. Surpreendeu-se quando chegou à escola e compreendeu que as demais pessoas não o faziam.

...três, quatro...

O tapete do corredor parecia monocromático sob a luz da lua, mas Lucy sabia que os diamantes grandes eram vermelhos, e os menores eram dourados. Perguntou-se se era possível caminhar unicamente sobre os dourados.

...cinco, seis...

Ou possivelmente sobre os vermelhos. Os vermelhos poderiam ser mais fáceis. Esta não era uma noite para desafiar-se.

...sete, oito, n...

- Oomph!

Chocou-se em algo. Ou estimado céu, em alguém. Estava olhando para baixo, seguindo os diamantes vermelhos, e não tinha visto... mas não devia a outra pessoa tê-la visto?

Mãos fortes a agarraram pelos braços e a sustentaram. E então...

- Lady Lucinda?

Congelou-se.

- Sr. Bridgerton?

Sua voz era baixa e suave na escuridão.

- Esta sim que é uma coincidência.

Desenredou-se cuidadosamente - já que ele a tinha agarrado pelos braços para não permitir que caísse - e deu um passo atrás. Ele parecia muito grande nos fechados limites do corredor.

- O que está fazendo aqui? - perguntou ela.

Ofereceu-lhe uma careta suspeitamente tranqüila.

- O que está fazendo você aqui?

- Vou deitar me. Este corredor parecia ser a melhor rota - lhe explicou, e logo acrescentou com uma expressão retorcida: - Dado meu estado de desacompanhamento.

Ele inclinou a cabeça. Enrugou a testa. Piscou. E finalmente:

- É essa uma queixa?

Por alguma razão isso a fez sorrir. Não em seus lábios, exatamente, mas em seu interior, onde mais importava.

- Acredito que não - respondeu-, mas em realidade, não poderia me preocupar.

Ele sorriu fracamente, logo indicou com sua cabeça ao quarto de onde tinha acabado de sair.

- Estava no escritório de meu irmão. Refletindo.

- Refletindo?

- Havia muitas coisas das quais refletir esta noite, não lhe parece?

- Sim. - Deu uma olhada ao redor do corredor. Só no caso de que houvesse alguém mais, embora estava muito segura que não o havia-. Em realidade, não deveria estar aqui só com você.

Ele assentiu solenemente.

- Eu não quereria interromper seu praticamente compromisso.

Lucy nem sequer tinha pensado nisso.

- O que quis dizer foi, que depois de que aconteceu Hermione e... - e então parecia de algum modo insensível, esclarecer-. Bom, estou certa que você sabe.

- Efetivamente.

Ela engoliu a saliva, depois tentou aparentar que não estava olhando seu rosto, para ver se estava aborrecido.

Ele só piscou, depois encolheu os ombros, e sua expressão era...

Indiferente?

Mordiscou o lábio. Não, isso não podia ser. Devia ter interpretado mau. Tinha sido um homem apaixonado. Ele o havia dito.

Mas isso não era de sua conta. Isso requeria uma certa medida de auto-reminiscência (para acrescentar outra palavra rapidamente a crescente coleção) mas isso era. Não era de sua conta. Nem um pouco.

Bom, exceto a parte sobre seu irmão e sua melhor amiga. Ninguém podia dizer que isso não lhe concernia. Se tivesse sido só Hermione, ou só Richard, poderia ter um argumento para deixar seu nariz fora disso, mas com ambos envolvidos, bom, claramente estava envolvida.

Com respeito ao Sr. Bridgerton, entretanto nada era de sua conta.

Olhou-o. A gola de sua camisa estava frouxa, e podia ver uma diminuta parte de pele, onde sabia, não devia olhar.

Nada. Nada! Era. De sua conta. Nada disso.

- Bem - disse, estragando seu tom determinado com uma tosse evidentemente involuntária. Intermitente. Tosse intermitente. Vagamente interrompida por um-: Devo ir.

Mas saiu mais como... Bom, saiu como algo, que estava segura, não podia soletrar com as vinte e seis letras do idioma inglês. Talvez com o cirílico poderia fazê-lo.

Ou com o hebreu.

- Está bem? - perguntou-lhe ele.

- Perfeitamente bem - ofegou, então compreendeu que voltava a olhar esse ponto que nem sequer estava em seu pescoço. Era mas bem em seu peito, o que significava que era uma parte obviamente muito mais inapropriada.

Afastou seus olhos rapidamente, depois tossiu de novo, mas dessa vez foi de propósito. Porque tinha que fazer algo. Por outra parte seus olhos voltaram em seguida aonde não deviam.

Ele a olhou, quase com solenidade em sua expressão, enquanto se recuperava.

- Melhor?

Ela assentiu com a cabeça.

- Alegra-me.

Alegre? Alegre? O que queria dizer com isso?

Ele encolheu os ombros.

- Odeio quando isso acontece.

Ele só é um ser humano, Lucy tola. Um que sabe como se sente uma garganta ressecada.

Estava-se tornando louca. Estava muito segura disso.

- Devo ir - disse ela bruscamente.

- Você deve.

- De verdade devo.

Mas ficou ali.

Ele a estava olhando de uma forma muito estranha. Seus olhos entrecerrados - não dessa forma de pessoa com raiva, que usualmente se associava com os olhos entreabertos, mas sim como se estivesse pensando muito em algo.

Refletindo. Isso era. Estava refletindo, isso era o que havia dito.

Só que estava refletindo sobre ela.

- Sr. Bridgerton? - perguntou ela com vacilação. E não é que soubesse que poderia lhe perguntar quando a reconhecesse.

- Você bebe, Lady Lucinda?

Beber?

- Desculpe-me?

Lhe ofereceu um meio sorriso tímido.

- Brandy. Sei onde meu irmão guarda um material muito bom.

- OH. -Deus do céu-. Não, é claro que não.

- Magoa - murmurou.

- Seriamente, não posso - acrescentou ela, porque, bom, sentia-se como se tivesse que lhe explicar.

Embora claro, ela não bebia álcool.

E claro, ele sabia.

Ele encolheu os ombros.

- Não sei por que o perguntei.
- Devo ir - disse ela.
Mas ele não se moveu.
E ela tampouco.
Perguntou-se que gosto tinha o brandy.
E se perguntou se algum dia saberia.
- Desfrutou da festa? - perguntou ele.
- A festa?
- Acaso não foi obrigada a retornar?
Ela assentiu, revirando os olhos.
- Isso foi fortemente sugerido.
- Ah, então ela a arrastou.
Para a grande surpresa de Lucy, isso a fez rir entre dentes.
- Algo assim. Eu não tinha posta minha máscara, o que me fazia destacar muito.
- Como um cogumelo?
- Como um ?
Ele olhou seu vestido e assentiu ante a cor.
- Como um cogumelo azul.
Ela se olhou assim mesma e depois a ele.
- Sr. Bridgerton, está bêbado?
Ele se inclinou com um sorriso malicioso e ligeiramente tolo. Levantou a mão, marcando uma polegada entre seu dedo polegar e indicador.
- Só um pouco.
Olhou-o duvidando.
- De verdade?
Ele baixou o olhar para seus dedos com a fronte enrugada, depois acrescentou outra polegada, para somá-la no espaço entre eles.
- Bom, possivelmente um pouco mais.
Lucy não sabia muito sobre homens, ou muito sobre as bebidas alcoólicas, mas sabia o suficiente de ambos para perguntar:
- Acaso nem sempre lhe acontece o mesmo?
- Não. -Levantou as sobrancelhas e a olhou sob seu nariz-. Normalmente sei exatamente quão bêbado estou.
Lucy não tinha nem idéia de que dizer ante isso.
- Mas não estou certo de que saiba esta noite - e parecia surpreso por isso.
- OH. - Porque ela estava comunicando-se melhor essa noite.
Ele sorriu.
Seu estômago se sentia estranho.
Tratou de lhe sorrir também. Em realidade devia ir-se.
Mas naturalmente, não se moveu.

Ele inclinou a cabeça a um lado e soltou um pensativo arquejo, e lhe ocorreu que estava fazendo exatamente o que lhe havia dito que estava fazendo -refletindo.

- Estava pensando - disse ele lentamente-, que dados os eventos da noite... inclinou-se para frente na expectativa. Por que as pessoas sempre deixavam que suas vozes saíssem arrastadas só quando estavam a ponto de dizer algo de suma importância?

- Sr. Bridgerton? - tocou-o com o cotovelo, porque agora ele estava olhando fixamente a alguma pintura na parede.

Seus lábios se retorceram pensativamente.

- Você não acha que eu deveria estar um pouco mais aborrecido?

Seus lábios se separaram com a surpresa.

- Você não está aborrecido? -Como era possível?

Ele encolheu os ombros.

- Não tanto como deveria, já que meu coração deixou virtualmente de pulsar quando vi pela primeira vez à Srta. Watson.

Lucy sorriu apertadamente.

Sua cabeça se reacomodou verticalmente, e a olhou, e ela piscou - tinha os olhos perfeitamente claros, como se tivesse tirado uma conclusão óbvia.

- É por isso que suspeito do brandy.

- Já vejo - não o via, é claro, mas o que mas poderia dizer-. Você... ah você parecia muito aborrecido.

- Estava zangado - lhe explicou ele.

- Já não o está?

Ele pensou nisso.

- OH, ainda estou zangado.

E Lucy sentiu que tinha que desculpar-se. O que sabia, era ridículo, porque nada disso era sua culpa. Mas estava tão enraizado nela, essa necessidade de desculpar-se por tudo. Não podia evitar. Queria que todo mundo estivesse feliz. Sempre tinha sido assim. Era melhor dessa maneira. Mais ordenado.

- Sinto muito não lhe ter acreditado o que me disse sobre meu irmão - disse-. Não sabia. De verdade, não sabia.

Ele baixou o olhar para ela, e seus olhos eram amáveis. Não estava certa quando tinha acontecido, porque há um momento, ele parecia enjoado e indiferente. Mas agora... estava diferente.

- Sei que você não sabia - disse ele-. Não tem necessidade de desculpar-se.

- Estava tão sobressaltada como você quando os encontramos.

- Eu não estava sobressaltado - disse. Suavemente, como se estivesse tentando proteger seus sentimentos. Isso a fazia sentir-se idiota por não ter dado conta do que era claro.

Assentiu.

- Não, suponho que você não estava. Já sabia o que estava passando, e eu não. - E de verdade, sentia-se como uma idiota. Como podia estar tão completamente inconsciente?

Tratava-se de Hermione e seu irmão, pelo amor de Deus. Se alguém devia descobrir um romance em florações, essa devia ser ela.

Houve uma pausa - uma desconfortável - e então ele disse:

- Estarei bem.

- OH, claro que o estará - disse Lucy tranquilizadoramente. E então se sentia tranqüilizada, porque se sentia tão estupendo e normal ser a única tentando fazer tudo bem. Isso é o que fazia. Esforçava-se todo o tempo. Assegurava-se que todo mundo estivesse feliz e confortável.

Assim era ela.

Mas então lhe perguntou -OH por que lhe perguntou:

- Estará você?

Ela não disse nada.

- Estará bem - esclareceu ele-. Você estará bem - fez uma pausa, e logo encolheu os ombros - de bem?

- É claro - disse ela, muito rápido.

Tinha pensado que isso era tudo, mas então ele disse:

- Tem certeza? Porque parecia um pouco...

Ela engoliu em seco, esperando incomodamente sua avaliação.

- … preocupada - terminou. - Bom, estava surpreendida - disse, feliz de ter uma resposta-. E por isso naturalmente estava um pouco desconcertada. -Mas escutou uma ligeira gagueira em sua voz, e estava perguntando-se, a qual deles dois, estava tentando convencer.

Ele não disse nada.

Engolliu em seco. Era desconfortável. Ela estava desconfortável, e ainda continuava falando, continuava lhe explicando tudo. E disse:

- Não estou completamente certa do que aconteceu.

Ele ainda, não falava.

- Senti-me um pouco... aqui... - sua mão foi a seu peito, ao ponto onde se havia sentido tão paralisada. Levantou o olhar para ele, lhe pedindo virtualmente com os olhos que dissesse algo, que mudasse o objeto e o fim da conversa.

Mas ele não o fez. E o silêncio a fez explicar.

Se lhe tivesse feito uma pergunta, ou lhe houvesse dito uma palavra consoladora, não o haveria dito. Mas o silêncio era muito. Tinha que ser enchido.

-Não podia me mover - disse, provando as palavras enquanto saíam de seus lábios. Era como se ao falar, estivesse confirmando o que tinha passado finalmente-. Cheguei à porta, e não pude abri-la.

Olhou-o, procurando respostas. Mas claro, ele não tinha nenhuma.

- Eu... eu não sei por que estava tão aflita. - Sua voz soou áspera, inclusive nervosa-. Quero dizer, era Hermione. E meu irmão. Eu sinto muito sua dor, mas isto

agora é bastante ordenado, em realidade. É agradável. Ou pelo menos deve ser. Hermione será minha irmã. Sempre quis uma irmã.

- São intrometidas de vez em quando - disse ele com um meio sorriso, e isso fez que Lucy se sentisse bem. Era notável o muito que o fazia. E isso foi suficiente, para que suas palavras se derramassem, essa vez, sem nenhuma vacilação, sem sequer gaguejar.

- Não podia acreditar que eles tivesse saído juntos. Deveriam ter dito algo. Deveriam-me ter dito que se queriam o um ao outro. Não tinha por que descobrir desta maneira. Não está bem. -Agarrou-lhe o braço e levantou o olhar para ele, seus olhos estavam sérios e desesperados-. Não está bem, Sr. Bridgerton. Não está bem.

Ele agitou sua cabeça, mas só um pouco. Seu queixo apenas se moveu, e seus lábios menos, quando disse:

- Não.

- Tudo está mudando - sussurrou ela e já não estava falando sobre Hermione. Mas isso não lhe importava, porque já não queria pensar. Não nisso. Não no futuro-. Tudo está mudando - sussurrou-, e não posso detê-lo.

De algum modo seu rosto estava mais perto quando disse, de novo:

- Não.

- É muito. - Não podia deixar de olhá-lo, não podia afastar os olhos dos seus, e ainda estava lhe sussurrando - tudo é muito - quando já não houve nenhuma distância entre eles.

E seus lábios tocaram os seus.

Era um beijo.

Ela tinha sido beijada.

Ela. Lucy. Por uma vez tinha acontecido a ela. Estava no centro do mundo. Era a vida. E lhe estava passando a ela.

Era extraordinário, porque isso se sentia tão grande, tão renovador. E embora fosse só um beijo - suave, só um toque, tão leve que fazia cócegas. Sentia uma pressa, um calafrio, um formigamento muito leve no peito. Seu corpo parecia renascer, e ao mesmo tempo congelar-se no lugar, como se um movimento equivocado pudesse fazer com que tudo acabasse.

Mas não queria que tudo acabasse. Que Deus a ajudasse, queria isto. Queria este momento, e queria esta lembrança e queria...

Só queria.

Tudo. Algo que pudesse conseguir.

Algo que pudesse sentir.

Seus braços vieram ao redor dela, e se apoiou neles, suspirando contra sua boca enquanto seu corpo entrava em contato com o seu. Isto era, pensou confusamente.

Isto era a música. Isto era uma sinfonia.

Isto era uma vibração. Mais que uma vibração.

Sua boca ficou mais urgente, e ela se abriu para ele, desfrutando do calor de seu beijo. Falou-lhe, falou-lhe com sua alma. Suas mãos a apertavam mais e mais forte, e as dela se enroscaram ao redor dele, descansando finalmente onde seu cabelo se unia com seu pescoço.

Não tinha querido tocá-lo, nem sequer tinha pensado nisso. Suas mãos pareciam saber aonde ir, como encontrá-lo, atraí-lo mais perto. Suas costas se arquearam e o calor entre eles cresceu.

E o beijo continuou e continuou.

Sentia-o em seu estômago, sentia-o nas pontas de seus pés. Esse beijo parecia estar em todas partes, por toda sua pele, diretamente debaixo de sua alma.

- Lucy - sussurrou ele, seus lábios tinham deixado os dela finalmente, para acender um quente atalho desde seu queixo até sua orelha-. Meu Deus, Lucy.

Não queria falar, não queria dizer nada para romper esse momento. Não sabia como chamá-lo, não podia lhe dizer Gregory, mas Sr. Bridgerton, já não era o correto.

Ele era agora mais que isso. Mais dele.

Tinha tido razão antes. Tudo estava mudando. Não se sentia igual.

Sentia-se...

Acordada.

Seu pescoço se arqueou quando lhe beliscou o lóbulo de sua orelha, e gemeu - sons suaves e incoerentes que se escorregaram de seus lábios como uma canção. Queria afundar-se nele. Queria deslizar-se ao tapete e levá-lo com ela. Queria seu peso, e queria tocá-lo - queria fazer algo. Queria agir. Queria ser atrevida.

Moveu as mãos para seu cabelo, afundando os dedos em suas mechas sedosas. Ele soltou um pequeno gemido, e esse único som de sua voz foi suficiente para fazer que seu coração pulsasse mais rápido. Estava-lhe fazendo coisas extraordinárias em seu pescoço - com seus lábios, sua língua, seus dentes- não sabia qual, mas uma delas a estava fazendo arder.

Seus lábios desceram pela coluna de sua garganta, derramando fogo ao longo de sua pele. E suas mãos moveram-se. Estavam-na tocando, pressionando contra ele, e tudo sentia tão urgente.

Isto não era só o que queria. Era o que necessitava.

Isto era o que tinha acontecido com Hermione? Tinha saído inocentemente a dar um passeio com o Richard e então... isto?

Lucy entendia agora. Entendia o que significava querer algo que estava equivocado, deixar que acontecesse embora pudesse conduzir a um escândalo e...

E então o disse. Provou-o.

- Gregory - sussurrou, provando o nome em seus lábios. Sentia-se como uma festa, íntimo, como se pudesse mudar o mundo e tudo o que a rodeava com uma só palavra.

Se dissesse seu nome, então ele poderia ser seu, e ela poderia esquecer-se de todo o resto, poderia esquecer-se de...

Haselby.

Deus, estava comprometida. Já nem sequer era um acerto. Os papéis tinham sido assinados. E ela estava...

- Não - disse, pressionando as mãos em seu peito-. Não, não posso.

Permitiu-lhe empurrá-lo longe. Ela voltou a cabeça, temerosa de olhá-lo. Sabia que se olhasse seu rosto...

Era fraca. Não poderia resistir.

- Lucy - disse ele, e compreendeu que seu som era tão difícil de suportar como ver seu rosto.

- Não posso fazer isto - agitou a cabeça, sem ainda olhá-lo-. Não está certo.

- Lucy. - E desta vez sentiu seus dedos em seu queixo, insistindo suavemente a enfrentá-lo.

- Por favor me permita escoltá-la acima - disse.

- Não! - saiu-lhe muito forte, e se deteve, engolindo em seco incomodamente-. Não posso me arriscar - disse, permitindo que seus olhos se encontrassem finalmente com os seus.

Foi um engano. A forma em que estava olhando-a nos olhos - seus olhos brilhavam severos, mas havia algo mais. Um toque de suavidade, de calor. E curiosidade. Como se... como se não estivesse certo do que estava vendo. Como se estivesse olhando-a pela primeira vez.

Céu santo, essa era a parte que não podia suportar. Nem sequer estava certa do por que. Possivelmente era porque a estava olhando. Possivelmente era porque a expressão era tão dela. Possivelmente era por ambas as coisas.

Possivelmente isso não importava.

Mas todo a aterrava ao mesmo tempo.

- Não me dissuadirá - disse-. Sua segurança é minha responsabilidade.

Lucy se perguntou o que tinha acontecido ao homem ligeiramente bêbado, e muito jovial com o que tinha estado conversando só há uns momentos. Em seu lugar havia uma pessoa completamente diferente. Alguém que estava realmente a cargo da situação.

- Lucy - disse, e não era exatamente uma pergunta, era um aviso. Ele ganharia de qualquer modo, tinha que reconhecê-lo.

- Meu quarto não está longe - disse ela, provando uma última vez, de qualquer modo-. De verdade, não necessito de sua ajuda. Está acima dessas escadas.

E pelo corredor e ao redor de uma esquina, mas ele não tinha que saber isso.

- Acompanharei-a às escadas, então.

Lucy sabia que era melhor não discutir. Ele não cederia. Sua voz era suave, mas com uma acuidade, que não sabia se tinha escutado ali antes.

- E ficarei ali até que chegue a seu quarto.

- Isso não é necessário.

Ele a ignorou.

- Bata três vezes quando chegar.

- Não vou a...

- Se não a escutar bater, subirei as escadas e me assegurarei pessoalmente de seu bem-estar.

Cruzou os braços, e quando o olhou se perguntou se ele teria sido o mesmo homem se tivesse sido o filho primogênito. Havia uma inesperada imperiosidade nele.

Teria sido um excelente visconde, decidiu, embora não estava certa de que tivesse gostado desse modo. Lorde Bridgerton a aterrava francamente, embora devia ter seu lado suave, para adorar a sua esposa e a seus filhos como obviamente o fazia.

Ainda...

- Lucy.

Engoliu a saliva e rilhou os dentes, odiando ter que admitir que lhe tinha mentido.

- Muito bem - disse a contra gosto-. Se deseja ouvir meu golpe, deve subir ao topo das escadas.

Ele assentiu com a cabeça e a seguiu, os dezessete passos de caminho até o topo.

- Verei-a amanhã - disse ele.

Lucy não disse nada. Tinha o pressentimento de que seria algo imprudente.

- Verei-a amanhã - repetiu.

Ela assentiu, já que parecia ser necessário, e não via como poderia evitá-lo, entretanto.

E queria vê-lo. Não devia querê-lo, e sabia que não devia fazê-lo, mas não podia evitá-lo.

- Suspeito que partiremos - disse-. Quero dizer, retornarei com meu tio, e Richard… bom, o terá assuntos que atender.

Mas suas explicações não mudaram sua expressão. Seu rosto ainda estava resoluto, seus olhos tão firmemente cravados nos seus, que a fez estremecer.

- Verei-a amanhã - foi tudo o que disse.

Ela assentiu de novo, e logo partiu, tão rapidamente como pôde sem irromper em uma carreira. Girou na esquina e finalmente viu seu quarto, só a três portas abaixo.

Mas se deteve. Justo na esquina, fora de sua vista.

E golpeou três vezes.

Só porque podia.

Capítulo 12

No que nada resolve.

Quando Gregory se sentou no dia seguinte para tomar o café da manhã, Kate já estava ali, séria e cansada.

- Sinto-o muito - foi o primeiro que disse quando tomou assento a seu lado.

O que acontecia as desculpas? Perguntou-se. Estavam claramente desenfreadas nos últimos dias.

- Sei que esperava...

- Nada - a interrompeu, dando um olhar ao prato de comida que ela tinha deixado do outro lado da mesa. Duas cadeiras atrás.

- Mas...

- Kate - disse, mas nem sequer reconhecia sua própria voz. Soava mais velho, se fosse possível. Endurecido.

Ela ficou calada, com os lábios ainda separados, como se suas palavras se congelassem em sua língua.

Gregory não sabia o que estava fazendo enquanto ele se concentrava em sua comida - possivelmente olhava ao redor da sala, estimando que algum dos convidados podia escutar sua conversa. De vez em quando a escutava remover-se em seu assento, trocando de posição inconscientemente, ao antecipar-se a dizer algo.

Ele seguiu com seu toucinho.

E logo - sabia que ela não podia manter sua boca fechada por muito tempo.

- Mas você estava...

Voltou-se. Olhou-a duramente. E disse uma palavra.

- Não.

Por um momento sua expressão estava em branco. Logo seus olhos se alongaram, e um canto de sua boca se levantou. Só um pouco.

- Quantos anos tinha quando nos conhecemos? - perguntou.

Que diabos era isso?

- Não sei - disse ele com impaciência, tentando recordar as bodas de seu irmão. Tinha havido muitíssimas flores. Tinha espirrado durante semanas, ou isso lhe parecia.

- Treze, possivelmente. Doze?

Olhou-o com curiosidade.

- Acredito que deve ser difícil, ser muito mais jovem que seus irmãos.

Ele baixou seu garfo.

- Anthony, Benedict e Colin - todos nasceram consecutivamente. Como patos, sempre pensei isso, mas não sou tão idiota para dizer. E depois... hmmm. Quantos anos há entre você e Colin?

- Dez.

- Tudo isso? - Kate parecia surpreendida, o que, ele não estava certo de achar particularmente elogioso.

- Há seis anos completos de Colin a Anthony - continuou, pressionando um dedo contra seu queixo como se estivesse indicando um pensamento profundo-. um pouco mais que isso, em realidade. Mas suponho que usualmente se agrupavam, já que tinham Benedict no meio.

Esperou.

- Bom, não importa - disse ela bruscamente-. Cada qual encontra seu lugar na vida, depois de tudo. Agora então...

Olhou-a fixamente assombrado. Como podia mudar de assunto assim? Antes que pudesse ter alguma idéia do que ela estava falando.

- … suponho que devo informá-lo sobre os eventos que aconteceram no resto da noite. Depois que partiu. - Kate suspirou - em realidade grunhiu- agitou a cabeça-.

Lady Watson estava um pouco aborrecida de que sua filha não tenha sido estreitamente fiscalizada, embora em realidade, de quem foi a culpa? E logo se incomodou porque a temporada da Senhorita Watson tinha terminado antes que tivesse a oportunidade de gastar dinheiro em seu novo guarda-roupa. Porque, depois de tudo, não é como se agora fosse fazer sua estréia.

Kate fez uma pausa, esperando que Gregory dissesse algo. Ele levantou as sobrancelhas e fez o mais diminuto dos encolhimentos de ombros, só o suficiente para indicar que não tinha nada que acrescentar à conversa.

Kate lhe deu um segundo mais, e depois continuou com:

- Lady Watson mudou de parecer rapidamente quando lhe indicou que Fennsworth é um conde, embora seja muito jovem.

Fez uma pausa, retorcendo seus lábios.

- Ele é muito jovem, não lhe parece?

- Não é muito mais jovem que eu - disse Gregory, embora tinha pensado que Fennsworth era um completo bebê a noite anterior.

Kate parecia estar pensando nisso.

- Não - disse lentamente-, há uma diferença. Ele não é... Bom, não sei. Em todo caso...

Por que continuava mudando de assunto quando começava a dizer algo que realmente queria escutar?

- Os esponsais estão arrumados - continuou, subindo de velocidade nessa parte-, e acredito que todas as partes envolvidas estão satisfeitas.

Gregory supôs que ele não contava como uma parte envolvida. Mas então de novo, sentiu mais irritação que outra coisa. Não gostava de ser derrotado. Em nada.

Bom, exceto em disparar. Tinha passado muito tempo desde que se rendeu nisso.

Como é que alguma vez lhe tinha ocorrido, nem sequer uma vez, que ao final não poderia conquistar à Srta. Watson? Tinha aceito que não ia ser fácil, mas para ele, era um assunto do destino. Destinado.

Realmente tinha feito progressos com ela. Tinha rido com ele, Por Deus. Rido. Certamente isso tinha que ter significado algo.

- Eles partem hoje - disse Kate-. Todos. Separadamente, é claro. Lady e a Srta. Watson partem para fazer os preparativos do casamento, e Lorde Fennsworth vai levar a sua irmã para casa. Depois de tudo, essa foi a razão pela que veio.

Lucy. Tinha que ver Lucy.

Tinha estado tentando não pensar nela.

Com resultados contraditórios.

Mas ela estava ali, todo o tempo, flutuando no fundo de sua mente, inclusive enquanto pensava na perda da Srta. Watson.

Lucy. Era impossível pensar nela como Lady Lucinda. Mesmo que não a tivesse beijado, seria Lucy. Essa era ela. Encaixava-lhe perfeitamente.

Mas a tinha beijado. E tinha sido fantástico.

Mas em sua maior parte, inesperado.

Tudo o que aconteceu o surpreendeu, inclusive o próprio fato de havê-lo levado a cabo. Era Lucy. Não se supunha que devia beijar Lucy.

Mas ela tinha estado sustentando seu braço. E seus olhos - O que havia em seus olhos? Tinha levantado o olhar para ele, procurando algo.

Procurando o para algo.

Não tinha querido fazê-lo. Só aconteceu. Havia-se sentido atraído, miserável inexoravelmente para ela, e o espaço entre eles se tornou mais e mais pequeno.

E então ela estava ali. Em seus braços.

Tinha desejado afundar-se no chão, perder-se nela e nunca soltá-la.

Tinha desejado beijá-la até que ambos se afastassem pela paixão.

Tinha desejado...

Bom. Tinha desejado muitas coisas, para falar a verdade. Mas também tinha estado um pouco bêbado.

Não muito. Mas o suficiente para duvidar da veracidade de sua resposta.

E tinha estado zangado. Desequilibrado.

Não com Lucy, é claro, mas estava muito certo de que isso tinha debilitado seu julgamento.

Mas ainda assim, devia vê-la. Ela era uma jovem dama de bom berço. A gente não beijava a uma dessas, sem nenhuma explicação. E também devia desculpar-se, embora realmente não se sentia como se quisesse fazê-lo.

Mas era o que devia fazer.

Levantou o olhar para Kate.

- Quando partirão?

- Lady e a Srta. Watson? Esta tarde, acredito.

Não, quase lhe gritou, falo de Lady Lucinda. Mas se conteve e manteve seu tom de voz indiferente quando disse em seu lugar:

- E Fennsworth?

- Logo, acredito. Lady Lucinda já desceu para tomar o café da manhã. -Kate pensou por um momento-. Acredito que Fennsworth disse que desejava chegar a casa para o jantar. Podem fazer sua viagem em um dia. Não vivem muito longe.

- Perto do Dover - murmurou Gregory ausentemente.

Kate franziu a fronte.

- Acho que tem razão.

Gregory franziu o cenho a sua comida. Tinha pensado em esperar ali Lucy; já que ela não podia perder o café da manhã. Mas se já tinha comido, então o momento de sua partida estava muito perto.

E ele precisava encontrá-la.

Levantou-se. Um pouco abruptamente -, golpeou o joelho contra a beira da mesa, fazendo com que Kate o olhasse com uma expressão de sobressalto.

- Não vai terminar de tomar o café da manhã? - perguntou-lhe.

Ele negou com a cabeça.

- Não tenho fome.

Olhou-o com evidente incredulidade. Depois de tudo, ela tinha sido membro da família por mais de dez anos.

- Como isso é possível?

Ele ignorou sua pergunta.

- Desejo que passe uma linda manhã.

- Gregory?

Voltou-se. Não queria fazê-lo, mas havia uma ligeira irritação em sua voz, o suficiente para saber que devia lhe prestar atenção.

Os olhos de Kate se encheram de compaixão - e apreensão.

- Não vai procurar à Srta. Watson, verdade?

- Não - disse, e era quase cômico, porque essa era a última coisa em sua mente.

Lucy olhava fixamente a seus baús empacotados, sentindo-se cansada. Triste. Confusa.

E só o céu sabia que mais.

Escorrida. Assim era como se sentia. Tinha observado às empregadas com as toalhas de banho, como as retorciam e retorciam até escorrer a última gota de água.

Então se tinha convertido nisso.

Agora era uma toalha de banho.

- Lucy?

Era Hermione, entrando silenciosamente em seu quarto. Lucy já estava adormecida quando Hermione tinha retornado a noite anterior, e Hermione tinha estado adormecida quando Lucy tinha descido para tomar o café da manhã.

Quando Lucy tinha retornado, Hermione já se fora. E de muitas formas, Lucy tinha estado agradecida por isso.

- Estava com minha mãe - lhe explicou Hermione-. Partiremos esta tarde.

Lucy assentiu com a cabeça. Lady Bridgerton se encontrara com ela no café da manhã e lhe tinha informado todos os planos. Quando tinha retornado a seu quarto, seus pertences estavam empacotados e prontos para ser carregados na carruagem.

Então, isso era tudo.

- Queria falar com você - disse Hermione, posando-se na beira da cama mas mantendo-se afastada a uma distância prudente de Lucy. - Queria explicar-lhe.

O olhar de Lucy permanecia fixo nos baús.

- Não há nada que explicar. Estou muito contente de que te case com o Richard. -Conseguiu lhe sorrir cansativamente-. Agora será minha irmã.

- Não parece muito feliz.

- Estou cansada.

Hermione ficou calada um momento, e então, quando estava claro que Lucy já tinha falado, disse:

- Queria me assegurar de que soubesse que não estava lhe ocultando nada. Nunca faria isso. Espero que saiba que nunca faria algo assim.

Lucy assentiu, porque sabia, embora se havia sentido abandonada, e possivelmente inclusive um pouco traída a noite anterior.

Hermione engoliu a saliva, sua mandíbula se apertou, e logo tomou fôlego. E Lucy soube nesse momento que tinha ensaiado suas palavras durante horas, movendo as de um lado a outro em sua mente, procurando a combinação correta para dizer o que sentia.

Isso era exatamente o que Lucy teria feito, mas ainda assim, de algum modo isso lhe dava vontade de chorar.

Mas apesar de toda a prática de Hermione, quando falou, ainda estava mudando de parecer, escolhendo novas palavras e frases.

- Em realidade o amava. Não. Não - disse, falando mais para ela mesma que para Lucy-. O que quero dizer é, realmente pensei que amava ao Sr. Edmonds. Mas acho que não o fazia. Porque primeiro foi o Sr. Bridgerton, e depois Richard.

Lucy levantou o olhar repentinamente.

- O que quer dizer, com que primeiro foi o Sr. Bridgerton?

- Eu não estou certa, em realidade - respondeu Hermione, agitada pela pergunta-. Quando compartilhei o café da manhã com ele foi como se me tivesse despertado de um sonho longo e estranho. Recorda, o que lhe disse sobre isso? OH, não escutei música ou algo assim, e nem sequer me senti... Bom, não sei como lhe explicar isso mas embora não estivesse de maneira nenhuma emocionada -como o estive com o Sr. Edmonds- Eu me perguntei. Por ele. E se possivelmente, poderia sentir algo.

Se tentasse. Não via como podia estar apaixonada pelo Sr. Edmonds se o Sr. Bridgerton me fazia me perguntar esse tipo de coisas.

Lucy assentiu com a cabeça. O Sr. Bridgerton a tinha feito perguntar-se, também. Mas não sobre se ela podia. Isso sabia. Só queria saber como obrigar-se a não fazê-lo.

Mas Hermione não notava sua angústia. Ou talvez Lucy a escondia bem. De qualquer maneira, Hermione simplesmente continuou com sua explicação:

- E então - disse-, com Richard não estou certa como aconteceu, mas estávamos caminhando, e falando, e tudo parecia tão agradável. Mas muito mais agradável - acrescentou apressadamente-. Agradável soa aborrecido, não era isso. Senti-me bem. Como se tivesse chegado a casa.

Hermione sorriu, quase desamparadamente, como se não pudesse acreditar em sua boa fortuna. E Lucy estava feliz por ela. De verdade, estava. Mas se perguntou como era possível sentir-se tão feliz e tão triste ao mesmo tempo. Porque ela nunca ia sentir se dessa maneira. E mesmo que não tivesse acreditado nisso antes, o fazia isso agora. E isso piorava tudo.

- Sinto muito não ter parecido feliz por você ontem à noite - disse Lucy suavemente-. Estou. Muitíssimo. Foi a comoção, isso é tudo. Tantas mudanças ao mesmo tempo.

- Mas foram boas mudanças, Lucy - disse Hermione, seus olhos brilhavam-. Boas mudanças.

Lucy desejou poder compartilhar sua confiança. Queria abraçar o otimismo de Hermione, mas em seu lugar se sentia perturbada. Mas não podia dizer isso a sua amiga.

Não agora, quando estava brilhando de felicidade.

Assim Lucy sorriu e disse:

- Terá uma boa vida com Richard. - E o desejava, também.

Hermione lhe pegou a mão com as suas, apertando-a fortemente com toda a amizade e a emoção que havia dentro dela.

- OH, Lucy, sei. Conheço-o faz tempo, e ele é seu irmão, e sempre me tem feito sentir segura. Confortável , em realidade. Não tenho que me preocupar sobre o que pensa de mim. Você certamente lhe disse tudo, o bom e o mau, ele ainda acredita que sou bastante boa.

- Ele não sabe que você não sabe dançar - admitiu Lucy.

- Não sabe? - Hermione encolheu os ombros-. Direi a ele, então. Talvez possa me ensinar. Tem algum talento para isso?

Lucy negou com a cabeça.

- Vê? - disse Hermione, seu sorriso era nostálgico, esperançoso e jubiloso, de repente-. Somos um casal perfeito. Isso esclareceu tudo. É tão fácil falar com ele, e ontem à noite... eu estava rindo, e ele estava rindo, e sentia isso tão maravilhoso. Em realidade não lhe posso explicar.

Mas não tinha que explicar-lhe. Lucy estava aterrada de saber exatamente o que Hermione queria dizer.

- E depois estávamos no laranjal, e tudo era tão belo com a luz da lua brilhando através do vidro. De repente tudo era colorido e impreciso e então o olhei.

- Os olhos de Hermione ficaram empanados e desfocados, Lucy sabia que estava perdida na lembrança.

Perdida e feliz.

- Olhei-o - disse Hermione de novo-. E ele estava me olhando. Não podia afastar o olhar. Simplesmente não podia. E então nos beijamos. Isso foi... nem sequer posso pensar nisso. Só aconteceu. Foi a coisa mais natural e maravilhosa do mundo.

Lucy assentiu tristemente.

- Compreendi que não o tinha entendido antes. Com o Sr. Edmonds - OH, pensei que estava tão profundamente apaixonada por ele, mas não sabia o que era o amor. Ele era tão bonito, e me fazia sentir tímida e entusiasmada, mas nunca desejei beijá-lo. Nunca o considere e aconteceu, não porque o quisesse, mas sim por que... por que...

Porque o que? Lucy queria gritar. Mas ainda quando teve o impulso, faltava-lhe energia.

- Porque era aonde eu pertencia - terminou Hermione suavemente, e parecia assombrada, como se não o tivesse compreendido antes, a não ser nesse preciso momento.

Lucy começou a sentir-se muito estranha de repente. Sentia os músculos trêmulos, e tinha o mais demente desejo de envolver suas mãos em punhos. O que tinha querido dizer com isso? Por que lhe estava dizendo isso? Todos tinham passado muito tempo lhe dizendo que o amor era algo mágico, algo selvagem e incontrolável que chegava como uma tormenta.

E agora era algo mais? Era somente comodidade? Algo pacífico? Algo que realmente parecia agradável?

- O que aconteceu com o de escutar música? - escutou-se assim mesma lhe exigir-. Isso de ver a nuca, e sabê-lo?

Hermione lhe ofereceu um necessitado encolhimento de ombros.

- Não sei. Mas não confiaria nisso, se fosse você.

Lucy fechou os olhos em agonia. Não necessitava que a advertisse. Nunca tinha confiado nesse tipo de sentimento. Não era do tipo que memorizava sonetos de amor, e nunca o seria. Mas de outro modo - o que tinha que ver com o sorriso, a comodidade, o sentimento agradável- nesse confiaria em um instante.

E Deus do céu, isso era o que tinha sentido com o Sr. Bridgerton.

Tudo isso e a música, também.

Lucy sentia como o sangue abandonava seu rosto. Tinha escutado música quando o beijou. Tinha sido uma verdadeira sinfonia, com elevados crescendo, sonora percussão e inclusive isso que pulsava em um pequeno batimento do

coração que nunca se notava até que se arrastava e tomava o ritmo do coração de alguém.

Lucy tinha flutuado. Tinha tremido. Sentiu todas essas coisas que Hermione havia dito, tinha sentido com o Sr. Edmonds - e também tudo o que lhe havia dito que sentia com Richard.

Tudo com uma pessoa.

Estava apaixonada por ele. Estava apaixonada por Gregory Bridgerton. A compreensão não podia ser mais clara ou mais cruel.

- Lucy? - perguntou Hermione com vacilação. E então de novo-: Lucy?

- Quando é o casamento? - perguntou Lucy abruptamente. Porque mudar de assunto era a única coisa que podia fazer. Voltou-se, olhou diretamente para Hermione e lhe fixou o olhar pela primeira vez na conversa. - começou a fazer planos? Será em Fenchley?

Detalhes. Os detalhes eram sua salvação. Sempre tinham sido.

A expressão de Hermione parecia confusa, depois preocupada, e depois disse:

- Eu... não, acredito que vai ser na Abadia. É muito maior. E tem certeza que está bem?

- Muito bem - disse Lucy bruscamente, e soava como ela mesma, assim possivelmente isso poderia significar que se sentia também dessa forma-. Mas não mencionou quando.

- OH. Logo. Disseram-me que ontem à noite havia pessoas perto do laranjal. Não estou certa do que escutei - ou repeti- mas os sussurros começaram, por isso temos que organizar tudo o mais rápido possível. -Hermione lhe brindou um doce sorriso-. Isso não me importa. E acredito que ao Richard tampouco.

Lucy se perguntou qual das duas chegaria primeiro ao altar. Esperava que fosse Hermione.

Escutou-se um golpe na porta. Era uma criada, seguida por dois lacaios, que vinham levar os baús de Lucy.

- Richard deseja partir cedo - explicou Lucy, embora não tivesse visto seu irmão desde os eventos acontecidos na noite anterior. Hermione certamente conhecia seus planos melhor que ela.

- Pense, Lucy - disse Hermione, enquanto andava para a porta-. Ambas seremos condessas. Eu de Fennsworth e você de Davenport. As duas, seremos uma sensação.

Lucy sabia que estava tentando animá-la, por isso usou cada onça de sua energia para obrigar-se a sorrir ao alcançar seus olhos, quando disse:

- Será muito divertido, não lhe parece?

Hermione tomou a mão e a apertou.

- OH, será, Lucy. Já o verá. Estamos à alvorada de um novo dia, e será luminoso, em efeito.

Lucy deu um abraço a sua amiga. Essa era a única forma que pensou, poderia ajudá-la a esconder o rosto de sua vista.

Porque não havia maneira de poder fingir sua risada dessa vez.

Gregory a encontrou bem a tempo. Ela estava frente ao caminho, surpreendentemente sozinha, afastada do molho de criados que corriam por todos os lados. Podia ver seu perfil, o queixo ligeiramente inclinado enquanto olhava como seus baús eram carregados na carruagem. Parecia serena. Cuidadosamente firme.

- Lady Lucinda - a chamou.

Ela permaneceu muito quieta antes de voltar-se. E quando o fez, seus olhos brilhavam doídos.

- Me alegro de tê-la alcançado - disse ele, embora já não estava tão seguro disso. Ela não parecia feliz de vê-lo. Não o tinha esperado.

- Sr. Bridgerton - disse. Seus lábios se enrugaram nos cantos, como se pensasse que estava sorrindo.

Havia centenas de coisas diferentes que ele poderia lhe ter dito, mas é claro, escolheu a menos importante e a mais óbvia.

- Vejo que parte.

- Sim - disse ela, depois da mais vazia das pausas-. Richard deseja partir cedo.

Gregory deu uma olhada ao redor.

- Está aqui?

- Não ainda. Imagino que está despedindo-se de Hermione.

- Ah. Sim. - pigarreou. - É claro.

Olhou-a, e ela o olhou, e ambos ficaram calados.

Desconfortáveis.

- Queria lhe dizer que sinto muito - disse ele.

Ela não sorriu. Não estava certo do que era sua expressão, mas não era um sorriso.

- É claro - disse.

É claro? É claro?

- Aceito-a. - Olhou-o ligeiramente sobre seu ombro-. Por favor, não pense nisso outra vez.

Isso era o que ela devia lhe dizer, mas ainda assim, incomodava ao Gregory. Tinha-a beijado, e tinha sido estupendo, e se desejava recordá-lo, ninguém o impediria.

- Verei-a em Londres? - perguntou.

Levantou o olhar para ele, e seus olhos se encontraram finalmente com os seus. Estava procurando algo. Estava procurando algo em seu interior, que ele não acreditou que encontraria.

Olhava-o muito sombria, muito cansada.

Muito diferente a ela.

- Espero que sim - respondeu-. Mas não será o mesmo. Você sabe, que estou comprometida.

- Virtualmente comprometida - lhe recordou ele, sorrindo.

- Não. - Meneou a cabeça, lenta e resignadamente-. Agora o estou de verdade. Por isso Richard veio me levar para casa. Meu tio finalizou os acordos. Acho que os proclamas se lerão logo. Está concretizado.

Seus lábios se separaram com surpresa.

- Já vejo - disse ele, e sua mente correu. E correu e correu, e não chegou absolutamente a nenhuma parte-. Desejo o melhor - disse, porque que mais podia dizer?

Ela assentiu, inclinando a cabeça para a extensa grama verde que estava diante da casa.

- Acho que darei uma volta ao redor do jardim. Espera-me uma longa viagem.

- Claro - disse ele, lhe oferecendo uma breve cortesia. Ela não desejava sua companhia. Isso não podia ser mais claro, embora o houvesse dito com palavras.

- Foi estupendo conhecê-lo - disse ela. Seus olhos se cravaram nos dele, e pela primeira vez na conversa, ele a viu, viu diretamente todo seu interior, cansado e ferido.

E se deu conta de que lhe estava dizendo adeus.

- Sinto muito - deteve-se, olhando para um lado. A um muro de pedra-. Sinto que nada tenha saído como você tinha esperado.

Eu não, pensou, e compreendeu que era verdade. Teve uma imagem súbita de sua vida casado com Hermione Watson, e estava...

Aborrecido.

Bom Deus, como não tinha compreendido até agora? Ele e a Srta. Watson não pareciam feitos um para o outro, e de verdade, escapou por muito pouco.

Não era muito provável que confiasse em seu julgamento a próxima vez nos assuntos do coração, mas isso era muito mais preferível que um matrimônio aborrecido.

Supôs que tinha que agradecer à Lady Lucinda por isso, embora não estava seguro do por que. Isso não tinha estado contra seu matrimônio com a Srta. Watson; de fato, tinha-o animado em todo momento.

Mas de algum modo era responsável por fazê-lo repensar. Se havia algo que devia ser reconhecido essa manhã, era isso.

Lucy fez gestos novamente para a grama.

- Darei esse passeio - disse.

Ele assentiu como saudação, e a olhou enquanto se afastava. Seu cabelo estava arrumado lindamente em um coque, as mechas loiras apanhavam a luz do sol, como o mel e a manteiga.

Realmente esperou um momento, não porque esperasse que se desse a volta, ou inclusive porque esperasse que ela o fizesse.

Era no caso de.

Porque ela poderia fazê-lo. Poderia voltar-se, e poderia ter que lhe dizer algo, e então lhe responderia, e ela poderia...

Mas não o fez. Seguiu caminhando. Não se voltou, não olhou para trás, e ele se passou seus últimos minutos olhando sua nuca. E tudo o que pensou foi...

Algo não está bem.

Mas por sua vida, que não sabia o que.

Capítulo 13
No que nossa heroína dá um breve olhar a seu futuro.

Um mês depois

A comida era deliciosa, os utensílios da mesa eram magníficos, o ambiente, além do opulento.

Entretanto, Lucy, era miserável.

Lorde Haselby e seu pai, o conde de Davenport, tinham vindo jantar em Fennsworth House, em Londres. Tinha sido uma idéia de Lucy, um fato que agora achava dolorosamente irônico. Só faltava para seu casamento uma semana, e ainda até esta noite, não tinha visto seu futuro marido. Não desde que o casamento tinha passado de provável a iminente, entretanto.

Ela e seu tio tinham chegado a Londres uma quinzena antes, e depois que tinham passado onze dias sem ter visto nenhum sinal de seu noivo, aproximou-se de seu tio e lhe tinha perguntado se podiam arrumar algum tipo de reunião. Ele tinha parecido irritado, embora não, Lucy estava muito segura, porque pensasse que seu requerimento era tolo. Não, sua mera presença era tudo o que necessitava para lhe provocar tal expressão. Parou-se em frente dele, e o tinha obrigado a levantar o olhar.

Tio Robert não gostava de ser interrompido.

Mas aparentemente entendeu a sabedoria em permitir que um casal prometido compartilhasse umas palavras antes de encontrar-se em uma igreja, já que havia dito laconicamente que se encarregaria de fazer os acertos.

Mantendo a flutuação sua pequena vitória, Lucy lhe tinha perguntado se podia ir a um dos muitos eventos sociais que se estavam levando a cabo virtualmente à frente de sua casa. A temporada social de Londres tinha começado, e todas as noites Lucy ficava de pé frente à janela, olhando como rodavam as carruagens elegantes.

Uma vez, celebrou-se uma festa no St. James Square, justo em frente do Fennsworth House. A fila de carruagens tinha serpenteado ao redor da rua, e Lucy tinha apagado as velas em seu quarto para que sua silhueta não se projetasse na janela, enquanto observava os eventos. Vários dos convidados se impacientaram com a espera, e dado que o clima era tão agradável, desembarcaram ao lado de sua rua e tinham caminhado o resto do caminho.

Lucy se havia dito que somente queria ver os vestidos, mas em seu coração sabia a verdade.

Estava procurando o Sr. Bridgerton.

Não sabia o que poderia fazer se realmente o visse. Apartar-se de sua vista, supunha. Ele tinha que saber que esta era sua casa, e certamente teria curiosidade de olhar a fachada, inclusive se sua presença em Londres não fosse um fato muito conhecido.

Mas ele não foi a essa festa, e se o fez, sua carruagem o tinha depositado justo em frente da soleira.

Ou possivelmente ele não estava em Londres. Lucy não tinha nenhuma forma de saber. Estava apanhada na casa com seu tio e sua envelhecida e ligeiramente surda tia Harret, que tinha sido trazida por questões de conveniência social. Lucy saía da casa para viajar aonde a costureira e para passear no parque, mas à exceção disso, estava completamente sozinha, com um tio que não lhe falava e uma tia que não podia escutá-la.

Assim geralmente não tinha a ninguém com quem falar. Sobre Gregory Bridgerton ou qualquer outro assunto.

Inclusive na ocasião em que via alguém que conhecia, não podia lhe perguntar por ele logo na primeira vez. As pessoas pensariam que estava interessada, o que, é claro era certo, mas ninguém, absolutamente ninguém, devia saber.

Ia casar se com outra pessoa. Em uma semana. E mesmo que não fosse assim, Gregory Bridgerton não lhe tinha mostrado nenhum sinal de que poderia estar interessado em ocupar o lugar de Haselby.

Tinha beijado-a, era verdade, e tinha parecido preocupado por seu bem-estar, mas se era dos que achavam que um beijo exigia uma proposta de matrimônio, não lhe tinha feito nenhuma indicação. Não tinha sabido que seu compromisso com o Haselby tinha sido arrumado - não quando a tinha beijado, e tampouco na manhã seguinte quando tinham estado torpemente de pé no caminho. Só tinha acreditado que estava beijando a uma moça quem estava completamente sem compromisso. Simplesmente não se fazia tal coisa, a menos que estivesse preparado e desejoso de caminhar para o altar.

Mas não Gregory. Quando ela finalmente o tinha contado, não tinha parecido ferido. Nem sequer ligeiramente perturbado. Não tinha havido nenhuma suplica para reconsiderar, ou para tentar encontrar uma forma para sair disso. Tudo o que viu em seu rosto - e ela o tinha olhado, OH, como o tinha olhado - foi nada.

Seu rosto, seus olhos - pareciam quase vazios. Possivelmente um toque de surpresa, mas não sofrimento nem alívio. Nada que lhe indicasse que seu compromisso significava algo para ele, de uma ou outra maneira.

OH, ela não achava que fosse um sem-vergonha, e estava bastante certa que se casaria com ela, se tivesse sido necessário. Mas ninguém os tinha visto, e desse modo, para o resto do mundo, isso nunca tinha acontecido.

Não havia conseqüências. Para nenhum dos dois.

Mas não seria agradável se ele tivesse parecido um pouco aborrecido? Tinha beijado-a e a terra tinha tremido - certamente ele também o sentiu. Não deveria ele

ter querido mais? Não deveria, tê-la querido, se não fosse para casar-se, então pelo menos para a possibilidade de seguir fazendo isso?

Mas em seu lugar lhe havia dito, "desejo-lhe o melhor", e isso tinha parecido tão definitivo. Quando tinha estado ali, olhando como seus baús eram carregados na carruagem, havia sentido como seu coração se rompia. Havia sentido, em seu peito. Isso tinha doído. E quando se afastou, tudo foi muito pior, já que sentia como se seu peito se apertasse e espremesse até que pensou que ficaria sem fôlego. Tinha começado a mover-se mais rapidamente - tão rápido como podia, enquanto seguia caminhando normalmente, e então finalmente deu volta em uma esquina e se derrubou em um banco, deixando que sua rosto caísse desamparadamente entre suas mãos.

E rezou para que ninguém a visse.

Tinha querido olhar para trás. Tinha querido lhe roubar um último olhar e memorizar sua postura - essa maneira singular de apoiar-se quando estava de pé, com as mãos nas costas, as pernas ligeiramente afastadas. Lucy sabia que centenas de homens assumiam a mesma postura, mas nele, era diferente. Ele podia estar olhando em outra direção, a metros e metros de distância, e ela poderia identificá-lo.

Também caminhava diferente, um pouco desenvolto e tolerante, como se uma pequena parte de seu coração ainda tivesse sete anos. Notava-se em seus ombros, possivelmente nos quadris - era o tipo de coisas que quase ninguém poderia notar, mas Lucy sempre tinha prestado atenção aos detalhes.

Mas não tinha olhado para trás. Isso teria sido pior. Ele provavelmente não estava olhando-a, mas se o estivesse e a via virando-se...0

Isso poderia ter sido devastador. Não estava certa do por que, mas teria sido. Não queria que ele a olhasse no rosto. Tinha conseguido permanecer serena em toda sua conversa, mas uma vez se voltasse, sentiria a mudança. Seus lábios se afastaram, e tinha tomado uma enorme inspiração, como se todo o ar se saísse de seus pulmões.

Foi horrível. Não queria que a visse assim.

Além disso, ele não estava interessado. Fizera de tudo menos cair de bruços, para desculpar-se pelo beijo. Sabia o que tinha que fazer; a sociedade o ditava (a não ser era isso, então era uma rápida viagem para o altar). Mas isso doía ao mesmo tempo. Queria pensar que ele havia sentido uma diminuta fração do que ela havia sentido. E não é que algo pudesse sair disso, mas a teria feito sentir melhor.

Ou possivelmente pior.

E afinal, isso não importava. Não importava o que seu coração soubesse ou não soubesse, porque não podia fazer nada com isso. Que graça tinham os sentimentos se a gente não podia usá-los em um fim tangível? Tinha que ser prática. Isso é o que ela era. Era sua única constante em um mundo que girava muito rapidamente para seu consolo.

Mas ainda - aqui em Londres- queria vê-lo. Era tolo e estúpido, certamente era algo desaconselhável, mas o queria de qualquer modo. Nem sequer tinha que falar com ele. De fato, provavelmente não poderia falar com ele. Mas uma olhada...

Uma olhada não faria mal a ninguém.

Mas quando tinha perguntado ao tio Robert se podia ir a uma festa, negou-se, declarando que não tinha sentido perder tempo ou dinheiro na temporada, quando já estava em posse do resultado desejado - uma proposta de matrimônio.

Além disso, tinha-lhe informado, Lorde Davenport desejava que Lucy fosse apresentada em sociedade como Lady Haselby, não como Lady Lucinda Abernathy. Lucy não estava certa do por que isso era importante, especialmente vários membros da sociedade já a conheciam como Lady Lucinda Abernathy, tanto os da escola e o "polimento", que ela e Hermione tinham sofrido essa primavera. Mas o tio Robert lhe tinha indicado (em sua inimitável maneira, em outras palavras, o dizer algo sem palavras) que a entrevista tinha terminado, e esteve preparado para voltar sua atenção aos papéis que estavam em sua escrivaninha.

Por um breve instante, Lucy ficou no lugar. Talvez se dissesse seu nome, ele poderia levantar o olhar. Ou possivelmente não. Mas se o fizesse, sua paciência poderia estar a ponto de acabar, e se sentiria desgostada, e não receberia nenhuma resposta a suas perguntas, de qualquer modo.

Assim só assentiu e saiu do aposento. Embora só o céu sabia por que, incomodou-se em assentir. O tio Robert nunca a olhava, uma vez que a despedia.

E agora aqui estava, no jantar que tinha pedido, e desejando -fervorosamente - que nunca tivesse aberto sua boca. Haselby estava bem, inclusive era absolutamente agradável. Mas seu pai...

Lucy rezou para que não tivesse que viver na residência do Davenport. Por favor, por favor que Haselby tenha sua própria casa.

Em Gales. Ou talvez na França.

Lorde Davenport havia, depois de queixar do tempo, da Câmara dos Comuns, e a ópera (os quais encontrava, respectivamente, chuvoso, cheio de idiotas mau educados, e por Deus nem sequer está em inglês!) então voltou seu olho crítico para ela.

Lucy tomou toda sua fortaleza para não dar marcha atrás quando baixou sobre ela. Olhou-a como se fosse um peixe com sobrepeso, com os olhos bulbosos e os lábios grossos, carnudos. Verdadeiramente, Lucy não se surpreenderia se ele se arrancasse a camisa para revelar sua guelra e escamas.

E então... eeeeuhh se estremecia de só recordá-lo. Deteve-se perto dela, tão casa da moeda que sua quente e rançosa respiração soprava ao redor de sua rosto.

Estava de pé rigidamente, com a postura perfeita que tinha praticado desde seu nascimento.

Lhe disse que lhe mostrasse os dentes.

Isso tinha sido humilhante.

Lorde Davenport a tinha inspecionado como se fosse uma égua de cria, inclusive ultrapassando-se ao colocar suas mãos em seus quadris para as medir para o parto potencial! Lucy tinha ficado sem fôlego e tinha olhado freneticamente a seu tio para que a ajudasse, mas ele tinha o rosto endurecido e estava olhando fixamente a outro lugar que não era seu rosto.

E agora que se sentaram a comer... !Deus do céu! Lorde Davenport a estava interrogando. Tinha-lhe feito cada pergunta concebível sobre sua saúde, das áreas cobertas que estava certa não era conveniente para a companhia mista, e então, só quando pensou que o pior tinha terminado...

- Sabe - as tabelas?

Lucy piscou.

- Desculpe-me?

- Suas tabelas - lhe disse ele com impaciência-. Seis, sete.

Por um momento, Lucy não podia falar. Queria que lhe mostrasse suas aptidões matemática?

- Bem? - exigiu ele.

- Claro - gaguejou ela. Olhou novamente a seu tio, mas ainda continuava com sua expressão de determinado desinteresse.

- Me mostre. -A boca do Davenport se estabeleceu em uma firme linha, em suas faces flácidas-. Será a do sete.

- Eu... ah... - Absolutamente desesperada, inclusive tentou apanhar o olhar da Tia Harriet, mas ela estava completamente ignorante dos fatos e de fato, não tinha proferido uma palavra desde que tinha começado a noite.

- Pai - o interrompeu Haselby-, certamente você...

- Tudo se trata da criança - disse Lorde Davenport laconicamente-. O futuro da família jaz em seu útero. Temos direito a saber que estamos conseguindo.

Lucy abriu a boca estupefata. Logo compreendeu que tinha movido uma mão a seu abdômen. Apressadamente a deixou cair. Seus olhos flutuaram de um lado ao outro entre o pai e o filho, sem estar certa do que se supunha devia dizer.

- A última coisa que necessita, é de uma mulher que pense muito - estava dizendo Lorde Davenport-. Mas ela deve poder fazer algo tão básico como a multiplicação.

Bom Deus, filho, pensa nas ramificações.

Lucy olhou ao Haselby. Ele afastou o olhar. Apologeticamente.

Engoliu em seco e fechou os olhos por um momento para tomar forças. Quando os abriu, Lorde Davenport estava olhando-a diretamente, e seus lábios estavam separados, compreendeu que ia falar de novo, o que evidentemente não poderia suportar, e...

- Sete, quatorze, vinte e um - disse bruscamente, interrompendo-o com seu melhor esforço-. Vinte e oito, trinta e cinco, quarenta e dois... perguntou-se que faria ele se não o conseguisse. Cancelaria o matrimônio?

- ...quarenta e nove, cinqüenta e seis...

Era tentador. Tão tentador.

- ...sessenta e três, setenta e sete...

Olhou a seu tio. Ele estava comendo. Nem sequer estava olhando-a.

- ...oitenta e dois, oitenta e nove...

- Hum, é suficiente - anunciou Lorde Davenport, detendo-a quando chego aos oitenta e dois.

O sentimento de euforia rapidamente se esfumou de seu peito. Rebelou-se - possivelmente pela primeira vez em toda sua vida - e ninguém o tinha notado. Tinha esperado muito tempo.

Perguntou-se que outras coisas poderia ter feito.

- Bem feito - disse Haselby, com um sorriso alentador.

Lucy conseguiu lhe sorrir em resposta. Ele realmente não era mau. De fato, se não fosse por Gregory, teria pensado que era uma excelente escolha. O cabelo de Haselby era talvez um pouco escasso, e realmente era um pouco magro, mas de resto não tinha nada de que queixar-se. Especialmente de sua personalidade - certamente era o aspecto mais importante de todo homem - que era perfeitamente agradável. Tinham tido uma curta conversa antes do jantar enquanto seu pai e seu tio discutiam sobre política, comportou-se de uma forma encantadora. Inclusive lhe tinha contado uma piada seca e indireta sobre seu pai, acompanhado de uma revirada de olhos, que fez com que Lucy risse entre dentes.

De verdade, não devia queixar-se.

E não o fez. Não podia. É somente que desejava algo mais.

- Posso confiar em que seu comportamento no estabelecimento da Srta. Moss foi aceitável? - perguntou-lhe Lorde Davenport, seus olhos se entrecerraram o suficiente para que sua pergunta não fosse precisamente amistosa.

- Sim, é claro - respondeu Lucy, pestanejando surpreendida. Tinha pensado que a conversa, já não girava em torno dela.

- É uma excelente instituição - disse Davenport, enquanto mastigava um pedaço de cordeiro assado-. Sabem o que uma moça deve saber e não deve saber. A filha do Winslow esteve ali. A do Fordham, também.

- Sim - murmurou Lucy, já que sua resposta parecia ser esperada-. Ambas são moças muito doces - mentiu. Sybilla Winslow era uma desagradável pequena tirana, que se divertia beliscando os antebraços às estudantes mais jovens.

Mas pela primeira vez na noite, Lorde Davenport aparentava estar satisfeito com ela.

- Então, conhece-as bem? - perguntou ele.

- Bem, um pouco - respondeu Lucy evasivamente-. Lady Joanna era um pouco mais velha, mas não era uma escola grande. Realmente não se pode não conhecer as demais estudantes.

- Bem. -Lorde Davenport assentiu com aprovação, suas faces tremeram com o movimento.

Lucy tentou não olhar.

- Essas são as pessoas que você precisa conhecer - seguiu-. Conexões que deve cultivar.

Lucy assentiu respeitosamente, enquanto pensava todo o tempo, em todos os lugares nos quais preferiria estar. Paris, Veneza, Grécia, embora não estavam todos eles em guerra? Não importava. Ainda assim preferiria estar na Grécia.

- ... a responsabilidade com o nome... certos padrões de conduta...

Estaria fazendo muito calor no Oriente? Sempre tinha admirado os vasos chineses.

- ... não tolerarei nenhuma separação de...

Qual era o nome dessa horrível zona da cidade? St. Giles? Sim, também preferiria estar ali.

- ... obrigações. Obrigações!

Este último foi acompanhado por um punho na mesa, que fez que a prataria se sacudisse e que Lucy se removesse em seu assento. Inclusive a tia Harriet levantou o olhar de sua comida.

Lucy voltou rapidamente sua atenção, e quando se deu conta que todos os olhos estavam sobre ela, disse:

- Sim?

Lorde Davenport continuou, quase ameaçadoramente.

- Algum dia você será Lady Davenport. Terá obrigações. Muitas obrigações.

Lucy conseguiu esticar seus lábios, só o suficiente para que parecesse uma resposta. Deus Santo, Quando ia terminar esta noite?

Lorde Davenport continuou, e embora a mesa fosse enorme e estivesse cheia de comida, Lucy retrocedeu instintivamente.

- Não pode tomar suas responsabilidades à ligeira - continuou, subindo o volume de sua voz aterradoramente -. Me entende, moça?

Lucy se perguntou o que aconteceria pusesse as mãos na cabeça e gritasse.

Deus que está nos céus, acaba com esta tortura!!!

Sim, pensou, quase analiticamente, que isso poderia enfurecê-lo. Possivelmente a julgaria como uma doente mental e...

- Claro, Lorde Davenport - se escutou dizer.

Era uma covarde. Uma miserável covarde.

E então, como se fosse alguma classe de brinquedo de corda, que alguém tivesse apagado, Lorde Davenport se reclinou em sua cadeira, perfeitamente sereno.

- Me alegro de escutar dizer isso - disse limpando-os cantos de sua boca com o guardanapo-. Estou tranqüilo ao me dar conta que ainda ensinam deferência e respeito na escola da Srta. Moss. Não estou arrependido de minha escolha de a enviar ali.

O garfo de Lucy se deteve a meio caminho de sua boca.

- Não sabia que o senhor tinha feito os acertos.

- Tinha que fazer algo - grunhiu ele, olhando-a como se fosse uma idiota-. Você não tinha uma mãe que se assegurasse de adestrá-la apropriadamente para seu papel na vida.

Há coisas que terá que aprender para ser uma condessa. Habilidades que deve possuir.

- Claro - disse ela diferentemente, depois de ter decidido que uma amostra de absoluta mansidão e obediência, seria a forma mais rápida de acabar com essa tortura-.

Bem, e obrigada.

- Do que? - perguntou Haselby.

Lucy se voltou para seu noivo. Parecia genuinamente curioso.

- Por que, por me haver enviado à escola da Srta. Moss - explicou, dirigindo cuidadosamente sua resposta para o Haselby. Possivelmente se não olhasse a Lorde Davenport, este esqueceria que estava ali.

- Desfrutou-o, então? - perguntou-lhe Haselby.

- Sim, muito - respondeu ela, um pouco surpreendida do bem que se sentia, ao haver lhe feito uma pergunta corte-. Foi maravilhoso. Fui extremamente feliz ali.

Haselby abriu a boca para responder, mas para o horror de Lucy, a voz que surgiu foi a de seu pai.

- Não se trata do que faz alguém feliz! - foi o rugido violento de Lorde Davenport.

Lucy não podia afastar os olhos da boca ainda aberta do Haselby. Em realidade, pensou, em um estranho momento de absoluta calma, isso tinha sido quase aterrador.

Haselby fechou a boca e se voltou para seu pai com um sorriso firme.

- De que se trata então? - inquiriu, e Lucy não pôde evitar sentir-se impressionada pela absoluta falta de desgosto em sua voz.

- Trata-se sobre o que alguém aprende - respondeu seu pai, deixando que um de seus punhos caísse sobre a mesa da maneira mais imprópria-. E do que o beneficia a alguém.

- Bom, dominei as tábuas de multiplicar - apontou Lucy ligeiramente, e não é que alguém estivesse escutando-a.

- Ela será uma condessa - disparou Davenport-. Uma condessa!

Haselby observou a seu pai serenamente.

- Ela só será condessa quando você morrer - murmurou.

A boca do Lucy caiu aberta.

- Muito certo - continuou Haselby, fazendo estalar uma minúscula mordida de pescado em sua boca casualmente-: Isso não lhe importará muito, verdade?

Lucy se voltou para Lorde Davenport, com os olhos totalmente abertos.

A pele do conde estava ruborizada. Era uma horrível cor - furiosa, escura, e profunda, piorada com o fato de que sua veia estava saltando claramente em sua têmpora.

Ele estava olhando ao Haselby, com os olhos entrecerrados de fúria. Não havia malícia ali, nenhum desejo de fazer mau ou dano, mas embora não tivesse nenhum sentido, Lucy teria jurado nesse momento que Davenport odiava a seu filho.

E Haselby só disse:

- Que bom clima estamos tendo. -E sorriu.

Sorriu!

Lucy o olhou boquiaberta. Estava chovendo e assim o mesmo durante dias. Mas para não sair do assunto, acaso ele não compreendia que seu pai estava a ponto de ter um ataque por seu comentário descarado? Lorde Davenport parecia preparado para explodir, e Lucy estava muito certa de que podia escutar como seus dentes rilharam do rilhavam outro lado da mesa.

E então, como a sala virtualmente pulsava com a ira, o Tio Robert caminhou na brecha.

- Estou contente de que tenhamos decidido celebrar as bodas aqui em Londres - disse, sua voz inclusive era suave e matizada com a finalidade, como se dissesse - terminamos com isso, então-. Como sabe - continuou, enquanto todos outros recuperavam sua compostura-, Fennsworth se casou na Abadia faz duas semanas, e enquanto com isso fez honra à memória da história ancestral - acredito que os últimos sete condes celebraram seus casamentos nessa residência - em realidade, quase ninguém pôde assistir.

Lucy suspeitava que se fez desse modo, pela natureza apressada do evento, mais que por sua localização, mas não parecia ter muito tempo para pensar nesse assunto.

Tinha-lhe encantado o casamento por sua pequenez. Richard e Hermione tinham estado muito felizes, e todos os assistentes tinham saído com uma sensação de amor e amizade.

Tinha sido uma ocasião verdadeiramente alegre.

Até que partiram no dia seguinte para sua viagem de lua de mel em Brighton. Lucy se havia sentido tão miserável e sozinha, quando estava de pé no caminho e se despediu deles.

Mas logo retornariam, recordou. Antes de suas próprias bodas. Hermione seria sua única dama de companhia, e Richard ia entregá-la.

E enquanto isso tinha que permanecer em companhia da tia Harriet. E de Lorde Davenport. E do Haselby, que, ou era absolutamente inteligente ou completamente louco.

Um sorriso gorgoteante - irônico, absurdo e altamente inapropriado- se apertou em sua garganta, escapando através de seu nariz com um bufo pouco elegante.

- Né? - grunhiu Lorde Davenport.

- Não é nada - disse ela rapidamente, tossindo como melhor podia-. Só é um pouco de comida. Possivelmente é uma espinha.

Era quase cômico. Teria sido cômico, inclusive, se o tivesse estado lendo-o em um livro. Teria que ter sido uma sátira, decidiu, porque certamente não se tratava de um romance.

E não podia suportar pensar, que poderia converter-se em uma tragédia.

Deu um olhar ao redor da mesa aos três homens, que atualmente estavam arrumando sua vida. Ia ter que tirar o melhor disso. Não tinha nada mais que fazer. Não tinha sentido sentir-se miserável, sem importar como era difícil ver o lado bom das coisas. E de verdade, poderia ser muito pior.

Assim fez seu melhor esforço, e tratou de olhar tudo de um ponto de vista mais prático, catalogando mentalmente, todas as formas em que isto teria sido muito pior.

Mas em seu lugar, o rosto do Gregory Bridgerton veio a sua mente - e também, todas as formas em que tudo teria sido muito melhor.

Capítulo 14

No que nosso herói e heroína são reunidos, e os pássaros de Londres são deleitados.

Quando Gregory a viu, ali no Hyde Park em seu primeiro dia de volta a Londres, seu primeiro pensamento foi...

Bom, é claro.

Parecia tão natural encontrar-se com Lucy Abernathy em que era literalmente sua primeira hora em Londres. Não sabia por que; não havia uma razão lógica para que se encontrassem. Mas ela tinha estado freqüentemente em seus pensamentos desde que se despediram no Kent. E embora tivesse pensado que ela ainda permanecia no Fennsworth, estava estranhamente pouco surpreso de que fosse a primeira rosto conhecida que via em sua volta depois de permanecer um mês no campo.

Tinha chegado à cidade na noite anterior, muito cansado depois de uma viagem tão longa pelos caminhos alagados, e se tinha deitado imediatamente. Quando despertou - mais cedo que o usual, em realidade - o mundo ainda estava alagado pelas chuvas, mas o sol tinha saído e estava muito brilhante.

Gregory imediatamente se vestiu para sair. Adorava a forma em que o ar cheirava a limpo, depois de uma boa e tormentosa chuva. Inclusive em Londres. Não, especialmente em Londres. Era a única vez que a cidade cheirava assim -densa e fresca, quase como as folhas.

Gregory vivia em um apartamento de um pequeno edifício no Marylebone, e embora seus móveis fossem de segunda e simples, gostava muito desse lugar. Sentia-se como em casa.

Seu irmão e sua mãe o haviam, em múltiplas ocasiões, convidado a viver com eles. Seus amigos pensavam que estava louco por negar-se; ambas as residências eram grandemente mais opulentas e em todo caso, com muitíssimo mais pessoal

que sua humilde morada. Mas preferia sua independência. Assim não teria que preocupar-se de que estivessem lhe dizendo que fazer - eles sabiam que não ia escutá-los, e ele sabia que não ia escutá-los, mas em sua maioria, todos eram bastante amáveis com isso.

Era o escrutínio o que não podia tolerar. Mesmo que sua mãe pretendesse não interferir em sua vida, sabia que estava vigiando-o, tomando nota de sua agenda social.

E fazendo comentários sobre ela. Violet Bridgerton podia, quando a situação o merecia, falar sobre o assunto das damas jovens, os cartões de baile, e as coincidências disso (que se relacionavam com seu filho solteiro) com uma velocidade e facilidade que poderiam fazer com que a cabeça de um homem amadurecido desse voltas.

E freqüentemente o fazia.

Aí está essa dama jovem e esta outra dama e se podia lhe fazer o favor de dançar com ambas - duas vezes - na seguinte festa, e por nada do mundo, ele devia esquecer-se da outra dama. A que estava contra a parede, que ele não tinha visto, de pé, sozinha. Sua tia, devia recordar, era uma amiga muito querida.

A mãe de Gregory tinha muitos amigos muito queridos.

Violet Bridgerton tinha obtido êxito com sete de seus oito filhos para que se estabelecessem em matrimônios felizes, e agora Gregory tinha que suportar sozinho, a seu ardor casamenteiro. Adorava-a, é claro, e adorava que quisesse seu bem-estar e felicidade, mas às vezes o fazia querer arrancar o cabelo.

E Anthony era pior. Ele nem sequer tinha que lhe dizer algo. Normalmente, sua mera presença era suficiente para fazer com que Gregory se sentisse de algum jeito, como se não estivesse mantendo o bom nome da família. Era muito difícil encontrar um caminho no mundo com o poderoso Lorde Bridgerton olhando constantemente sobre o ombro de alguém. Até onde Gregory sabia, seu irmão mais velho nunca tinha cometido um engano em sua vida. O que, o fazia sentir-se muito mais culpado.

Mas, com sorte, esse foi um problema muito mais fácil de resolver do que tinha pensado. Gregory simplesmente se mudara. Requereu-se uma justa parte de sua atribuição para manter sua própria residência, que embora fosse pequena, valia a pena pagar até o último penny.

Inclusive algo tão simples como isso - sair de sua casa sem que ninguém lhe perguntasse de por que ou aonde (ou no caso de sua mãe, com quem) - era estupendo.

Fortalecedor. Era estranho como um mero passeio podia fazer sentir-se como dono de si mesmo, mas o fazia.

E então aqui estava ela. Lucy Abernathy. No Hyde Park, quando o correto era que ela, ainda estivesse no Kent.

Estava sentada em um banco, jogando pedaços de pão a um grupo desalinhado de pássaros, e Gregory recordou esse dia no que tropeçou com ela na

parte traseira do Aubrey Hall. Nessa vez, tinha estado sentada em um banco também, e tinha parecido tão apagada. Em retrospectiva, Gregory compreendeu que certamente seu irmão lhe havia dito que seu compromisso tinha sido arrumado.

Perguntou-se por que não lhe havia dito isso.

Desejou que o tivesse contado.

Se tivesse sabido que ela estava comprometida, nunca a teria beijado. Isso ia contra todos os códigos de conduta que sempre tinha respeitado. Um cavalheiro não devia encontrar-se furtivamente com a noiva de outro homem. Isso simplesmente não se fazia. Se tivesse sabido a verdade, afastaria-se dela essa noite, e teria ...

Congelou-se. Não sabia o que teria feito. Como era possível que houvesse reescrito a cena em sua mente inumeráveis vezes, e justo agora compreendia que nunca tinha pensado em chegar ao ponto de afastar-se dela?

Se o tivesse sabido, a teria guiado diretamente em seu caminho desde o primeiro momento? Tinha tido que agarrá-la pelos braços para sustentá-la, mas teria podido levá-la para seu destino quando a soltou. Isso não teria sido difícil - só teria tido que mover os pés. Então teria terminado com isso, antes que houvesse a oportunidade de ocorrer algo.

Mas em seu lugar, ele tinha sorrido, e lhe tinha perguntado que estava fazendo ali, e então - Deus Santo, em que tinha estado pensando - lhe tinha perguntado se ela bebia brandy.

Depois disso - bom, não estava certo de como tinha acontecido, mas recordava tudo. Cada detalhe. A maneira como o olhava, a mão dela em seu braço. Tinha-estado agarrando-o e por um momento, isso o tinha feito sentir como se o necessitasse. Podia ser sua rocha, seu centro.

Nunca tinha sido o centro de ninguém.

Mas não foi só isso. Não a tinha beijado por isso. Tinha-a beijado por que...

Por que...

Demônios, não sabia por que a tinha beijado. Tinha sido esse momento -esse estranho, e inescrutável momento - e tudo tinha estado tão quieto. Um fabuloso, mágico e hipnotizante silêncio que parecia gotejar-se dentro dele e lhe tirar o fôlego.

A casa tinha estado cheia, abarrotada de convidados, mas no corredor tinham estado sozinhos. Lucy o tinha estado olhando fixamente, explorando-o com os olhos, e então... de algum modo... ela estava mais perto. Não recordava haver-se movido, ou inclinado sua cabeça, mas seu rosto estava a poucos centímetros de distância.

E o seguinte que soube foi...

Que estava beijando-a.

Desde esse momento, simplesmente se tinha deixado levar. Era como se tivesse perdido todo o conhecimento das palavras, da racionalidade e pensamento.

Sua mente se convertera em algo estranho, incapaz de raciocinar. O mundo era cor e som, calor e sensação. Era como se sua mente se apropriara de todo seu corpo.

E agora se perguntava - quando se deixou de perguntar - se tivesse se detido. Se não lhe houvesse dito que não, se não lhe tivesse pressionado as mãos em seu peito e lhe houvesse dito que se detivesse...

Teria feito por acaso mesmo?

Poderia tê-lo feito?

Endireitou os ombros. Ajeitou o queixo. Claro que o teria feito. Ela era Lucy, pelo amor de Deus. Era maravilhosa, de muitíssimas formas, mas não era do tipo que fazia com que os homens perdessem a cabeça. Só tinha sido uma aberração temporária. Uma loucura momentânea ocorrida por uma estranha e lhe desconectada noite.

Até agora, sentada em um banco no Hyde Park com uma pequena frota de pombas a seus pés, continuava sendo evidentemente a mesma Lucy de sempre. Ela ainda não o tinha visto, e se sentia feliz só por observá-la. Estava sozinha, salvo por uma criada, quem estava vadiando a dois bancos de distância.

E sua boca se estava movendo.

Gregory sorriu. Lucy estava falando com os pássaros. Dizendo-lhes algo. O mais provável é que lhes estivesse dando indicações, possivelmente fixando uma data de futuros compromissos para repartir o pão.

Ou lhes dizendo que mastigassem com os picos fechados.

Riu entre dentes. Não pôde evitá-lo.

Ela se voltou. Voltou-se, e o viu. Seus olhos se abriram de par em par, e seus lábios se separaram, e isso o golpeou diretamente no peito...

Era bom vê-la.

Isso o estremeceu com um tipo estranho de reação, tendo em conta a forma em que se despediram.

- Lady Lucinda - disse, enquanto avançava-. Esta é uma surpresa. Não sabia que estava em Londres.

Por um momento ela parecia não saber como agir, e então sorriu - possivelmente um pouco mais vacilante do que costumava- e levantou uma rodela de pão para frente.

- É para as pombas? - murmurou ele-. Ou para mim?

Seu sorriso mudou, tornou-se mais natural.

- Como você preferir. Embora lhe advirto, está um pouco rançoso.

Seus lábios desenharam um pequeno sorriso.

- Você o provou, então?

Era como se nada tivesse acontecido. O beijo, a embaraçosa conversa na manhã seguinte... foi-se. Retornaram a sua estranha pequena amizade, e tudo estava em ordem no mundo.

Sua boca estava franzida, como se pensasse que devia estar repreendendo-o, e ele estava rindo entre dentes, porque era muito divertido contrariá-la.

- Este é meu segundo café da manhã - disse ela, absolutamente inexpressiva.

Ele se sentou no extremo oposto do banco e começou a partir seu pão em pedaços. Quando teve um molho bem partido, lançou-o tudo ao mesmo tempo, e se reclinou para observar o frenesi resultante de picos e penas.

Lucy, notou, estava jogando seus miolos metodicamente, um depois do outro, precisamente com três segundos de diferença.

Estava contando. Como podia não fazê-lo?

- O rebanho me abandonou - disse ela com um cenho.

Gregory sorriu abertamente, quando a última pomba saltou ao banquete Bridgerton. Lançou-lhes outro molho.

- Eu sempre organizo as melhores festas.

Ela se voltou para ele, elevando o queixo enquanto lhe lançava um olhar seco sobre seu ombro.

- Você é insuportável.

Deu-lhe um olhar malicioso.

- É uma de minhas melhores qualidades.

- Segundo quem?

- Bom, a minha mãe parece agradar muito - disse ele modestamente.

Ela não pôde conter um sorriso.

Isso parecia como uma vitória.

- A minha irmã... não muito.

Uma de suas sobrancelhas se levantou.

- A que gosta de torturar?

- Eu não a torturo porque gosto disso - disse, em um tipo de tom bem instrutivo-. O faço porque é necessário.

- Para quem?

- Para toda Bretanha - disse ele-. Confie em mim.

Olhou-o com dúvida.

- Ela não pode ser tão má.

- Suponho que não - disse ele-. A minha mãe parece gostar muito dela, e isso me confunde.

Ela riu de novo, e o som era... bom. Uma palavra indefinível, com certeza, mas de algum modo foi direto a seu coração. Sua risada vinha de seu interior -cálida, rica, e verdadeira.

Um momento depois se voltou, e seus olhos ficaram bastante sérios.

- Gosta de incomodá-la, mas apostaria tudo o que tenho que daria sua vida por ela.

Ele pretendeu considerar suas palavras.

- Quanto tem?

- Tenha vergonha, Sr. Bridgerton. Está se evadindo a pergunta.

- Claro que o faria - disse ele com voz suave. - É minha irmã menor. Minha para torturar e minha para proteger.

- Acaso não está casada?

Ele encolheu os ombros, olhando fixamente ao outro lado do parque.

- Sim, suponho que St. Clair se encarrega de protegê-la agora, que Deus o ajude. - voltou-se, lhe oferecendo um sorriso inclinado-. Sinto muito.

Mas ela não o tinha tomado como uma ofensa. E de fato, surpreendeu-o absolutamente ao lhe dizer, com muito sentimento:

- Não há necessidade de desculpar-se. Há ocasiões nas quais só o nome do Senhor, é o adequado para transmitir todo o desespero que alguém sente.

- Por que pressinto que está falando de uma experiência recente?

- Ontem à noite - lhe confirmou ela.

- Sério? - insistiu, muito interessado-. O que aconteceu?

Mas ela negou com a cabeça.

- Nada.

- Se fosse assim, você não estaria blasfemando.

Ela suspirou.

- Já lhe disse que você é insuportável, não é?

- Uma vez hoje, e com certeza várias vezes antes.

Deu-lhe um olhar seco, o azul de seus olhos se aguçou quando estes se fixaram nele.

- Contou-as?

Ele fez uma pausa. Era uma estranha pergunta, não porque ela a tinha feito - pelo amor de Deus, ele se teria se perguntado a mesma coisa, teria tido a mesma reação. Mas, era estranha porque tinha o arrepiante pressentimento de que se pensasse muito nisso, poderia conhecer a verdadeira resposta.

Gostava de falar com Lucy Abernathy. E quando lhe dizia algo...

Recordava-o.

Era algo peculiar.

- Pergunto-me - disse ele, já que parecia um bom momento para mudar de assunto-. É suportável uma palavra?

Ela considerou isso.

- Penso que deve ser, não lhe parece?

- Ninguém a proferiu alguma vez em minha presença.

- Isso o surpreende?

Ele sorriu lentamente. Com apreciação.

- Você, Lady Lucinda, tem uma boca muito rápida.

Suas sobrancelhas se arquearam, e nesse momento parecia claramente diabólica.

- É um de meus segredos melhor guardados.

Ele começou a rir.

- Sou mais que uma intrometida, sabe.

A risada se converteu em uma gargalhada. O interior de seu estômago retumbou, até estremecer.

Estava olhando-o com um sorriso indulgente, e por alguma razão achou esse gesto muito tranqüilizador. Seu olhar era caloroso... inclusive, pacífico.

E estava feliz de estar com ela. Ali nesse banco. Simplesmente era muito agradável estar em sua companhia. Então se voltou. Sorrindo.

- Tem outro pedaço de pão?

Lhe deu três.

- Trouxe toda a barra.

Ele começou a parti-los.

- stá tratando de engordar ao rebanho?

- Tenho que provar o bolo de pomba - se voltou, reatando seu lento e miserável programa de alimentação.

Gregory estava certo que era sua imaginação, mas teria jurado que os pássaros olhavam inocentemente em sua direção.

- Vem freqüentemente a este lugar? - perguntou ele.

Não lhe respondeu em seguida, e sua cabeça se inclinou, como se estivesse pensando em sua resposta.

O que era estranho, porque a pergunta era muito simples.

- Eu gosto de alimentar aos pássaros - disse-. É relaxante.

Lançou outro molho de partes de pão e seus lábios se curvaram com um sorriso.

- De verdade acha?

Seus olhos se entrecerraram e jogou o pedaço seguinte de pão com um preciso e quase militar, giro de seu pulso. O pedaço seguinte foi arrojado da mesma maneira.

E o outro que veio a seguir, também. Voltou-se para ele com os lábios franzidos.

- Só quando você não está tentando incitá-los a um alvoroço.

- Eu? -voltou-se, todo inocência-. Você é quem os obriga a batalhar a morte, por uma patética migalha de pão rançoso.

- Esta é uma deliciosa barra de pão, bem cozido e extremamente saboroso, para que saiba.

- Em assuntos de nutrição - disse ele, com uma graça muito elaborada-. Sempre estarei em desacordo com você.

Lucy o olhou secamente.

- A maioria das mulheres não acharia isso muito elogioso.

- Ah, mas você não é como a maioria das mulheres. E - acrescentou-, vi-a tomando o café da manhã.

Seus lábios se afastaram, mas antes que ela pudesse gritar sua indignação, ele atalhou-a com:

- Isso foi um elogio, a propósito.

Lucy meneou a cabeça. Ele realmente era insuportável. E estava tão agradecida por isso. Quando o tinha visto a princípio, de pé ali olhando-a enquanto

alimentava aos pássaros, seu estômago tinha caído em picada, havia-se sentido enjoada, e não tinha sabido o que fazer ou como agir, ou algo.

Mas ele se aproximou, e tinha sido tão... ele mesmo. Fez ela sentir imediatamente à vontade, o que, sob as atuais circunstâncias, era realmente muito assombroso.

Além de tudo, estava apaixonada por ele.

Tinha-lhe sorrido, com seu sorriso preguiçoso e familiar, e lhe tinha feito algum tipo de brincadeira sobre as pombas, e antes que se desse conta, estava sorrindo-lhe em resposta. E se sentia como ela mesma, o que era muito tranqüilizador.

Não se havia sentido assim em semanas.

E com a intenção de fazer o melhor, tinha decidido não pensar em seu inapropriado afeto por ele e em seu lugar, esteve agradecida de poder estar em sua presença, sem converter-se em uma idiota torpe e gaga.

Aparentemente, ainda restavam pequenos favores no mundo.

- Esteve em Londres todo este tempo? - perguntou ela, muito determinada em manter uma conversa agradável e perfeitamente normal.

Ele se virou surpreso. Claramente, não tinha esperado essa pergunta.

- Não. Cheguei ontem à noite.

- Já vejo. - Lucy fez uma pausa, para digerir isso. Era estranho, mas nunca tinha considerado que não estivesse na cidade. Mas isso explicaria... Bom, não estava certa do que poderia explicar isso. Que não tivesse podido ver nenhum sinal dele? Não era como se tivesse estado em outro lugar, além de sua casa, o parque e a costureira-. Então, estava em Aubrey Hall?

- Não, parti um pouco depois que você partiu, e fui visitar meu irmão. Vive com sua esposa e seus filhos nos subúrbios do Wiltshire, e está muito contente de estar afastado de tudo o que é civilizado.

- Wiltshire não está muito longe.

Ele encolheu os ombros.

- A metade do tempo eles nem sequer recebem o Time. Afirmam que não estão interessados.

- Que estranho. - Lucy não conhecia ninguém que não recebesse o jornal, inclusive no mais remoto dos condados.

Ele assentiu com a cabeça.

- Entretanto, desta vez me pareceu mais refrescante. Não tinha idéia do que outros estavam fazendo, e não me importou nem um pouco.

- Normalmente você está interessado pela fofoca?

Deu-lhe um olhar de lado.

- Os homens não fofocam. Nós falamos.

- Já vejo - disse ela-. Isso explica tudo.

Ele riu entre dentes.

- Está há muito tempo na cidade? Assumo que se mudou.

- Duas semanas. -Respondeu-. Nós chegamos depois do casamento.

- Nós? Então, seu irmão e a Srta. Watson estão aqui?

Ela odiou escutar a avidez em sua voz, mas supôs que ele não podia evitar.

- Ela agora é Lady Fennsworth, e não, eles estão em sua viagem de lua de mel. Estou aqui com meu tio.

- Para a temporada?

- Para meu casamento.

Isso deteve o fácil fluxo da conversa.

Ela colocou a mão em sua bolsa e arrancou outro pedaço de pão.

- Celebrará-se em uma semana.

Ele a olhou surpreso.

- Tão logo?

- O tio Robert diz que não tem sentido atrasá-la mais.

- Já vejo.

E possivelmente o fazia. Possivelmente havia algum tipo de etiqueta em tudo isso em que ela, como moça protegida do campo que era, não tinha sido instruída.

Possivelmente não tinha nenhum sentido adiar o inevitável. Possivelmente tudo era parte da filosofia de fazer o melhor das coisas, que estava trabalhando para desposar-se tão diligentemente.

- Bem -disse ele. Piscou várias vezes, e compreendeu que não sabia o que dizer. Era uma resposta mais atípica e uma que ela achava mais gratificante. parecia-se com Hermione, ao não saber como dançar. Se Gregory Bridgerton podia ficar momentaneamente sem palavras, havia uma esperança para o resto da humanidade.

Finalmente ele se recompôs:

- Minhas felicitações.

- Obrigada. - perguntou-se se ele tinha recebido um convite. O Tio Robert e Lorde Davenport estavam determinados a celebrar a cerimônia frente a todo mundo. Ia, haviam dito, ser uma grande estréia, e queriam que todo mundo conhecesse a esposa de Haselby.

- Vai se celebrar no St. George - disse ela, sem ter alguma razão absolutamente.

- Aqui em Londres? - parecia surpreso-. Pensei que você poderia casar-se no Fennsworth Abbey.

Era muito peculiar, pensou Lucy, para não dizer doloroso - discutir seu iminente casamento com ele. Sentia-se mais insensível, em realidade.

- Isso era o que meu tio queria - explicou, colocando a mão em seu cesto para tirar outro pedaço de pão.

- Seu tio continua sendo o chefe da família? - perguntou Gregory, olhando-a com uma afável curiosidade-. Seu irmão é o conde. Acaso não alcançou sua maioridade?

Lucy lançou todo o pedaço de pão ao chão, e observou com um mórbido interesse, como as pombas ficavam como loucas.

- Sim - respondeu-. O ano passado. Mas está satisfeito permitindo a meu tio que se ocupe dos assuntos da família enquanto ele continua seus estudos de pós-graduação em Cambridge. Suponho que assumirá muito em breve, agora que está - ofereceu a ele um sorriso de desculpa-, casado.

- Não se preocupe com meus sentimentos - lhe assegurou-. Estou muito recuperado.

- De verdade?

Ofereceu-lhe um pequeno encolhimento de um só ombro.

- A verdade seja dita, considero-me afortunado.

Ela tirou outro pedaço de pão, mas seus dedos gelaram antes de fatiar o pedaço.

- Sério? -perguntou-lhe, voltando-se para ele com interesse-. Como pode ser possível?

Ele pestanejou surpreso.

- É muito direta, não?

Ela se ruborizou. Sentia-o, rosa, quente e horrível sobre suas faces.

- Sinto-o -disse-. Foi muito grosseiro de minha parte. É somente que você estava tão...

- Não diga nada mais - cortou-a, e a fez sentir muito pior, porque tinha estado a ponto de descrever - provavelmente com meticulosos detalhes - o muito apaixonado que tinha estado por Hermione. O que, se estivesse em sua posição, não desejaria recordar.

Ele se voltou. Olhou-a com uma contemplativo tipo de curiosidade.

- Você diz isso freqüentemente.

- Sinto muito?

- Sim.

- Eu... não sei. - Seus dentes se apertaram, e se sentiu muito tensa. Desconfortável. Por que lhe tinha perguntado isso-. É o que sempre faço - disse, e o disse com firmeza, por que... Bom, por que. Essa devia ser uma razão suficiente.

Ele assentiu com a cabeça. E isso a fez sentir-se muito pior.

- É o que sou - acrescentou defensivamente, embora ele tivesse estado de acordo com ela, pelo amor de Deus-. Suavizo as coisas e o faço tudo bem.

Nesse momento, lançou o último pedaço de veludo cotelê ao chão.

Suas sobrancelhas se levantaram, e os dois se voltaram para uníssono a olhar o caos resultante.

- Bem feito - murmurou.

- Faço o melhor que posso - disse ela-. Sempre.

- Esse é um traço muito louvável - disse ele suavemente.

E com isso, de algum modo, ficou furiosa. Realmente, de verdade, bestialmente zangada. Não queria ser elogiada por chegar em segundo lugar. Era

como ganhar um prêmio pelos sapatos mais bonitos em uma carreira pedestre. Irrelevante e desconjurado.

- E o que tem você? - perguntou-lhe, sua voz ficou estridente-. Faz sempre o melhor? É por isso que diz que se recuperou? Você não foi o que compôs uma rapsódia sobre o simples pensamento do amor? Disse que ele era tudo, que não havia escolha. Disse... interrompeu-se, horrorizada por seu tom. Ele a estava olhando fixamente como se tivesse ficado louca, e possivelmente era certo.

- Você disse muitas coisas - resmungou, esperando que isso pusesse fim à conversa.

Deveria ir-se. Tinha estado sentada no banco, ao menos quinze minutos antes que ele tivesse chegado, estava úmido e ventoso, e sua criada não estava suficientemente agasalhada, e se pensava muito mais nisso, provavelmente tinha mais de cem coisas que fazer em casa.

Ou pelo menos um livro que ler.

- Sinto-o se a incomodei - disse Gregory com voz suave.

Ela não se atrevia a olhá-lo.

- Mas não lhe estou mentindo - disse ele-. De verdade, já não penso na Senhorita - me perdoe, em Lady Fennsworth - com muita freqüência, exceto, possivelmente, para compreender que não fomos feito um para o outro, depois de tudo.

Ela se voltou para ele, e compreendeu que queria lhe acreditar. Realmente queria.

Porque se ele podia esquecer-se do Hermione, possivelmente ela poderia esquecer-se dele.

- Não sei como explicar isso - disse ele, e meneou a cabeça, como se estivesse tão perplexo como ela-. Mas se você cair louca e inexplicavelmente apaixonada...

Lucy gelou. Ele não ia dizer isso. Com certeza, não poderia dizer.

Ele encolheu os ombros.

- Bom, não confiaria nisso.

Deus Santo. Eram as mesmas palavras de Hermione. Exatamente.

Tentou recordar o que tinha respondido à Hermione. Porque tinha que lhe dizer algo. De outro modo, notaria seu silêncio, voltaria-se, e lhe ofereceria esse olhar tão enervante. E lhe faria perguntas, e não saberia como lhe responder, e...

- Não acredito que isso vá acontecer comigo - disse ela, as palavras virtualmente se derramaram de sua boca.

Ele se voltou, mas ela manteve seu rosto escrupulosamente para frente. E desejou desesperadamente não ter atirado todo o pão. Seria muito mais fácil evitar olhá-lo se pudesse pretender que estava fazendo outra coisa.

- Não acredita que algum dia possa apaixonar-se? - perguntou ele.

- Bom, possivelmente - disse ela, tratando de parecer alegre e sofisticada-. Mas não isso.

- O que?

Respirou, odiando que a estivesse obrigando a explicar-se.

- Esse desesperado tipo de coisa que você e Hermione repudiam - disse-. Eu não sou desse tipo, não lhe parece?

Mordeu o lábio, e finalmente se atreveu a olhar em sua direção. Porque que tal que lhe dissesse que estava mentindo? Ou se desse conta que ela já estava apaixonada... dele? Envergonharia-se além da compreensão, mas acaso não seria bom que ele soubesse? Pelo menos então, não teria que perguntar-se.

A ignorância não era uma bênção. Não para alguém como ela.

- Mas isso não vem ao caso - continuou, porque não podia suportar o silêncio-. Vou casar me com Lorde Haselby em uma semana, e jamais me desviaria de meus votos.

Eu...

- Haselby? - todo o corpo do Gregory deu um giro quando se voltou para olhá-la no rosto-. Você vai se casar com o Haselby?

- Sim - disse ela, pestanejando furiosamente. Que classe de reação era essa-. Pensei que sabia.

- Não. Não sabia... - parecia consternado. Estupefato.

Céu Santo.

Ele meneou a cabeça.

- Não posso imaginar por que razão não sabia.

- Não era um segredo.

- Não - disse ele, um pouco energicamente-. Quero dizer, não. Não, claro que não. Não devia insinuá-lo.

- Você tem a Lorde Haselby em muito baixa estima? - perguntou ela, escolhendo suas palavras com extremo cuidado.

- Não - respondeu Gregory, meneando a cabeça - mas só um pouco, como se não fosse suficientemente consciente de estar fazendo-o-. Não. Conheço-o há vários anos. Fomos juntos à escola. E à universidade.

- Então, têm a mesma idade? - perguntou Lucy, e lhe ocorreu que era injusto que nem sequer conhecesse a idade de seu noivo. Mas tampouco estava segura da idade de Gregory.

Ele assentiu com a cabeça.

- Ele é muito... afável. Tratará-a bem. - Limpou a garganta-. Gentilmente.

- Gentilmente? - repetiu ela. Essa parecia uma estranha escolha de palavras.

Seus olhos se encontraram com os dele, e nesse momento compreendeu que ele não a tinha olhado desde que lhe havia dito o nome de seu noivo. Mas não falou. Em seu lugar, olhou-a fixamente, seus olhos eram tão intensos que mudaram de cor. Eram castanhos com verde, e depois pareciam quase empanar-se.

- O que acontece? - sussurrou ela.

- Não é nada de importância - disse ele, mas não soava como sempre-. Eu... - e então afastou o olhar, rompendo o feitiço-. Minha irmã - disse, limpando a garganta-. Está organizando uma festa para a noite de amanhã. Gostaria de ir?

- OH sim, isso seria maravilhoso - disse Lucy, embora sabia que não devia. Mas tinha passado tanto tempo desde que tinha tido qualquer tipo de interação social, e tampouco ia poder passar mais tempo em sua companhia, uma vez estivesse casada. Não devia torturar-se a si mesmo agora, desejando algo que não poderia ter, mas não podia evitar.

A recolher seus cacos.

Agora. Porque de verdade, quando o resto...

- OH, mas não posso - disse, enquanto a desilusão transformava a sua voz, em quase uma choramingação.

- Por que não?

- É por meu tio - respondeu, suspirando-. E Lorde Davenport... o pai do Haselby.

- Sei quem é.

- Certamente. Eu estou irmã... - interrompeu-se. Não ia dizer que eles não desejam que me apresente ainda.

- Desculpe-me. Por quê?

Lucy encolheu os ombros.

- Não tem sentido que me apresente em sociedade como Lady Lucinda Abernathy quando serei Lady Haselby em uma semana.

- Isso é ridículo.

- É o que eles dizem -franziu o cenho-. E acredito que tampouco desejam fazer o gasto.

- Você irá amanhã à noite - disse Gregory firmemente-. Me ocuparei disso.

- Você? - perguntou-lhe Lucy com dúvida.

- Não eu - lhe respondeu, como se houvesse se tornado louca-. Minha mãe. Confie em mim, quando se trata de assuntos de linguagem social e refinamentos, pode obter tudo. Tem uma acompanhante?

Lucy assentiu com a cabeça.

- Minha tia Harriet. É um pouco frágil, mas estou segura que pode assistir a uma festa se meu tio o permitir.

- Ele o permitirá - disse Gregory confidencialmente-. A irmã em questão, é a mais velha. Daphne - então lhe esclareceu-: Sua graça, a Duquesa do Hastings. Seu tio não diria não a uma duquesa, não é?

-Acredito que não - disse ela lentamente. Lucy não podia pensar em alguém que dissesse não a uma duquesa.

- Então, assim será - disse Gregory-. Terá notícias de Daphne de tarde. Levantou-se, oferecendo a mão para ajudá-la a levantar-se.

Ela engoliu em seco. Seria agridoce tocá-lo, mas pôs a mão na sua. Sentia-se quente, e confortável. Segura.

- Obrigada - murmurou, retirando sua mão para envolver as duas ao redor da asa de sua cesta. Fez-um gesto a sua criada com a cabeça, e esta imediatamente começou a caminhar a seu lado.

- Até amanhã - disse ele, arqueando-se quase formalmente enquanto esperava seu adeus.

- Até amanhã - repetiu Lucy, perguntando-se se era verdade. Nunca tinha sabido que seu tio mudasse de opinião antes. Mas possivelmente...

Possivelmente.

Esperançosamente.

Capítulo 15

No que nosso herói aprende que não é, e provavelmente nunca será, tão sábio como sua mãe.

Uma hora depois, Gregory estava esperando na sala de estar do Número Cinco, do Bruton Street, a casa de sua mãe em Londres, desde que ela tinha insistido em deixar livre Bridgerton House, depois do matrimônio de Anthony. Também tinha sido sua casa, até que encontrou seus próprios alojamentos vários anos antes. Sua mãe, agora vivia ali sozinha, desde que sua irmã caçula se casara. Gregory se assegurava de visitar a pelo menos duas vezes por semana, quando estava em Londres, mas nunca deixava de surpreendê-lo quão calada a casa parecia agora.

- Querido! - exclamou sua mãe, entrando na sala com um amplo sorriso-. Não pensei vê-lo a não ser até esta noite. Como foi seu dia? E me conte tudo sobre o Benedict, Sophie e os meninos. É um crime a pouca freqüência com a que vejo meus netos.

Gregory sorriu indulgentemente. Sua mãe tinha visitado Wiltshire só um mês atrás e o fazia várias vezes ao ano. Rapidamente fez um repasse das notícias dos quatro filhos do Benedict, fazendo ênfase na pequena Violet, sua homônima. Uma vez que ela tinha esgotado seu fornecimento de perguntas, ele disse:

- Em realidade, Mãe, tenho um favor para lhe pedir.

A postura de Violet sempre era extraordinária, mas ainda assim, pareceu endireitar-se um pouco.

- De verdade? O que necessita?

Falou-lhe sobre Lucy, fazendo sua narração o mais breve possível, para que sua mãe não chegasse a conclusões inapropriadas sobre seu interesse nela.

Sua mãe sempre tendia a ver toda mulher solteira como uma noiva potencial. Inclusive aquelas que tinham umas bodas fixada para o fim de semana.

- Claro que o ajudarei - disse ela-. Isso será muito fácil.

- Seu tio está determinado em mantê-la encerrada - lhe recordou Gregory.

Ela apagou com um gesto da mão sua advertência.

- É um jogo de meninos, meu querido filho. Me deixe isto. Encarregarei-me rapidamente.

Gregory decidiu não prosseguir com o assunto. Se sua mãe dizia que sabia como conseguir que alguém fosse a um baile, então devia lhe acreditar. Seguir questionando-a só faria com que ela acreditasse que tinha uma segunda intenção.

O que não era certo.

É somente que gostava de Lucy. Considerava-a seu amiga. E desejava que se divertisse um pouco.

Era admirável, de verdade.

- Farei que sua irmã lhe envie um convite com uma nota pessoal - meditou Violet-. E possivelmente, pedirei diretamente a seu tio. Poderia lhe mentir e lhe dizer que me encontrei com ela no parque.

- Mentir-lhe? - os lábios do Gregory desenharam um sorriso-. Você?

O sorriso de sua mãe era claramente diabólico.

- Não importa se não me acredita. Essa é uma das vantagens de ter idade avançada. Ninguém se atreveria a rebater a um velho dragão como eu.

Gregory levantou as sobrancelhas, negando-se a cair em sua isca. Violet Bridgerton poderia ser a mãe de oito filhos adultos, mas com sua cútis leitosa, sem rugas, e seu amplo sorriso, não aparecia como alguém que pudesse ser chamada velha. De fato, Gregory se tinha perguntado freqüentemente, por que não havia tornado a casar-se.

Não havia nenhuma escassez de viúvos enérgicos que clamavam levá-la a um jantar ou levantar-se para um baile. Gregory suspeitava que qualquer deles poderia ter saltado ante a oportunidade de casar-se com sua mãe, se só ela lhes tivesse mostrado interesse.

Mas não o fez, e Gregory tinha que admitir que estava egoisticamente alegre por isso. Apesar de seu intrometimento, havia algo realmente consolador em sua devoção a seus filhos e netos.

Seu pai estava morto mais de duas dúzias de anos. Gregory não tinha nem a mais ligeira lembrança do homem. Mas sua mãe tinha falado dele freqüentemente, e sempre que o fazia, sua voz mudava. Seus olhos se abrandavam, e os cantos de seus lábios se moviam - só um pouco, só o suficiente para que Gregory visse as lembranças em seu rosto.

Nesses momentos entendia por que era tão firme em que seus filhos escolhessem a seus cônjuges por amor.

Ele sempre tinha planejado agradá-la. Era irônico, de verdade, dada a farsa com a Srta. Watson.

Justo então uma criada chegou com uma bandeja de chá, que pôs sobre a pequena mesa que havia entre eles.

- O cozinheiro preparou suas bolachas favoritas - disse sua mãe, lhe dando uma xícara preparada exatamente como gostava - sem açúcar, e um pouco de leite.

- Antecipou a minha visita? - perguntou.

- Não esta tarde, não. - Disse Violet, tomando um gole de seu chá-. Mas sabia que não estaria longe muito tempo. Obviamente necessitaria seu sustento.

Gregory lhe ofereceu um sorriso enviesado. Era verdade. Como muitos homens de sua idade e status, não tinha lugar em seu apartamento para uma cozinha apropriada.

Comia nas festas, e em seu clube, e, é claro, nas casas de sua mãe e irmãos.

- Obrigado - murmurou, aceitando o prato onde lhe tinha amontoado seis bolachas.

Violet olhou a bandeja de chá por um momento, inclinou ligeiramente a cabeça a um lado, e logo pôs duas sobre seu próprio prato.

- Estou muito emocionada - lhe disse ela, levantando o olhar para ele-, de que procurasse minha ajuda com o Lady Lucinda.

- Está? - perguntou ele com curiosidade-. Há alguém mais, a quem poderia pedir um favor como esse?

Ela mordiscou delicadamente sua bolacha.

- Não, sou a opção óbvia, claro, mas deve compreender que raramente volta para sua família quando necessita algo.

Gregory ficou quieto, depois se voltou devagar com direção a ela. Os olhos de sua mãe -tão azuis e tão perceptivos- estavam cravados em seu rosto.

O que tinha querido dizer com isso? Ninguém poderia amar a sua família mais que ele.

- Isso não é certo - disse ele finalmente.

Mas sua mãe só sorriu.

- Pensa que não?

Apertou sua mandíbula.

- Não acredito.

- OH, não tome como uma ofensa - disse ela, esticando a mão através da mesa para lhe dar tapinhas no braço-. Não disse que não nos ame. Mas sempre preferiu fazer as coisas por você mesmo.

- Como quais?

- OH, como encontrar uma esposa...

Ele a interrompeu imediatamente.

- Está tratando de me dizer que Anthony, Benedict e Colin deram as boas-vindas a sua interferência quando estavam procurando a suas esposas?

- Não, claro que não. Nenhum homem o faz. Mas... - sacudiu uma de suas mãos no ar, como se com isso pudesse apagar sua frase. Esse foi um péssimo exemplo.

Soltou um pequeno suspiro enquanto olhava fixamente ao exterior da janela, e Gregory compreendeu que estava preparada para esquecer do assunto. Entretanto, para sua surpresa, ele não o estava.

- O que tem de mau preferir fazer as coisas a gente mesmo? - perguntou.

Ela se voltou para ele, parecendo para todo mundo como se não tivesse começado um assunto potencialmente incômodo.

- Né? Nada. Estou muito orgulhosa de ter criado filhos auto-suficientes. depois de tudo, vocês três conseguiram construir seu próprio caminho no mundo. - Fez uma pausa, considerando o que havia dito, e acrescentou-: Com um pouco de

ajuda do Anthony, claro. Em realidade estaria muito defraudada, se ele não se preocupasse por todos vocês.

- Anthony é extremamente generoso - disse Gregory com voz suave.

- Sim, é, não é verdade? - disse Violet, sorrindo-. Com seu dinheiro e seu tempo. Parece-se muito a seu pai nesse aspecto. - Olhou-o com olhos nostálgicos-. Sinto muito que nunca o tenha conhecido.

- Anthony foi um bom pai para mim. - Gregory o disse por que sabia que isso a alegraria, mas também o disse, porque era verdade.

Os lábios de sua mãe se franziram e apertaram, e por um momento pensou que ela poderia chorar. Imediatamente tirou seu lenço, e o ofereceu.

- Não, não, isso não é necessário - disse ela, inclusive enquanto bebia e dava tapinhas a seus olhos-. Estou bem. Só estou um pouco... - engoliu em seco, e depois sorriu. Mas seus olhos ainda brilhavam-. Algum dia entenderá - quando tiver seus próprios filhos - quão maravilhoso é escutar isso.

Ela desceu o lenço e tomou seu chá. Bebeu-o a goles pensativamente, e deixou sair um suspiro de alegria.

Gregory sorriu para si mesmo. Sua mãe adorava o chá. Realmente isso ia além da devoção britânica usual. Clamava que isso a ajudava a pensar, o que normalmente ele tinha elogiado como algo bom, exceto muito freqüentemente, era o assunto de seus pensamentos, e depois de sua terceira xícara ela normalmente inventava um plano completo arrepiante de casá-lo com a filha de qualquer amigo próximo, com quem se encontrara na manhã mais recente.

Mas dessa vez, ao que parecia, sua mente não estava divagando sobre o matrimônio. Baixou sua xícara, e, justo quando pensou que estava pronta para trocar de assunto, disse-lhe:

- Mas ele não é seu pai.

Ele fez uma pausa, com sua xícara de chá a meio caminho de sua boca.

- Me desculpe?

- Anthony. Não é seu pai.

- Sim? – disse - lentamente, porque em realidade, o que queria lhe dizer com isso?

- Ele é seu irmão - continuou-. Assim como Benedict e Colin, e quando era pequeno... OH, quanto desejava colocá-lo em seus assuntos.

Gregory ainda permanecia muito quieto.

- Mas claro eles não estavam interessados em lhe permitir isso e em realidade, Quem poderia culpá-los?

- Quem, com efeito? - murmurou apertadamente.

- Não tome como uma ofensa, Gregory - disse sua mãe, voltando-se para ele com uma expressão que era um pouco contrita e um pouco impaciente-. Eles foram irmãos maravilhosos, e de verdade, a maioria do tempo muito pacientes.

- A maioria do tempo?

- Bom um pouco de tempo - emendou ela-. Mas você era muito menor que eles. Simplesmente não tinham muito em comum. E então quando cresceu, bom...

Suas palavras se apagaram, e suspirou. Gregory insistiu.

- Bem?

- OH, não é nada.

- Mãe.

- Muito bem - disse ela, e soube justo nesse momento que ela sabia exatamente o que estava dizendo, e que os suspiros e as palavras prolongadas, eram só para acrescentar mais efeito.

- Acho que pensa que deve se provar ante eles - disse Violet.

Ele a olhou com surpresa.

- E não devo fazê-lo?

Os lábios de sua mãe se separaram, mas não soltou nenhum som em vários segundos.

- Não - disse ela finalmente-. Por que pensaria que deve fazê-lo?

Essa era uma pergunta tola. Era por que... era por que...

- Não é o tipo de coisas que se possa explicar facilmente com palavras - murmurou ele.

- Sério? -tomou um gole de seu chá-. Devo lhe dizer, que essa não é a reação que eu tinha antecipado.

Gregory sentia como sua mandíbula se apertava.

- E o que foi precisamente o que antecipou?

- Precisamente? - levantou o olhar para ele, com o suficiente humor em seus olhos para irritá-lo completamente-. Não estou certa de que possa ser precisa, mas suponho que esperava que você o negasse.

- Só porque não deseje me defender, não significa que não seja falso - disse ele com um encolhimento de ombros deliberadamente casual.

- Seus irmãos o respeitam - disse Violet.

- Não disse que não o façam.

- Reconhecem que é um homem independente.

Isso, pensou Gregory, não era precisamente verdade.

- Não é um signo de debilidade que peça ajuda - continuou Violet.

- Alguma vez achei que o seja - respondeu ele-. Acaso não lhe pedi ajuda?

- Em um assunto que só poderia ser dirigido por uma mulher - disse ela, um pouco despectivamente-. Não tinha outra opção mais que me pedir isso.

Isso era verdade, por isso Gregory não fez nenhum comentário.

- Acostumou-se a fazer as coisas só - disse ela.

- Mãe.

- Hyacinth é igual - disse ela rapidamente-. Penso que esse deve ser um sintoma de ser o mais novo. E de verdade, com isto não quero dizer que vocês dois sejam preguiçosos, ou um desastre, ou maliciosos de maneira nenhuma.

- Então, o que quer dizer? - perguntou ele.

Olhou-o com um sorriso ligeiramente travesso.

- Precisamente?

Ele sentiu que um pouco de sua tensão se aliviava.

- Precisamente - disse, lhe assinalando com um assentimento que tinha entendido seu trocadilho.

- Só quero dizer que nunca teve que trabalhar muito duro para conseguir algo.

Teve muita sorte nisso. Parece que sempre lhe acontecem coisas boas.

- E como é minha mãe, está aborrecia por isso... Por quê?

- OH, Gregory - disse com um suspiro-. Não estou aborrecida absolutamente. Só desejo que lhe aconteçam coisas boas. Sabe.

Ele não estava suficientemente seguro de ter uma resposta apropriada, assim permaneceu em silêncio, levantando suas sobrancelhas inquisidoramente.

- Fiz disto um enredo, não é? - disse Violet com um cenho-. Tudo o que tratei de lhe dizer é que nunca teve que se esforçar muito para conseguir suas metas.

Não estou segura, de se isso é um resultado de suas habilidades, ou de suas metas.

Ele não disse nada. Seus olhos encontraram um ponto particularmente intrincado na malha estampada que cobria as paredes, e sua atenção estava fixa, incapaz de enfocar-se em outra coisa, enquanto sua mente dava voltas.

E desejava.

Antes que tivesse compreendido o que estava pensando, perguntou:

- O que é o que devo fazer com meus irmãos?

Ela pestanejou sem compreendê-lo, e então finalmente murmurou:

- OH, fala sobre sua necessidade de provar?

Ele assentiu com a cabeça.

Ela franziu os lábios. Pensou. E disse:

- Não estou certa.

Ele abriu a boca. Essa não era a resposta que tinha esperado.

- Não sei tudo - disse ela, e suspeitou que essa era a primeira vez, que essa particular coleção de palavras cruzava seus lábios.

- Suponho - disse ela, lenta e pensativamente-, que você... bom, é uma estranha combinação, devo pensar. Ou possivelmente não é tão estranha, quando tem tantos irmãos e irmãs mais velhos que você.

Gregory esperou que pusesse em ordem seus pensamentos. O quarto estava silencioso, o ar absolutamente quieto, mas ainda se sentia como se algo estivesse pressionando-o, apertando-o por toda parte.

Não sabia o que ela ia dizer, mas de algum modo...

Sabia...

Importava-lhe.

Possivelmente mais que nada que tinha escutado na vida.

- Você não deseja pedir ajuda - disse sua mãe-, porque é muito importante para você que seus irmãos o vejam como um homem amadurecido. Mas ao mesmo tempo... bom, a vida foi fácil para você, e às vezes penso que você não o tenta.

Seus lábios se separaram.

- E não é que se negue a tentar -se apressou a acrescentar. - É somente que a maior parte do tempo não tem que fazê-lo. E quando algo requer muito esforço... se for algo que não pode obter, decide que não vale a pena incomodar-se.

Gregory se deu conta que seus olhos se afastavam desse ponto na parede, onde a videira se retorcia tão curiosamente.

- Se o que significa trabalhar para conseguir algo - disse ele com voz suave. Logo se voltou para ela, olhando a de cheio no rosto-. Querer algo desesperadamente e saber que não poderá ser seu.

- De verdade? Alegra-me. - Esticou a mão para alcançar seu chá, mas aparentemente mudou de parecer e o olhou-. Conseguiu?

- Não.

Seus olhos ficaram um pouco tristes.

- Sinto muito.

- Eu não - disse ele rigidamente-. Já não.

- OH. Bem. - removeu-se em seu assento-. Então não o sinto. Imagino que por isso, agora é um melhor homem.

O impulso inicial do Gregory foi ofender-se, mas se encontrou dizendo:

- Acredito que tem razão.

Para fazer maior sua surpresa, o que disse era certo.

Sua mãe lhe sorriu sabiamente.

- Me alegro de que possa ver o desse modo. A maioria dos homens não podem. - Deu uma olhada para o relógio e soltou um gorjeio de surpresa-. OH querido, olhe que hora é. Prometi a Portia Featherington que a visitaria esta tarde.

Gregory se levantou quando sua mãe ficou de pé.

- Não se preocupe por Lady Lucinda - disse, correndo para a porta-. Me encarregarei de tudo. E por favor, termine seu chá. Preocupa-me, que viva sozinho, sem uma mulher que se ocupe de você. Se seguir outro ano assim, ficará só em pele e ossos.

Ele a acompanhou à porta.

- Como uma indireta para o matrimônio, essa é particularmente pouco sutil.

- Foi? - ofereceu-lhe um olhar ardiloso-. Que bom para mim, que não tornei a tratar com a sutileza. Entretanto, dei-me conta que a maioria dos homens não notam algo até que não lhes soletre claramente.

- Inclusive seus filhos.

- Especialmente meus filhos.

Ele sorriu ironicamente.

- Já lhe pedi isso, não é?

- Virtualmente me escreveu um convite.

Tratou de acompanhá-la ao vestíbulo principal, mas ela o impediu.

- Não, não, isso não é necessário. Vá e termine seu chá. Pedi na cozinha que lhe trouxessem sanduíches quando foi anunciado. Certamente chegarão a qualquer momento e se perderão se não comê-los.

O estômago do Gregory grunhiu nesse preciso momento, fez-lhe uma reverência quando disse:

- É uma mãe extraordinária, sabe?

- Porque o alimento?

- Bom, sim, mas possivelmente, também é por outras coisas.

Ela ficou sobre os dedos dos pés e o beijou na face.

- Você já não é meu querido moço, verdade?

Gregory sorriu. Tinha sido uma diversão para ele, enquanto o recordava.

- Sou-o todo o tempo que o deseje, Mãe. Todo o tempo que o deseje.

Capítulo 16
No que nosso herói se apaixona. De novo.

Quando se tratava de maquinações sociais, Violet Bridgerton levava a cabo tudo o que se propunha, e de fato, quando Gregory chegou a Hasting House a noite seguinte, sua irmã Daphne, a atual duquesa do Hastings, informou-lhe que Lady Lucinda Abernathy iria efetivamente ao baile.

Encontrou-se inexplicavelmente contente pelo resultado. Lucy o tinha olhado tão decepcionada quando lhe havia dito que não podia ir, e em realidade, não podia uma moça desfrutar de uma última noite de diversão antes de casar-se com o Haselby?

Haselby.

Gregory ainda não podia acreditar realmente. Como é que não sabia que ela ia casar se com o Haselby? Não havia nada que ele pudesse fazer para evitá-lo, e em realidade, não era seu dever, mas Deus, tratava-se do Haselby.

Acaso ninguém tinha contado à Lucy?

Haselby era um companheiro absolutamente amável, e, Gregory tinha que aceitar, que tinha um engenho mais que aceitável. Não lhe bateria, nem seria cruel, mas ele não poderia... não poderia...

Não ia ser um marido para ela.

O mero pensamento o deixava desolado. Lucy não ia ter um matrimônio comum, porque Haselby não gostava das mulheres. Não da forma em que um homem gostava.

Haselby seria amável com ela, e lhe proporcionaria uma atribuição extremamente generosa, que era mais do que muitas mulheres obtinham em seus matrimônios, sem ter em conta as tendências naturais de seus maridos.

Mas não parecia justo, que de todas as pessoas, Lucy estivesse destinada para uma vida como essa. Ela merecia muito mais. Uma casa cheia de filhos. E cães.

Possivelmente um gato ou dois. Parecia ser do tipo que desejava uma coleção de animais. E flores. Na casa de Lucy haveria flores por toda parte, estava certo disso.

Peonías de cor rosa, rosas amarelas, e essas de pétalas azuis que gostava tanto.

Delphinium. Era isso.

Fez uma pausa. Recordava-o. Delphinium.

Lucy poderia afirmar que seu irmão era o horticultor da família, mas Gregory não podia imaginá-la vivendo em uma casa sem cor.

Haveria risadas, ruído e uma esplêndida desorganização - apesar de seus esforços de manter cada canto de sua vida asseada e organizada. Poderia vê-la facilmente com o olho de sua mente, preocupando-se com pequenezes e organizando, tentando manter tudo no horário apropriado.

Isso quase o fez rir com força, só de pensar nisso. Não importaria que uma frota de criados desempoeirasse, endireitasse, brilhasse e varresse. Com os meninos nada permanecia em seu lugar.

Lucy era uma gerente. Isso era o que a fazia feliz, e ela devia ter uma casa para administrar.

Filhos. Muitos.

Possivelmente oito.

Jogou uma olhada ao redor do salão de baile que estava começando a encher-se lentamente. Não viu Lucy, e não havia tanta gente para que pudesse passá-la por alto. Entretanto, viu sua mãe.

Estava caminhando diretamente para ele.

- Gregory - disse, estendendo ambas as mãos quando o alcançou-. Parece especialmente bonito esta noite.

Ele tomou suas mãos e as levou até seus lábios.

- Diz isso com toda a honestidade e a imparcialidade de uma mãe -murmurou ele.

- Tolices - disse ela com um sorriso-. É um fato que todos meus filhos são extremamente inteligentes e de aparência agradável. Se fosse só minha opinião, não acha que alguém já me teria tirado de meu engano?

- Como se alguém se atrevesse.

- Bom, sim, suponho - respondeu, mantendo uma impressionante imparcialidade em seu rosto-. Mas seria teimosa e insistiria que o assunto é muito discutível.

- Como deseja, Mãe - disse ele com perfeita solenidade-. Como deseja.

- Chegou Lady Lucinda?

Gregory negou com a cabeça.

- Ainda não.

- Não é estranho que não a conheça - meditou ela-. Poderia se pensar, que se ela esteve na cidade uma quinzena já... Ah, bom, não importa. Estou certa que a acharei agradável, já que fez tanto esforço para garantir sua presença esta noite.

Gregory a olhou. Conhecia esse tom. Era uma mescla perfeita de indiferença e precisão absoluta, que normalmente utilizava para lhe tirar informação. Sua mãe era uma professora nisso.

E estava suficientemente seguro, de que se estava tocando o cabelo e realmente não o estava olhando quando disse:

- Disse que vocês foram apresentados enquanto visitava o Anthony, não é?

Não viu nenhuma razão para pretender que não sabia o que lhe estava perguntando.

- Está comprometida para casar-se, Mãe - disse ele com grande ênfase. E para lhe dar mais efeito, acrescentou-: Em uma semana.

- Sim, sim, sei. Com o filho de Lorde Davenport. Soube, que é um matrimônio arrumado a muito tempo.

Gregory assentiu com a cabeça. Não podia imaginar que sua mãe soubesse a verdade sobre o Haselby. Não era um fato muito reconhecido. Havia rumores, é claro. Sempre havia rumores. Mas ninguém se atrevia a repeti-los em presença das damas.

- Recebi um convite para o casamento - disse Violet.

- De verdade?

- Disseram-me que será uma grande celebração.

Gregory apertou um pouco os dentes.

- Ela será uma condessa.

- Sim, suponho. Não é a classe de coisa que alguém pode fazer com freqüência.

- Não.

Violet suspirou.

- Eu adoro os casamentos.

- Sério?

- Sim. - Suspirou de novo, com mais drama ainda, e não é que Gregory o tivesse acreditado possível-. Tudo é tão romântico - acrescentou-. A noiva, o noivo...

- Entendo, que ambos são considerados normais na cerimônia.

Sua mãe lhe disparou um olhar mal-humorado.

- Como pude criar a um filho tão pouco romântico?

Gregory decidiu que possivelmente não tinha nenhuma resposta para isso.

- Sinto-o por ti, então - disse Violet-. Decidi assistir à bodas. Quase nunca rechaço um convite a umas bodas.

E então se escutou a voz.

- Quem se casa?

Gregory se voltou. Era sua irmã caçula, Hyacinth. Vestida de azul e colocando seu nariz como de costume em todos os assuntos de outros.

- Lorde Haselby e Lady Lucinda Abernathy - respondeu Violet.

- OH sim. - Hyacinth franziu o cenho-. Recebi um convite. É no St. George, não é?

Violet assentiu com a cabeça.

- Seguida de uma recepção em Fennsworth House.

Hyacinth deu uma olhada ao redor do salão. Fazia isso com bastante freqüência, inclusive quando não estava procurando a ninguém em particular.

- Não é estranho que não a conheça? É a irmã do Conde de Fennsworth, não é? - encolheu os ombros-. Tampouco é estranho que não o conheça ele.

- Não acredito que Lady Lucinda se apresentou - disse Gregory-. Pelo menos, não formalmente.

- Então esta noite será sua estréia - disse sua mãe-. Que excitante para todos nós.

Hyacinth se voltou para seu irmão com os olhos bastante afiados.

- E como conheceu Lady Lucinda, Gregory?

Ele abriu a boca, mas ela estava dizendo:

- E não me diga que não a conhece, porque Daphne já me contou isso tudo.

- Então por que me está perguntando isso?

Hyacinth franziu o cenho.

- Mas ela não me contou como se conheceram.

- Deveria revisar sua compreensão pela palavra tudo - Gregory se voltou para sua mãe-. O vocabulário e a compreensão nunca foram seus fortes.

Violet revirou os olhos.

- Todos os dias me maravilho de que vocês dois tenham alcançado a maturidade.

- Temeu que nos matássemos mutuamente? - brincou Gregory.

- Não, pensei que esse era meu trabalho.

- Bem - declarou Hyacinth, como se o último minuto de conversa não tivesse tido lugar-. Daphne me disse que ansiava que Lady Lucinda recebesse um convite, e Mãe, entendo, que inclusive escreveu uma nota dizendo o muito que desfrutava de sua companhia, o qual, todos sabemos, é uma horrorosa mentira, já que nenhum de nós a conheceu...

- Alguma vez deixa de falar? - interrompeu-a Gregory.

- Não para você - respondeu Hyacinth-. Como a conheceu? E para ser mais claros, O que tanto? E por que está tão ávido de dar um convite a uma mulher que vai se casar em uma semana?

E então, incrivelmente, Hyacinth deixou de falar.

- Estava-me perguntando o mesmo - murmurou Violet.

Gregory olhou a sua irmã e a sua mãe e decidiu que não tinha querido dizer a porcaria que disse ao Lucy, de que as famílias grandes eram um consolo. Eram um aborrecimento, uma intrusão e um montão de outras coisas, palavras que realmente não podia recordar nesse momento.

O que foi o melhor, já que nenhuma delas provavelmente teria sido cortês.

Não obstante, voltou-se para as duas mulheres com extrema paciência e disse:

- Apresentaram a Lady Lucinda no Kent. Na festa da casa de Anthony e Kate o mês passado. Pedi a Daphne que a convidasse esta noite porque é uma jovem amável, e me encontrei com ela ontem no parque. Seu tio lhe negou uma temporada, e pensei que seria uma obra de amabilidade lhe proporcionar a oportunidade de escapar por uma noite.

Levantou suas sobrancelhas, arriscando-se silenciosamente a que lhe respondessem.

Elas o fizeram, claro. Não com palavras - as palavras nunca tinham sido tão eficazes como as olhadas dúbias que estavam lançando em sua direção.

- OH, pelo amor de Deus - disparou ele-. Está comprometida. Para casar-se.

Isso teve um pequeno e visível efeito.

Gregory franziu o cenho.

- Aparento estar tentando deter as núpcias?

Hyacinth piscou. Várias vezes, da forma em que sempre o fazia quando estava pensando muito sobre algo que não era de sua incumbência. Mas para sua grande surpresa, soltou um pequeno hmm de aquiescência e disse:

- Suponho que não deu uma olhada ao salão. - Embora, eu gostaria de conhecê-la.

- Estou certo que o fará - lhe respondeu Gregory, e se felicitou, quando conseguiu não estrangular a sua irmã, pelo menos uma vez ao mês.

- Kate me escreveu que ela é encantadora - disse Violet.

Gregory se voltou para ela, com uma sensação de afundamento.

- Kate lhe escreveu? - Bom Deus, o que lhe tinha contado? Já era suficiente que Anthony soubesse sobre o fiasco com a Srta. Watson - o tinha averiguado, é claro - mas se sua mãe o averiguasse, sua vida se converteria em um completo inferno.

Mataria-o com sua bondade. Estava certo disso.

- Kate me escreve duas vezes ao mês - respondeu Violet, com um delicado encolhimento de um ombro-. Me conta tudo isso.

- Anthony sabe? - murmurou Gregory.

- Não tenho idéia - disse Violet, lhe dando um olhar de superioridade em realidade, não é de sua conta.

Bom Deus.

Gregory conseguiu não dizê-lo em voz alta.

- Soube - continuou sua mãe-, que seu irmão foi surpreendido em uma posição comprometedora com a filha de Lorde Watson.

- Sério? - Hyacinth estava observando à multidão, mas se voltou por isso.

Violet assentiu pensativamente.

- Tinha-me perguntado por que o casamento se realizou tão rapidamente.

- Bem, por isso - disse Gregory, quase como um grunhido.
- Isto Hmmmm, fez-o Hyacinth.
Esse era o tipo de som que nunca se desejaria escutar de parte de Hyacinth.
Violet se voltou para sua filha e disse:
- Realmente foi uma comoção.
- Em realidade - disse Gregory, irritando-se cada vez mais, com cada segundo-, tudo foi dirigido com discrição.
- Sempre se escutam rumores - disse Hyacinth.
- Não lhe soe - advertiu Violet.
- Não direi nenhuma palavra. - Prometeu Hyacinth, fazendo um gesto com a mão, como se nunca tivesse falado de ninguém em sua vida.
Gregory lançou um bufo.
- OH, por favor.
- Não o farei -protestou ela-. Posso guardar um segredo, quando sei que é um segredo.
- Ah, o que quer dizer, então, é que não possui nenhum sentido da discrição?
Hyacinth entrecerrou os olhos.
Gregory levantou as sobrancelhas.
- Quantos anos têm? - interpelou-os Violet-. Por Deus, vocês dois não mudaram desde que estavam em fraldas. Eu meio espero que comecem a arrancar os cabelos justo agora.
Gregory apertou a mandíbula em uma linha e olhou resolutamente para diante. Não havia nada pior que sentir-se pequeno, ante a recriminação da mãe.
- OH, não seja aborrecida, Mãe - disse Hyacinth, tomando o repreensão com um sorriso-. Ele sabe que só o molesto porque o quero muito. -Sorriu-lhe, de forma radiante e calorosa.
Gregory suspirou, porque era verdade, e por que se sentia da mesma maneira, e era, não obstante, exaustivo ser seu irmão. Mas ambos eram muito mais jovens que o resto de seus irmãos, e como resultado, sempre tinham estado juntos.
- A propósito, ele sente o mesmo por mim - disse Hyacinth a Violet-. Mas como é um homem, nunca diria isso.
Violet assentiu com a cabeça.
- Isso é certo.
Hyacinth se voltou para o Gregory.
- E só para ser absolutamente clara, jamais lhe puxaria o cabelo.
Certamente era seu sinal para afastar-se. Ou perderia sua sanidade. Em realidade, isso dependia dele.
- Hyacinth - disse Gregory-. Adoro-a. Sabe. Mãe, também a adoro. E agora parto.
- Espere! -gritou-lhe Violet.
Deu-se a volta. Deveu ter sabido que não seria fácil.
- Acompanharia-me?

- Aonde?
- Né, ao casamento, é claro.
Deus, o que era esse horrível sabor em sua boca?
- As bodas de quem? De Lady Lucinda?
Sua mãe o olhou com os olhos azuis mais inocentes.
- Não quereria ir sozinha.
Ele indicou com a cabeça a sua irmã.
- Vá com Hyacinth.
- Ela quererá ir com o Gareth - respondeu Violet.

Gareth St. Clair era o marido de Hyacinth havia quatro anos. Ao Gregory agradava imensamente e ambos tinham desenvolvido uma excelente amizade, para saber que Gareth preferiria jogar suas pálpebras para trás (e deixá-los assim indefinidamente) que sentar-se em uma longa e prefaciada celebração social todo o dia.

Considerando que Hyacinth sempre estava, quando não se incomodava em entremeter-se, interessada na fofoca, o que significava que certamente não desejaria perder um casamento de tanta importância. Alguém beberia muito, e alguém dançaria muito perto, e Hyacinth odiaria ser a última em inteirar-se.

- Gregory? - incitou-o sua mãe.
- Não vou.
- Mas...
- Não estou convidado.

- Certamente foi um descuido. Um que estou segura, poderá ser corrigido, depois de seus esforços desta noite.

- Mãe, embora desejo muito felicitar Lady Lucinda, não tenho nenhum desejo em assistir à bodas de ninguém. Esses são assuntos sentimentais.

Silêncio.
Nunca era um bom sinal.
Olhou para Hyacinth. Estava olhando-o com os olhos totalmente abertos.
- Você gosta das bodas - disse.
Ele grunhiu. Parecia ser a melhor resposta.
- Você gosta de - disse, ela-. Em minhas bodas, você...
- Hyacinth, é minha irmã. Isso é diferente.
- Sim, mas também assistiu à bodas do Felicity Albansdale, e a outras que lembro...

Gregory voltou suas costas para ela antes que fizesse uma recontagem de suas tolices.

- Mãe -disse ele-. Obrigado pelo convite, mas não desejo assistir à bodas do Lady Lucinda.

Violet abriu a boca como se fosse lhe fazer uma pergunta, mas depois a fechou.

- Muito bem -disse.

Gregory suspeitou imediatamente. Sua mãe não costumava capitular tão rapidamente. Entretanto, se aprofundava muito mais seus motivos, eliminaria qualquer oportunidade de um rápido escapamento.

Era uma decisão muito fácil.

- Digo a ambas *adieu* - disse.

- Aonde vai? - exigiu-lhe Hyacinth-. E por que está falando em francês?

Ele se voltou para sua mãe.

- Ela é toda tua.

- Sim - Violet suspirou-. Sei.

Hyacinth imediatamente se voltou para ela.

- O que quer dizer com isso?

- OH, pelo amor de Deus, Hyacinth, é...

Gregory se aproveitou desse momento e se afastou enquanto mantinha sua atenção fixada em todo mundo.

A festa estava ficando mais abarrotada, e lhe ocorreu que Lucy podia ter chegado enquanto falava com sua mãe e sua irmã. Nesse caso, não estaria muito longe do salão de baile, e por isso se dirigiu para a linha de recepção. Foi um processo lento; ele tinha permanecido no campo durante um mês, e todos pareciam ter algo que lhe dizer, mas nada disso era remotamente de seu interesse.

- Que tenha melhor sorte - murmurou a Lorde Travelstam, quem estava tratando de interessá-lo em um cavalo, que não podia permitir o luxo de ter-. Tenho certeza que não terá nenhuma dificuldade...

Sua voz se apagou.

Não podia falar.

Não podia pensar.

Deus Santo, não outra vez.

- Bridgerton?

Do outro lado do salão, bem na porta. Três cavalheiros, uma senhora mais velha, duas matronas e...

Ela.

Era ela. E estava sendo atraído, como se houvesse uma corda entre eles. Precisava estar a seu lado.

- Bridgerton, é algo...

- Desculpe-me - conseguiu dizer Gregory, ultrapassando ao Travelstam.

Era ela. Exceto...

Que era uma ela diferente. Não era Hermione Watson. Era... não sabia quem era; mas podia lhe ver só as costas. Mas ali estava... esse mesmo sentimento esplêndido e terrível. Aturdia-o. Dominava-o. Seus pulmões estavam vazios. Ele estava vazio.

E a desejava.

Era como sempre tinha imaginado - esse mágico e quase incandescente sentido de saber que sua vida estava completa, que ela era a única.

É somente que havia sentido isto antes. E Hermione Watson não tinha sido a única.

Deus Santo, um homem podia apaixonar-se estúpida e insensatamente duas vezes?

Acaso não havia dito a Lucy que fora precavida e desconfiada, que quando se sentisse aflita com um sentimento como esse, não confiasse nele?

Mas ainda assim...

Ali estava ela.

E ali estava ele.

E tudo estava acontecendo outra vez.

Era como quando tinha estado com Hermione. Não, era muito pior. Seu corpo lhe picava; não podia manter os dedos quietos em suas botas. Queria sair de um salto de sua pele, correr através do quarto e... sozinho... sozinho...

Vê-la.

Queria que ela se voltasse. Queria ver seu rosto. Queria saber quem era.

Queria conhecê-la.

Não.

Não, disse-se, tentando obrigar a seus pés a caminhar em outra direção. Isto era uma loucura. Deveria partir. Deveria sair imediatamente.

Mas não pôde. Inclusive com cada canto racional de sua alma lhe gritando que se desse a volta e se afastasse, dirigiu-se para esse lugar, esperando que se voltasse.

Orando para que o fizesse.

E então ela o fez.

E ela era...

Lucy.

Cambaleou como se algo o tivesse golpeado.

Lucy?

Não. Não podia ser possível. Já conhecia Lucy.

Ela não causava este efeito nele.

Tinha-a visto dúzias de vezes, inclusive a tinha beijado, e nunca se havia sentido assim, como se o mundo pudesse tragá-lo inteiro a não ser que a alcançasse e tomasse sua mão na dele.

Tinha que haver uma explicação. Havia-se sentido desta maneira antes. Com Hermione.

Mas desta vez... não era o mesmo. Com Hermione tinha estado aturdido, novo. Tinha estado a emoção do descobrimento, da conquista. Mas esta era Lucy.

Era Lucy, e...

Todas as lembranças o inundaram. A inclinação de sua cabeça quando lhe explicou o porquê os sanduíches deveriam estar apropriadamente ordenados. A deliciosa expressão de irritação de seu rosto, quando lhe tinha tentado explicar por que estava fazendo tudo mal em sua corte da Srta. Watson.

A maneira em que se havia sentido tão bem, só por sentar-se em um banco com ela no Hyde Park, para lançar pão às pombas.

E o beijo. Deus bendito, o beijo.

Ainda sonhava com esse beijo.

E queria que ela sonhasse com ele, também.

Deu um passo. Só um - avançando para diante e a um lado para poder lhe ver bem seu perfil. Tudo era tão familiar agora - a inclinação de sua cabeça, a forma em que seus lábios se moviam quando falava. Como é que não pôde reconhecê-la instantaneamente, inclusive quando lhe olhou as costas? As lembranças tinham estado ali, guardadas nos espaços de sua mente, mas não tinha querido - não se permitiu - reconhecer sua presença.

E então ela o viu. Lucy o viu. Primeiro a olhou nos olhos, estes se abriram de par em par e brilharam, depois viu a curva de seus lábios.

Ela sorriu. Para ele.

Isso o encheu. Encheu-o, quase a ponto de explodir. Só era um sorriso, mas era tudo o que necessitava.

Começou a caminhar. Apenas se podia sentir seus pés, sem ter um controle consciente sobre seu corpo. Simplesmente se moveu, sabendo do mais profundo de seu interior, que tinha que alcançá-la.

- Lucy - disse, uma vez que esteve a seu lado, esquecendo-se que estavam rodeados de estranhos, e muito pior, de amigos, e ele não devia presumir chamá-la por seu nome.

Mas nada mais se sentia correto em seus lábios.

- Sr. Bridgerton - disse ela, mas seus olhos disseram, Gregory.

E nesse momento soube.

Amava-a.

Era a sensação mais estranha e maravilhosa. Era estimulante. Era como se o mundo de repente se abrisse para ele. Claro. Entendeu-o. Entendeu tudo o que precisava saber, e estava justo frente a seus olhos.

- Lady Lucinda - disse, fazendo uma profunda reverência sobre sua mão-. Me concede esta dança?

Capítulo 17
No que a irmã de nosso herói faz os acertos pertinentes.

Era o céu.

Esquece aos anjos, esquece a São Pedro e os clavicordios reluzentes. O céu era uma dança nos braços do verdadeiro amor de alguém. E quando para o alguém em questão faltava só uma semana para casar-se com alguém mais em todo sentido, o previamente mencionado devia agarrar o céu fortemente com ambas as mãos.

Metaforicamente falando.

Lucy sorria abertamente enquanto se meneava e girava. Agora imaginava. O que diriam as pessoas se adiantasse e o agarrasse com ambas as mãos?

Para nunca soltá-lo.

A maioria diria que estava louca. Alguns diriam que estava apaixonada. Um ardiloso poderia dizer que ambas as coisas.

- No que está pensando? - perguntou Gregory. Estava-a olhando... de uma forma diferente.

Virou-se, deu um passo atrás. Sentia-se atrevida, quase mágica.

- Importaria-lhe se não souber?

Ele caminhou ao redor da dama que estava a sua esquerda e voltou para seu lugar.

- Importaria-me - lhe respondeu, sorrindo-lhe como um lobo.

Mas ela mal sorriu e meneou a cabeça. Nesse momento queria pretender que era alguém mais. Alguém um pouco menos convencional. Alguém um tanto mais impulsiva.

Não queria ser a mesma Lucy de sempre. Não esta noite. Estava farta do planejamento, farta de nunca fazer algo sem pensar primeiro em cada possibilidade e conseqüência.

Se fizer isto, então passará isso, mas se fizer isso, então isto, isto, e o outro passará, que dará como resultado algo completamente diferente, o que poderia significar que...

Isso era suficiente para aturdir a uma mulher. Era suficiente para fazê-la sentir paralisada, incapaz de tomar as rédeas de sua própria vida.

Mas não esta noite. Esta noite, por alguma razão, ou por algum milagre assombroso chamado a Duquesa do Hastings - ou possivelmente pela viúva aristocrática Lady Bridgerton, Lucy não estava certa - estava vestida com a mais deliciosa seda verde, indo ao baile mais glamoroso que tivesse podido imaginar em sua vida.

E estava dançando com o homem que estava muito certa, amaria até o fim de seus dias.

- Parece diferente - disse ele.

- Sinto-me diferente. - Tocou sua mão enquanto trocavam lugares o um com o outro. Seus dedos agarraram os dela, quando em realidade, simplesmente deviam havê-los roçado. Ela levantou o olhar para ele e se deu conta que a estava olhando fixamente. Seus olhos eram calorosos e intensos e estava olhando da mesma maneira...

Deus Santo, estava-a olhando da mesma maneira em que tinha olhado a Hermione.

Seu corpo começou a estremecer. Sentia-o nas pontas de seus pés, em lugares que não se atrevia a contemplar.

Trocaram de lugares novamente, mas esta vez ele se inclinou, possivelmente um pouco mais do que devia e disse:

- Eu também me sinto diferente.

Sua cabeça deu um giro rápido, mas ele já se dera a volta e suas costas estava frente a ela. Como é que era diferente? Por quê? O que queria dizer com isso?

Deu a volta ao redor do cavalheiro que estava a sua esquerda, e logo se moveu ao lado do Gregory.

- Está contente de ter vindo esta noite? - murmurou ele.

Ela assentiu com a cabeça, já que se tinha movido muito longe, e não podia lhe responder sem gritar.

Mas então se juntaram novamente, e ele sussurrou:

- Eu também.

Retornaram a seus lugares iniciais e permaneceram quietos enquanto um casal diferente começava o processo. Lucy levantou o olhar. Para ele. Para seus olhos.

Eles nunca se separaram de seu rosto.

E inclusive na tremulante luz da noite - das centenas de velas e tochas que iluminavam o salão de baile - podia ver seu brilho. A forma em que a olhava - era quente, possessiva e orgulhosa.

Isso a fez estremecer.

Fez ela duvidar de sua habilidade de estar em pé.

Quando a música terminou, Lucy compreendeu que havia algumas coisas que de verdade deviam ser inculcadas, porque estava reverenciando, sorrindo-lhe e assentindo para a mulher que estava a seu lado, como se sua vida inteira não se alterasse no transcurso da dança anterior.

Gregory tomou sua mão e a levou a extremo do salão de baile, de retorno aonde as acompanhantes esperavam, olhando a seus encargos sobre os seus copos de limonada. Mas antes que chegassem a seu destino, ele se inclinou e lhe sussurrou na orelha:

- Preciso falar com você.

Seus olhos voaram aos seus.

- Em privado - acrescentou ele.

Ela sentiu como demorava seu passo, provavelmente para que ficasse mais tempo para falar antes que fosse devolvida aos cuidados de sua tia Harriet.

- Sobre o que? - perguntou ela-. Passa-se algo mau?

Ele meneou a cabeça.

- Já não.

E se permitiu ter esperança. Simplesmente um pouco, porque não podia suportar refletir quão angustiante seria se estava equivocada, mas possivelmente... possivelmente

Ele a amava. Possivelmente desejava casar-se com ela. Só faltava menos de uma semana para suas bodas, mas ainda não havia dito seus votos.

Procurou pistas ao examinar o rosto do Gregory, procurou respostas. Mas quando tratou de lhe tirar mais informação, ele só agitou a cabeça e sussurrou:

- Na biblioteca. Está a duas portas do serviço das damas. Encontre-se comigo ali, em trinta minutos.

- Está louco?

Ele sorriu.

- Só um pouco.

- Gregory, eu...

Ele olhou fixamente seus olhos, e isso lhe impôs silêncio. A maneira em que estava olhando-a...

Tirou-lhe o fôlego.

- Não posso - sussurrou ela, porque não importava o que sentiam o um pelo outro, ainda continuava comprometida com outro homem. E ainda quando não o estivesse, tal conduta só os levaria a um escândalo-. Não posso estar sozinha com você. Sabe.

- Deve fazê-lo.

Ela tentou negar com a cabeça, mas não pôde fazer esse movimento.

- Lucy - disse ele-, deve fazê-lo.

Ela assentiu com a cabeça. Provavelmente era o engano maior que podia cometer, mas não podia lhe dizer que não.

- Sra. Abernathy - disse Gregory, sua voz soava muito forte enquanto saudava a tia Harriet-. Trago de volta a Lady Lucinda a seu cuidado.

A tia Harriet assentiu, embora Lucy suspeitasse que não tinha nem idéia do que Gregory havia dito, ela se voltou para o Lucy e lhe gritou:

- Vou sentar me!

Gregory riu entre dentes e disse:

- Devo dançar com outras damas.

- Claro - respondeu Lucy, embora sabia muito bem que não era conhecedora das muitas complexidades envoltas na fixação de uma reunião ilícita-. Vejo alguém que conheço - mentiu, e para seu grande alívio, em realidade se viu alguém que conhecia - um conhecido da escola. Não era um bom amigo, mas ainda assim, era um rosto o suficientemente familiar para lhe oferecer suas saudações.

Mas antes que Lucy pudesse flexionar seu pé, escutou uma voz feminina convocando o nome do Gregory.

Lucy não podia ver quem era, mas sim podia ver o Gregory. Ele tinha fechado os olhos e parecia muito doído.

- Gregory!

A voz se aproximou, e por isso Lucy se voltou para ela para ver uma moça que só podia ser uma das irmãs do Gregory. Provavelmente era a menor, já que estava notavelmente bem conservada.

- Esta deve ser Lady Lucinda - disse a mulher. Lucy notou que seu cabelo, era da mesma cor do de Gregory - um rico e caloroso castanho. Mas seus olhos eram azuis, afiados e agudos.

- Lady Lucinda - disse Gregory, soando como um homem com uma tarefa muito difícil -. Me permita lhe apresentar a minha irmã, Lady St. Clair.

- Hyacinth - disse ela firmemente-. Devemos nos esquecer das formalidades. Estou certa que seremos grandes amigas. Agora, deve me falar sobre você. E depois desejaria escutar sobre a festa de Anthony e Kate o mês passado. Teria gostado de ir, mas tinha um compromisso prévio. Escutei que foi imensamente divertida.

Sobressaltada pelo torvelinho humano que estava frente a ela, Lucy olhou ao Gregory para lhe pedir um conselho, mas ele encolheu os ombros e disse:

- Esta é a que estou aficionado a torturar.

Hyacinth se voltou para ele.

- Me desculpe?

Gregory fez uma reverência.

- Devo ir.

E então Hyacinth Bridgerton T. Clair, fez a coisa mais estranha. Entrecerrou os olhos, e olhou a seu irmão, depois à Lucy e voltou a fazer outra vez. Logo outra vez. E depois uma vez mais. E então disse:

- Vocês necessitam de minha ajuda.

- Hy... - começou Gregory.

- Necessitam-na - o interrompeu-. Vocês têm planos. Não tratem de negá-lo.

Lucy não podia acreditar que Hyacinth tivesse deduzido tudo isso só com uma reverência e um devo ir. Abriu a boca para lhe fazer uma pergunta, mas tudo o que disse foi:

- Como...? - antes que Gregory a interrompesse com um olhar de advertência.

- Sei que esconde algo sob a manga - disse Hyacinth ao Gregory-. Do contrário não teria chegado a tais alturas para assegurar sua presença esta noite.

- Ele só estava sendo amável - tentou dizer Lucy.

- Não seja idiota - disse Hyacinth, lhe dando um tapinha tranqüilizador no braço-. Ele nunca faria isso.

- Isso não é verdade - protestou Lucy. Gregory podia parecer-se um pouco a um demônio, mas seu coração era bom e confiável, e não apoiaria a ninguém que dissesse - inclusive a sua irmã - o contrário.

Hyacinth a olhou com um sorriso encantador.

- Gostei de você - disse ela lentamente, como se estivesse decidindo que dizer-. Está equivocada, é claro, mas gostei de você, de qualquer maneira. -voltou-se para seu irmão-. Gosto dela.

- Sim, já o repetiste muitas vezes.

- E você necessita de minha ajuda.

Lucy observou como o irmão e a irmã intercambiavam um olhar que não podia começar a entender.

- Necessitará de minha ajuda - disse Hyacinth suavemente-. Esta noite, e depois, também.

Gregory olhou intensamente a sua irmã e disse, com uma voz tão suave, que Lucy teve que inclinar-se para diante para escutá-lo:

- Preciso falar a sós com Lady Lucinda.

Hyacinth sorriu. Só um pouco.

- Posso me encarregar disso.

Lucy tinha o pressentimento de que podia fazer algo.

- Quando? - perguntou Hyacinth.

- Quando se apresente a oportunidade - respondeu Gregory.

Hyacinth deu uma olhada ao redor do salão, Lucy apostava sua própria vida, que não podia imaginar que tipo de informação estava acumulando, que pudesse ser utilizada possivelmente para tomar uma decisão sobre o assunto que tinham entre mãos.

- Em uma hora - anunciou ela, com toda a precisão de um general militar-. Gregory, parte e há algo que acostume a fazer neste tipo de assuntos. Dance. Vá procurar limonada. Vê com essa moça Wilthford, que seus pais estiveram tratando de lhe pendurar durante meses.

- E você - continuou Hyacinth, voltando-se para Lucy com um brilho de autoridade em seu olhar-. Ficará comigo. Apresentarei a todos os que precisa conhecer.

- E a quem preciso conhecer? - perguntou Lucy.

- Ainda não estou certa. Em realidade isso não importa.

Lucy só podia olhá-la fixamente atemorizada.

- Em precisamente cinqüenta e cinco minutos - disse Hyacinth-. Lady Lucinda arruinará seu vestido.

- Farei-o?

- Fará-o - respondeu Hyacinth-. Sou boa nesse tipo de coisas.

- Vai arruinar seu vestido? - perguntou Gregory duvidosamente-. Aqui no salão de baile?

- Não se preocupe pelos detalhes - disse Hyacinth, fazendo um gesto depreciativo com a mão para ele. - Só vê e faz sua parte, e se encontre com ela no quarto de vestir de Daphne em uma hora.

- No quarto da duquesa? - disparou Lucy. Possivelmente não poderia fazer isso.

- Ela é Daphne para nós - disse Hyacinth-. Agora, vamos, vá daqui.

Lucy apenas a olhou fixamente e piscou. Acaso não devia ficar ao lado do Hyacinth?

- Isso é para ele - disse Hyacinth.

E então Gregory fez a coisa mais surpreendente. Tomou a mão de Lucy. Ali, em meio do salão de baile onde todo mundo podia dar-se conta, tomou sua mão e a beijou.

- Deixo-a em boas mãos - disse a ela, dando um passo atrás com uma reverência cortês. Ofereceu a sua irmã um olhar de advertência antes de acrescentar: - Isto é tão difícil como acreditar.

Partiu, provavelmente para falar com alguma pobre mulher confiante, quem não tinha idéia que não era mais que um inocente peão no plano mestre de sua irmã.

Lucy voltou seu olhar para Hyacinth, um pouco esgotada por todo o encontro. Hyacinth lhe estava sorrindo.

- Bem feito - disse, embora para Lucy soou como se estivesse felicitando -se-. Agora - continuou-, por que meu irmão precisa falar com você? E não me diga que não tem nem idéia, porque não lhe acreditarei.

Lucy refletiu sobre a sabedoria de várias respostas e finalmente escolheu: - Não tenho nem idéia - o que não era precisamente certo, mas não ia divulgar suas mais secretas esperanças e sonhos a uma mulher, que tinha conhecido só minutos antes, não importava de quem fosse irmã.

E isso a fez sentir como se tivesse ganho o ponto.

- De verdade? - Hyacinth a olhava com suspeita.

- De verdade.

Hyacinth estava claramente cética.

- Bom, pelo menos, é inteligente. Concederei-lhe isso.

Lucy decidiu que não ia ficar quieta.

- Sabe - disse-, pensei que eu era a pessoa mais organizada e eficiente que conhecia, mas penso que você é muito pior.

Hyacinth riu.

- OH, não sou organizada absolutamente. Mas estou tentando. Acredito que nos daremos muito bem. - Envolveu seu braço no de Lucy-. Como irmãs.

Uma hora depois, Lucy tinha compreendido três coisas sobre Hyacinth, Lady St. Clair.

Primeiro, conhecia todo mundo. E sabia tudo sobre tudo o mundo.

Segundo, era um tesouro de informação sobre seu irmão. Lucy não tinha necessitado fazer nenhuma pergunta, mas quando saíram do salão de baile, já sabia a cor favorita do Gregory (azul) e a comida (o queijo, de qualquer tipo), e que quando era menino tinha falado com um ciceiar.

Lucy também tinha aprendido que nunca devia cometer o engano de infravalorizar à irmã caçula de Gregory. Não só tinha rompido o vestido de Lucy, mas sim também tinha conseguido com o suficiente dom e destreza, que quatro pessoas fossem conscientes da desgraça (e a necessidade de repará-la). E lhe tinha feito todo o dano à prega, para preservar convenientemente, a modéstia de Lucy.

Era realmente impressionante.

- Fiz isto antes - lhe confiou Hyacinth quando a guiou para sair do salão de baile.

Lucy não estava surpreendida.

- É um talento útil - acrescentou Hyacinth, soando excessivamente séria-. Aqui, por este caminho.

Lucy a seguiu por uma escada traseira.

- Há muitas desculpas disponíveis para uma mulher que deseja escapar de um ato social - continuou Hyacinth, demonstrando um notável talento para pegar-se no assunto escolhido como a borracha-. Nos toca dominar todas as armas que temos em nosso arsenal.

Lucy estava começando a acreditar que tinha levado uma vida muito protegida.

- Ah, aqui estamos - Hyacinth empurrou a porta para abri-la. Apareceu dentro-. Ele ainda não está aqui. Bem. Isso me dará tempo.

- Para que?

- Para remendar seu vestido. Confesso que esqueci um detalhe quando formulei meu plano. Mas sei onde Daphne guarda as agulhas.

Lucy a observou enquanto caminhava para um toucador e abria uma gaveta.

- Justo onde pensei que estavam - disse Hyacinth com um sorriso triunfante-. Eu adoro quando tenho razão. Isso faz com que a vida seja mais conveniente, não lhe parece?

Lucy assentiu, mas em sua mente estava sua própria pergunta.

- Por que está me ajudando?

Hyacinth a olhou como se fosse uma idiota.

- Você não pode retornar com esse vestido rasgado. Não depois que dissemos que íamos partir, para remendá-lo.

- Não, não falo disso.

- OH. - Hyacinth levantou uma agulha e a olhou pensativamente. Isto funcionará. Que cor de linha devo utilizar?

- Branco, e não respondeu minha pergunta.

Hyacinth arrancou um pedaço de linha da bobina e o escorregou através do buraco da agulha.

- Gosto de você - disse-. E amo a meu irmão.

- Sabe que estou comprometida para casar - disse Lucy com voz suave.

- Sei. - Hyacinth se ajoelhou aos pés do Lucy, e com pontos rápidos e descuidados começou a costurar.

- Em uma semana. Menos de uma semana.

- Sei. Fui convidada.

- OH. - Lucy supôs que devia ter sabido-. Bem, planeja ir?

Hyacinth levantou o olhar para ela.

- E você?

Os lábios de Lucy se separaram. Até esse momento, a idéia de não casar-se com Haselby era algo vago e improvável, era um sentimento do tipo OH-como-desejo-não-ter-que-me-casar-com-ele. Mas agora, com Hyacinth olhando-a tão

cuidadosamente, isso começou a parecer um pouco mais firme. Ainda era impossível, claro, ou pelo menos...

Bom, possivelmente...

Possivelmente não era tão impossível. Possivelmente só completamente impossível.

- Os papéis já estão assinados - disse Lucy.

Hyacinth retornou a sua costura.

- Estão?

- Meu tio o escolheu a ele - disse Lucy, perguntando-se a quem estava tentando convencer-. Foi arrumado faz muito tempo.

- Mmmm.

Mmmm? Que demônios significava isso?

- E ele não me há... E seu irmão não me há... - Lucy lutou com as palavras, mortificada de que estava descarregando-se com uma estranha, com a própria irmã do Gregory, pelo amor de Deus. Mas Hyacinth não estava dizendo nada; simplesmente estava sentada ali, com os olhos enfocados na agulha que entrava e saía da prega de Lucy. E se Hyacinth não dizia nada, então Lucy tinha que fazê-lo. Por que... por que...

Bem, porque sim.

- Ele não me fez nenhuma promessa - disse Lucy, com a voz virtualmente agitada-. Não me declarou suas intenções.

Ante isso, Hyacinth levantou o olhar. Deu uma olhada ao redor do quarto, como se dissesse, nos olhe, remendando seu vestido no quarto da Duquesa de Hastings.

E murmurou:

- Não o fez?

Lucy fechou os olhos em agonia. Ela não era como Hyacinth St. Clair.

Só se necessitava um quarto de hora em sua companhia para saber que poderia atrever-se a tudo, tomar qualquer oportunidade para assegurar sua própria felicidade. Desafiaria o convencionalismo, ficaria de pé ante a mais áspera das críticas, e seguiria completamente intacta, em corpo e alma.

Lucy não era tão forte. Não era governada pelas paixões. Sua musa sempre tinha sido o bom senso. O pragmatismo.

Não tinha sido ela que havia dito a Hermione que tinha que casar-se com um homem ao que seus pais pudessem aprovar?

Acaso não havia dito ao Gregory que não queria um amor violento e entristecedor? Que simplesmente não era esse tipo de mulher?

Não era esse tipo de pessoas. Não o era. Quando sua preceptora tinha feito desenhos com linhas para que ela os preenchesse, sempre tinha colorido entre as linhas.

- Não acredito que possa fazê-lo - sussurrou Lucy.

Hyacinth segurou seu olhar por um momento agonicamente longo antes de retornar a sua costura.

- Julguei-a mal - disse ela suavemente.

Isso golpeou ao Lucy como uma palmada no rosto.

- Qu... qu... ?

O que diz?

Mas os lábios de Lucy não podiam formar as palavras. Não desejava escutar sua resposta. E Hyacinth voltou a ser a mesma rapidamente, porque levantou o olhar com uma expressão de irritação quando lhe disse:

- Não se mova tanto.

- Sinto muito - resmungou Lucy. E pensou: Disse de novo. Sou tão previsível, tão absolutamente convencional e falta de imaginação.

- Ainda está se mexendo.

- OH. - Deus santo, Como é que não podia fazer nada bem essa noite-. Sinto muito.

Hyacinth a cravou com a agulha.

- Ainda está se mexendo.

- Não estou! - Lucy quase gritou.

Hyacinth sorriu para si mesma.

- Isso está melhor.

Lucy desceu o olhar e franziu o cenho.

- Estou sangrando?

- Sim, está - disse Hyacinth, enquanto se levantava-. E ninguém mais tem a culpa a não ser você.

- Me desculpe?

Mas Hyacinth já estava em pé, com um sorriso de satisfação no rosto.

- Ali -anunciou, fazendo gestos para seu artesanato-. Certamente não está como novo, mas passará qualquer inspeção esta noite.

Lucy se ajoelhou para inspecionar sua prega. Hyacinth tinha sido muito generosa em seu auto louvor. A costura era um desastre.

- Nunca fui boa com a agulha - disse Hyacinth com um indiferente encolhimento de ombros.

Lucy se endireitou, lutando contra o impulso de arrancar os pontos e os arrumar.

- Me poderia ter dito isso antes - murmurou.

Os lábios de Hyacinth se curvaram em um sorriso lento e malicioso.

- Vá, vá -disse-. Ficou cheia de espinhos de repente.

Lucy a surpreendeu ao lhe dizer:

- Me fez mal.

- Possivelmente - respondeu Hyacinth, soando como se não lhe importasse de uma maneira ou outra. Olhou para a porta com uma expressão inquisidora-. Ele deveria estar aqui agora.

O coração de Lucy pulsou estranhamente em seu peito.

- Ainda planeja me ajudar? - sussurrou.

Hyacinth se voltou.

- Espero - respondeu, encontrando-se com os olhos do Lucy com uma tranqüila avaliação-, que você seja quem se julgue mau.

Gregory chegou dez minutos depois do que tinham acordado. Não pôde evitá-lo; uma vez dançado com uma jovem dama, havia-se ficado claro que devia repetir o favor a outra meia dúzia. E embora fosse difícil manter sua atenção nas conversas tinha que comportar-se, sem preocupar-se com o atraso. Isso significava que Lucy e Hyacinth tinham saído antes que ele saísse pela porta. Pensou em encontrar a maneira de converter a Lucy em sua esposa, mas não havia necessidade de ir em busca de um escândalo.

Caminhou para o quarto de sua irmã; tinha passado incontáveis horas em Hasting House e sabia para onde se estava dirigindo. Quando alcançou seu destino, entrou sem bater, as dobradiças bem lubrificadas da porta lhe permitiram entrar sem fazer ruído.

- Gregory.

Escutou-se primeiro a voz de Hyacinth. Ela estava de pé ao lado de Lucy, que parecia...

Ferida.

O que lhe tinha feito Hyacinth?

- Lucy? - perguntou-lhe, apressando-se para ela-. Acontece algo?

Lucy negou com a cabeça.

- Não é nada de importância.

Ele se voltou para sua irmã com olhos acusadores.

Hyacinth encolheu os ombros.

- Estarei no outro quarto.

- Escutando na porta?

- Esperarei no escritório de Daphne - disse ela-. Está a meio caminho, do outro lado do quarto, e antes que faça alguma objeção, não posso ir mais longe. Se alguém chegar, necessitará de minha presença imediata para que tudo seja respeitável.

Seu ponto era válido, mas embora Gregory estivesse relutante a admiti-lo, ofereceu-lhe uma pequena inclinação de assentimento, observou-a enquanto saía do quarto, e esperou pelo clique do fecho da porta antes de falar.

- Disse-lhe algo cruel? - perguntou a Lucy-. Ela pode ser vergonhosamente indiscreta, mas seu coração está normalmente do lado correto.

Lucy negou com a cabeça.

- Não - disse suavemente-. Acredito que disse exatamente o correto.

- Lucy? - olhou-a inquisidoramente.

Seus olhos, que tinham parecido antes tão nublados, agora pareciam enfocar-se.

- O que tem que me dizer? - disse ela.

- Lucy - disse, perguntando-se qual era a melhor forma de confrontar isto. Tinha estado ensaiando os discursos em sua mente todo o tempo, enquanto dançava no piso inferior, mas agora que estava aqui, não sabia o que dizer.

Ou melhor, sim. Mas não sabia a ordem, não sabia o tom. Lhe ia dizer que a amava? Ia despir seu coração a uma mulher que pensava casar-se com outro? Ou possivelmente optaria pela rota mais segura e lhe explicaria a razão pela qual ela não podia casar-se com o Haselby?

Um mês atrás, a opção teria sido óbvia. Era um romântico, aficionado aos grandes gestos. Teria lhe declarado seu amor, seguro de uma feliz recepção. Lhe teria tomado a mão. Ajoelhado.

Teria beijado ela.

Mas agora...

Já não estava tão seguro. Confiava em Lucy, mas não confiava no destino.

- Não pode se casar com o Haselby - disse

Seus olhos se abriram de par em par.

- O que quer dizer?

- Não pode se casar com ele - respondeu, evadindo sua pergunta-. Será um desastre. Será... deve confiar em mim. Não deve se casar com ele.

Ela meneou a cabeça.

- Por que me está dizendo isto?

Porque a quero para mim.

- Por que... por que... - lutou com as palavras-. Porque se converteu em minha amiga. E desejo sua felicidade. Ele não será um bom marido para você, Lucy.

- Por que não? -sua voz era baixa, vazia, e dolorosamente contrária ao que ela era.

- Ele - Deus santo, Como ia dizer se o acaso entenderia o que lhe queria dizer-. O não... - engoliu a saliva. Tinha que haver uma forma mais suave para dizê-lo-.

Ele não... algumas pessoas...

Olhou-a. Seu lábio inferior estava tremendo.

- Ele prefere aos homens - disse, soltando as palavras tão rapidamente como era capaz-. Que às mulheres. Alguns homens são assim.

E esperou. Por um bom momento, ela não reagiu, só ficou ali como uma estátua trágica. De vez em quando pestanejava, mas além disso, nada. Até que finalmente disse:

- Por quê?

Por quê? Não a entendia.

- Por que ele é... ?

- Não - disse ela energicamente-. Por que me disse isso? Por que teve que me dizer isso.

- Disse-lhe isso...

- Não, não o fez para ser amável. Por que me disse isso? Só para ser cruel? Para me fazer sentir da mesma forma em que se sente, porque Hermione se casou com meu irmão e não com você?

- Não! - a palavra explodiu fora dele, e a agarrou, envolvendo as mãos ao redor de seus antebraços-. Não, Lucy - disse, de novo-. Nunca faria isso. Só quero que seja feliz. Eu quero...

A ela. Queria-a a ela, e não sabia como dizê-lo. Não nesse momento, não quando estava olhando-o como se lhe tivesse quebrado o coração.

- Teria podido ser feliz com ele - sussurrou ela.

- Não. Não, não teria podido. Não entende, ele...

- Sim, teria podido - gritou ela -. Possivelmente nunca o amaria, mas poderia ser feliz. Era o que eu esperava. Entende, para isso fui preparada. E você... você... - afastou-se, voltando-se até que ele não pôde lhe ver mais seu rosto-. Arruinou.

- Como?

Ela levantou os olhos para os seus, e o olhar neles era tão severo, tão profundo, que lhe tirou o fôlego. E disse:

- Porque me fez querê-lo em seu lugar.

Seu coração se fechou de repente em seu peito.

- Lucy - disse, porque não podia dizer nada mais-. Lucy.

- Não sei que fazer - confessou ela.

- Me beije. -Tomou a rosto dela entre suas mãos-. Só me beije.

Desta vez, quando a beijou, foi diferente. Ela era a mesma mulher entre seus braços, mas ele não era o mesmo homem. Sua necessidade por ela era mais profunda, mais elementar.

Amava-a.

Beijou-a com tudo o que tinha, com cada respiração, com cada pulsação de seu coração. Seus lábios encontraram sua face, sua fronte, suas orelhas, e todo o tempo, sussurrava seu nome como uma oração...

Lucy... Lucy... Lucy.

Queria-a. Necessitava-a.

Necessitava-a como o ar.

Como a comida.

Como a água.

Sua boca se deslocou a seu pescoço, depois desceu para a borda do encaixe de seu sutiã. Sua pele ardia debaixo dele, e quando seus dedos deslizaram o vestido de um de seus ombros, ela ofegou...

Mas não o deteve.

- Gregory - sussurrou, seus dedos se enterraram em seu cabelo enquanto os lábios dele se moviam ao longo de sua clavícula-. Gregory, OH Deus M... Gregory.

Sua mão se moveu reverentemente sobre a curva de seu ombro. Sua pele brilhava pálida e suave sob a luz da vela, e foi golpeado por um intenso sentido de posse.

De orgulho.

Nenhum homem a tinha visto assim, e rezou para que nenhum outro homem o fizesse alguma vez.

- Não pode se casar com ele, Lucy - sussurrou urgentemente, suas palavras eram quentes contra sua pele.

- Gregory, não - gemeu ela.

- Não pode. - Porque sabia que não podia permitir que isso continuasse assim, endireitou-se, pressionando um último beijo contra seus lábios antes de dar um passo atrás, forçando-a a que o olhasse nos olhos.

- Não pode se casar com ele - disse de novo.

- Gregory, que posso...

Agarrou-lhe os braços. Fortemente. E lhe disse:

- Amo-a.

Seus lábios se abriram. Ela não podia falar.

- Amo-a - disse outra vez.

Lucy tinha a suspeita - tinha a esperança - mas realmente não se permitiu acreditar nela. Quando finalmente encontrou suas próprias palavras, disse:

- De verdade?

Ele sorriu, e logo riu, e depois descansou sua fronte na sua.

- Com todo meu coração -lhe prometeu-. É só que não me tinha dado conta. Sou um idiota. Um cego. Um...

- Não - o interrompeu, enquanto agitava a cabeça-. Não se machuque. Ninguém me nota quando Hermione está perto.

Seus dedos a apertaram mais forte.

- Ela não lhe chega nem aos pés.

Um sentimento caloroso começou a estender-se através de seus ossos. Não era desejo, nem paixão, era simplesmente pura felicidade.

- Está falando a sério - sussurrou ela.

- O suficiente para mover céu e terra para me assegurar de que não leve a cabo suas bodas com o Haselby.

Ela empalideceu.

- Lucy?

Não. Podia fazê-lo. Devia fazê-lo. Era quase cômico, em realidade. Tinha passado três anos dizendo a Hermione que tinha que ser prática, obedecer as regras. Mofou quando Hermione lhe tinha falado do amor, da paixão, e de escutar música. E agora...

Tomou uma profunda e revigorante respiração. E agora ia romper seu compromisso.

Que se tinha arrumado faz anos.

Com o filho de um conde.

Cinco dias antes das bodas.

Santo Deus, o escândalo.

Deu um passo atrás, levantando o queixo para poder observar o rosto de Gregory. Seus olhos a estavam olhando com todo o amor que ela sentia.

- Amo-o - sussurrou ela, porque não o havia dito ainda-. Eu também o amo.

Pela primeira vez ia deixar de pensar em todos outros. Não ia tomar o que lhe dava e fazer o melhor com isso. Ia alcançar sua própria felicidade, fazer seu próprio destino.

Não ia fazer o que esperavam dela.

Ia fazer o que ela queria.

Era o momento.

Apertou as mãos do Gregory. E sorriu. Isto não era algo tentativo, a não ser amplo e seguro, cheio de esperanças, cheio de sonhos - e o conhecimento de que ela podia obtê-los todos.

Seria difícil. Seria aterrador.

Mas valia a pena.

- Falarei com meu tio - disse, as palavras eram firmes e seguras-. Amanhã.

Gregory puxou-a e a pôs contra ele para lhe dar um último beijo, rápido, apaixonado e cheio de promessas.

- Posso acompanhá-la? -perguntou-. Posso visitá-lo para informá-lo de minhas intenções?

A nova Lucy, a atrevida e audaz Lucy, perguntou-lhe:

- E quais são suas intenções?

Os olhos do Gregory se abriram de par em par com a surpresa, logo com aprovação e depois tomou suas mãos entre as suas.

Ela sabia o que ele estava fazendo antes de vê-lo com seus próprios olhos. Suas mãos pareciam deslizar-se ao longo de seu corpo enquanto descia...

Até que fincou um joelho, olhando-a como se não houvesse uma mulher mais formosa em toda a criação.

- Lady Lucinda Abernathy - disse, sua voz era fervente e segura-. Me concederia a grande honra de converter-se em minha esposa?

Ela tentou falar. Tentou assentir com a cabeça.

- Case-se comigo, Lucy - disse-. Case-se comigo.

E essa vez, ela o fez:

- Sim. -Disse-. Sim! OH, sim!

- Farei-a feliz - disse ele, endireitando-se para abraçá-la - prometo.

- Não há nenhuma necessidade de que me prometa isso. - Meneou a cabeça, sufocando as lágrimas-. Não há maneira de que não possa fazê-lo.

Ele abriu a boca, provavelmente para lhe dizer algo mais, mas se deteve quando escutou um golpe na porta, suave mas rápido.

Hyacinth.

- Vá - disse Gregory-. Deixa que Hyacinth a leve de volta ao salão de baile. Eu irei depois.

Lucy assentiu, acomodando seu vestido até que pôs tudo em seu lugar.

- Meu cabelo - sussurrou ela, seus olhos voaram aos dele.

- É encantador - lhe assegurou ele-. Luz perfeita.

Apressou-se a ir à porta.

- Tem certeza?

- Amo-a - disse com voz oca. E seus olhos disseram o mesmo.

Lucy puxou a porta para abri-la, e Hyacinth se apressou para entrar.

- Céu santo, vocês são lentos - disse-. Temos que retornar. Agora.

Caminhou da porta ao corredor, e se deteve, olhando primeiro Lucy, e depois seu irmão. Seu olhar se cravou sobre Lucy, e levantou uma sobrancelha de forma inquisidora.

Lucy se manteve em alto.

- Você não me julgou mal - disse com voz suave.

Os olhos de Hyacinth se abriram de par em par, e seus lábios se curvaram.

- Bom.

E isso era, compreendeu Lucy. Era muito bom, com efeito.

Capítulo 18
No que nossa heroína faz uma descoberta terrível.

Ela podia fazer isto.

Podia.

Só precisava bater.

E ainda estava ali de pé, para fora da porta do estúdio de seu tio, com os dedos enroscados em um punho, como se estivesse pronta para abrir a porta.

Mas não o suficiente.

Quanto tempo estava de pé ali? Cinco minutos? Dez? De qualquer modo, era o suficiente para marcá-la como uma boba ridícula. Uma covarde.

Como tinha acontecido isto? Por que tinha acontecido? Na escola tinha sido conhecida por ser capaz e pragmática. Era a moça que conseguia que as coisas se fizessem.

Não era tímida. Não era temerosa.

Mas quando tinha que ver com seu tio Robert...

Suspirou. Sempre tinha sido assim com seu tio. Ele era tão severo, tão taciturno.

Era tão diferente de como tinha sido seu risonho pai.

Sempre se havia sentido como uma mariposa quando partia para a escola, mas quando retornava, era como se retornasse a seu apertado e pequeno casulo. Tornava-se aborrecida, calada.

Sozinha.

Mas não desta vez. Respirou, levantou seus ombros. Desta vez diria o que tinha que dizer. Faria-se escutar.

Levantou a mão. Golpeou.

Esperou.

- Entre.

- Tio Robert - disse ela, ao entrar em seu estúdio. Estava escuro, inclusive com a luz do sol do final da tarde que entrava através da janela.

- Lucinda - disse ele, olhando-a brevemente antes de retornar a seus papéis-. O que acontece?

- Preciso falar com o senhor.

Ele fez uma anotação, franziu o cenho ante seu trabalho, e logo secou sua tinta.

- Fale.

Lucy clareou a garganta. Isto poderia ser muito mais fácil se ele simplesmente levantasse o olhar para ela. Odiava lhe falar com o topo de sua cabeça, odiava-o.

- Tio Robert - disse ela de novo.

Ele grunhiu uma resposta mas seguiu escrevendo.

- Tio Robert.

Viu como seus movimentos diminuíam, e então, finalmente, olhou-a.

- O que acontece, Lucinda? - perguntou ele, claramente aborrecido.

- Temos que falar sobre Lorde Haselby. -Isso. Havia-o dito.

- Há algum problema? - perguntou ele lentamente.

- Não. - escutou-se dizer a si mesma, embora isso não era verdade. Mas era o que sempre dizia quando alguém lhe perguntava se havia um problema. Era uma dessas coisas que simplesmente lhe saíam, como me perdoe, ou desculpe-me.

Tinha sido treinada para dizer isso.

Há algum problema?

Não, claro que não. Não, não se preocupe com meus desejos. Não, por favor, não se preocupe comigo.

- Lucinda? - a voz de seu tio era afiada, produzindo virtualmente um efeito desagradável.

- Não - disse ela de novo, mais forte desta vez, como se o volume lhe desse coragem. - Quero dizer, sim, há um problema. E preciso falar com o senhor sobre ele.

Seu tio lhe ofereceu um olhar aborrecido.

- Tio Robert - começou ela, sentindo-se como se estivesse andando nas pontas dos pés através de um campo de ouriços-. Sabe... - mordeu o lábio, olhando a todos lados menos a seu rosto-. Quer dizer, é consciente...

- Diga-o rápido - estalou ele.

- Lorde Haselby - disse Lucy rapidamente, desesperada-se por sair disso-. Não gosta das mulheres.

Por um momento o Tio Robert não fez nada mais que olhá-la. E então ele...

Sorriu.
Sorriu.
- Tio Robert? - o coração do Lucy começou a pulsar muito rápido-. Sabia?
- Claro que sabia - estalou ele-. Por que pensa que seu pai está tão desejoso de a ter? Sabe que você não dirá nada.
Por que não diria nada?
- Deveria agradecer-me - disse o Tio Robert severamente, cortando seus pensamentos-. A metade dos homens da tom, são brutos. Estou te dando o único que não a incomodará.
- Mas...
- Tem alguma idéia de quantas mulheres adorariam estar em seu lugar?
- Esse não é o ponto, Tio Robert.
Seus olhos se voltaram a gelar.
- O que diz?
Lucy permaneceu perfeitamente quieta, compreendendo de repente que devia fazê-lo. Este era o momento. Nunca o tinha desobedecido antes, e provavelmente nunca o faria de novo.
Engoliu em seco. E então o disse:
- Não desejo me casar com Lorde Haselby.
Silêncio. Mas em seus olhos...
Seus olhos eram tormentosos.
Lucy se encontrou com seu olhar com uma tranqüila distância. Podia sentir como uma nova força estranha crescia dentro dela. Não cederia. Não agora, quando o resto de sua vida estava em jogo.
Os lábios de seu tio se franziram e retorceram, inclusive quando o resto de seu rosto parecia feito de pedra. Finalmente, só quando Lucy estava certa de que o silêncio a debilitaria, perguntou, em cortes:
- Posso saber por quê?
- Eu... eu quero filhos - disse Lucy, utilizando a primeira desculpa que pôde encontrar.
- OH, terá-os - disse ele.
Depois sorriu, e seu sangue se voltou a gelar.
- Tio Robert? - sussurrou ela.
- Pode ser que não goste das mulheres, mas poderá fazer o trabalho bastante freqüentemente para tirar um mucoso de você. E se ele não puder... -encolheu os ombros.
- O que? -Lucy sentia como o pânico crescia em seu peito-. O que quer dizer?
- Davenport se encarregará disso.
- Seu pai? - ofegou Lucy.
- De qualquer modo, será um herdeiro masculino direto, e isso é tudo o que importa.
A mão de Lucy voou a sua boca.

- OH, não posso. Não posso. - Pensou em Lorde Davenport, com sua horrível respiração e seus socos flácidos. E seus olhos cruéis. Ele não seria amável. Não sabia como sabia, mas ele não seria amável.

Seu tio se apoiou adiante em sua cadeira, entrecerrando os olhos ameaçadoramente.

- Todos temos que assumir nossas posições na vida, Lucinda, e a tua é ser a esposa de um nobre. Seu dever é proporcionar um herdeiro. E o fará, de qualquer maneira que Davenport julgue necessária.

Lucy engoliu a saliva. Sempre tinha feito o que lhe dizia. Sempre tinha aceito que o mundo funcionava de certas maneiras. Os sonhos poderiam ajustar-se; a ordem social não.

Toma o que te dá, e faz o melhor com isso.

Era o que sempre havia dito. Era o que sempre tinha feito.

Mas desta vez não.

Levantou o olhar, diretamente para os olhos de seu tio.

- Não o farei - disse, e sua voz não vacilou-. Não me casarei.

- O que... disse.. ? - cada palavra saiu como se fosse uma frase pequena, enfatizante e fria.

Lucy engoliu em seco.

- Disse...

- Sei o que disse! - rugiu ele, fechando as mãos de repente sobre sua escrivaninha enquanto se endireitava. - Como se atreve a me questionar? Criei-a, alimentei-a, dei-te cada maldita coisa que necessitou. Cuidei e protegi a esta família durante dez anos, quando nada disso - nada disso - era minha obrigação.

- Tio Robert - tentou lhe dizer ela. Mas apenas se podia escutar sua própria voz. Cada palavra que ele havia dito era verdadeira. Ele não possuía esta casa. Não possuía a Abadia, ou qualquer das outras propriedades dos Fennsworth. Não tinha nada além do que Richard queria lhe dar uma vez, que assumisse sua posição totalmente como conde.

- Sou seu tutor - disse seu tio, sua voz baixa tremeu-. Entende?

Casará-se com o Haselby, e não falaremos disto outra vez.

Lucy olhou fixamente a seu tio com horror. Ele tinha sido seu tutor durante dez anos, e em todo esse tempo, nunca o tinha visto perder a compostura. Seu desgosto era sempre frio.

- É por esse idiota Bridgerton, não é assim? - soltou ele, lançando furiosamente alguns livros de sua escrivaninha. Eles deram cambalhotas no chão com uma forte porrada.

Lucy saltou para trás.

Ela não disse nada, observando a seu tio cautelosamente enquanto ele avançava para ela.

- Diga-me isso, rugiu ele.

- Sim - disse ela rapidamente, retrocedendo outro passo-. Como...? Como soube?

- Acaso pensa que sou um idiota? Sua mãe e sua irmã, ambas me pediram o favor de que lhes fizesse companhia o mesmo dia? - jurou entre dentes-. Obviamente estavam tramando algo para tirá-la daqui.

- Mas o senhor me permitiu ir ao baile.

- Porque sua irmã é uma duquesa, pequena idiota! Inclusive Davenport esteve de acordo em que você tinha que ir.

- Mas...

- Deus do céu - jurou Tio Robert, obrigando Lucy a fazer silêncio-. Não posso acreditar em sua estupidez. Acaso ele lhe prometeu matrimônio? Realmente está preparada para rechaçar ao herdeiro de um condado, pela possibilidade de se casar com o quarto filho de um visconde?

- Sim - sussurrou Lucy.

Seu tio deve ter visto a determinação em sua rosto, porque empalideceu. -O fez - exigiu -.Permitiu tocá-la?

Lucy pensou em seu beijo e se ruborizou.

- É uma idiota - vaiou ele -. Bom, felizmente para você, Haselby não saberá diferenciar a uma virgem de uma prostituta.

- Tio Robert! -Lucy tremeu com horror. Não tinha crescido tão intrépida para que pudesse lhe permitir descaradamente que acreditasse impura-. Jamais faria - eu não - Como pode pensar isso de mim?

- Porque está agindo como uma maldita idiota - explodiu ele-. A partir deste minuto, não sairá da casa até que chegue o momento de suas bodas. Se tiver que postar uns guardas na porta de seu quarto, farei-o.

- Não! -gritou Lucy-. Como pode me fazer isto? Por que é tão importante? Não necessitamos de seu dinheiro. Não necessitamos de suas conexões. Por que não posso me casar por amor?

A princípio seu tio não reagiu. Estava de pé, como se estivesse congelado, ele único movimento visível de seu corpo, era a veia que pulsava em sua têmpora. E então, quando Lucy pensou que podia começar a respirar de novo, ele amaldiçoou violentamente e arremeteu contra ela, fixando-a contra a parede.

- Tio Robert! - disse ela quase sem fôlego. Tinha a mão dele em seu queixo, forçando a sua cabeça em uma posição antinatural. Tentou engolir , mas era quase impossível com seu pescoço arqueado tão fortemente-. Não - conseguiu dizer, mas logo que foi uma choramingação-. Por favor... pare.

Mas sua mão se apertou mais, e seu antebraço pressionou contra sua clavícula, os ossos de seu pulso se afundavam dolorosamente em sua pele.

- Casará-se com Haselby - vaiou ele-. Casará-se, e eu lhe direi por que.

Lucy não disse nada, só o olhou fixamente com olhos frenéticos.

- Você, minha estimada Lucinda, é o último pagamento de uma dívida antiga a Lorde Davenport.

- O que quer dizer? - sussurrou ela.

- Chantagem - disse o Tio Robert em voz austera-. Pagamos ao Davenport durante anos.

- Mas por quê? - perguntou Lucy. O que teriam feito para que os chantageassem?

O lábio de seu tio se frisou zombeteiramente.

- Seu pai, o adorado oitavo Conde do Fennsworth, era um traidor.

Lucy abriu a boca, e sentia como se sua garganta estivesse apertando-se, e atando-se em um nó. Isso não podia ser verdade. Tinha pensado que talvez fosse um romance extra-matrimonial. Possivelmente um conde que realmente não era um Abernathy. Mas traição? Deus santo... não.

- Tio Robert - disse ela, tentando raciocinar com ele-. Deve haver um engano. Um equívoco. Meu pai não era um traidor.

- OH, asseguro-lhe que o era, e Davenport sabe.

Lucy pensou em seu pai. Ainda podia vê-lo em sua mente - alto, bonito, com os olhos azuis risonhos. Tinha gasto o dinheiro muito livremente; inclusive como menina se dera conta disso. Mas não era um traidor. Não podia ser. Tinha a honra de um cavalheiro. Recordou isso. Estava na forma como ficava de pé, nas coisas que lhe tinha ensinado.

- Está mentindo - disse ela, as palavras ardiam em sua garganta-. Ou está mal informado.

- Há uma prova - disse seu tio, soltando-a abruptamente e atravessando o quarto para sua garrafa de brandy. Serviu-se de um copo e bebeu um longo trago-. Davenport a tem.

- Como?

- Não sei como - estalou ele-. Só sei que a tem. Vi-a.

Lucy engoliu a e envolveu os braços em seu peito, tentando absorver ainda, o que lhe estava dizendo.

- Que tipo de prova?

- Cartas - disse ele severamente-. Escritas pela mão de seu pai.

- Elas poderiam falsificar-se.

- Têm seu selo! - trovejou ele, baixando de repente seu copo.

Os olhos de Lucy se abriram de par em par quando olhou como o brandy se salpicava ao lado do copo e na borda da escrivaninha.

- Acha que aceitaria algo assim sem verificar? - exigiu seu tio-. Havia informação – detalhe - coisas que só seu pai poderia ter sabido. Acha que lhe teria pago a chantagem ao Davenport durante todos estes anos, se houvesse alguma oportunidade de que tudo fosse falso?

Lucy negou com a cabeça. Seu tio era muitas coisas, mas não um idiota.

- Veio para mim seis meses depois de que seu pai morreu. Depois, estive-lhe pagando.

- Mas por que eu? - perguntou ela.

Seu tio riu entre dentes amargamente.

- Porque seria a perfeita noiva, honrada e obediente. Arrumará as deficiências de Haselby. Davenport tinha que conseguir que o moço se casasse com alguém, e necessitava de uma família que não falasse. - Ofereceu-lhe um olhar fixo e nivelado-. O que não faremos. Não falaremos. E ele sabe.

Ela meneou a cabeça em acordo. Nunca falaria de tais coisas, assim fosse a esposa do Haselby ou não. Gostava de Haselby. Não desejava lhe fazer a vida mais difícil.

Mas tampouco desejava ser sua esposa.

- Se não se casar - disse seu tio devagar-, toda a família Abernathy estará arruinada. Entende?

Lucy ficou congelada.

- Não estamos falando de uma transgressão da infância, ou um cigano na árvore genealógica da família. Seu pai cometeu alta traição. Vendeu segredos estatais aos franceses, deixou passar aos agentes fingindo que eram contrabandistas na costa.

- Mas, por quê? - sussurrou Lucy-. Nós não necessitávamos do dinheiro.

- Como acha que conseguimos o dinheiro? - replicou seu tio causticamente-. E seu pai... - jurou entre dentes -. Sempre tinha gostado do perigo. Provavelmente o fez pela emoção que sentiria. Agora não é uma piada para todos nós? O próprio condado está em perigo, e tudo porque seu pai quis ter um pouco de aventura.

- O pai não era assim - disse Lucy, mas em seu interior não estava tão certa. Só tinha oito anos quando seu pai tinha sido assassinado por um bandoleiro em Londres. Haviam-lhe dito que tinha saído em defesa de uma dama, mas que tal se isso, também, fosse uma mentira? Acaso tinha sido assassinado por suas ações de traição?

Ele era seu pai, mas quanto o tinha conhecido de verdade?

Mas o tio Robert não parecia ter escutado seu comentário.

- Se não se casar com o Haselby - disse ele, suas palavras eram baixas e precisas-. Lorde Davenport revelará a verdade sobre seu pai, e você trará a vergonha a toda a casa de Fennsworth.

Lucy meneou a cabeça. Certamente havia outra maneira. Tudo isto não podia descansar sobre seus ombros.

- Pensa que não? - O tio Robert riu com desdém-. Quem acha que sofrerá, Lucinda? Você? Bom, sim, suponho que sofrerá, mas suponho que poderemos enviá-la a uma escola e deixar que trabalhe como instrutora. Provavelmente o desfrutaria.

Deu alguns passos em sua direção, sem afastar nunca os olhos de seu rosto.

- Mas o que acha que acontecer a seu irmão - disse ele -. Como irá ao filho de um traidor reconhecido? O rei certamente o despojará de seu título. E da maioria de sua fortuna também.

- Não -disse Lucy. Não. Não queria acreditar. Richard não tinha feito nada mau. Certamente não podia ser culpado pelos pecados de seu pai.

Afundou-se em uma cadeira, tentando ordenar desesperadamente, seus pensamentos e emoções.

Traição. Como é que seu pai pôde ter feito tal coisa? Ia contra tudo no que ela tinha acreditado. Seu pai não tinha amado a Inglaterra? Não lhe havia dito que os Abernathys tinham um dever sagrado com toda Bretanha?

Ou esse tinha sido Tio Robert? Lucy fechou os olhos fortemente, tentando recordar. Alguém o havia dito. Tinha certeza disso. Podia recordar onde tinha estado de pé, diante do retrato do primeiro conde. Recordou o aroma do ar, e as palavras exatas, e - mais que tudo, recordou tudo exceto a pessoa que o havia dito.

Abriu os olhos e olhou a seu tio. Provavelmente tinha sido ele. Parecia algo que ele diria. Não escolhia falar muito freqüentemente com ela, mas quando o fazia, o dever era sempre seu assunto mais popular.

- OH, Pai - sussurrou. Como pôde ter feito isto? Vender os segredos a Napoleão. Tinha arriscado as vidas de milhares de soldados britânicos. Ou inclusive...

Seu estômago se revolveu. Deus santo, ele pôde ter sido o responsável por suas mortes. Quem sabia o que tinha revelado ao inimigo, quantas vidas se perderam por suas ações?

- Depende de você, Lucinda - disse seu tio -. É a única maneira de acabar com isto.

Ela meneou a cabeça, sem compreender.

- O que quer dizer?

- Uma vez que seja uma Davenport, não poderá haver mais chantagem. Qualquer vergonha que caia sobre nós, também cairia sobre seus ombros. -dirigiu-se à janela, apoiando-se pesadamente no parapeito, enquanto olhava para o exterior-. Depois de dez anos, serei finalmente, seremos finalmente livres.

Lucy não disse nada. Não havia nada que dizer. O Tio Robert a olhou sobre seu ombro, logo se voltou e caminhou para ela, olhando-a todo o tempo com os olhos entrecerrados.

Ela o olhou com os olhos cheios de preocupação. Não havia compaixão em seu rosto, nenhuma simpatia ou afeto. Simplesmente uma máscara fria de dever. Fazia o que se esperara dele, e ela tinha que fazer o mesmo.

Pensou em Gregory, em seu rosto quando lhe tinha pedido que se casasse com ele. Amava-a. Não sabia que classe de milagre o tinha provocado, mas a amava.

E ela o amava.

Deus das alturas, era quase cômico. Ela, que sempre zombara do amor romântico, tinha caído em suas redes. Completa e desesperadamente, tinha caído apaixonada - o suficiente para deixar de lado o que acreditava tão firmemente. Por Gregory estava desejosa de dar um passo para o escândalo e o caos. Por Gregory seria firme ante os falatórios, os rumores e indiretas.

Ela, quem se zangava quando seus sapatos estavam em desordem em seu armário, estava preparada para deixar plantado ao filho de um conde, quatro dias antes das bodas! Se isso não era amor, não sabia o que era.

Salvo que agora, tinha terminado. Suas esperanças, seus sonhos, todos os riscos que desejava tomar, tinham acabado.

Não tinha escolha. Se desafiasse a Lorde Davenport, sua família ficaria arruinada. Pensou em Richard e Hermione, tão felizes, tão apaixonados. Como poderia lançá-los a uma vida cheia de vergonha e pobreza?

Se se casasse com Haselby, sua vida não seria o que tinha esperado para ela, mas não sofreria. Haselby era razoável. Era amável. Se o pedisse, certamente a protegeria de seu pai. E sua vida seria...

Confortável.

Rotineira.

Muito melhor do que Richard e Hermione poderiam sofrer se a vergonha de seu pai se tornasse pública. Seu sacrifício não era nada comparado com o que sua família estaria obrigada a suportar se negasse a casar-se.

Acaso não tinha desejado alguma vez, mais que a comodidade a rotina? Não podia aprender a querer isso de novo?

- Casarei-me - disse ela, olhando fixamente para a janela. Estava chovendo. Quando tinha começado a chover?

- Bem.

Lucy se sentou na cadeira, absolutamente quieta. Podia sentir como a energia saía de seu corpo, escorregando-se por seus membros, gotejando-se por seus dedos e pés. Deus, estava cansada. E continuou pensando que queria chorar.

Mas não tinha nenhuma lágrima. Inclusive depois de que tinha subido e tinha caminhado lentamente para seu quarto, não tinha nenhuma lágrima.

No dia seguinte , quando o mordomo lhe perguntou se estava em casa para receber ao Sr. Bridgerton, e ela negou com a cabeça, não tinha nenhuma lágrima.

E no dia seguinte, quando lhe obrigaram a que repetisse o mesmo gesto, não tinha tido nenhuma lágrima.

Mas no dia seguinte, depois de passar vinte horas sustentando seu cartão de visita, escorregando seu dedo suavemente sobre seu nome, riscando cada letra - O Honorável Gregory Bridgerton - começou às sentir, cravando detrás de seus olhos.

Então o viu, de pé no pavimento, olhando a fachada de Fennsworth House.

E ele a viu. Sabia que o tinha feito; seus olhos se abriram de par em par e seu corpo se esticou, e ela podia senti-lo, cada onça de seu desconcerto e irritação.

Deixou cair a cortina. Rapidamente. E ficou ali de pé, tremendo, agitando-se, e ainda, ainda incapaz de mover-se. Seus pés se congelaram no chão, e começou a sentir outra vez - esse horrível pânico apressando-se em seu estômago.

Tudo estava mau. Tudo estava tão mal, mas ainda assim sabia que o que estava fazendo era o que tinha que fazer.

Ficou ali de pé. Na janela, olhando fixamente as ondas da cortina. Ficou ali, enquanto seus membros ficavam tensos e rígidos, ficou ali obrigando-se a respirar.

Ficou ali enquanto seu coração começava a apertar, forte e mais forte, e ficou ali até que tudo começou lentamente a normalizar-se.

Então, de algum modo, conseguiu chegar à cama e deitar-se.

E finalmente, encontrou suas lágrimas.

Capítulo 19

No que nosso herói toma ao assunto - e a nossa heroína - em suas próprias mãos.

Na sexta-feira Gregory estava desesperado.

Três vezes tinha visitado Lucy no Fennsworth House. Três vezes tinha sido rechaçado.

Estava ficando sem tempo.

Eles estavam ficando sem tempo.

Que demônios estava acontecendo? Mesmo que o tio de Lucy negasse a sua petição de deter as bodas - e não pudesse estar contente; ela estava, depois de tudo, tentando deixar plantado a um futuro conde - certamente Lucy poderia ter tentado lhe avisar.

Amava-o.

Sabia da mesma forma em que conhecia sua própria voz, a seu próprio coração. Sabia da mesma forma que sabia, que a terra era redonda e seus olhos eram azuis e que dois mais dois sempre eram quatro.

Lucy o amava. Não lhe tinha mentido. Não podia lhe mentir.

Não lhe mentiria. Não sobre algo assim.

O que significava que algo andava mau. Não podia haver nenhuma outra explicação.

Tinha-a procurado no parque, esperou-a durante horas no banco onde gostava de alimentar às pombas, mas não tinha aparecido. Tinha observado sua porta, esperando poder interceptá-la em seu caminho quando fosse fazer algum mandado, mas não se aventurou a sair.

E depois da terceira vez que lhe negaram a entrada, ele a viu. Só um vislumbre através da janela; ela deixou que as cortinas caíssem rapidamente. Mas tinha sido suficiente. Não tinha podido ver seu rosto - não o suficiente para avaliar sua expressão. Mas havia algo na forma em que se movia, na pressa, na liberação quase frenética das cortinas.

Algo andava mau.

Ela estava sendo retida contra sua vontade? Tinha sido narcotizada? A mente do Gregory se acelerou com as possibilidades, cada uma mais horrível que a última.

E agora era sexta-feira de noite. Só faltavam doze horas para suas bodas. E não se escutava nem um sussurro - nenhum falatório - de rumor. Se havia algum

indício de que as bodas Haselby-Abernathy não ia se celebrar, Gregory não tinha escutado falar disso. Se houvesse algo mais, Hyacinth diria. Hyacinth sabia tudo, usualmente antes que os próprios indivíduos envolvidos nos rumores.

Gregory estava de pé, nas sombras, do outro lado da rua de Fennsworth House, e se apoiou contra o tronco de uma árvore, olhando, só olhando. Qual era sua janela?

Essa através da qual a tinha visto mais cedo esse dia? Não se via nenhuma luz de vela, mas possivelmente as cortinas eram pesadas e grosas. Ou possivelmente já se deitara. Era tarde.

E ela ia casar se amanhã.

Deus santo.

Não podia permitir que ela se casasse com Lorde Haselby. Não podia. Se havia uma coisa que sabia em seu coração, era que ele e Lucinda Abernathy estavam destinados ser marido e mulher. O seu era o rosto que se supunha olharia fixamente sobre os ovos, o toucinho, os salmões defumado, o bacalhau e as torradas todas as manhãs.

Um bufo de risada fez pressão através de seu nariz, mas era esse tipo de risada nervosa e se desesperada, o som que se fazia quando a única outra alternativa que ficava era chorar. Lucy tinha que casar-se com ele, embora só fora para que pudessem comer juntos grandes quantidades de comida todas as manhãs.

Olhou para sua janela.

A que esperava fora sua janela. Com sorte estava desejando que ficasse sobre o lavabo dos criados.

Não soube quanto tempo esteve ali de pé. Era a primeira vez que recordava, que se sentia impotente, e pelo menos isto - observar uma maldita janela - era algo que podia controlar.

Pensou em sua vida. Encantada, com segurança. Com suficiente dinheiro, com uma família maravilhosa, e grandes quantidades de amigos. Tinha saúde, era calmo, e até o fiasco com Hermione Watson, tinha acreditado firmemente em seu próprio julgamento. Poderia não ser o mais disciplinado dos homens, e possivelmente deveria prestar mais atenção a todas as coisas com as quais Anthony gostava de importuná-lo, mas sabia que era o correto, e sabia que era o que estava mau, e sabia - sabia com absoluta segurança - que sua vida tinha transcorrido em um tecido de felicidade e contentamento.

Era simplesmente esse tipo de pessoa.

Não era melancólico. Não lhe davam ataques de mau humor.

E nunca tinha tido que trabalhar muito duro.

Levantou o olhar para a janela, pensativamente.

Tinha crescido satisfeito de si mesmo. Tão seguro de seu final feliz que não tinha acreditado - ainda não tinha acreditado - que não poderia conseguir o que queria.

Tinha lhe feito uma proposta. Ela a tinha aceito. Embora era verdade, que já estivesse comprometida com Haselby, e que ainda o estivesse, de fato.

Mas não se supunha que o verdadeiro amor triunfava? Não tinha sido assim para todos seus irmãos e irmãs? Por que demônios era tão desafortunado?

Pensou em sua mãe, recordou a expressão de seu rosto quando lhe havia dissecado tão habilmente seu caráter. Em sua maioria ela tinha estado correta, compreendeu.

Mas só em sua maioria.

Era certo que nunca tinha tido que trabalhar muito duro para conseguir algo. Mas essa era só uma parte de sua história. Não era um indolente. Trabalharia com seus dedos até deixá-los no próprio osso se só...

Se só tivesse uma razão.

Olhou fixamente à janela.

Agora tinha uma razão.

Tinha estado esperando, compreendeu. Esperando que Lucy convencesse a seu tio para que a liberasse do compromisso. Esperando que as partes do quebra-cabeças que conformavam sua vida se posicionassem, para que ele pudesse encaixar a última em seu lugar com um triunfante

"Caramba!".

Esperando.

Esperando pelo amor. Esperando por uma vocação.

Esperando por clareza, por esse momento onde soubesse exatamente como proceder.

Era tempo de deixar de esperar, tempo para esquecer do resultado e do destino.

Era tempo de agir. De trabalhar.

Duro.

Ninguém lhe ia entregar essa segunda última peça do quebra-cabeças; tinha que encontrá-la ele mesmo.

Tinha que ver Lucy. E tinha que ser agora, já que parecia que tinha proibido visitar a de uma maneira mais convencional.

Cruzou a rua, depois deu a volta no canto para a parte traseira da casa. As janelas do piso de baixo estavam firmemente fechadas, e tudo estava escuro. No mais alto da fachada, algumas cortinas se sacudiam com a brisa, mas não havia forma de que Gregory pudesse escalar o edifício sem matar-se.

Tomou nota de seu entorno. À esquerda, estava a rua. À direita, o beco e a rua residencial. E frente a ele...

A entrada dos criados.

Olhou-a pensativamente. Bem, por que não?

Avançou e pôs a mão sobre o trinco.

Girou-o.

Gregory quase sorriu com deleite. Pelo menos, ia voltar a acreditar - bem, possivelmente só um pouco - no resultado e o destino e toda essa porcaria. Certamente isso não era só algo que ocorresse com freqüência. Um criado devia ter saído furtivamente, possivelmente para ver-se com alguém em segredo. Se a porta estava sem seguro, claramente Gregory devia entrar.

Ou estava mal da cabeça.

Decidiu acreditar no destino.

Gregory fechou a porta sem fazer ruído atrás dele, depois esperou um minuto mais para que seus olhos se acostumassem à escuridão. Parecia estar em uma enorme despensa, com a cozinha ao lado direito. Havia uma grande possibilidade de que alguns dos mais baixos criados dormissem perto, por isso tirou as botas, as levando em uma mão enquanto se aventurava no interior da casa.

Seus pés cobertos com meias eram silenciosos enquanto se arrastava pelas escadas traseiras, dirigindo-se para o segundo piso - onde pensou que estava localizada o quarto de Lucy. Fez uma pausa no patamar, detendo-se por um breve instante de sanidade, antes de sair ao vestíbulo.

O que estava pensando? Não tinha nem a mínima pista do que lhe poderia acontecer se alguém o surpreendesse aqui. Estava quebrantando uma lei? Provavelmente. Não podia imaginar como poderia não fazê-lo. E enquanto sua posição como irmão de um visconde o manteria afastado do patíbulo, não o deixaria sem mácula, já que a casa que tinha escolhido invadir, pertencia a um conde.

Mas tinha que ver Lucy. Estava farto de esperar.

Demorou um momento em orientar-se no patamar, depois caminhou para o fronte da casa. Havia duas portas ao final. Fez uma pausa, plasmando uma imagem da fachada em sua mente, logo chegou a uma porta à esquerda. Se Lucy tinha estado efetivamente em seu próprio quarto quando a tinha visto, então esta era a porta correta. Se não...

Bom, então, não tinha nem idéia. Nem idéia. E aqui estava, rondando a casa do Conde do Fennsworth depois da meia-noite.

Deus Santo.

Girou a maçaneta lentamente, soltando uma respiração de alívio, quando esta não fez nenhum clique ou rangesse. Simplesmente abriu a porta, o suficiente para colocar seu corpo através da fenda, para logo fechá-la cuidadosamente atrás dele, só então se deu tempo para examinar o quarto.

Estava escuro, com muito pouca luz de lua filtrando-se pelas cortinas da janela. Entretanto, seus olhos já se ajustaram a semi-obscuridades e podia ver várias peças de móveis -um toucador, um guarda-roupa...

Uma cama.

Esta era pesada, enorme, com um dossel e cheia de cortinas fechadas ao redor dela. Se de fato, havia alguém dentro, ela dormia silenciosamente - sem roncar, sem sussurros, sem nada.

Assim é como Lucy dormiria, pensou de repente. Como uma morta. Não era nenhuma flor delicada, sua Lucy, e não toleraria nada menos que uma noite absolutamente sossegada. Parecia estranho que pudesse estar tão certo disso, mas assim era.

Conhecia-a, compreendeu. Conhecia-a de verdade. Não só as coisas normais. De fato, não conhecia as coisas normais. Não sabia qual era sua cor favorita. Nem podia supor qual poderia ser seu animal ou comida favoritos.

Mas de algum modo, não lhe importava se não sabia que ela preferia o rosa ou o azul, o púrpura ou o negro. Conhecia seu coração. Queria a seu coração.

E não podia permitir que ela se casasse com alguém mais.

Cuidadosamente, retirou as cortinas.

Não havia ninguém ali.

Gregory xingou entre dentes, até que se deu conta que os lençóis estavam enrugados, e o travesseiro tinha uma impressão recente de uma cabeça.

Voltou-se, justo no momento em que um castiçal dava um giro feroz no ar para ele.

Lançando um grunhido de surpresa, agachou-se, mas não o suficientemente rápido para evitar que o golpe lhe passasse roçando pela têmpora. Xingou de novo, esta vez a viva voz, e então escutou...

- Gregory?

Piscou.

- Lucy?

Ela se aproximou rapidamente.

- O que está fazendo aqui?

Ele fez gestos com impaciência para a cama.

- Por que não está adormecida?

- Porque me caso amanhã.

- Bem, é por isso que estou aqui.

Ela o olhou boquiaberta, como se sua presença fosse tão inesperada que não podia assumir a reação correta.

- Pensei que era um intruso - disse ela finalmente, assinalando ao candelabro.

Ele se permitiu o mais diminuto dos sorrisos.

- Pois tem razão - murmurou ele-. Sou isso.

Por um momento parecia que estava a ponto de lhe devolver o sorriso. Mas em seu lugar, cruzou os braços sobre seu peito e lhe disse:

- Deve ir. Agora mesmo.

- Não até que fale comigo.

Seus olhos se deslizaram a um ponto sobre seu ombro.

- Não há nada que dizer.

- E o que há sobre o "amo-o"?

- Não diga isso - sussurrou ela.

Ele caminhou para frente.

- Amo-a.

- Gregory, por favor.

Ainda mais perto.

- Amo-a.

Ela respirou. Ergueu seus ombros.

- Vou casar-me com Lorde Haselby amanhã.

- Não - disse ele-. Não o fará.

Seus lábios se afastaram.

Ele estendeu o braço e capturou sua mão com a dele. Ela não se afastou.

- Lucy - sussurrou.

Ela fechou os olhos.

- Seja minha - disse ele.

Ela balançou a cabeça, lentamente.

- Por favor não.

Arrastou-a mais perto e lhe tirou o candelabro que pendia de seus dedos.

- Seja minha, Lucy Abernathy. Seja meu amor, seja minha esposa.

Ela abriu os olhos, mas lhe segurou o olhar só um momento antes de afastá-lo.

- Está piorando tudo - sussurrou.

A dor em sua voz era insuportável.

- Lucy -disse, lhe tocando a face-. Me deixe ajudá-la.

Ela balançou a cabeça, mas fez uma pausa quando sua face se embalou dentro de sua palma. Não por muito tempo. Apenas um segundo. Mas ele o sentiu.

- Não pode se casar - disse ele, inclinando seu rosto para o dele. - Não será feliz.

Seus olhos brilharam quando se encontraram com os dele. Na semi-obscuridade da noite, eles brilhavam escuros, de um cinza escuro, e dolorosamente triste. Podia imaginar ao mundo inteiro ali, no mais profundo de seu olhar. Tudo o que precisava saber, tudo o que poderia precisar conhecer na vida - estava ali, dentro dela.

- Não será feliz, Lucy - sussurrou-. Sabe que não o será.

Ela ainda não falava. O único som era sua respiração, movendo-se silenciosamente através de seus lábios. E então finalmente disse:

- Estarei satisfeita.

- Satisfeita? - repetiu ele. Sua mão se deslizou de sua rosto, caindo a seu lado enquanto dava um passo para trás-. Estará satisfeita?

Ela assentiu com a cabeça.

- E isso é suficiente?

Ela assentiu de novo, mas com menos segurança esta vez.

A raiva começou a crepitar dentro dele. Estava desejosa de jogá-lo a um lado por isso? Por que tinha deixado de lutar?

Amava-o, mas o amava o suficiente?

- É por sua posição? - exigiu-lhe -. Significa tanto para você ser uma condessa?

Ela esperou muito tempo antes de lhe responder, e ele soube que estava lhe mentindo quando disse:

- Sim.

- Não acredito em você - disse ele, e sua voz soava terrível. Ferida. Furiosa. Olhou sua mão, pestanejando com a surpresa quando compreendeu que ainda segurava ao candelabro.

Queria batê-lo contra a parede. Mas em seu lugar o desceu. Deu-se conta, que suas mãos lhe tremiam.

Olhou-a. Não lhe disse nada.

- Lucy -lhe rogou-. Só me diga isso e me deixe ajudá-la.

Ela engoliu em seco, e ele compreendeu que não o estava olhando no rosto.

Tomou suas mãos nas suas. Ela se esticou, mas não se afastou. Seus corpos estavam frente a frente, e podia notar o levantamento e a queda instável de seu peito.

Era o mesmo o que ele sentia.

- Amo-a - disse. Porque se continuasse dizendo, possivelmente seria suficiente. Possivelmente as palavras encheriam o quarto, rodeariam-na e serpenteariam debaixo de sua pele. Possivelmente compreenderia que finalmente havia certas coisas a que não podia negar-se.

- Pertencemo-nos - disse ele-. Para a eternidade.

Ela fechou os olhos. Com uma única e pesada piscada. Mas quando os abriu de novo, parecia destroçada.

- Lucy - disse, tentando pôr sua própria alma em uma só palavra-. Lucy, me diga...

- Por favor não diga isso - disse ela, voltando sua cabeça, para não olhá-lo. Sua voz se interrompeu e se agitou-. Faça o que quiser, menos isso.

- Por que não?

E então ela sussurrou:

- Porque é verdade.

Conteve o fôlego, e em um movimento veloz a puxou contra ele. Não era um abraço; não em realidade. Seus dedos estavam entrelaçados, seus braços dobrados, para que suas mãos se encontrassem entre seus ombros.

Ele sussurrou seu nome.

Os lábios de Lucy se afastaram.

Sussurrou-o outra vez, tão suave que as palavras eram mais um movimento que um som.

Lucy... Lucy.

Ela permanecia quieta, mal respirava. Seu corpo estava tão perto do dele, mas sem tocá-lo realmente. Entretanto, havia calor enchendo o espaço entre eles, formando redemoinhos através de sua camisa de dormir, tremendo ao longo de sua pele.

Sentiu um formigamento.

- Me deixe beijá-la - sussurrou ele-. Uma vez mais. Me deixe beijá-la uma vez mais, e se me pede que vá, juro que o farei.

Lucy podia sentir como se deslizava, deslizava-se na necessidade, caindo em um confuso lugar de amor e desejo, onde o bem não se diferenciava muito do mal.

Amava-o. Amava-o tanto, e não podia ser dele. Seu coração pulsava a toda pressa, seu coração se estava agitando, e tudo o que pôde pensar era que nunca se sentiria assim outra vez. Ninguém a olharia como Gregory a estava olhando, nesse momento. Em menos de um dia ia casar se com um homem que nem sequer desejaria beijá-la.

Nunca voltaria a sentir esse estranho redemoinho no centro de sua feminilidade, nem o tremor em seu estômago. Era a última vez que olharia fixamente a alguém nos lábios, e desejaria tocá-los com os seus.

Deus Santo, desejava-o. Desejava isto. Antes que fosse muito tarde.

E ele a amava. Amava-a. Havia dito, e embora não pudesse acreditar em realidade, acreditava nele.

Lambeu os lábios.

- Lucy - sussurrou ele, seu nome era uma pergunta, uma declaração, e uma súplica- tudo em um.

Assentiu com a cabeça. E então, porque sabia que não podia mentir-se, nem tampouco a ele, disse as palavras.

- Me beije.

Não poderia pretender depois, nem reclamar que se deixou levar pela paixão, despojada de sua habilidade de pensar. A decisão tinha sido dela. E a tinha tomado.

Por um momento Gregory não se moveu, mas sabia que a tinha escutado. Sua respiração era entrecortada enquanto respirava, e seus olhos se tornaram claramente aquosos quando a olhou fixamente.

- Lucy - disse com a voz rouca, profunda, áspera e cem coisas mais que lhe converteram os ossos em água.

Seus lábios encontraram o espaço onde seu queixo se unia com seu pescoço.

- Lucy - murmurou.

Ela queria lhe dizer algo em resposta, mas não podia fazê-lo. Tinha-lhe tomado todo seu esforço pedir seu beijo.

- Amo-a - sussurrou ele, arrastando suas palavras desde seu pescoço até sua clavícula-. Amo-a. Amo-a.

Eram as palavras mais dolorosas, maravilhosas, horríveis e magníficas que ele podia lhe dizer. Queria chorar -de felicidade ou de tristeza.

Prazer e dor.

E entendeu - pela primeira vez na vida - entendeu a mortificante alegria do mais completo egoísmo. Não deveria estar fazendo isto. Sabia que não deveria, e sabia que provavelmente ele pensava que esta era uma maneira de arruinar seu compromisso com Haselby.

Estava lhe mentindo. Era tão certo, como se o houvesse dito com palavras.

Mas não podia evitar.

Este era seu momento. Seu momento para estreitar a felicidade com suas mãos. E teria que lhe durar toda uma vida.

Animada pelo fogo em seu interior, pressionou as mãos fortemente em suas faces, aproximando sua boca para a dele para lhe dar um tórrido beijo. Não tinha nem idéia do que estava fazendo - estava certa que devia haver regras para isto, mas não lhe importava. Só queria beijá-lo. Não podia deter-se.

Uma de suas mãos vagou por seus quadris, queimando-a através do fino tecido de sua camisola. Logo a pôs ao redor de sua parte inferior, apertando-a e tocando-a, e já não havia mais espaço entre eles. Sentiu como caía, e logo ambos estavam sobre a cama, estava de costas, com seu corpo pressionando-a, o calor e o peso delicioso de um homem.

Sentia-se como uma mulher.

Sentia-se como uma deusa.

Sentia como se pudesse envolver-se ao redor dele e nunca deixá-lo ir.

- Gregory - sussurrou, encontrando sua voz enquanto retorcia os dedos em seu cabelo.

Ele ficou quieto, e sabia que estava esperando que lhe pedisse mais.

- Amo-o - disse ela, porque era verdade, e necessitava que algo fosse certo. Amanhã ele a odiaria. Amanhã o trairia, mas nisto, pelo menos, não tinha que mentir.

- Desejo-o - disse ela, quando ele levantou a cabeça para olhar fixamente seus olhos. Olhou-a longa e severamente, e soube que lhe estava dando uma última oportunidade para retratar-se.

- Desejo-o - disse de novo, porque o desejava além das palavras. Desejava beijá-lo, que tomasse, e esquecer que não estava sussurrando palavras de amor.

- Lu...

Pôs um dedo em sua boca. E sussurrou:

- Quero ser sua - e logo acrescentou-: Esta noite.

Seu corpo estremeceu, sua respiração se moveu audivelmente sobre seus lábios. Ele gemeu algo, talvez seu nome, e então sua boca se encontrou com a dela em um beijo no que deu e tomou, e ardeu e consumiu até que Lucy não pôde evitar mover-se debaixo dele. Ela deslizou as mãos para seu pescoço, logo dentro de sua jaqueta, seus dedos procuravam desesperadamente seu calor e sua pele. Com uma maldição resmungada, ele se levantou, ainda montado sobre ela, e deu puxões a sua jaqueta e a sua gravata para tirá-la.

Olhou-o fixamente com os olhos totalmente abertos. Ele se estava tirando a camisa, não lentamente ou com sutileza, mas com uma velocidade frenética que sublinhava seu desejo.

Não tinha controle. Talvez não tivesse controle, mas ele tampouco. Era também um escravo desse fogo ao igual a ela.

Jogou a camisa de um lado e ela ficou boquiaberta ao vê-lo, o pêlo ligeiramente orvalhado em seu peito, os músculos que se esculpiam e se estiravam debaixo de sua pele.

Ele era formoso. Não tinha compreendido que um homem pudesse ser formoso, mas essa era possivelmente a única palavra que poderia descrevê-lo. Levantou uma mão cautelosamente e a pôs contra sua pele. Seu sangue saltou e pulsou debaixo, e esteve a ponto de afastar-se.

- Não - disse ele, cobrindo sua mão com a dele. Envolveu seus dedos ao redor dos dela e os levou a seu coração.

Olhou-a nos olhos.

Ela não podia afastar o olhar.

E logo ele retornou, pôs seu corpo duro e quente contra o seu, suas mãos foram a todas partes e seus lábios a todas partes também. E sua camisola - já não parecia cobrir muito dela. Estava acima contra suas coxas, logo se agrupou ao redor de sua cintura. Estava-a tocando - não ali, mas perto. Roçando a superfície de seu estômago, abrasando sua pele.

- Gregory - disse quase sem fôlego, porque os dedos dele, posaram-se sobre seu peito.

- OH, Lucy - gemeu ele, tocando-a, apertando-a, lhe roçando a ponta, e...

OH, Deus santo. Como era possível que sentisse isso ali?

Seus quadris se arquearam e corcovearam, desejava estar mais perto. Necessitava algo que realmente não podia identificar, algo que a encheria, que a completaria.

Ele estava puxando sua camisola, e a deslizou sobre sua cabeça, deixando-a escandalosamente nua. Uma de suas mãos se levantou para cobrir-se, mas ele agarrou seu pulso e a segurou contra seu próprio peito. Estava montando-a, endireitando-se, baixando o olhar para ela como se... como se...

Como se fosse formosa.

Estava-a olhando da mesma maneira em que os homens sempre olhavam para Hermione, salvo que ali havia algo mais. Mais paixão, mais desejo.

Sentia-se venerada.

- Lucy - murmurou, enquanto lhe acariciava um lado de seu seio. - Sinto... acredito...

Seus lábios se afastaram, e agitou a cabeça. Lentamente, como se não entendesse o que lhe estava passando.

- Tinha esperado por isso - sussurrou-. Toda minha vida. Nem sequer sabia. Não sabia.

Ela tomou sua mão e a trouxe até sua boca, lhe beijando a palma. Entendia.

Sua respiração se acelerou, e então ficou sobre ela, deslocando suas mãos para os fechos de suas calças.

Ela abriu os olhos como pratos, e observou.

- Serei cuidadoso - lhe jurou-. Prometo isso.

- Não estou angustiada - disse ela, conseguindo sorrir temerariamente.

Seus lábios se curvaram como resposta.

- Parece angustiada.

- Não o estou. - Mas seus olhos ainda se extraviavam.

Gregory riu entre dentes, deitando-se ao lado dela.

- Poderia lhe doer. Disseram-me que sempre dói a princípio.

Ela meneou a cabeça.

- Não me importa.

Ele deixou que sua mão vagasse sobre seu braço.

- Só recorde, se sentir dor, depois melhorará.

Ela sentia que começava de novo, esse lento ardor em seu estômago.

- Quanto melhora? - perguntou-lhe, sua voz era sussurrante e estranha.

Sorriu-lhe enquanto posava os dedos em seu quadril.

- Me disseram, que bastante.

- Bastante - perguntou, agora mal podia falar-, O... muitíssimo?

Ele se moveu sobre ela, posando sua pele sobre cada polegada de seu corpo. Isso era perverso.

Era fantástico.

- Muitíssimo - respondeu, beliscando ligeiramente seu pescoço-. Mais que muitíssimo, em realidade.

Ela sentiu como suas pernas se estendiam, e o corpo dele se aninhou no espaço entre elas. Podia senti-lo, duro, quente e urgente contra si. Ficou rígida, e ele deve tê-lo sentido, porque seus lábios cantarolaram um suave "Shhhh", em sua orelha.

Dali ele desceu.

E desceu.

E desceu.

Sua boca arrastou fogo ao longo de seu pescoço até o vazio de seu ombro, e logo...

OH, Deus santo.

Sua mão tocou seu seio, acariciando-o em círculos e preenchendo-o, sua boca se posou sobre a ponta.

Estremeceu-se debaixo dele.

Ele riu entre dentes, e pôs a outra mão sobre seu ombro, para mantê-la imóvel enquanto continuava sua tortura, fazendo uma pausa para deslocar-se ao outro lado.

- Gregory - choramingou Lucy, porque não sabia que mais podia dizer. Estava perdida na sensação, completamente indefesa contra seu assalto sensual. Não podia explicar, não podia encontrar uma solução ou racionalizar. Só podia sentir, e essa era a coisa mais aterradora e emocionante que podia imaginar.

Com um último beliscão, ele soltou seu seio e aproximou novamente seu rosto ao dela. Sua respiração era irregular, seus músculos estavam tensos.

- Me toque - disse ele em voz rouca.

Seus lábios se afastaram, e seus olhos se encontraram com os dela.

- Em todas partes - lhe rogou.

Só então, Lucy compreendeu que tinha as mãos aos lados, agarrando os lençóis como se eles pudessem mantê-la sensata.

- Sinto muito - disse ela, e logo, surpreendentemente, começou a rir.

Um lado de sua boca se levantou.

- Vamos ter que lhe tirar esse costume - murmurou ele.

Ela levou suas mãos para suas costas, explorando ligeiramente sua pele.

- Não quer que me desculpe? - perguntou-lhe ela. Quando ele brincava, quando a chateava - a fazia sentir mais cômoda. Fazia-a ser audaz.

- Não por isso - gemeu ele.

Ela esfregou seus pés contra suas panturrilhas.

- Alguma vez?

E então ele começou a lhe fazer coisas inomináveis com suas mãos.

- Quer que me desculpe?

- Não - ofegou ela. Estava tocando-a intimamente, de formas que não sabia, que podia ser tocada. Isso devia ter sido a coisa mais horrível do mundo, mas não o era.

Fazia ela estirar-se, arquear-se, retorcer-se. Não tinha nem idéia do que estava sentindo - não poderia descrevê-lo, nem sequer tendo ao próprio Shakespeare ao seu dispor.

Mas queria mais. Era seu único pensamento, a única coisa que sabia.

Gregory estava levando-a a alguma parte. Sentia-se atraída, tomada, transportada.

E queria tudo.

- Por favor - suplicou, a palavra se deslizou espontaneamente de seus lábios-. Por favor...

Mas Gregory, também, estava além das palavras. Disse seu nome. Disse-o uma e outra vez, como se seus lábios tivessem perdido a memória de todo o resto.

- Lucy - sussurrou, sua boca se movia para a fenda entre seus seios.

- Lucy - gemeu, enquanto deslizava um dedo dentro dela.

Ofegou-o.

- Lucy!

Havia tocado-o. Suavemente, tentativamente.

Mas era ela. Era sua mão, sua carícia, e a sentia como se de repente se acendeu.

- Sinto muito - disse ela, lhe dando um puxão a sua mão para apartá-la.

- Não se desculpe - disparou ele, não porque estivesse furioso, mas sim porque mal podia falar. Encontrou sua mão e a trouxe de volta.

- Isto é quanto a desejo - lhe disse, envolvendo-a ao redor dele-. Com tudo o que tenho, com tudo o que sou.

Seu nariz estava apenas, a centímetros do seu. Suas respirações se mesclavam, e seus olhos...

Era como se fossem um.

- Amo-a - murmurou ele, acomodando-se em sua posição. Ela afastou a mão, e a moveu para suas costas.

- Eu também o amo - sussurrou ela, e seus olhos se abriram de par em par, como se estivesse surpreendida de havê-lo dito.

Mas não se importou. Não se importava se ela tinha querido dizer-lhe ou não. O havia dito, e nunca poderia retratar-se. Era sua.

E ele era seu. Enquanto estava quieto, pressionando muito suavemente em sua entrada, compreendeu que estava à beira de um precipício. Sua vida se dividiu em duas partes: antes e depois.

Nunca amaria a outra mulher de novo.

Nunca poderia amar a outra mulher de novo.

Não depois disto. Não enquanto Lucy caminhasse na mesma terra. Não poderia haver ninguém mais.

Era aterrador, esse precipício. Aterrador, e estremecedor, e...

Saltou.

Ela soltou um pequeno ofego quando ele empurrou para diante, mas quando desceu o olhar para ela, não parecia estar dolorida. Sua cabeça estava atirada para trás, e cada respiração era acompanhada de um pequeno gemido, como se não pudesse manter seu desejo em seu interior.

Suas pernas se envolveram ao redor de seu corpo, percorrendo com seus pés a longitude de suas panturrilhas. E seus quadris se estavam arqueando, urgindo-o, lhe suplicando que continuasse.

- Não quero feri-la - disse ele, cada músculo de seu corpo lhe pedia que avançasse. Nunca tinha desejado tanto algo da forma em que a desejava nesse momento. E ainda assim, nunca se havia sentido menos ávido. Isto tinha que ser para ela. Não podia lhe fazer mal.

- Não me está ferindo - gemeu ela, e ele não pôde seguir evitando-o. Capturou seu seio em sua boca enquanto empurrava através de sua barreira final, incrustando-se totalmente dentro dela.

Se ela tinha sentido dor, não se importou. Soltou um chiado calado de prazer, e suas mãos se agarraram ferozmente a sua cabeça. Retorceu-se debaixo de seu corpo, e quando tentou mover-se para seu outro seio, os dedos dela se voltaram implacáveis, mantendo-o no lugar com feroz intensidade.

E todo o tempo, seu corpo a reclamou, movendo-se em um ritmo que estava mais à frente do pensamento ou do controle.

- Lucy... Lucy... Lucy. - Gemeu, afastando-se finalmente de seu seio. Era muito difícil. Era muito. Necessitava espaço para respirar, para lançar um grito apagado, para sugar o ar que parecia não chegar nunca a seus pulmões.

- Lucy!

Ele devia esperar. Estava tratando de esperar. Mas ela estava agarrada a ele, lhe fincando as unhas em seus ombros, e seu corpo estava arqueando-se fora da cama com suficiente força para levantá-lo também.

E a sentiu. Esticando-se, apertando-o, estremecendo-se ao redor dele, e se deixou ir.

Deixou ir, e o mundo simplesmente explodiu.

- Amo-a - disse ele quase sem fôlego, quando se derrubou sobre ela. Tinha pensado que estava além das palavras, mas ali estavam.

Elas o acompanhavam agora. Duas pequenas palavras.

Amo-a.

Nunca estaria sem elas.

E isso era algo maravilhoso.

Capítulo 20
No que nosso herói tem uma péssima manhã.

Tempo depois, depois de dormir, e logo mais paixão, e depois de não dormir em realidade, mas sim de uma pacífica e calada quietude, e logo mais paixão – porque eles simplesmente não podiam evitá-lo - foi o momento de que Gregory partisse.

Era o mais difícil que tinha feito na vida, e entretanto, podia fazê-lo com a alegria de seu coração porque sabia que este não era o final. Tampouco era um adeus; não era nada tão permanente como isso. Mas a hora estava voltando-se mais perigosa. O amanhecer chegaria breve, e embora, tivesse todas as intenções de casar-se com Lucy logo que pudesse arrumá-lo, não podia fazê-la passar pela vergonha de ser surpreendida na cama com ele, na manhã de suas bodas com outro homem.

Também tinha que considerar o Haselby. Gregory não o conhecia bem, mas sempre lhe tinha parecido um tipo amável e não merecia a humilhação pública que viria a seguir.

- Lucy - sussurrou Gregory, tocando sua face com a ponta de seu nariz-. A manhã está perto.

Ela fez um som sonolento, depois virou a cabeça.

- Sim - disse. Só Sim, não "É tudo tão injusto" ou "Isto não deveria ser desta maneira". Mas assim era Lucy. Era pragmática, prudente e encantadoramente razoável, e a amava por tudo isso e mais. Ela não queria mudar o mundo. Só queria fazê-lo encantador e maravilhoso para a gente que amava.

O fato de que tivesse feito isto - que o tivesse deixado lhe fazer amor e estivesse planejando cancelar suas bodas, na manhã mesma da cerimônia - só lhe demonstrava o profundamente que o queria. Lucy não procurava atenção e

dramatismo. Só pedia estabilidade e rotina, para fazer o salto que estava preparando para...

Isso o fez sentir humilde.

- Deveria vir comigo - disse ele-. Agora. Devemos sair juntos antes que toda a casa desperte.

Seu lábio inferior se estirou um pouco de lado a lado em um OH Deus - essa expressão o atraiu tanto que simplesmente teve que beijá-la. Ligeiramente, já que não tinha tempo para fazer nada mais, e só um pequeno beijinho no canto de sua boca. Nada que interferisse com sua resposta, a qual, foi um decepcionante:

- Não posso.

Ele se virou.

- Não pode ficar.

Mas ela estava balançando a cabeça.

- Eu... devo fazer o correto.

Olhou-a inquisidoramente.

- Devo me comportar honradamente - explicou ela. Depois se sentou, seus dedos apertavam a roupa de cama tão hermeticamente que seus nós ficaram brancos.

Parecia nervosa, o que supôs, tinha sentido. Ele se sentia ao fio de um novo amanhecer, enquanto que ela...

Ela ainda tinha uma enorme montanha que escalar antes de alcançar seu final feliz.

Ele estendeu o braço, tentando tomar uma de suas mãos, mas ela não era receptiva. E não é que estivesse afastando-se dele; mas, sentia-se quase, como se nem sequer fosse consciente de seu toque.

- Não posso sair furtivamente e permitir que Lorde Haselby espere na igreja em vão - disse ela, as palavras se apressaram a sair, caindo de seus lábios enquanto seus olhos se voltavam para os dele, totalmente aberto e implorantes.

Mas isso só foi por um momento.

Logo afastou o olhar.

Ela engoliu a saliva. Ele não podia ver seu rosto, mas podia ver a forma em que se movia.

Murmurou:

- Certamente pode entender isso.

E ele o fazia. Era uma das coisas que mais amava nela. Tinha um sentido tão forte do bem e o mal, que algumas vezes, podia chegar ao ponto de ser intratável. Mas nunca era moralista, nem tampouco condescendente.

- Esperarei por você - disse ele.

Sua cabeça se voltou rapidamente, e seus olhos se abriram como pratos.

- Possivelmente necessite de minha ajuda - disse ele suavemente.

- Não, isso não será necessário. Estou segura que posso...

- Insisto - disse ele, com suficiente força para lhe impor silêncio-. Este será nosso sinal. - Levantou as mãos, com os dedos unidos e a palma para fora. Logo virou o pulso, uma vez, para levar a palma para seu rosto, e logo outra vez, para voltá-la para sua posição original.

- Esperarei por você. Se necessitar de minha ajuda, aproxime-se da janela e faz o sinal.

Ela abriu a boca, como se pudesse protestar uma vez mais, mas ao final simplesmente assentiu.

Ele ficou de pé, abrindo as cortinas pesadas que rodeavam a cama, e começou a procurar sua roupa. Seus trajes estavam espalhados por toda parte suas calças por aqui, sua camisa notavelmente por ali, mas rapidamente recolheu o que necessitava e se vestiu.

Lucy permaneceu na cama, sentada com os lençóis envoltos debaixo de seu braço. Ele achou a sua modéstia encantadora, e quase a incomodou por isso. Mas em seu lugar, decidiu lhe oferecer simplesmente um sorriso divertido. Tinha sido uma noite muito importante para ela; não devia fazê-la sentir-se envergonhada por sua inocência.

Ele caminhou para a janela para olhar. Ainda não tinha amanhecido mas o céu estava antecipando-se, o horizonte estava pintado com esse débil resplendor de luz que só se via antes da saída do sol. Brilhava suavemente, em um sereno azul purpúreo, e era tão formoso que lhe fez gestos para que lhe unisse. ficou de costas enquanto ela vestia sua camisola e uma vez que ela se moveu silenciosamente para atravessar o quarto com os pés descalços, puxou-a suavemente contra si, com suas costas volta para seu peito. Apoiou seu queixo sobre sua cabeça.

- Olhe - sussurrou ele.

A noite parecia dançar, faiscando e formigando, como se o próprio ar entendesse que nada voltaria a ser o mesmo. O amanhecer estava esperando do outro lado do horizonte, e as estrelas já estavam começando a parecer menos luminosas no céu.

Se ele pudesse deter o tempo, o teria feito. Nunca tinha experimentado nem um só momento que fora tão mágico, tão.... completo. Tudo estava ali; tudo o que era bom, honesto e verdadeiro. E finalmente entendeu a diferença entre a felicidade e o contentamento, e quão afortunado e bendito era ao senti-los a ambos, em quantidades tão impressionantes.

Era Lucy. Completava-o. Fazia que sua vida fosse tudo o que tinha conhecido e tudo o que podia ser algum dia.

Este era seu sonho. Estava fazendo-se realidade, ao redor dele, ali em seus braços.

E enquanto estavam de pé frente à janela, uma das estrelas saiu disparada através do céu. Fez um arco largo e pouco profundo, ao Gregory quase pareceu escutar como viajava, faiscando e rangendo até que desapareceu no horizonte.

Isso fez que a beijasse. Supôs que um arco íris faria o mesmo, ou um trevo de quatro folhas, ou inclusive um simples floco de neve, que aterrissasse em sua manga sem fundir-se. Era simplesmente impossível desfrutar de um os pequenos milagres da natureza e não beijá-la. Beijou-lhe o pescoço, logo virou-a em seus braços para poder lhe beijar a boca, a testa, e inclusive o nariz.

E as sete sardas, também. Deus, amava suas sardas.

- Amo-a - sussurrou ele.

Ela pôs a face contra seu peito, e sua voz era rouca, quase abafada quando disse:

- Eu também o amo.

- Tem certeza que não quer vir comigo agora? - sabia sua resposta, mas o perguntou de qualquer modo.

Como tinha esperado, ela assentiu.

- Devo fazer isto eu sozinha.

- Como reagirá seu tio?

- Não tenho... certeza.

Ele deu um passo atrás, tomando-a pelos ombros, e inclusive dobrando os joelhos para que seus olhos não perdessem o contato com os dela.

- Fará-lhe mal?

- Não - disse ela, suficientemente rápido para que lhe acreditasse-. Não. Prometo-lhe.

- Obrigará-a a se casar com Haselby? Encerrará-a no quarto? Porque poderia ficar. Se acha que me necessitará, posso ficar aqui. - Isso armaria um escândalo inclusive pior, que o que atualmente esperava por eles, mas se era uma questão de sua segurança...

Não havia nada que ele não fizesse.

- Gregory...

Silenciou-a com um meneio de sua cabeça.

- Entende - começou ele - quão completa e absolutamente isto vai contra cada instinto que possuo, o ter que te deixar aqui para que enfrente isto sozinha?

Seus lábios se separaram e seus olhos...

Encheram-se de lágrimas.

- Jurei com todo meu coração protegê-la - disse ele, sua voz era apaixonada e feroz, e possivelmente um pouco reveladora. Porque compreendeu que hoje, era o dia no qual se convertera em um verdadeiro homem. Depois de vinte e seis anos de uma existência amigável, e, sim, sem objetivo, tinha encontrado finalmente seu propósito.

Finalmente sabia para que tinha nascido.

- Jurei-o com meu coração - disse-. E o jurarei ante Deus logo que possamos. Sinto como ácido em meu peito ao ter que te deixar sozinha.

Suas mãos encontraram as dela, e seus dedos se entrecruzaram.

- Isto não está bem - disse ele, suas palavras eram baixas mas ferozes.

Ela assentiu lentamente em acordo.

- Mas é o que deve fazer-se.

- Se houver algum problema - disse ele -. Se sentir que está em perigo, deve me prometer que me dará o sinal. Virei por você. Pode se refugiar com minha mãe. Ou com qualquer de minhas irmãs. Não lhes importará o escândalo. Só se preocuparão com sua felicidade.

Ela engoliu em seco, e depois sorriu, e seus olhos pareciam nostálgicos.

- Sua família deve ser maravilhosa.

Ele tomou suas mãos e as apertou.

- Eles são agora sua família. - Esperou que lhe dissesse algo, mas não o fez. Trouxe as mãos dela a seus lábios e beijou cada um de seus dedos-. Logo -sussurrou-, isto só será parte de nosso passado.

Ela assentiu com a cabeça, então olhou sobre seu ombro para a porta.

- Os criados despertarão muito em breve.

E ele partiu. Moveu-se sigilosamente para sair pela porta, com as botas na mão e saiu da casa da mesma forma em que tinha entrado.

Ainda estava escuro quando chegou ao pequeno parque que enchia o quadrado do outro lado de sua casa. Ainda faltavam horas antes das bodas, e certamente tinha tempo suficiente para retornar a sua casa e trocar de roupa.

Mas não estava preparado para arriscar-se. Havia-lhe dito que a protegeria, e nunca romperia essa promessa.

Mas lhe ocorreu - que não tinha que fazer isto sozinho. De fato, não deveria fazê-lo sozinho. Se Lucy o necessitasse, o ia necessitar em boa forma e completo. Se Gregory tivesse que ir à força, certamente poderia usar um par de mãos extra.

Nunca tinha pedido ajuda a seus irmãos, nunca lhes tinha pedido que o tirassem de um embrulho. Era um homem relativamente jovem. Tinha bebido álcool, jogado e flertado com mulheres.

Mas nunca tinha bebido muito, ou jogado mais do que tinha, ou, até a noite anterior, flertado com uma mulher que tivesse arriscado sua reputação para estar com ele.

Não tinha procurado responsabilidades, mas tampouco se colocara em problemas.

Seus irmãos sempre o tinham visto como um menino. Ainda agora, aos vinte e seis anos completos, suspeitava que não o viam como alguém completamente crescido. E por isso não lhes pedia ajuda. Não ficava em qualquer posição onde pudesse necessitá-la.

Até agora.

Um de seus irmãos mais velhos não vivia muito longe. A menos de meio quilômetro de distância, possivelmente só era a duzentos metros. Gregory poderia estar ali e retornar em vinte minutos, incluindo o tempo que tomaria tirar o Colin de sua cama.

Gregory estava movendo os ombros de um lado a outro, distendendo-se para preparar-se para uma carreira curta, quando viu um varredor de chaminés, caminhando pela rua. O tipo era jovem - de vinte ou possivelmente trinta - e certamente estava ávido de um guineu.

E a promessa de outro, se entregasse a mensagem do Gregory a seu irmão.

Gregory o observou dar a volta pela esquina a toda velocidade, logo retornou ao jardim público. Não havia nenhum lugar para sentar-se, nenhum lugar nem sequer para estar de pé onde não pudesse ser imediatamente visível desde o Fennsworth House.

Subiu a uma árvore. Sentou-se em um ramo baixo e grosso, apoiado contra o tronco, e esperou.

Algum dia, disse-se, riria disto. Algum dia contariam este conto a seus netos, e todo isso soava tão romântico e excitante.

Mas por agora...

Romântico, sim. Excitante, nem tanto.

Esfregou as mãos.

Sobre tudo, fazia frio.

Encolheu os ombros, esperando deixar de notá-lo. Nunca o fazia, mas não lhe importava. O que eram umas pontas azuis em comparação com toda sua vida?

Sorriu, levantando seu olhar para a janela. Ali estava, pensou. Ali, detrás dessa cortina. E a amava.

Amava-a.

Pensou em seus amigos, a maioria deles cínicos, sempre mostrando um olhar aborrecido sobre a última seleção de debutantes, suspirando que o matrimônio era aborrecido, que as damas eram intercambiáveis, e que o amor era melhor deixar para os poetas.

Tolos, a maioria deles.

O amor existia.

Estava ali, no ar, no vento, na água. Só se tinha que esperar por ele.

Esperar por ele.

E lutar por ele.

Faria isso. Com Deus como sua testemunha, faria-o. Lucy só tinha que lhe fazer um sinal, e ele a recuperaria.

- Esta não é, compreenderá, a forma em que tinha pensado passar minha manhã do sábado.

Gregory só lhe respondeu com um assentimento de cabeça. Seu irmão tinha chegado quatro horas antes, saudando o de forma engenhosa como de costume.

- Isto é interessante.

Gregory tinha contado tudo ao Colin, inclusive os eventos da noite anterior. Não gostava de falar de Lucy, mas uma pessoa realmente não podia pedir a seu irmão que se sentasse em uma árvore durante horas sem lhe explicar por que. E

Gregory tinha encontrado um certo consolo descarregando-se com Colin. Ele não o tinha repreendido.

Não o tinha julgado.

De fato, tinha-o entendido.

Quando tinha terminado sua história, lhe explicando concisamente por que estava esperando fora de Fennsworth House, Colin simplesmente tinha assentido e havia dito:

- Suponho que não tem nada que comer.

Gregory negou com a cabeça e sorriu abertamente.

Era bom ter um irmão.

- Um planejamento bastante pobre de sua parte - murmurou Colin. Mas também estava sorrindo.

Retornaram à casa, a qual no momento tinha começado a mostrar sinais de vida. As cortinas estavam abertas, as velas tinham sido acesas e logo as tinham apagado quando o amanhecer deu passagem à manhã.

- Ela não deveria ter saído já? - perguntou Colin, enquanto olhava com os olhos entreabertos para a porta.

Gregory franziu o cenho. Tinha estado perguntando-o mesmo. Esteve-se dizendo a si mesmo, que sua ausência pressagiava algo bom. Se seu tio a estivesse obrigando a casar-se com o Haselby, não teria que estar saindo agora para ir à igreja? Segundo seu relógio de bolso, que admiravelmente não era o mais exato dos relógios, a cerimônia devia começar em menos de uma hora.

Mas ela não tinha feito gestos para lhe pedir ajuda tampouco.

E isso não lhe sentava nada bem.

De repente Colin se ergueu.

- O que acontece?

Colin lhe fez gestos com a cabeça para a frente.

- Uma carruagem - disse-. Vem das cavalariças.

Os olhos do Gregory se abriram de par em par com horror, quando a porta dianteira de Fennsworth House se abriu. Os criados saíram, rindo e alegres enquanto o veículo se detinha a frente de Fennsworth House.

Era branco, aberto, e adornado com flores perfeitamente rosas, e fitas rosadas longas, que se arrastavam detrás, vibrando na brisa ligeira.

Era uma carruagem de bodas.

E ninguém parecia achá-la estranha.

A pele do Gregory começou a formigar. Seus músculos ardiam.

- Não ainda - disse Colin, pondo uma mão restritiva no braço de seu irmão.

Gregory negou com a cabeça. Sua visão periférica estava começando a falhar, e tudo o que podia ver era a essa condenada carruagem.

- Tenho que alcançá-la - disse-. Tenho que ir.

- Espera -o instruiu Colin-. Espera para ver o que acontece. Ela poderia não sair. Poderia...

Mas ela saiu.

Não primeiro. Esse era seu irmão, e sua nova esposa em seu braço.

Então saiu um homem mais velho - seu tio, provavelmente- e uma anciã que Gregory tinha conhecido no baile de sua irmã.

E depois...

Lucy.

Em um vestido de noiva.

- Deus santo - sussurrou ele.

Ela estava caminhando livremente. Ninguém a estava forçando.

Hermione lhe disse algo, sussurrado na orelha.

E Lucy sorriu.

Ela sorriu.

Gregory começou a ofegar.

A dor era evidente. Real. Disparou-se por suas entranhas, apertou-lhe os órgãos até que já não podia nem mover-se.

Só podia olhar fixamente.

E pensar.

- Ela não lhe disse que não ia levar a cabo? - sussurrou Colin.

Gregory tentou dizer que sim, mas a palavra o estrangulou. Tentou recordar sua última conversa, cada última palavra dela. Havia-lhe dito que devia comportar-se honradamente. Havia-lhe dito que devia fazer o que era correto. Havia-lhe dito que o amava.

Mas nunca lhe havia dito que não se casaria com o Haselby.

- OH meu Deus - sussurrou.

Seu irmão lhe pôs a mão sobre seu ombro.

- Sinto muito - disse.

Gregory observou como Lucy caminhava para a carruagem aberta. Os criados ainda estavam celebrando. Hermione estava preocupando-se com pequenezes com seu cabelo, lhe ajustando o véu, rindo quando o vento lhe levantou a malha brumosa no ar.

Isto não podia estar acontecendo.

Isto tinha que ter uma explicação.

- Não - disse Gregory, porque era a única palavra que podia pensar em dizer-. Não.

Então recordou. O sinal da mão. A saudação. Ela o faria. Faria-lhe o sinal. Talvez tinha passado algo na casa, que lhe tinha impedido de deter a cerimônia. Mas agora, ao ar livre, onde ele a podia ver, faria-lhe o sinal.

Tinha que fazê-lo. Ela sabia que podia vê-la.

Sabia que estava ali fora.

Olhando-a.

Engoliu a saliva convulsivamente, sem afastar os olhos da mão direita dela.

- Todos estamos aqui? - escutou-se gritar ao irmão do Lucy.

Não escutou a voz de Lucy no coro de respostas, mas ninguém estava questionando sua presença.

Ela era a noiva.

E ele um idiota, ao olhar como se afastava.

- Sinto muito - disse Colin com voz suave, enquanto observavam como a carruagem desaparecia ao dar a volta pela esquina.

- Isto não tem sentido - sussurrou Gregory.

Colin saltou para descer da árvore e ofereceu silenciosamente sua mão ao Gregory.

- Isto não tem sentido - disse Gregory de novo, muito desconcertado para fazer algo diferente a deixar que seu irmão o ajudasse a descer-. Ela não faria isso. Ama-me.

Olhou ao Colin. Seus olhos eram amáveis, mas também cheios de pena.

- Não - disse Gregory-. Não. Você não a conhece. Ela não faria... Não. Não a conhece.

E Colin, cuja única experiência com Lady Lucinda Abernathy tinha sido o momento no qual, tinha quebrado o coração de seu irmão, perguntou:

- Acaso você a conhece?

Gregory deu um passo atrás, como se o tivessem golpeado.

- Sim - disse-. Sim, faço-o.

Colin não disse nada, só levantou as sobrancelhas, como se dissesse, Bom, E então?

Gregory se voltou, seus olhos se moveram à esquina por onde Lucy tinha desaparecido recentemente. Por um momento ficou absolutamente quieto, seu único movimento era uma piscada deliberada e pensativo de seus olhos.

Virou-se, e olhou a seu irmão no rosto.

- Conheço-a - disse-. O faço.

Os lábios do Colin se juntaram, como se tentasse lhe formular uma pergunta, mas Gregory já se voltara.

Estava olhando a esquina outra vez.

E então, começou a correr.

Capítulo 21
No que nosso herói o arrisca tudo.

- Está preparada?

Lucy observou o esplêndido interior do St. George - a brilhante vidraça, os arcos elegantes, os montões e montões de flores gastas para celebrar seu matrimônio.

Pensou em Lorde Haselby, de pé no altar junto ao sacerdote.

Pensou nos convidados, que eram mais de trezentos, e que esperavam que entrasse pelo braço de seu irmão.

E pensou em Gregory, quem certamente a tinha visto subir à carruagem nupcial, vestida com seus ornamentos de bodas.

- Lucy - repetiu Hermione-. Está preparada?

Lucy se perguntou o que Hermione poderia fazer se dissesse não.

Hermione era uma romântica.

Nada prática.

Provavelmente diria à Lucy que não tinha que levar as bodas a cabo, que não lhe deveria importar se estavam esperando justo ao exterior das portas do santuário da igreja, ou que o primeiro-ministro estivesse sentado dentro.

Hermione lhe diria que não devia se importar que os papéis tinham sido assinados e lidas os proclamas, em três paróquias diferentes. Não lhe importaria que quando Lucy fugisse da igreja se armaria o escândalo da década. Diria-lhe que não tinha que fazê-lo, que não devia conformar-se com um matrimônio de conveniência quando podia ter um de paixão e amor. Diria-lhe...

- Lucy?

Isso foi o que realmente lhe disse.

Lucy se voltou, pestanejando confusa, porque a Hermione de sua imaginação lhe tinha estado dando um discurso apaixonado.

Hermione sorriu gentilmente.

- Está preparada?

E Lucy, porque era Lucy, porque sempre seria Lucy, assentiu com a cabeça.

Não podia fazer nada mais.

Richard uniu-se a elas.

- Não posso acreditar que vai casar – disse à Lucy, mas não antes de olhar calorosamente a sua esposa.

- Não sou muito mais nova que você, Richard -lhe recordou Lucy. Inclinou a cabeça para a nova Lady Fennsworth-. E só sou dois meses mais velha que Hermione.

Richard lhe sorriu varonilmente.

- Sim, mas ela não é minha irmã.

Lucy sorriu e estava agradecida por esse gesto. Necessitava de sorrisos.

Todos os que pudesse conseguir.

Era o dia de seu casamento. Tinham-na banhado e perfumado, e se tinha vestido com o que tinha que ser o vestido mais luxuoso no qual tinha posto os olhos alguma vez na vida, e se sentia...

Vazia.

Não podia imaginar o que Gregory pensava dela. Tinha-lhe permitido deliberadamente pensar que planejava cancelar o casamento. Tinha sido terrível por parte dela, cruel e desonesto, mas não tinha sabido que mais fazer. Era uma covarde, e não podia suportar ver seu rosto quando lhe dissesse que ainda pensava casar-se com Haselby.

Deus santo, Como poderia explicar-lhe. Teria insistido que havia outra maneira, mas ele era um idealista, e nunca enfrentou à verdadeira adversidade.

Não havia outra maneira. Não desta vez. Não sem sacrificar a sua família.

Soltou um longo suspiro. Podia fazer isto. De verdade. Podia. Podia.

Fechou os olhos, sua cabeça meneou uma meia polegada ou mais, enquanto as palavras se repetiam em sua mente.

Posso fazer isto. Eu posso. Eu posso.

- Lucy? -veio a voz preocupada de Hermione-. Está doente?

Lucy abriu os olhos, e disse a única coisa que Hermione provavelmente acreditaria.

- Só estou fazendo somas em minha cabeça.

Hermione negou com a cabeça.

- Espero que Lorde Haselby goste de matemática, porque juro, Lucy, que está louca.

- Possivelmente.

Hermione a olhou confusa.

- O que acontece? - perguntou Lucy.

Hermione pestanejou várias vezes antes de lhe responder finalmente.

- Não é nada em realidade - disse-. É somente que isso é muito diferente de você.

- Não sei o que quer dizer.

- Acaso não esteve de acordo comigo quando te chamei louca? Você nunca diria algo assim.

- Bom, é bastante claro que o disse - resmungou Lucy-. Assim não sei o que...

- OH, vamos. A Lucy que conheço diria algo como: "A matemática é extremamente importantes, e em realidade, Hermione, deveria considerar praticar as somas".

Lucy fez uma careta.

- De verdade sou tão convencional?

- Sim - lhe respondeu Hermione, como se estivesse louca por sequer perguntar-lhe. - Mas é o que mais gosto em você.

E Lucy conseguiu sorrir de novo.

Possivelmente tudo estaria bem. Talvez seria feliz. Se podia conseguir sorrir duas vezes em uma manhã, então certamente não poderia ser tão mau. Só precisava seguir adiante, em sua mente e em seu corpo. Precisava terminar com isto, fazê-lo permanente, para poder pôr ao Gregory em seu passado e pelo menos poder pretender abraçar sua nova vida como a esposa de Lorde Haselby.

Mas Hermione estava perguntando a Richard se podia ter um momento a sós com Lucy, e depois tomou suas mãos, inclinando-se para lhe sussurrar:

- Lucy, tem certeza que quer fazer isto?

Lucy a olhou surpreendida. Por que Hermione lhe estava perguntando isso?

Bem no momento quando o que mais queria era correr.

Não a tinha visto sorrindo? Hermione não a tinha visto sorrir?

Lucy engoliu em seco. Tentou endireitar seus ombros.

- Sim - disse-. Sim, claro. Por que me pergunta isso?

Hermione não lhe respondeu em seguida. Mas seus olhos - esses enormes olhos verdes que tornavam loucos os homens - responderam por ela.

Lucy engoliu a saliva e se voltou, incapaz de suportar o que via ali.

E Hermione lhe sussurrou:

- Lucy.

Isso foi tudo. Só Lucy.

Lucy se virou. Queria perguntar à Hermione o que queria lhe dizer. Queria lhe perguntar por que pronunciava seu nome como se fosse uma tragédia. Mas não o fez. Não podia. E então esperou que Hermione visse suas perguntas em seus olhos.

Ela o fez. Hermione lhe tocou a face, sorrindo tristemente.

- Parece a noiva mais triste que vi em minha vida.

Lucy fechou os olhos.

- Não estou triste. É somente que sinto...

Mas não sabia o que sentia. O que se supunha devia sentir? Ninguém a tinha treinado para isto. Em toda sua educação, com sua babá, e preceptora, e os três anos na Instituição da Srta. Moss, ninguém lhe tinha dado lições disto.

Por que ninguém tinha compreendido que isto era mais importante que a costura ou os bailes típicos?

- Sinto-me... - e então entendeu-. Me sinto como se estivesse dizendo adeus.

Hermione pestanejou surpreendida.

- A quem?

A mim.

E assim era. Estava-se despedindo dela mesma, e de tudo o que poderia ter sido.

Sentiu a mão de seu irmão no braço.

- É tempo de começar - disse.

Ela assentiu com a cabeça.

- Onde está seu ramalhete? - perguntou Hermione, e então respondeu com um-: OH. Ali. - Recuperou as flores, junto com as suas, de uma mesa próxima e as deu à Lucy-. Será feliz - sussurrou, enquanto beijava a face de Lucy-. Deve. Simplesmente não tolerarei um mundo no qual não o seja.

Os lábios de Lucy tremeram.

- OH Deus - disse Hermione-. Agora me pareço com você. Vê que boa influência é? - e com um último beijo arrojado, entrou na capela.

- Seu turno - disse Richard.

- Quase - respondeu Lucy.

E assim foi.

Estava na igreja, caminhando pelo corredor. Estava à frente, lhe assentindo ao sacerdote, olhando ao Haselby e recordando-se que apesar... bom, apesar de certos

hábitos que não entendia em realidade, ele seria um marido absolutamente aceitável.

Isto era o que tinha que fazer.

Se dissesse não...

Não podia dizer não.

Podia ver Hermione pela extremidade do olho, de pé a seu lado com um sorriso sereno. Ela e Richard tinham chegado a Londres duas noites antes, e tinham estado tão felizes. Riam, divertiam-se, e falavam das melhoras que planejavam fazer em Fennsworth Abbey. Um laranjal, riram-se. Queriam um laranjal. E uma creche.

Como poderia Lucy lhes tirar isso? Como poderia lançá-los a uma vida de vergonha e pobreza?

Escutou a voz de Haselby, quando respondeu "Aceito", e então, foi sua vez.

Aceita a este homem como seu marido, para viver juntos depois do regulamento de Deus no sagrado Sacramento do Matrimônio? Aceita obedecê-lo, servi-lo, amá-lo, e respeitá-lo, e acompanhá-lo na saúde e na enfermidade; e, renunciar a todo o resto, para estar só junto a ele, até que a morte os separe?

Engoliu em seco e tentou não pensar em Gregory.

- Aceito.

Tinha dado seu consentimento. Então, tudo tinha terminado? Não se sentia diferente. Ainda era a mesma Lucy de sempre, exceto que estava à frente de mais gente que nunca, e seu irmão estava entregando-a.

O sacerdote pôs a mão direita dela sobre a de Haselby, e ele disse seus votos, em voz forte, firme e clara.

Eles se separaram, e então Lucy tomou sua mão.

Eu, Lucinda Margaret Catherine...

- Eu, Lucinda Margaret Catherine...

...tomo Arthur Fitzwilliam George...

- ...tomo, Arthur Fitzwilliam George...

Disse-o. Repetiu-o depois do sacerdote, palavra por palavra. Disse sua parte, corretamente até que quis dar seus votos ao Haselby, corretamente até...

As portas da capela se abriram de repente.

Ela se virou. Todos se viraram.

Gregory.

Deus Santo.

Parecia um louco, respirando com tanta dificuldade, que quase nem podia falar.

Cambaleou ao avançar, agarrando-se às bordas dos bancos para apoiar-se, e escutou quando disse:

- Não.

O coração de Lucy se deteve.

- Não o faça.

O ramalhete escorregou de suas mãos. Ela não podia mover-se, não podia falar, não podia fazer nada diferente de ficar ali como uma estátua enquanto ele se aproximava, aparentemente esquecendo as centenas de pessoas que o olhavam fixamente.

- Não o faça - disse ele de novo.

E ninguém estava falando. Por que ninguém estava falando? Certamente se alguém se apressasse, e agarrasse ao Gregory pelos braços, o levasse longe...

Mas ninguém o fez. Era um espetáculo. Era o teatro, e ninguém parecia querer perder o final.

E então...

Ali.

Ali em frente de todos, ele se deteve.

Deteve-se e disse:

- Amo-a.

A seu lado Hermione murmurou:

- OH meu Deus.

Lucy queria chorar.

- Amo-a - disse ele outra vez, e continuou caminhando, sem afastar os olhos de seu rosto.

- Não o faça - disse ele, quando tinha chegado finalmente à frente do altar. - Não se case com ele.

- Gregory - sussurrou ela-. Por que está fazendo isto?

- Amo-a - disse ele, como se não pudesse haver outra explicação.

Um pequeno gemido se entupiu em sua garganta. As lágrimas ardiam em seus olhos, e seu corpo inteiro estava rígido. Rígido e gelado. Um pequeno vento, uma pequena respiração poderia derrubá-la. Não podia conseguir pensar em algo, mas por quê?

Não.

Por favor.

E - OH céus, Lorde Haselby!

Olhou a ele, ao noivo que se encontrava degradado a um papel secundário. Ele tinha permanecido de pé todo o tempo, olhando o desenvolvimento do drama com tanto interesse como o público. Com os olhos, lhe pediu ajuda, mas simplesmente negou com a cabeça. Foi um movimento diminuto, muito sutil como para alguém mais se desse conta, mas o viu, e sabia o que significava.

Depende de você.

Voltou-se para Gregory. Os olhos dele ardiam, e fincou um joelho.

Não, tratou de lhe dizer ela. Mas não podia mover os lábios. Não podia encontrar sua voz.

- Case-se comigo - disse Gregory, e ela o sentia em sua voz. Envolvia-se ao redor de seu corpo, beijava-a, abraçava-a-. Case-se comigo.

E OH, Deus bendito, desejava-o. Mais que nada, desejava ficar de joelhos e tomar o rosto entre suas mãos. Queria beijá-lo, queria gritar seu amor por ele -aqui, em frente de todos os que conhecia, possivelmente de todos os que alguma vez conheceria.

Mas tinha desejado tudo isso no dia anterior, e no dia antes desse. Nada tinha mudado. Seu mundo se tornou mais público, mas nada tinha mudado.

Seu pai ainda era um traidor.

Sua família ainda estava sendo chantageada.

O destino de seu irmão e de Hermione ainda estava em suas mãos.

Olhou ao Gregory, doída por ele, doída por ambos.

- Case-se comigo - sussurrou ele.

Seus lábios se afastaram e disse:

- Não.

Capítulo 22
No que todo o inferno se desata.

O inferno se desatou.

Lorde Davenport avançou, assim como o tio de Lucy e o irmão de Gregory, que tinha tropeçado nos degraus da igreja depois de perseguir Gregory pelo Mayfair.

O irmão de Lucy se apressou a afastar Lucy e Hermione da refrega, mas Lorde Haselby, que tinha estado olhando os eventos com ares de espectador intrigado, tomou serenamente o braço de sua noiva e disse:

- Eu a protegerei.

Quanto à Lucy, tropeçou para trás, com a boca aberta da comoção quando Lorde Davenport saltou sobre o Gregory, caindo barriga abaixo como um - bom, como nada que Lucy tivesse visto alguma vez.

- Tenho-o! - gritou Davenport triunfalmente, só para ser golpeado fortemente com uma bolsa pertencente à Hyacinth St. Clair.

Lucy fechou os olhos.

- Imagino que este não era o casamento de seus sonhos - lhe murmurou Haselby na orelha.

Lucy negou com a cabeça, muito aturdida para fazer algo mais. Deveria ajudar ao Gregory. De verdade, deveria. Mas sentia claramente como sua energia se esgotara, e além disso, era muito covarde para enfrentá-lo de novo.

E se a rejeitava?

E se não pudesse resistir.

- Espero que ele possa sair de debaixo de meu pai - continuou Haselby, seu tom era aprazível, como se estivesse olhando uma raça de cavalo um tanto aborrecida-. O homem pesa cento e trinta quilos, embora jamais o admitisse.

Lucy se voltou para ele, incapaz de acreditar como estava tão tranqüilo, tendo em conta que quase se armou um alvoroço na igreja. Inclusive o primeiro-ministro aparentemente estava defendendo-se de um enorme toucado de uma dama que era um gorro detalhadamente de frutas, que golpeava com força a qualquer que se atrevesse a movê-lo.

- Não acredito que possa ver - disse Haselby, seguindo o olhar de Lucy-. Suas uvas estão caindo.

Quem era este homem - céu santo, com o que ainda não se casara? Eles tinham aceitado algo, disso estava segura, mas ninguém os tinha declarado marido e mulher.

Mas de qualquer modo, Haselby estava estranhamente tranqüilo, dados os eventos da manhã.

- Por que não disse nada? - perguntou Lucy.

Ele se voltou, olhando-a curiosamente.

- Quer dizer, quando seu Sr. Bridgerton lhe estava professando seu amor?

Não, enquanto o sacerdote estava tagarelando sobre o sacramento do matrimônio, quis lhe estalar.

Em seu lugar, assentiu.

Haselby inclinou a cabeça a um lado.

- Suponho que queria ver o que você faria.

Olhou-o fixamente cética. O que teria feito ele, se ela houvesse dito sim?

- A propósito, sinto-me honrado - disse Haselby-. E lhe prometo que serei um bom marido. Não tem que preocupar-se por isso.

Mas Lucy não podia falar. Lorde Davenport tinha sido afastado de Gregory, e embora algum outro cavalheiro que não reconhecia estava segurando-o, ele estava tratando de alcançá-la.

- Por favor - sussurrou ela, embora ninguém pudesse ouvi-la, nem sequer Haselby, que tinha baixado para ajudar ao primeiro-ministro-. Por favor não.

Mas Gregory não se dava por vencido, e inclusive com dois homens segurando-o, um amistoso e o outro não, conseguiu chegar ao pé dos degraus. Levantou seu rosto, e seus olhos arderam nos dela. Eles estavam cruéis, severos com a angústia e a incompreensão, e Lucy esteve a ponto de cambalear pela dor desatada que viu ali.

- Por quê? - exigiu-lhe ele.

Todo seu corpo começou a estremecer. Podia lhe mentir? Podia fazê-lo? Aqui, em uma igreja, depois de que o tinha ferido da forma mais pública e pessoal possível.

- Por quê?

- Porque tinha que fazê-lo - sussurrou ela.

Seus olhos brilharam com algo - decepção? Não. Esperança? Não, isso tampouco. Era algo mais. Algo que não podia identificar com clareza.

Ele abriu a boca para falar, para lhe perguntar algo, mas justo nesse momento dois homens o agarraram e se uniu um terceiro, e juntos conseguiram tirá-lo da igreja.

Lucy envolveu os braços ao redor de seu corpo, apenas capaz de estar em pé enquanto ele era tirado a rastros.

- Como pôde?

Voltou-se. Hyacinth St. Clair se escorregou detrás dela e a estava olhando como se fosse o próprio diabo.

- Você não entende - disse Lucy.

Mas os olhos de Hyacinth ardiam com fúria.

- É fraca -disse. - Não merece isso.

Lucy negou com a cabeça, sem saber se devia estar de acordo com ela ou não.

- Espero que você...

- Hyacinth!

Os olhos de Lucy se lançaram a um lado. Outra mulher se aproximou. Era a mãe de Gregory. Tinham sido apresentadas no baile de Hastings House.

- É suficiente - disse severamente.

Lucy engoliu em seco, tratando de sufocar as lágrimas.

Lady Bridgerton se voltou para ela.

- Nos perdoe - disse, enquanto afastava a sua filha.

Lucy as viu partir, e tinha o estranho pressentimento de que tudo isto estava acontecendo a alguém mais, que possivelmente era só um sonho, só um pesadelo, ou talvez tinha sido apanhada em uma cena de uma novela horripilante. Possivelmente toda sua vida era uma invenção da imaginação de alguém mais. Possivelmente se só fechasse seus olhos...

- Seguiremos com isto?

Engoliu em seco. Era Lorde Haselby. Seu pai estava ao lado dele, proferindo o mesmo sentimento, mas com palavras menos educadas.

Lucy assentiu com a cabeça.

- Bem - grunhiu Davenport-. Moça sensata.

Lucy se perguntou o que isso significava para Lorde Davenport. Certamente nada bom.

Mas ainda assim, permitiu-lhe levá-la para o altar. E ali estava, de pé, em frente da metade da congregação, que não tinha escolhido seguir o espetáculo fora.

E se casou com o Haselby.

- O que estava pensando?

Gregory levou um momento para compreender que sua mãe estava exigindo isto ao Colin, e não a ele. Eles estavam sentados em sua carruagem, no qual, ele tinha sido jogado uma vez que o tinham tirado da igreja. Gregory não sabia aonde iam. O mais provável, é que estivessem dando voltas. De qualquer forma, não estavam no St. George.

- Tratei de detê-lo - protestou Colin.

Violet Bridgerton estava tão zangada, como nenhum deles a tinha visto alguma vez.

- Obviamente não se esforçou muito.

- Tem alguma idéia de quão rápido pode correr?

- Muito rápido - confirmou Hyacinth sem olhá-los. Estava sentada em diagonal ao Gregory, olhando fixamente para fora da janela com os olhos entrecerrados.

Gregory não disse nada.

- OH, Gregory - suspirou Violet-. OH, meu pobre filho.

- Terá que sair da cidade - disse Hyacinth.

- Ela tem razão -indicou sua mãe-. Isso não poderá evitar-se.

Gregory não disse nada. Que lhe tinha querido dizer Lucy.

- Porque tinha que fazê-lo?

O que significava isso?

- Nunca a receberei - grunhiu Hyacinth.

- Ela será uma condessa – lhe recordou Colin.

- Não me importa se for a maldita rainha de...

- Hyacinth! -isto veio de parte de sua mãe.

- Bem, não - estalou Hyacinth-. Ninguém tem direito a tratar a meu irmão assim. Ninguém!

Violet e Colin a olharam. Colin parecia divertido. Violet, alarmada.

- Arruinarei-a - continuou Hyacinth.

- Não - disse Gregory em voz baixa-. Não o fará.

O resto da família permaneceu em silêncio, e Gregory suspeitava que eles não o tinham feito, até o momento quando falou, e compreendeu que não tinha estado participando da conversa.

- Deixará-a em paz - disse ele.

Hyacinth rilhou os dentes.

Ele cravou os olhos nos dela, duros e severos com propósito.

- E se seus caminhos alguma vez se cruzarem - continuou-. Comportará-se de forma amistosa e amável. Entende-me?

Hyacinth não disse nada.

- Entende-me? - rugiu ele.

Sua família o olhou fixamente, com surpresa. Ele nunca perdia a calma. Nunca.

Hyacinth, que nunca havia possuído um sentido desenvolvido do tato, disse:

- Não, de fato.

- Me desculpe? - disse Gregory, sua voz era puro gelo no mesmo momento, e Colin se voltou e falou a ela:

- Cale-se.

- Não o entendo - continuou Hyacinth, dando uma cotovelada nas costelas de Colin-. Como pode sentir simpatia por ela? Se isto me tivesse acontecido, não a haveria...

- Isto não aconteceu a você - disparou Gregory. - E não a conhece. Não conhece qual foi a razão para cometer suas ações.

- E você sim? - exigiu-lhe Hyacinth.

Não sabia. E isso o estava matando.

- Não continue, Hyacinth - lhe disse sua mãe suavemente.

Hyacinth parou, permanecendo tensa pela raiva, mas conteve sua língua.

- Possivelmente poderia ficar com Benedict e Sophie no Wiltshire - sugeriu Violet-. Acredito que Anthony e Kate chegarão logo à cidade, por isso não pode ir ao Aubrey Hall, embora esteja certa que não se importariam se residir lá em sua ausência.

Gregory só olhava ao exterior da janela. Não desejava ir ao campo.

- Poderia viajar - disse Colin-. A Itália é um lugar muito agradável nesta época do ano. E nunca esteve lá, não é?

Gregory negou com a cabeça, só meio escutando. Não desejava ir a Itália.

Porque tinha que fazê-lo, havia dito ela.

Não, porque o desejava. Não, porque era sensato.

Era porque tinha que fazê-lo.

O que significava isso?

Que tinha sido forçada? Ou que tinha sido chantageada?

O que tinha feito para ser vitima de uma chantagem?

- Teria sido muito difícil para ela não levá-la a cabo - disse Violet de repente, pondo uma mão compassiva em seu braço-. Lorde Davenport é um homem que ninguém desejaria ter como inimigo. E em realidade, ali na igreja, com todo mundo olhando... Bom - disse com um suspiro de resignação-, a pessoa teria que ser extremamente valente. E forte. -Fez uma pausa, enquanto negava com a cabeça-. E estar preparado.

- Preparado? - perguntou Colin.

- Para o que viria depois - lhe esclareceu Violet-. Teria sido um escândalo enorme.

- Já é um escândalo enorme - murmurou Gregory.

- Sim, mas não tão enorme, como se houvesse dito sim - disse sua mãe-. E não é que me alegre pelo resultado. Sabe que o que mais desejo é a felicidade de seu coração.

Mas ela será olhada com aprovação por sua escolha. Verá-se como uma moça sensata.

Gregory sentia como o canto de sua boca se levantava, desenhando um sorriso enviesado.

- E eu, um idiota apaixonado.

Ninguém o contradisse.

Depois de um momento, sua mãe disse:

- Devo lhe dizer, que está tomando esta situação bastante bem.

Efetivamente.

- Tinha pensado -se interrompeu-. Bom, não importa o que tinha pensado, só a realidade importa.

- Não - disse Gregory, voltando-se para olhá-la agudamente-. O que tinha pensado? A forma em que eu deveria estar agindo?

- Não vem ao caso a palavra deveria - disse sua mãe, claramente agitada pelas perguntas súbitas-. Simplesmente tinha pensado que estaria... furioso.

Olhou-a por um bom momento, e logo se voltou para a janela. Estavam viajando ao longo do Picadilly, dirigindo-se ao oeste para o Hyde Park. Por que não estava furioso? Por que não estava golpeando a parede com seu punho? Tinha tido que ser tirado a rastros da igreja e forçado a entrar na carruagem, mas uma vez tudo terminado, sentiu-se superado por uma calma estranha e quase sobrenatural.

Algumas palavras de sua mãe ecoaram em sua mente.

Sabe que o que mais desejo é a felicidade de seu coração.

A felicidade de seu coração.

Lucy o amava. Estava certo disso. Tinha-o visto em seus olhos, inclusive no momento em que o tinha negado. Sabia por que o havia dito, e não lhe mentiria sobre algo assim. Tinha-o sentido na forma em que o tinha beijado, e no calor de seu abraço.

Amava-o. E algo que a tinha feito continuar com seu matrimônio, era maior que ela. Mais forte.

Ela necessitava sua ajuda.

- Gregory? - disse sua mãe suavemente.

Ele se voltou. Piscou.

- Levantou-se que seu assento - disse ela.

Tinha-o feito? Nem sequer se tinha dado conta. Mas seus sentidos se afiaram, e quando desceu o olhar, notou que tinha curvado os dedos.

- Detenham a carruagem.

Todos voltaram o olhar para ele. Inclusive Hyacinth, que tinha estado olhando fixamente ao exterior da janela.

- Detenham a carruagem - disse de novo.

- Por quê? - perguntou sua mãe, claramente suspeita.

- Necessito de ar - respondeu ele, e nem sequer era uma mentira.

Colin deu um golpe à parede.

- Irei com você.

- Não. Prefiro estar sozinho.

Os olhos de sua mãe se arregalaram.

- Gregory... não planeja...

- Irromper na igreja? - terminou por ela. Reclinou-se no assento, lhe dando um sorriso casualmente enviesado-. Acho que já me envergonhei o suficiente por um dia, não lhe parece?

- De qualquer forma, eles já devem ter dito seus votos - indicou Hyacinth.

Gregory lutou contra o impulso de oferecer um olhar furioso a sua irmã, quem nunca parecia perder uma oportunidade para instigar, insistir ou retorcer.

- Precisamente - respondeu ele.

- Sentiria-me melhor se não estivesse sozinho - disse Violet, com os olhos azuis cheios de preocupação.

- Deixa-o ir - disse Colin suavemente.

Gregory se voltou para seu irmão mais velho, surpreso. Não tinha esperado seu apoio.

- Ele é um homem - acrescentou Colin-. Pode tomar suas próprias decisões.

Nem sequer Hyacinth tentou contradizê-lo.

A carruagem se deteve, e o cocheiro estava esperando para fora da porta. Quando Colin assentiu, abriu-a.

- Desejaria que não fosse - disse Violet.

Gregory a beijou na face.

- Necessito de ar - disse-. Isso é tudo.

Saltou para descer, mas antes que pudesse fechar a porta, Colin apareceu.

- Não faça nada idiota - disse em voz suave.

- Nada idiota - lhe prometeu Gregory-. Só o necessário.

Tomou nota de sua localização, e então, como a carruagem de sua mãe não se moveu, dirigiu-se deliberadamente para o sul.

Longe do St. George.

Mas uma vez alcançada a rua seguinte que tinha dobrado.

Correu.

Capítulo 23
No que nosso herói arrisca tudo. De novo.

Nos dez anos, desde que seu tio se convertera em seu tutor, Lucy nunca o tinha visto organizar uma festa. Ele não era dos que sorriam ao fazer qualquer tipo de gasto desnecessário - na verdade, não era dos que sorria absolutamente. Por isso estava com alguma suspeita quando chegou à esplêndida festa que se estava realizando em sua honra em Fennsworth House depois da cerimônia nupcial.

Certamente Lorde Davenport tinha insistido nisso. O Tio Robert se teria sentido satisfeito de servir bolos de chá na igreja e não teria se importado.

Mas não, as bodas deveriam ser um evento, no sentido mais extravagante da palavra, e logo que a cerimônia tinha terminado, Lucy foi levada ao que logo-seria-sua-anterior-casa e só lhe tinha ficado suficiente tempo para ir ao que logo-seria-

seu-anterior-quarto para salpicar um pouco de água fresca no rosto antes que fosse convocada a saudar seus convidados em baixo.

Era notável, pensou enquanto assentia e recebia os bons desejos dos presentes, como era boa no tom, para pretender que nada tinha acontecido.

OH, amanhã não falariam de outra coisa, e provavelmente ela seria o assunto principal de conversa, inclusive nos próximos meses. E certamente no ano seguinte ninguém poderia dizer seu nome sem acrescentar, "Conhece-a. Das bodas".

O que certamente seguiria com um: "Ohhhhhhh. É ela"

Mas por agora, em seu rosto, não havia nada mais que, "Que feliz ocasião", e "Você é uma noiva formosa". E certamente, o ardiloso e atrevido -"Que cerimônia tão encantadora, Lady Haselby".

Lady Haselby.

Provou-o em sua mente. Agora era Lady Haselby.

Poderia ter sido Lady Bridgerton.

Lady Lucinda Bridgerton, supôs, já que não devia entregar seu título honorífico ao casar-se com um plebeu. Era um lindo nome - não tão elevado como Lady Haselby, e certamente não podia comparar-se com a Condessa do Davenport, mas...

Engoliu a saliva, de algum modo conseguindo não apagar o sorriso que se fixara em seu rosto nos cinco minutos.

Teria gostado de ter sido Lady Lucinda Bridgerton.

Gostava de Lady Lucinda Bridgerton. Ela era uma mulher feliz, com um sorriso disposto e uma vida plena e completa. Tinha um cão, possivelmente dois, e muitos filhos.

Sua casa era calorosa e cômoda, bebia o chá com seus amigos e ria.

Lady Lucinda Bridgerton ria.

Mas nunca seria essa mulher. Casou-se com Lorde Haselby, e agora era sua esposa, e tentava quando podia, não imaginar-se aonde iria parar sua vida. Não sabia o que significava ser Lady Haselby.

A festa continuou, e Lucy dançou sua dança obrigatória com seu novo marido, quem era, tinha que tomar nota, bastante talentoso. Depois dançou com seu irmão, o que quase a fez chorar, e depois com seu tio, porque era o esperado.

- Fez o correto, Lucy - lhe disse ele.

Ela não disse nada. Não confiava em si mesma se o fizesse.

- Estou orgulhoso de você.

Ela quase sorri.

- Nunca tinha estado orgulhoso de mim antes.

- Agora estou.

Não lhe escapou, que esta não era uma contradição.

Seu tio a retornou a seu lugar no salão de baile, e logo - Deus santo - tinha que dançar com Lorde Davenport.

O que fez, porque conhecia seu dever. Nesse dia, especialmente, conhecia seu dever.

Pelo menos não tinha que falar. Lorde Davenport era o mais efusivo, e inclinado à conversa dos dois. Estava encantado com Lucy. Ela era um magnífico ativo para a família.

E assim sucessivamente, até que compreendeu que tinha conseguido ganhar seu afeto da maneira mais incrível. Simplesmente ela não estava de acordo em casar-se com seu filho de duvidosa reputação; mas tinha afirmado sua decisão em frente de toda a aristocracia, em uma cena digna do Drury Lane.

Lucy moveu a cabeça discretamente a um lado. Quando Lorde Davenport estava entusiasmado, a saliva tendia a voar de sua boca com uma velocidade e exatidão alarmante.

De verdade, não estava certa do que era pior - se o desdém de Lorde Davenport ou sua eterna gratidão.

Mas Lucy conseguiu evitar a seu novo sogro a maior parte da festa, graças a Deus. Conseguiu evitar a quase todo mundo, o que era surpreendentemente fácil, tendo em conta que era a noiva. Não queria ver lorde Davenport, porque o detestava, e não queria ver seu tio, porque suspeitava que também o detestava. Não queria ver lorde Haselby, porque isso só a levaria a pensar em sua próxima noite de bodas, e não queria ver Hermione, porque lhe faria perguntas, e então Lucy choraria.

E não queria ver seu irmão, porque estava certa que estava com Hermione, e além disso, estava sentindo-se muito ressentida, alternando sentindo-se culpada por sentir-se ressentida. Não era culpa do Richard que fora delirantemente feliz e ela não.

Mas ao mesmo tempo, preferia não vê-lo.

O que deixava aos convidados, e à maioria nem sequer os conhecia. E não havia ninguém ali com quem queria encontrar-se.

Assim se encontrou se localizada em um canto, e depois de algumas horas, todos pareciam ter bebido tanto, que ninguém notava que a noiva estava sentada sozinha.

E certamente ninguém tomou nota quando escapou a seu quarto para tomar um curto descanso. Provavelmente eram muito más maneiras por parte de uma noiva fugir de sua própria festa, mas nesse momento, Lucy simplesmente não se importava. As pessoas pensariam que partiu para aliviar-se, se algum tivesse notado sua ausência.

E de algum modo, parecia-lhe apropriado estar sozinha nesse dia.

Deslizou-se pelas escadas traseiras, para não encontrar-se com algum convidado errante, e com um suspiro de alívio, entrou em seu quarto e fechou a porta atrás dela.

Apoiou as costas contra a porta, soltando o ar devagar até que sentiu que não tinha deixado nada dentro de si.

E pensou - agora chorarei.

Queria fazê-lo. De verdade, queria. Sentia-se como se tivesse estado contendo-se por horas, simplesmente esperando ter um momento a sós. Mas as lágrimas não vinham. Estava muito atordoada, muito deslumbrada pelos eventos acontecidos nas passadas vinte e quatro horas. E por isso estava, de pé ali, olhando fixamente sua cama.

Recordando.

Deus santo, só tinham passado doze horas desde que tinha deitado ali, envolta em seus braços? Pareciam anos. Era como se sua vida se dividisse claramente em duas, e agora estivesse mais firmada no depois.

Fechou os olhos. Possivelmente se não o via, esqueceria-o. Possivelmente se...

- Lucy.

Congelou-se. Deus santo, não.

- Lucy.

Abriu os olhos devagar.

- Gregory?

Ele parecia um desastre, despenteado e sujo, o que só podia ser resultado de uma louca carreira a cavalo. Devia ter entrado da mesma maneira que o tinha feito a noite anterior. Devia ter estado esperando por ela.

- Lucy - disse ele de novo, e sua voz fluiu através dela e se fundiu a seu redor.

Ela engoliu em seco.

- Por que está aqui?

Ele caminhou para ela, e seu coração o desejou. Seu rosto era tão atraente, tão querido, tão absoluta e maravilhosamente conhecido. Conhecia a curva de suas faces, e a cor exata de seus olhos, castanho perto da íris, fundido com verde na borda.

E sua boca - conhecia essa boca, sua aparência, sua percepção. Conhecia seu sorriso, conhecia suas sobrancelhas, e conhecia...

Conhecia muito.

- Não deveria estar aqui - disse, o tom nervoso de sua voz desmentia a quietude de sua postura.

Ele deu um passo em sua direção. Não havia raiva em seus olhos, o que, não entendia. Mas a forma como a estava olhando - era intensa e possessiva, e definitivamente não era a forma como uma mulher casada deveria permitir que um homem que não fosse seu marido a olhasse.

- Tinha que saber por que - disse ele-. Não podia deixar ir. Não até que soubesse por que.

- Não - sussurrou ela-. Por favor não faça isto.

Por favor não me faça arrepender. Por favor não me faça desejar, desejar e me perguntar nada.

Pôs os braços contra seu peito, como se possivelmente... possivelmente se pudesse apertar-se fortemente conseguiria ficar de reverso. E então não teria que ver, não teria que escutar. Simplesmente poderia estar sozinha, e...

- Lucy...

- Não - disse ela com mais força desta vez.

Não.

Não me faça acreditar no amor.

Mas ele se aproximou muito mais. Lentamente, sem nenhuma vacilação.

- Lucy - disse, sua voz era cálida e cheia de propósito-. Só me diga por que. Depois me afastarei e lhe prometo nunca me aproximar de você outra vez, mas devo saber por que.

Ela negou com a cabeça.

- Não lhe posso dizer.

- Dirá-me - corrigiu-a.

- Não -lhe gritou, afogando-se com a palavra-. Não posso! Por favor, Gregory. Deve ir.

Ele não disse nada por um bom momento. Só a olhou no rosto, e virtualmente podia ver o que estava pensando.

Não podia permitir isto, pensou, uma borbulha de pânico começou a crescer dentro dela. Devia gritar. Tinha que expulsá-lo. Devia sair correndo do quarto antes que pudesse lhe arruinar seus cuidadosos planos para o futuro. Mas em seu lugar, ficou ali, e ele disse...

- Estão - chantageando-a.

Essa não era uma pergunta.

Não lhe respondeu, mas sabia que seu rosto a delataria.

- Lucy - disse ele, sua voz era suave e precavida-. Posso ajudá-la. Não importa o que seja, posso arrumar tudo.

- Não -disse ela-. Não pode e é um idiota por... - interrompeu-se, muito furiosa para falar. O que o fazia pensar que podia correr e arrumar as coisas, quando não sabia nada de seus problemas? Acaso pensava que tinha cedido por algo pequeno? Algo que pudesse ser superado facilmente?

Tampouco era tão fraca.

- Não sabe - disse-. Não tem nem idéia.

- Então me diga.

Seus músculos se estavam agitando, e se sentia quente... fria... tudo de uma vez.

- Lucy - disse ele, e sua voz era tão calma, e inclusive, era como um garfo, cravando-a justo onde menos podia tolerar.

- Você não pode arrumar isto - disparou ela.

- Isso não é certo. Não há nada que a aflija que não possa ser superado.

- Por que diz isso? - exigiu-lhe ela-. Pelos arco íris, duendes e os eternos bons desejos de sua família? Isso não funcionará, Gregory. Pode ser que os Bridgertons

sejam poderosos, mas não podem mudar o passado, e não podem arrumar o futuro para satisfazer seus desejos.

- Lucy - disse ele, enquanto estendia a mão para alcançá-la.

- Não. Não! -empurrou-o longe, recusando sua oferta de consolo-. Não entende.

Talvez não poderia. Para vocês tudo, é tão feliz e tão perfeito.

- Não é certo.

- Você é feliz. Nem sequer sabe que o é, e não pode conceber que o resto de nós não o sejamos, e embora nos esforçamos, tentamo-lo e fazemos o melhor, nunca recebemos o que desejamos.

Depois de tudo isso, olhou-a. Só a olhou e a deixou estar em pé, com os braços envoltos ao redor de seu corpo, parecendo pequena, pálida e dolorosamente sozinha.

E lhe perguntou.

- Ama-me?

Ela fechou os olhos.

- Não me pergunte isso.

- Faz isso?

Ele notou como a mandíbula dela se apertava, viu a forma em que seus ombros se esticavam e se erguiam, e sabia que estava tratando de negar com a cabeça.

Gregory caminhou para ela - lentamente, respeitosamente.

Estava ferida. Estava tão ferida que esse sentimento se estendeu através do ar, envolveu-se ao redor dele, ao redor de seu coração. Sentia dor por ela. Era algo físico, terrível, agudo, e pela primeira vez começou a duvidar de sua habilidade de fazê-lo desaparecer.

- Ama-me? - perguntou ele.

- Gregory...

- Ama-me?

- Não posso...

Ele pôs as mãos sobre seus ombros. Ela retrocedeu, mas não se afastou.

Tocou-lhe o queixo, levantando seu rosto até que pudesse perder-se no azul de seus olhos.

- Ama-me?

- Sim - soluçou ela, enquanto se derrubava em seus braços-. Mas não posso. Não entende? Não posso. Tenho que parar isto.

Gregory não pôde mover-se em um momento. Sua admissão deveria havê-lo aliviado, e de alguma forma o fez, mas mais que isso, sentia como seu sangue começava a acelerar-se em suas veias.

Acreditava no amor.

Acaso não tinha sido a única constante em sua vida?

Acreditava no amor.

Acreditava em seu poder, em sua bondade fundamental, em sua retidão.

Venerava-o por sua força, respeitava-o por sua raridade.

E sabia, nesse momento, nesse lugar, enquanto ela chorava em seus braços, que devia atrever-se a fazer algo por ele.

Pelo amor.

- Lucy - sussurrou, e uma idéia começou a formar-se em sua mente. Era descabelada, má, e completamente desaconselhável, mas não podia escapar do pensamento que estava correndo em seu cérebro.

Ela ainda não tinha consumado seu matrimônio.

Eles ainda tinham uma oportunidade.

- Lucy.

Ela se afastou.

- Devo retornar. Sentirão minha falta se não o faço.

Mas ele capturou sua mão.

- Não retorne.

Seus olhos se abriram de par em par.

- O que quer dizer com isso?

- Venha comigo. Venha comigo agora. - sentia-se enjoado, perigoso, e só um pouco louco-. Ainda não é sua esposa. Pode anular o matrimônio.

- OH não. - Negou com a cabeça, tratando de soltar-se de seu afeto-. Não, Gregory.

- Sim. Sim. - E quanto mais pensava nisso, mais lhe encontrava sentido. Não tinham muito tempo; depois dessa noite seria impossível para ela dizer que estava intacta.

As próprias ações do Gregory se encarregariam disso. Se tinham alguma oportunidade de estar juntos, tinha que ser agora.

Não podia seqüestrá-la; não havia forma de tirá-la da casa sem despertar um alarme. Mas podia conseguir que tivessem um pouco mais de tempo. O suficiente para resolver o que fazer.

Puxou-a para pô-la mais perto.

- Não - disse ela, sua voz estava subindo de tom. Começou a lutar realmente para liberar-se, e ele podia ver como o pânico começava a crescer em seus olhos.

- Lucy, sim - disse ele.

- Gritarei - disse ela.

- Ninguém a escutará.

Olhou-o consternada, não podia acreditar no que lhe estava dizendo.

- Está me ameaçando? - perguntou.

Ele negou com a cabeça.

- Não. Estou salvando-a. - E antes que tivesse oportunidade de reconsiderar suas ações, agarrou-a pela cintura, puxou-a sobre seu ombro, e saiu correndo do quarto.

Capítulo 24
No que nosso herói deixa a nossa heroína em uma posição incômoda.

- Está-me amarrando em uma banheira?

- Sinto muito - disse ele, atando dois lenços em peritos nós, que quase a fez preocupar-se de que tivesse feito isto antes.

- Não podia deixá-la em seu quarto. Esse seria o primeiro lugar onde qualquer um a procuraria. - Apertou os nós, e os provou com sua força-. Foi o primeiro lugar onde eu procurei.

- Mas uma banheira!

- No terceiro piso - acrescentou ele servilmente-. Passarão horas antes que alguém a encontre aqui.

Lucy apertou a mandíbula, tratando desesperadamente de conter a fúria que estava crescendo em seu interior.

Tinha-lhe amarrado as mãos. Detrás a suas costas.

Deus bendito, não sabia que era possível estar tão zangada com outra pessoa.

Não era só uma reação emocional, seu corpo inteiro tinha protestado contra isso. Sentia-se furiosa e irritada, e embora soubesse que não deveria fazê-lo, puxou os seus braços contra o conduto do banho, fazendo chiar seus dentes e soltando um grunhido de frustração, quando o único que conseguiu foi um surdo som metálico.

- Por favor não se esforce - disse ele, deixando cair um beijo em sua cabeça. - Só vai ficar cansada e dolorida. -Deu uma olhada, examinando a estrutura da banheira. - Ou romperá o encanamento, e certamente essa não seria uma perspectiva muito higiênica.

- Gregory, tem que me deixar ir.

Ele se agachou para que seu rosto ficasse ao mesmo nível do dela.

- Não posso -disse-. Não enquanto ainda haja uma oportunidade para que estejamos juntos.

- Por favor - lhe suplicou ela-. Isto é uma loucura. Deve me devolver. Estarei arruinada.

- Casarei-me com você - disse ele.

- Já estou casada!

- Não realmente - disse ele com um sorriso lupino.

- Já disse meus votos!

- Mas não os consumou. Ainda pode conseguir a anulação.

- Esse não é o ponto! - gritou ela, esforçando-se infrutiferamente enquanto ele ficava de pé e se dirigia à porta-. Não entende a situação, e está pondo suas necessidades e sua felicidade egoisticamente sobre todo o resto.

Ante isso, ele se deteve. Sua mão estava no trinco da porta, mas se deteve, e quando se voltou, o olhar em seus olhos esteve a ponto de romper seu coração.

- É feliz? - perguntou-lhe. Suavemente, e com tanto amor que quase a fez chorar.

- Não - sussurrou ela-. Mas...

- Nunca vi uma noiva que parecesse tão triste.

Ela fechou os olhos, murcha. Era um eco do que Hermione havia dito, e ela sabia a verdade. E inclusive então, enquanto levantava o olhar para ele, seus ombros lhe doíam, mas não podia escapar aos batimentos de seu próprio coração.

Amava-o.

Sempre o amaria.

E também o odiava, por fazê-la desejar o que não podia ter. Odiava-o por amá-la tanto para arriscar tudo para que estivessem juntos. E sobre tudo, odiava-o por convertê-la no instrumento que destruiria a sua família.

Até conhecer Gregory, Hermione e Richard tinham sido as únicas duas pessoas no mundo que realmente lhe tinham importado. E agora eles poderiam ficar arruinados, caindo muito mais baixo e com uma infelicidade maior que a que Lucy podia imaginar-se com o Haselby.

Gregory pensava que só passariam horas antes que alguém a encontrasse aqui, mas ela sabia bem. Ninguém a encontraria em dias. Não podia recordar a última vez que alguém tivesse vagado por ali. Estava no lavabo da babá - mas Fennsworth House não tinha tido uma babá em residência durante anos.

Quando se dessem conta de seu desaparecimento, primeiro revistariam seu quarto. Depois provariam outras alternativas sensatas - a biblioteca, a sala de estar, um banheiro que não tivesse estado em desuso a metade de uma década...

E então, quando não fosse encontrada, todos assumiriam que tinha escapado. E depois do que tinha acontecido na igreja, ninguém pensaria que partira sozinha.

Estaria arruinada. E também todos os outros.

- Isto não é questão de minha própria felicidade - disse ela finalmente, sua voz era baixa, quase quebrada. - Gregory, suplico-lhe , não faça isto. Não se trata de mim. Minha família, estará arruinada, todos nós.

Ele foi a seu lado, sentou-se. E disse, simplesmente:

- Me conte.

Assim o fez. Ele não cederia, disso estava certa.

Contou-lhe tudo. Sobre seu pai, e a prova escrita de sua traição. Falou-lhe sobre a chantagem. Disse-lhe como era o último pagamento e que a única coisa que evitaria seu irmão ser despojado de seu título.

Lucy tinha permanecido olhando à frente durante toda sua narração, e Gregory estava agradecido. Porque o que ela disse, sacudiu-lhe o centro de seu ser.

Todo o dia Gregory tinha estado tratando de imaginar que terrível segredo poderia possivelmente induzi-la a casar-se com o Haselby. Tinha atravessado Londres duas vezes, primeiro para ir à igreja, e depois para chegar até aqui, em Fennsworth House. Tinha tido tempo suficiente para pensar, para perguntar-se. Mas nunca - nem uma vez- sua imaginação lhe tinha sugerido esta possibilidade.

- Percebe - disse ela-. Não é nada tão comum como um filho ilegítimo, nada tão extravagante como um romance extra matrimonial. Meu pai - um conde da realeza – cometeu traição. Traição. - e então sorriu. Sorriu.

Da forma em que as pessoas faziam quando o que realmente queriam era chorar.

- É algo terrível - terminou ela, em voz baixa e resignada-. Não há nenhuma escapatória. Voltou-se para ele para que lhe desse uma resposta, mas ele não tinha nenhuma.

Traição. Deus santo, não podia pensar em algo pior. Havia muitas formas - muitas formas - para ser expulso da sociedade, mas nada era tão imperdoável como a traição. Não havia um homem, mulher ou criança na Grã-Bretanha, que não tivesse perdido alguém com Napoleão. As feridas ainda estavam muito frescas, e inclusive, se não fosse assim...

Era traição.

Um cavalheiro não deveria sacrificar seu país.

Estava inculcado na alma de cada homem em Grã-Bretanha.

Se a verdade sobre o pai de Lucy fosse conhecida, o condado do Fennsworth poderia ser dissolvido. O irmão do Lucy seria destituído. Ele e Hermione certamente teriam que emigrar.

E Lucy poderia...

Bom, Lucy provavelmente poderia sobreviver ao escândalo, especialmente se seu sobrenome mudasse para Bridgerton, mas ela nunca o perdoaria. Gregory tinha certeza.

Finalmente, entendeu.

Olhou-a. Estava pálida e ansiosa, suas mãos estavam fixadas fortemente em seu regaço.

- Minha família foi boa e confiável - disse ela, sua voz se agitava com emoção-. Os Abernathys foram leais à coroa desde o primeiro conde investido no século quinze.

E meu pai envergonhou a todos. Não posso permitir que isto seja revelado. Não posso. - Engoliu a saliva com dificuldade e disse tristemente: - Deveria ver seu rosto.

Nem sequer você me quer agora.

- Não - disse ele, quase gritando a palavra-. Não. Isso não é verdade. Isso nunca seria verdade. -Tomou suas mãos, apertou-as com as suas, saboreando a forma delas, o arco de seus dedos e o calor delicado de sua pele.

- Sinto muito - disse ele-. Não deveria levar muito tempo para me recompor. Não tinha imaginado a traição.

Ela negou com a cabeça.

- Como poderia fazê-lo?

- Mas isso não muda o que sinto. - Tomou a rosto dela entre suas mãos, desejando beijá-la, mas sabendo que não podia.

Não ainda.

- O que seu pai fez, é recriminável. É - juro entre dentes-, serei honesto com você. Isso me adoece. Mas você - você, Lucy- é inocente. Não fez nada mau, e não deveria ter que pagar por seus pecados.

- Meu irmão tampouco - disse ela com voz suave. - Mas se não completo meu matrimônio com o Haselby, Richard será...

- Shhh. - Gregory pressionou um dedo contra seus lábios-. Me escute.

Amo-a.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

- Amo-a -disse ele outra vez-. Não há nada neste mundo ou no seguinte, que me faça deixar de amá-la.

- Sentiu o mesmo por Hermione - sussurrou ela.

- Não - disse ele, quase sorrindo por quão tolo todo isso lhe parecia agora-. Tinha esperado tanto tempo para me apaixonar, que desejei mais ao amor que à mulher.

Nunca amei Hermione, só à idéia dela. Mas com você... é diferente, Lucy. É profundo... é... é... esforçou-se por procurar as palavras, mas não havia nenhuma. Simplesmente, não existiam palavras para explicar o que sentia por ela.

- Sou eu - disse ele finalmente, espantado por suas palavras pouco elegantes-. Sem ti, eu... eu sou...

- Gregory - sussurrou ela-. Não tem que...

- Sou nada - a interrompeu, porque não ia permitir que lhe dissesse que não tinha que explicar-se-. Sem você, sou nada.

Ela sorriu. Era um sorriso triste, mas era real, e se sentia como se tivesse esperado anos por esse sorriso.

- Isso não é verdade - disse ela-. Sabe que isso não é certo.

Ele negou com a cabeça.

- Possivelmente é um exagero, mas isso é tudo. Faz-me ser melhor, Lucy. Faz-me desejar, esperar, e aspirar. Faz-me querer fazer coisas.

As lágrimas começaram a deslizar por suas faces.

Com as pontas de seus polegares, ele as afastou.

- É a melhor pessoa que conheço - disse ele-. O ser humano mais honorável que conheci em minha vida. Faz-me rir. Faz-me pensar. E eu... - respirou profundamente-. Amo-a.

E de novo.

- Amo-a.

E de novo.

- Amo-a. - Meneou a cabeça desamparadamente-. Não sei como mais posso dizê-lo.

Ela se voltou então, virando sua cabeça, para que as mãos dele se deslizassem de seu rosto para seus ombros, e finalmente, afastassem-se de seu corpo completamente.

Gregory não podia ver seu rosto, mas podia escutar - o calado e quebrado som de sua respiração, a suave choramingação em sua voz.

- Amo-o - lhe respondeu ela finalmente, sem olhá-lo ainda-. Sabe que é assim. E não vou rebaixar a ambos lhe mentindo sobre isso. E se fosse só por mim, faria algo, algo por este amor. Arriscaria-me à pobreza, à ruína. Mudaria para a América, mudaria-me para a África mais escura, se essa fosse a única maneira de estar com você.

Soltou um suspiro longo e inseguro.

- Não posso ser tão egoísta para acabar com as duas pessoas que me amaram tanto, e por tanto tempo.

- Lucy... - não tinha nem idéia do que lhe queria dizer, é somente que não queria que ela terminasse. Sabia que não queria escutar o que lhe tinha que dizer.

Mas o interrompeu:

- Não, Gregory. Por favor. Sinto muito. Não posso fazê-lo, e se me ama tanto como diz, me leve de volta agora, antes que Lorde Davenport se de conta de meu desaparecimento.

Gregory apertou os dedos nos punhos, logo se endireitou e ficou de pé. Sabia o que tinha que fazer. Devia soltá-la, deixá-la voltar para a festa do piso inferior.

Devia sair furtivamente outra vez, pela porta dos criados e nunca aproximar-se de novo.

Tinha prometido amor, honra e obediência a outro homem. E se supunha que tinha que renunciar a todos outros.

Certamente, ele estava classificado nessa categoria.

Mas ainda não podia render-se.

Ainda não.

- Uma hora - disse ele, enquanto se agachava a seu lado-. Só me dê uma hora.

Ela se voltou, seus olhos estavam duvidosos, surpreendidos e possivelmente -possivelmente- um pouco esperançados também.

- Uma hora? - repetiu ela-. Pensa que pode...

- Não sei - disse ele honestamente-. Mas lhe prometo isso. Se não puder encontrar a maneira de a liberar de sua chantagem em uma hora, retornarei por você. E a libertarei.

- Para retornar com o Haselby? - sussurrou ela, e parecia...

Parecia decepcionada? Inclusive um pouco?

- Sim - disse ele. Porque em realidade era a única coisa que podia dizer. Apesar do muito que desejava atirar a cautela ao vento, sabia que não podia roubá-la para levá-la longe. Seria respeitável, quando se casasse com ela, logo que Haselby aceitasse a anulação, mas nunca seria feliz.

E ele sabia que não poderia viver consigo mesmo.

- Não a arruinará se desaparecer durante uma hora - lhe disse ele-. Simplesmente, pode dizer às pessoas que estava cansada. Que desejava tomar uma sesta. Tenho certeza que Hermione corroborará sua história se o pedir.

Lucy assentiu com a cabeça.

- Pode me tirar as ataduras?

Lhe deu com a cabeça uma diminuta negação e ficou de pé.

- Confiaria em você com minha própria vida, Lucy, mas não com você mesma. É muito honrada para seu próprio bem.

- Gregory!

Ele se encolheu de ombros e caminhou para a porta.

- Sua consciência tirará o melhor de você. Sabe que o fará.

- E se lhe prometer...

- Sinto muito. - Um canto de sua boca se estirou em uma expressão que não era de desculpa-. Não acreditaria em você.

Lançou-lhe uma última olhada antes de sair. E tinha que sorrir, o que parecia absurdo, tendo em conta que tinha uma hora para neutralizar a ameaça de chantagem contra a família de Lucy e salvá-la de seu matrimônio arrumado. Durante a recepção de suas bodas.

Em comparação, mover céu e terra parecia de longe uma melhor perspectiva.

Mas quando se voltou para Lucy, e a viu sentada ali, no piso, ela parecia...

A mesma de sempre.

- Gregory - disse ela-. Não pode me deixar aqui. Que aconteceria se alguém o encontrasse e o tirasse da casa? Quem saberá que estou aqui? E o que se... e o que se... e então sim...

Ele sorriu, desfrutando de sua formalidade, em realidade muito para escutar suas palavras. Definitivamente era a mesma de sempre.

- Quando tudo isto tiver acabado - disse ele-. Trarei um sanduíche para você.

Isso deteve seu falatório.

- Um sanduíche? Um sanduíche?

Ele virou o trinco da porta mas não puxou ainda.

- Quer um sanduíche, não é verdade? Você sempre quer um sanduíche.

- Ficou louco - disse ela.

Ele não podia acreditar logo agora, que tivesse chegado a essa conclusão.

- Não grite - lhe advertiu.

- Sabe que não posso - murmurou ela.

Era verdade. A última coisa que queria era ser encontrada. Se Gregory não tivesse êxito, teria que voltar para a festa furtivamente com o menor alvoroço possível.

- Adeus, Lucy - disse ele-. Amo-a.

Ela o olhou. E lhe sussurrou:

- Uma hora. De verdade acredita que pode fazê-lo?

Ele assentiu com a cabeça. Era o que ela precisava ver, e era o que ele precisava pretender.

Enquanto fechava a porta a suas costas, podia jurar que a escutou murmurar:

- Boa sorte.

Fez uma pausa para tomar uma respiração profunda antes de dirigir-se para as escadas. Ia necessitar mais que sorte; ia necessitar um maldito milagre.

As apostas estavam contra ele. As apostas estavam extremamente contra ele. Mas Gregory sempre tinha sido um animador para o mais fraco. E se havia qualquer sentido da justiça no mundo, qualquer imparcialidade existencial flutuando no ar... se o faz por outros, oferecia-lhe qualquer tipo de reembolso, certamente o deviam.

O amor existia.

Sabia que era certo. E estaria condenado se não existisse para ele.

A primeira parada de Gregory foi no quarto de Lucy, no segundo piso. Não podia dar um passeio pelo salão de baile e requerer uma audiência com um de seus convidados, mas pensou em que havia uma oportunidade de que alguém tivesse notado a ausência de Lucy e tivesse vindo procurá-la. Que Deus o ajudasse para que fosse alguém que simpatizasse com sua causa, alguém que em realidade se preocupasse com a felicidade de Lucy.

Mas quando deslizou dentro do quarto, tudo estava exatamente como o tinha deixado.

- Maldição - murmurou, enquanto se dirigia à porta. Agora ia ter que encontrar a maneira de falar com seu irmão - ou com o Haselby, supôs - sem chamar a atenção.

Pôs a mão sobre o trinco e lhe deu um puxão, mas o peso da porta estava errado, e Gregory não estava certo do que primeiro aconteceu, o grito feminino de surpresa, ou o corpo suave e caloroso dando cambalhotas sobre o seu.

- Você!

- Você! - disse ele em resposta-. Graças a Deus.

Era Hermione. A única pessoa que sabia, preocupava-se com a felicidade do Lucy sobre todo o resto.

- O que está fazendo aqui? - vaiou ela. Mas fechou a porta do corredor, certamente era um bom sinal.

- Tinha que falar com Lucy.

- Ela se casou com Lorde Haselby.

Ele negou com a cabeça.

- Mas esse matrimônio não foi consumado.

Sua boca caiu literalmente aberta.

- Deus santo, não quererá dizer...

- Serei honesto com você - interrompeu-a. - Sei que não quero fazer outra coisa, mais que encontrar a forma de liberá-la.

Hermione o olhou fixamente durante vários segundos. E então, aparentemente tirado de nenhuma parte, disse:

- Ela o ama.

- Disse-lhe isso?

Ela negou com a cabeça.

- Não, mas é claro. Ou pelo menos assim é, se o vir tudo em retrospectiva. - Caminhou de um lado ao outro no quarto, e se deu a volta de repente-. Então por que se casou com Lorde Haselby? Se que ela pensa muito no dever de honrar os compromissos, mas podia terminar com este hoje mesmo.

- Ela está sendo chantageada - disse Gregory severamente.

Os olhos de Hermione se abriram como pratos.

- Com o que?

- Não posso dizer-lhe.

Para seu crédito, ela não perdeu o tempo protestando. Em seu lugar, levantou o olhar para ele, seus olhos eram agudos e firmes.

- Em que posso ajudá-lo?

Cinco minutos depois, Gregory se encontrou em companhia de Lorde Haselby e do irmão do Lucy. Teria preferido estar sem este último, quem parecia como se pudesse decapitar alegremente a Gregory, a não ser pela presença de sua esposa.

Que tinha seu braço firmemente agarrado.

- Onde está Lucy? - exigiu-lhe Richard.

- Ela está a salvo - respondeu Gregory.

- Me perdoe se isso não me tranqüilizar - lhe replicou Richard.

- Richard, pare - cortou Hermione, puxando ele com mais força-. O Sr. Bridgerton não vai ferí-la. Ele tem melhores interesses em seu coração.

- OH, De verdade? - pronunciou Richard com lentidão.

Hermione o olhou com mais animação do que Gregory tinha visto em seu bonito rosto.

- Ele a ama - declarou ela.

- Com efeito.

Todos os olhos se voltaram para Lorde Haselby, quem estava de pé na porta, olhando a cena com uma estranha expressão de diversão.

Ninguém parecia saber o que dizer.

- Bom, ele certamente o deixou claro esta manhã - continuou Haselby, enquanto se sentava em uma cadeira com uma graça notavelmente fácil-. Não lhe parece?

- Bem, sim? - respondeu Richard, e Gregory de verdade não podia culpá-lo por seu tom inseguro. Haselby parecia estar tomando isto da maneira mais estranha. Calmo.

Tão calmo que o pulso de Gregory parecia sentir a necessidade de correr duas vezes mais rápido, só para adaptar-se às limitações do Haselby.

- Ela me ama - lhe disse Gregory, fazendo uma bola em um punho detrás de suas costas - não era para preparar-se para a violência, mas sim porque se não movia alguma parte de seu corpo, ia ser responsável por saltar fora de sua pele-. Sinto dizê-lo, mas...

- Não, não, absolutamente - disse Haselby com um gesto da mão-. Sou bastante consciente de que ela não me ama. O que em realidade é o melhor, tenho certeza de que todos estamos de acordo nisso.

Gregory não tinha certeza de que devia responder ante isso. Richard estava profundamente ruborizado, e Hermione parecia completamente confusa.

- Dará-lhe a anulação? - perguntou Gregory. Não tinha tempo para dar voltas ao assunto.

- Se não estivesse desejoso de fazer isso, de verdade acredita que estaria aqui parado, falando com você nos mesmos tons que uso para discutir o clima?

- Bem... não?

Haselby sorriu. Ligeiramente.

- Meu pai não se alegrará. Essa é uma situação que normalmente me dá muita satisfação, tenho certeza, mas se podem apresentar muitas dificuldades. Devemos proceder com precaução.

- Lucy não deveria estar aqui? - perguntou Hermione.

Richard reassumiu seu olhar furioso.

- Onde está minha irmã?

- Lá em cima - disse Gregory tajantemente. Isso só limitava as opções a trinta quartos diferentes.

- Vamos, onde? - disparou Richard.

Gregory ignorou a pergunta. Em realidade, esse não era o melhor momento para revelar que estava atada em um banheiro.

Voltou-se para o Haselby, quem ainda estava sentado, com uma perna cruzada casualmente sobre a outra. Estava - revisando as unhas.

Gregory se sentiu preparado para subir pelas paredes. Como podia o maldito homem sentar-se ali, com tanta serenidade? Esta seria a única conversa crítica que teriam na vida, e tudo o que ele podia fazer era revisar as unhas?

- Dará-lhe a anulação? - disparou Gregory.

Haselby levantou o olhar para ele, e piscou.

- Disse que o faria.

- Mas revelará seus segredos?

Ante isso, toda a conduta do Haselby mudou. Seu corpo parecia apertar-se, e seus olhos ficaram mortalmente afiados.

- Não tenho nem idéia do que você está falando - disse ele, cada palavra era firme e precisa.

- Nem eu tampouco - acrescentou Richard, aproximando-se.

Gregory se voltou brevemente em sua direção.

- Estão chantageando-a.

- Não - disse Haselby abruptamente-. Por mim.

- Minhas desculpas - disse Gregory com voz suave. A chantagem era algo terrível-. Não queria implicá-lo.

- Sempre me perguntei a razão pela qual, tinha aceito casar-se comigo -disse Haselby suavemente.

- Isso foi arrumado por seu tio - indicou Hermione. Quando todo mundo se voltou para ela, com surpresa, acrescentou-: Bom, já conhecem Lucy. Ela não é das que se rebelam. Gosta da ordem.

- É mesmo - disse Haselby-. Ela teve uma oportunidade muito dramática para sair disto. - Fez uma pausa, assinalando com a cabeça a um lado-. É meu pai, verdade?

O queixo do Gregory, só fez um único gesto de assentimento.

- Isso não é surpreendente. Está muito desejoso de me ter casado. Bom, então - Haselby juntou as mãos, retorcendo os dedos e apertando-os abaixo-. O que vamos fazer?

Imagino, que delatá-lo.

Gregory negou com a cabeça.

- Não podemos.

- OH, venha. Não deve ser tão mau. Que coisa terrível pôde ter feito Lady Lucinda?

- De verdade, deveríamos trazê-la - disse Hermione outra vez. E quando os três homens se voltaram para ela novamente, acrescentou-: Acaso gostaria que seu destino fosse discutido em sua ausência?

Richard avançou para ficar em frente do Gregory.

- Me diga - disse.

Gregory não fingiu não entendê-lo.

- É algo grave.

- Me diga.

- É sobre seu pai - disse Gregory em voz suave. E procedeu a lhe relatar o que Lucy lhe havia dito.

- Ela fez isto por nós - sussurrou Hermione uma vez que Gregory terminou. Voltou-se para seu marido, agarrando sua mão-. Fez isso para nos salvar. OH, Lucy.

Mas Richard só negou com a cabeça.

- Isso não é verdade - disse.

Gregory tentou afastar a piedade de seus olhos quando disse:

- Há uma prova.

- OH, de verdade? Que tipo de prova?

- Lucy diz que há uma prova escrita.

- Viu-a? -exigiu Richard-. Poderia ela notar quando algo está falsificado?

Gregory tomou uma longa aspiração. Não podia culpar ao irmão de Lucy por sua reação. Supôs que ele faria o mesmo, se uma coisa como essa fosse descoberta de seu próprio pai.

- Lucy não o conheceu - continuou Richard, ainda negando com a cabeça-. Era muito jovem. O pai não teria feito algo assim. É inconcebível.

- Você também era muito jovem - disse Gregory gentilmente.

- Tinha a idade suficiente para conhecer meu próprio pai - estalou Richard-. E ele não era um traidor. Alguém enganou Lucy.

Gregory se voltou para o Haselby.

- Seu pai?

- Não é tão engenhoso - terminou Haselby-. Alegremente se comprometeria em uma chantagem, mas o faria com uma verdade, não com uma mentira. Ele é inteligente, mas não é criativo.

Richard avançou.

- Mas meu tio sim o é.

Gregory se voltou para ele alarmado.

- Acredita que tenha mentido para Lucy?

- Com certeza lhe disse a única coisa que garantiria que ela não se retratasse do matrimônio - disse Richard amargamente.

- Mas por que ele precisava casá-la com o Haselby? - perguntou Hermione.

Todos olharam ao homem em questão.

- Não tenho idéia - disse.

- Ele deve ter seus próprios segredos - disse Gregory.

Richard negou com a cabeça.

- Não eram dívidas.

- Ele não conseguiu dinheiro com o acordo - comentou Haselby.

Todos se voltaram para olhá-lo.

- Pode ser que tenha permitido que meu pai me escolhesse uma esposa -disse com um encolhimento de ombros-. Mas não ia casar me com alguém sem ler os contratos.

- Secretos, então - disse Gregory.

- Possivelmente em combinação com Lorde Davenport - acrescentou Hermione. Voltou-se para o Haselby-.

Sinto muito.

Ele apagou com um gesto da mão, sua desculpa.

- Nem o pense.

- O que devemos fazer agora? - perguntou Richard.

- Trazer Lucy - respondeu Hermione imediatamente.

Gregory assentiu vivamente.

- Ela tem razão.

- Não - disse Haselby, endireitando-se-. Necessitamos de meu pai.

- De seu pai? - replicou Richard-. Dificilmente simpatizaria com nossa causa.

- Possivelmente, e sou o primeiro em reconhecer que é intolerável por mais de três minutos de uma vez, mas nos responderá. E por todo seu veneno, ele é principalmente ileso.

- Principalmente? - repetiu Hermione.

Haselby pareceu considerar isso.

- Principalmente.

- Temos que agir - disse Gregory-. Agora. Haselby, você e Fennsworth devem procurar a seu pai e interrogá-lo. Averigúem a verdade. Lady Fennsworth e eu, recuperaremos Lucy e a traremos de volta aqui, onde Lady Fennsworth permanecerá com ela. - Voltou-se para o Richard-. Desculpe-me pelas disposições, mas devo levar a sua esposa comigo para proteger a reputação de Lucy se alguém nos descobrir. Ela já está há quase uma hora fora. Alguém poderia havê-lo notado.

Richard assentiu brevemente, mas era claro que não estava feliz com a situação. De qualquer forma, não tinha escolha. Sua honra lhe exigia que fosse o único a interrogar Lorde Davenport.

- Bem - disse Gregory-. Todos estamos de acordo. Encontrarei-me com os dois de volta em...

Fez uma pausa. Além do quarto de Lucy e do lavabo de cima, não tinha nenhum conhecimento do desenho da casa.

- Encontraremo-nos na biblioteca - o instruiu Richard-. Está no andar de baixo, neste lado. - Deu um passo para a porta, depois se voltou e disse ao Gregory-: Espere aqui.

Retornarei em um momento.

Gregory estava desejoso de partir, mas a expressão de gravidade do Richard, tinha sido suficiente para convencê-lo de permanecer no lugar. Certamente foi suficiente, porque quando o irmão de Lucy retornou, apenas um minuto depois, trazia consigo duas armas.

Ofereceu- uma ao Gregory.

Deus Santo.

- Pode ser que necessite disto - disse Richard.

- Que o céu nos ajude se for assim - disse Gregory entre dentes.

- Desculpe?

Gregory negou com a cabeça.

- Boa sorte, então - Richard assentiu em direção ao Haselby, e ambos partiram, descendo pelo vestíbulo rapidamente.

Gregory chamou Hermione.

- Devemos ir - disse, guiando-a em direção oposta-. E não tente me julgar quando vir para onde a estou levando.

Escutou-a rir entre dentes enquanto subiam as escadas.

- Por que -disse ela-, suspeito que, por algo, julgarei-o muito engenhoso de fato?

- Não confiava em que ela permanecesse no lugar - confessou Gregory, subindo as escadas de dois em dois. Quando alcançaram o topo, voltou-se para enfrentá-la-. Foi muito duro, mas não havia mais nada que pudesse fazer. Tudo o que precisava era um pouco de tempo.

Hermione assentiu com a cabeça.

- Aonde vamos?

- Ao lavabo da babá - confessou ele-. Amarrei-a no banheiro.

- Você a amarrou no... OH Deus, não posso esperar para ver isto.

Mas quando abriram a porta do pequeno lavabo, Lucy não estava ali.

E tudo indicava que não se foi de boa vontade.

Capítulo 25
No que nos inteiraremos do que aconteceu, só dez minutos antes.

Tinha passado uma hora? Certamente tinha passado uma hora.

Lucy respirou profundamente e tentou acalmar seus nervos amalucados. Por que ninguém tinha pensado em instalar um relógio no banheiro? Alguém não deveria ter compreendido que no futuro alguém se encontraria como ela, amarrada à banheira, e poderia desejar saber que hora era?

De verdade, era só questão de tempo.

Lucy tamborilou os dedos de sua mão direita contra o chão. Rapidamente, rapidamente, de indicador a mindinho, de indicador a mindinho. Sua mão esquerda estava amarrada para que as pontas de seus dedos ficassem umas em frente às outras, por isso se flexionou, depois se inclinou, depois se flexionou, depois se inclinou, depois ...

- Eeeeeuuuuuhhh!

Lucy gemeu frustrada.

Gemido? Grunhido.

Gemido.

Essa deveria ser uma palavra.

Certamente tinha passado uma hora. Devia ter passado uma hora.

E então...

Passos.

Lucy concentrou toda sua atenção, enquanto olhava a porta. Estava furiosa. E esperançada. E nervosa. e...

Deus Santo, não queria possuir tantas emoções simultâneas. Uma de uma vez, era tudo o que podia dirigir. Possivelmente dois.

O trinco da porta virou, e a porta foi puxada para trás, e...

Puxada? Lucy tinha aproximadamente um segundo para notar o engano nisso. Gregory não daria puxões à porta para abri-la. Daria...

- Tio Robert?

- Você - disse, sua voz era baixa e furiosa.

- Eu...

- Pequena prostituta - disparou ele.

Lucy se encolheu. Sabia que ele não sentia nenhum afeto por ela, mas ainda assim, isso lhe doeu.

- Não entende - disse ela bruscamente, porque não tinha idéia do que ia dizer, e se negava - se negava absolutamente a dizer: "sinto muito".

Estava farta de desculpar-se. Farta.

- OH, de verdade? - gritou-lhe ele, agachando-se para ficar a seu nível-. Que não entendo? Essa parte sobre escapar de suas bodas?

- Não escapei - replicou ela-. Fui raptada! Ou não se deu conta que estou amarrada na banheira?

Seus olhos se entrecerraram ameaçadoramente. E Lucy começou a sentir-se assustada.

Virou-se, contendo o fôlego. Tinha temido a seu tio - a seu temperamento hostil, a seu frio e claro olhar de desdém - por muito tempo.

Mas nunca se havia sentido assustada.

- Onde está? - exigiu-lhe seu tio.

Lucy não fingiu não compreendê-lo.

- Não sei.

- Diga-me.

- Não sei! - protestou ela-. Acha que me teria amarrado se tivesse acreditado em mim?

Seu tio ficou de pé e amaldiçoou.

- Isto não tem sentido.

- O que quer dizer? - perguntou Lucy cuidadosamente. Não tinha certeza do que estava acontecendo, e de quem ia ser esposa, ao final do dia proverbial, mas estava bastante segura de que devia tentar ganhar tempo.

E não dizer nada. Nada de importância.

- Isto! Você! - disparou seu tio-. Por que a amarraria e a deixaria aqui, em Fennsworth House?

- Bom - disse Lucy devagar-. Não acredito que pudesse me tirar sem que ninguém me visse.

- Ele tampouco poderia entrar na festa sem que ninguém o visse.

- Não tenho certeza do que quer dizer.

- Como - exigiu seu tio, apoiando-se para baixo, e pondo seu rosto muito perto do dela, - fez para agarrá-la sem seu consentimento?

Lucy soltou um curto bufo. A verdade era fácil. E inócua.

- Fui a meu quarto para me deitar - disse ela-. Ele estava esperando ali por mim.

- Ele sabia qual era seu quarto?

Ela engoliu a saliva.

- Aparentemente.

Seu tio a olhou, em um momento incomodamente longo.

- As pessoas começaram a notar sua ausência - murmurou ele.

Lucy não disse nada.

- Embora, isso não pode evitar-se.

Ela piscou. Do que estava falando?

Ele negou com a cabeça.

- É o único caminho.

- Dis... me desculpe? - e então compreendeu, que não estava falando com ela. Estava falando consigo mesmo.

- Tio Robert? - sussurrou ela.

Mas ele já estava cortando suas ataduras.

Cortando? Cortando? Por que tinha ele uma faca?

- Vamos - grunhiu.

- De retorno à festa?

Ele soltou um pequeno sorriso.

- Isso você gostaria, não é verdade?

O pânico começou a crescer em seu peito.

- Aonde me leva?

Deu-lhe um puxão para pô-la de pé, envolvendo um de seus braços fortemente, ao redor dela.

- A seu marido.

Ela conseguiu afastá-lo suficiente para olhá-lo no rosto.

- A mi... Lorde Haselby?

- Acaso tem outro marido?

- Mas acaso ele não está na festa?

- Deixa de me fazer tantas perguntas.

Ela o olhou freneticamente.

- Mas aonde me leva?

- Não vai arruinar isto - vaiou ele-. Entende?

- Não - declarou. Porque não o fazia. Não entendia nada.

Retorceu-se contra ele.

- Quero que me escute, porque só direi isto uma vez.

Ela assentiu com a cabeça. Não estava olhando seu rosto, mas sabia que ele podia sentir a sua cabeça movendo-se contra seu peito.

- Este matrimônio continuará - disse ele, em voz mortal e baixa-. Me encarregarei pessoalmente de ver que seja consumado esta noite.

- O que?

- Não discuta comigo.

- Mas... - fincou os calcanhares quando começou a arrastá-la para a porta.

- Pelo amor de Deus, não lute comigo - murmurou ele-. De qualquer forma, não é nada que não tenha que fazer. A única diferença é que terá público.

- Um público?

- É pouco delicado, mas terei minha prova.

Ela começou a retorcer-se a sério, conseguindo liberar um braço com o suficiente tempo para girá-lo ferozmente no ar. Ele a refreou rapidamente, mas sua mudança momentânea de postura lhe permitiu lhe dar um forte chute nas espinha.

- Deus, maldita seja - murmurou ele, agarrando-a fortemente-. Pare!

Lançou outro chute, golpeando um espaço vazio.

- Pare! - pôs algo contra suas costelas-. Agora!

Lucy se acalmou imediatamente.

- É uma faca? - sussurrou.

- Recorda isto - disse ele, suas palavras eram quentes e horríveis contra sua orelha-. Não posso matá-la, mas posso lhe causar uma grande dor.

Ela sufocou um soluço.

- Sou sua sobrinha.

- Não me importa.

Ela engoliu em seco e perguntou, com voz baixa:

- Quando lhe importou?

Ele a guiou para a porta.

- Importado?

Ela assentiu com a cabeça.

Por um momento só houve silêncio, e Lucy ficou sem idéias para interpretá-lo. Podia não ver o rosto de seu tio, mas podia notar que não havia nenhuma mudança em sua posição. Não podia fazer outra coisa mais que olhar para a porta, e a sua mão quando alcançou a maçaneta.

E então disse:

- Não.

Já tinha sua resposta.

- Foi um dever - lhe esclareceu ele-. Um que cumpri e um que me agradou muito terminar. Agora venha comigo, e não diga nenhuma palavra.

Lucy assentiu com a cabeça. Sua faca a estava pressionando mais duro que nunca contra suas costelas e já tinha escutado o suave som que fazia ao roçar com o tecido firme de sua blusa.

Permitiu-lhe conduzi-la pelo corredor e pelas escadas. Gregory estava aqui, continuava dizendo-se assim mesma. Ele estava aqui, e a encontraria. Fennsworth House era grande, mas não enorme. Não havia muitos lugares aonde seu tio poderia escondê-la.

E havia centenas de convidados no andar de baixo.

E Lorde Haselby, certamente não consentiria algo assim.

Pelo menos, havia uma dúzia de razões pelas quais, seu tio não teria êxito em sua empresa.

Uma dúzia. Doze. Possivelmente mais. E ela só necessitava uma, só uma para frustrar seu plano.

Mas esse foi só um pequeno consolo quando ele se deteve e lhe pôs de um puxão uma atadura sobre seus olhos.

E inclusive, diminuiu quando ele a puxou no quarto e a amarrou.

- Retornarei - disparou ele, enquanto a deixava ao fundo de uma esquina, amarrada de mãos e pés.

Ela escutou seus passos deslocando-se pelo quarto, e estalou de seus lábios, uma singular palavra, a única palavra que importava...

- Por quê?

Seus passos se detiveram.

- Por que, tio Robert?

Isto não podia ser somente pela honra da família. Acaso já não o tinha demonstrado nesse ponto? Não deveria confiar nela por isso?

- Por quê? - perguntou de novo, orando para que tivesse consciência. Certamente ele não teria cuidado dela e de Richard durante tantos anos sem ter algum sentido do correto e o incorreto.

- Você sabe por que - disse ele finalmente, mas ela sabia que estava mentindo. Tinha esperado muito tempo antes de lhe responder.

- Vá, então - disse ela amargamente. Não tinha sentido retê-lo. Seria muito melhor se Gregory a encontrasse sozinha.

Mas ele não se moveu. E inclusive através da atadura, ela podia sentir sua suspeita.

- Por que está esperando? - gritou ela.

- Não estou seguro - disse ele devagar. E o escutou voltar-se.

Seus passos se aproximavam.

Lentamente.

Lentamente...

- Onde está? - disse Hermione quase sem fôlego.

Gregory caminhou dentro do pequeno quarto, com os olhos postos em tudo, as ataduras cortadas, a banheira derrubada.

- Alguém a levou - disse ele severamente.

- Seu tio?

- Ou Davenport. São os únicos que têm razões... - agitou a cabeça-. Não, eles não podem lhe fazer mal. Necessitam que o matrimônio seja legal e obrigatório.

E duradouro. Davenport quer um herdeiro de Lucy.

Hermione assentiu com a cabeça.

Gregory se voltou para ela.

- Conhece a casa. Onde poderia estar?

Hermione estava negando com a cabeça.

- Não sei. Não sei. Se foi seu tio...

- Assuma que foi seu tio - lhe ordenou Gregory. Não tinha certeza de que Davenport fosse suficientemente ágil para raptar Lucy, e além disso, se Haselby havia dito a verdade sobre seu pai então, Robert Abernathy era o homem com os segredos.

Era o homem que tinha algo que perder.

- Seu estúdio - sussurrou Hermione-. Ele sempre está em seu estúdio.

- Onde fica?

- No piso inferior. Na parte traseira.

- Não se arriscaria - disse Gregory-. Esta muito perto do salão de baile.

- Então em seu quarto. Se quer evitar os lugares públicos, é aonde a levaria. Ali ou ao quarto dela.

Gregory a agarrou pelo braço e a precedeu para sair da porta.

Desceram correndo as escadas, detendo-se antes de abrir a porta que conduzia das escadas dos criados até o patamar do segundo piso.

- Me indique sua porta - disse ele-, e depois se vá.

- Não vou...

- Encontre a seu marido - ordenou -. Traga-o aqui.

Hermione parecia indecisa, mas assentiu e fez o que lhe pediu.

- Vá - disse ele, uma vez que sabia aonde dirigir-se-. Rápido.

Ela desceu correndo as escadas enquanto Gregory se arrastava pelo vestíbulo. Chegou à porta que Hermione lhe tinha indicado e cuidadosamente pressionou sua orelha contra ela.

- Por que está esperando?

Era Lucy. Sua voz se escutava amortecida através da pesada porta de madeira, mas era ela.

- Não sei - se escutou a uma voz masculina, e Gregory compreendeu que não podia identificá-lo. Tinha conversado muito poucas vezes com Lorde Davenport e nem uma vez com o tio de Lucy. Não tinha nem idéia de quem a tinha retida.

Conteve o fôlego e lentamente virou o trinco da porta.

Com a mão esquerda.

Com a direita tirou a arma.

Que Deus os ajudasse a todos se tivesse que usá-la.

Conseguiu abrir a porta um pouco, só o suficiente para aparecer sem ser notado.

Seu coração deixou de pulsar.

Lucy estava atada e enfaixada, encolhida no canto mais afastado do quarto. Seu tio estava de pé diante dela, lhe apontando com uma arma entre os olhos.

- O que pretende? - perguntou-lhe ele, sua voz era fria em sua suavidade.

Lucy não disse nada, mas seu queixo se agitou, como se estivesse tentando manter sua cabeça erguida com muito esforço.

- Por que desejas que vá? - exigiu-lhe seu tio.

- Não sei.

- Diga-me isso. Arremeteu, colocando a arma entre suas costelas. E quando não lhe respondeu o suficientemente rápido, deu-lhe um puxão a sua atadura, deixando-os com o nariz frente a frente-. Me diga.

- Porque não posso suportar a espera - sussurrou ela, sua voz era trêmula-. Por que...

Gregory entrou silenciosamente no quarto, e apontou com sua arma o centro das costas do Robert Abernathy.

- Solte-a.

O tio de Lucy se congelou.

A mão do Gregory se apertou ao redor do gatilho.

- Solte Lucy e afaste-se lentamente.

- Acredito que não - disse Abernathy, e se voltou sozinho o suficiente para que Gregory pudesse ver que sua arma estava descansando agora, sobre a têmpora do Lucy.

De algum modo, Gregory se manteve firme. Nunca poderia saber como, mas seu braço se manteve quieto. Sua mão não tremeu.

- Baixe sua arma - lhe pediu Robert.

Gregory não se moveu. Seus olhos se enfocaram em Lucy, e logo retornaram para seu tio. Ele poderia lhe fazer dano? Gregory ainda não tinha certeza porque, precisamente, Robert Abernathy necessitava que Lucy se casasse com o Haselby, mas estava claro que assim era.

O que significava que não podia matá-la.

Gregory rilhou os dentes, e apertou seu dedo no gatilho.

- Solte Lucy - disse, sua voz era baixa, forte e firme.

- Baixe sua arma! - rugiu Abernathy, e um horrível e estrangulado som saiu da boca do Lucy quando um de seus braços, golpeou-a nas costelas.

Deus santo, o tipo estava zangado. Seus olhos eram selvagens, lançavam dardos ao redor do quarto, e sua mão - a que segurava a arma - estava tremendo.

Ele poderia lhe disparar. Gregory compreendeu isso em um desajustado cintilar. Robert Abernathy estava acabado, pensava que não tinha nada que perder. E não importaria a quem levaria com ele.

Gregory começou a dobrar os joelhos, sem afastar os olhos de Lucy.

- Não o faça - gritou Lucy-. Ele não me fará mal. Não pode.

- OH, claro que posso - replicou seu tio, e sorriu.

O sangue do Gregory começou a correr mais devagar em suas veias. Tentaria - Deus Santo, tentaria com tudo o que tinha o assegurar-se que ambos saíssem vivos e ilesos disto, mas se tinha que escolher -se só um deles poderia sair pela porta...

Seria Lucy.

Isto, compreendeu, era amor. Era o sentido da retidão, sim. E também era a paixão, e o maravilhoso conhecimento de que poderia despertar alegremente ao lado dela pelo resto de sua vida.

Mas era algo mais que tudo isso. Era este sentimento, este conhecimento, esta certeza de que daria sua vida por ela. Não havia interrogantes. Não havia nenhuma dúvida. Se baixasse sua arma, Robert Abernathy certamente lhe dispararia.

Mas Lucy poderia viver.

Gregory se agachou.

- Não lhe faça mal - disse ele suavemente.

- Não a solte! - gritou Lucy-. Ele não...

- Cale-se! - estalou seu tio, e o canhão de sua arma se apertou ainda mais forte contra ela.

- Não diga nada mais, Lucy - lhe advertiu Gregory. Ainda não tinha certeza de como infernos ia sair disto, mas sabia que essa era a chave para manter ao Robert Abernathy tão calmo e tão cordato quanto fosse possível.

Os lábios de Lucy se afastaram, seus olhos se encontraram...

E ela os fechou.

Confiava nele. Deus Santo, ela confiava nele para que a mantivesse a salvo, para mantê-los a ambos os a salvo, e ele se sentia como uma fraude, porque tudo o que estava fazendo era ganhar tempo, mantendo a todas as balas nas armas até que chegasse alguém mais.

- Não vou feri-lo, Abernathy - disse Gregory.

- Então baixe a arma.

Ele manteve seu braço estendido, posicionando a arma a um lado, para poder baixá-la.

Mas não a soltou.

E não afastou os olhos do rosto de Robert Abernathy quando lhe perguntou:

- Por que necessita que ela se case com Lorde Haselby?

- Acaso não o disse? - sorriu ele com desprezo.

- Ela só me contou o que você lhe disse.

O tio de Lucy começou a tremer.

- Falei com Lorde Fennsworth - disse Gregory com voz calma. - Ele estava muito surpreso pela descrição que você fez de seu pai.

O tio de Lucy não respondeu, mas sua garganta se moveu, o pomo de Adão se deslocava de cima abaixo, como uma andorinha convulsiva.

- De fato - continuou Gregory-, estava convencido de que você devia estar enganado. - Manteve a voz suave. Sem brincadeiras. Falou como se estivesse em um jantar.

Não desejava provocá-lo; só desejava conversar.

- Richard não sabe nada - replicou o tio do Lucy.

- Também falei com Lorde Haselby - disse Gregory-. Também estava surpreso. Não compreendia que seu pai estivesse chantageando a você.

O tio do Lucy o olhou com fúria.

- Deve estar falando com ele agora - disse Gregory suavemente.

Ninguém falou. Ninguém se moveu. Os músculos do Gregory estavam gritando. Tinha estado agachado muito tempo, balançando-se sobre as pontas dos

pés. Seu braço, ainda estendido, segurava ainda a arma a um lado, e se sentia como se estivesse aceso.

Olhou à arma.

Olhou Lucy.

Ela estava agitando a cabeça. Lentamente, e com pequenos movimentos. Seus lábios não faziam nenhum som, mas facilmente podia distinguir suas palavras.

Vá embora.

Por favor.

Incrivelmente, Gregory se sentiu sorrir, e sussurrou:

- Nunca.

- O que disse? - exigiu-lhe Abernathy.

Gregory disse a única coisa que lhe veio à mente.

- Amo a sua sobrinha.

Abernathy o olhou como se tivesse ficado louco.

- Não me interessa.

Gregory aproveitou a oportunidade.

- Amo-a o suficiente para guardar seus segredos.

Robert Abernathy empalideceu. Estava completamente pálido e absolutamente quieto.

- Era você - disse Gregory suavemente.

Lucy se voltou.

- Tio Robert?

- Cale-se - explodiu ele.

- Mentiu-me? - perguntou ela, e sua voz parecia quase ferida-. Verdade?

- Lucy, não - disse Gregory.

Mas ela já estava agitando a cabeça.

- Não era meu pai, não é verdade? Era você. Lorde Davenport estava chantageando-o por suas próprias maldades.

Seu tio não disse nada, mas ambos viram a verdade em seus olhos.

- OH, Tio Robert - sussurrou ela tristemente-. Como pôde?

- Eu não tinha nada - vaiou ele-. Nada. Só as esmolas de seu pai e os restantes.

Lucy ficou cinzenta.

- Matou-o?

- Não - respondeu seu tio. Nada mais. Só não.

-Por favor - disse ela, com voz baixa e doída-. Não me minta. Não sobre isto.

Seu tio soltou um molesto suspiro e disse:

- Só sei o que as autoridades me contaram. Ele foi encontrado perto de uma maldita sala de jogos, tinham-lhe disparado no peito e roubado todos seus objetos valiosos.

Lucy o olhou por um momento, e com os olhos brilhantes pelas lágrimas, ofereceu-lhe um pequeno assentimento.

Gregory se levantou devagar.

- Tudo terminou, Abernathy - disse ele-. Haselby e Fennsworth já se inteiraram de tudo. Você não pode obrigar Lucy a cumprir suas ordens.

O tio de Lucy a apertou mais forte.

- Posso usá-la para escapar.

- Claro que pode. Só deve soltá-la.

Abernathy riu disso. Era um som amargo e cáustico.

- Não ganharemos nada expondo-o - disse Gregory cuidadosamente-. É melhor lhe permitir que saia do país sem nenhum tipo de escândalo.

- Nunca permanecerá em silêncio - se mofou o tio do Lucy-. Se ela não se casar com esse petimetre caprichoso, Davenport o gritará daqui até Escócia. E a família estará arruinada.

- Não - Gregory negou com a cabeça-. Não será assim. Você nunca foi conde. Você não era seu pai. Será um escândalo; isso não poderá evitar-se. Mas o irmão do Lucy não perderá seu título, e tudo se esquecerá quando as pessoas comecem a recordar que nunca gostaram de você.

Em uma piscada, o tio do Lucy moveu a arma de seu estômago para seu pescoço.

- Dá-se conta do que diz - estalou.

Gregory ficou pálido e retrocedeu um passo.

E então todos o escutaram.

Um ruído de passos. Correndo rapidamente pelo vestíbulo.

- Solte a arma - disse Gregory-. Só tem um momento antes que...

A porta se encheu de pessoas. Richard, Haselby, Davenport, Hermione- todos irromperam, sem saber que se estava levando a cabo uma confrontação mortal.

O tio do Lucy retrocedeu, apontando com a arma ferozmente para todos eles.

- Saiam! Todos vocês! - seus olhos se acenderam como os de um animal encurralado, e seu braço se moveu de um lado a outro, sem apontar diretamente sobre ninguém.

Mas Richard avançou.

- Bastardo - gritou. - Verei você em...

Uma arma foi disparada.

Gregory olhou com horror como Lucy caía no piso. Um lamento gutural saiu de sua garganta; e levantou sua própria arma.

Apontou.

Disparou.

E pela primeira vez na vida, acertou no alvo.

Bom, quase.

O tio de Lucy não era um homem grande, mas não obstante, quando aterrissou sobre ela, feriu-a. O ar saiu completamente de seus pulmões, deixando-a boquiaberta e afogada, fechou os olhos pela dor.

- Lucy!

Era Gregory, enquanto tirava seu tio de cima dela.

- Onde está ferida? - exigiu ele, e suas mãos estavam por toda parte, seus movimentos eram frenéticos, enquanto procurava uma ferida.

- Não estou... - lutou por respirar-. Ele não... - conseguiu olhar seu peito. Estava coberto de sangue-. OH, céus.

- Não posso encontrar - disse Gregory. Tomou pelo queixo, posicionando seu rosto para que o olhasse diretamente aos olhos.

E ela quase não o reconhecia.

Seus olhos... seus formosos olhos cor avelã... pareciam perdidos, quase vazios. E parecia levar-se algo que o fazia ser ele... ele.

- Lucy - disse ele, sua voz estava rouca com a emoção-. Por favor. Me fale.

- Não estou ferida - conseguiu dizer ela finalmente.

Suas mãos gelaram.

- O sangue.

- Não é meu. - Levantou o olhar para ele e levou sua mão até sua face. Ele estava tremendo. OH, Deus santo, estava tremendo. Nunca o tinha visto assim, nunca imaginou que ele podia ser levado até esse ponto.

A expressão de seus olhos, agora o compreendia. Tinha sido terror.

- Não estou ferida - sussurrou ela-. Por favor... não... tudo está bem, querido. - Não sabia o que estava dizendo; só queria consolá-lo.

Sua respiração era irregular, e quando falou, suas palavras eram quebradas, inacabadas.

- Eu pensei... eu... eu não sei o que pensei.

Um pouco molhado tocou seu dedo, e ela o afastou suavemente.

- Já tudo terminou - disse ela-. Tudo terminou, e...

E de repente se deu conta da presença das demais pessoas no quarto.

- Bom, acredito que terminou - disse ela duvidosamente, enquanto se sentava. Seu tio estava morto? Sabia que lhe tinham disparado. Gregory ou Richard, não sabia quem tinha sido. Os dois tinham disparado suas armas.

Mas o tio Robert não estava mortalmente ferido. Afastou-se a um lado do quarto e se segurava contra a parede, agarrando seu ombro e olhando para diante com uma expressão de derrota.

Lucy franziu o cenho para ele.

- Tem sorte de que não seja um bom atirador.

Gregory fez um som de bufo bastante estranho.

No canto, Richard e Hermione estavam abraçados, mas ambos pareciam ilesos. Lorde Davenport estava bradando sobre algo, não tinha certeza do que, e Lorde Haselby...

- Deus santo, seu marido - estava apoiado ociosamente contra o batente da porta, olhando a cena.

Ele chamou sua atenção e sorriu. Só um pouco. Não lhe via nem um dente, é claro; nunca sorria abertamente.

- Sinto muito - disse ela.

- Não o faça.

Gregory se endireitou ao lado dela, envolvendo um braço protetoramente sobre seu ombro. Haselby observou a cena com patente divertimento, e talvez também com um toque de prazer.

- Ainda deseja a anulação? - perguntou ele.

Lucy assentiu com a cabeça.

- Amanhã terei os papéis preparados.

- Tem certeza? - perguntou Lucy, preocupada. Ele era um homem encantador, de verdade. Não queria que sua reputação ficasse arruinada.

- Lucy!

Ela se voltou rapidamente para Gregory.

- Sinto muito. Não quis... eu somente.

Haselby lhe fez um gesto com a mão.

- Por favor não se preocupe. Possivelmente é o melhor que poderia acontecer. Os tiroteios, chantagens, traição... Ninguém me verá como a causa da anulação.

- OH. Bem, isso é bom - disse Lucy sorridente. Ficou de pé porque, bom, parecia ser o educado, dado o generoso que estava sendo-. Mas ainda não deseja ter uma esposa?

Porque posso ajudá-lo a encontrar uma, uma vez esteja estabelecida, claro está.

Gregory revirou os olhos.

- Deus santo, Lucy.

Ela o observava enquanto ficava de pé.

- Sinto que deveria fazer algo bem. Ele pensou que estava conseguindo uma esposa. De certo modo, isto não é precisamente justo.

Gregory fechou os olhos por um bom tempo.

- É algo muito bom que a ame tanto - disse ele fatigadamente-. Porque de outro modo, teria que lhe pôr uma focinheira.

Lucy estava boquiaberta.

- Gregory! - e depois-. Hermione!

- Sinto muito! - disse Hermione, com uma mão colocada ainda sobre sua boca para silenciar sua risada-. Mas vocês fazem bom casal.

Haselby se passeou pelo quarto e deu um lenço ao tio de Lucy.

- Quererá ser fiel a isso - murmurou ele. Voltou-se para Lucy-. Em realidade não quero uma esposa, como tenho certeza de que você é consciente. Mas suponho que devo encontrar alguma maneira de procriar ou o título irá parar às mãos de meu odioso primo. O qual seria uma vergonha, de verdade. A Câmara dos Lordes certamente escolheria dissolver-se se alguma vez ele decidir ocupar sua cadeira.

Lucy só o olhou e pestanejou.

Haselby sorriu.

- Assim, sim, agradeceria-lhe se encontrar a alguém conveniente.

- Claro - murmurou ela.

- Também necessitará de minha aprovação - disse Lorde Davenport de modo cortante, partindo para diante.

Gregory se voltou para ele sem simular sua aversão.

- Você - disparou ele-, pode calar-se. Imediatamente.

Davenport retrocedeu zangado.

- Tem alguma idéia de quem lhe está falando, pequeno cachorrinho?

Os olhos do Gregory se entrecerraram e se endireitou.

- A um homem em uma posição muito precária.

- O que diz?

- Você cessará sua chantagem imediatamente - disse Gregory.

Lorde Davenport indicou com sua cabeça ao tio do Lucy.

- Ele era um traidor!

- E você escolheu não delatá-lo - disparou Gregory-, o que, imagino o rei achará igualmente recriminável.

Lorde Davenport cambaleou como se algo o tivesse golpeado.

Gregory continuou, e pôs Lucy ao seu lado.

- Você - disse ao tio de Lucy-, partirá do país. Amanhã. E não retornará.

- Pagarei sua passagem - soltou Richard-. Nada mais.

- Você é mais generoso do que eu teria sido - murmurou Gregory.

- Quero que parta - disse Richard em voz firme-. Se posso acelerar sua partida, estou contente de correr com o gasto.

Gregory se voltou para Lorde Davenport.

- Você nunca dirá uma palavra disto. Entende-me?

- E você - disse Gregory, enquanto se voltava para Haselby-. Obrigado.

Haselby lhe fez seu reconhecimento com uma inclinação cortês.

- Não posso evitar. Sou um romântico. - encolheu os ombros-. De vez em quando isso me mete em problemas, mas não podemos mudar nossa natureza, não é verdade?

Gregory deixou que sua cabeça meneasse devagar de lado a lado, enquanto um amplo sorriso começava a estender-se em seu rosto.

- Não tem nem idéia - murmurou ele, tomando Lucy pela mão. Já não podia suportar estar separado dela, nem sequer uns centímetros.

Seus dedos se entrecruzaram, e desceu o olhar para ela. Seus olhos brilhavam com amor, e Gregory tinha o mais esmagador e absurdo desejo de rir. Simplesmente porque podia.

Simplesmente porque a amava.

Notou que seus lábios estavam apertados também. Ao redor dos cantos, afogando-se com sua própria risada.

E ali, diante do grupo mais ímpar de testemunhas, tomou em seus braços e a beijou com cada última gota de sua alma desesperadamente romântica.

Eventualmente - muito eventualmente - Lorde Haselby limpou a garganta.

Hermione pretendeu olhar a outro lado, e Richard disse:

- Sobre esse casamento...

Com grande reticência, Gregory se afastou. Olhou à esquerda. Olhou à direita. E voltou a olhar Lucy.

E a beijou de novo.

Porque, de verdade, tinha sido um longo dia.

E merecia um pouco de indulgência.

Só Deus sabia quanto tempo passaria antes que pudesse casar-se com ela realmente.

Mas sobre tudo, beijou-a por que...

Por que...

Sorriu, tomando a cabeça dela em suas mãos e deixou que seu nariz descansasse contra a dela.

- Amo-a, sabe.

Ela sorriu em resposta.

- Sei.

Finalmente compreendeu porque ia beijá-la outra vez.

Só porque sim.

Epílogo

No que nosso herói e heroína, exibem a diligência, da qual nós sabíamos, eram capazes.

Na primeira vez, Gregory tinha ficado excluído.

Na segunda vez foi inclusive pior. A lembrança da primeira tinha feito muito pouco para acalmar seus nervos. De fato, tinha sido ao contrário. Agora que tinha um melhor entendimento do que estava acontecendo (Lucy não lhe tinha economizado nenhum detalhe, uma maldição para sua pequena alma meticulosa) cada pequeno ruído estava sujeito ao escrutínio mórbido e à especulação.

Era algo condenadamente bom que os homens não pudessem ter filhos. Gregory não tinha vergonha de admitir que a raça humana já teria desaparecido faz milênios.

Ou pelo menos, ele não teria contribuído com o atual lote de pequenos Bridgertons travessos.

Mas Lucy parecia não se importar com o parto, com a condição de poder lhe descrever a experiência depois com supremo detalhe.

Sempre que desejasse.

E por isso na terceira vez, Gregory era um pouco mais ele mesmo. Ainda se sentava para fora da porta, e continha o fôlego quando escutava um gemido particularmente desagradável, mas apesar de tudo, já não ficava entregue à ansiedade.

Na quarta vez trouxe um livro.

Na quinta, só um jornal. (Parecia estar ficando mais rápido com cada criança. Que conveniente.)

O sexto menino o pescou completamente despreparado. Tinha saído para fazer uma visita rápida a um amigo, e quando retornou, Lucy estava sentada com o bebê em seus braços, com um alegre e nem sequer um pouco cansado sorriso em seu rosto.

Entretanto, Lucy freqüentemente lhe recordava sua ausência, por isso teve muito cuidado de estar presente para a chegada do número sete. O que tinha feito, com tal para que não se deduziram pontos por ter abandonado seu lugar para fora de sua porta, para procurar um sanduíche de meia noite.

No sétimo, Gregory pensou que eles tinham feito seu trabalho. Sete era um número absolutamente bom de filhos, e, quando o disse a Lucy, apenas se podia recordar como parecia ela, quando não estava esperando.

- É suficientemente bom para que te assegure que não estou esperando de novo - lhe tinha respondido Lucy atrevidamente.

Ele não pôde defender-se muito bem contra isso, tinha-a beijado na fronte e foi visitar Hyacinth, para lhe expor as muitas razões pelas quais, sete era um número ideal de filhos. (Hyacinth não se divertiu).

Com certeza tinha sido suficiente, seis meses depois do sétimo, Lucy lhe disse timidamente que estava esperando outro bebê.

- Nenhum mais - anunciou Gregory-. Dificilmente podemos manter aos que temos com o que já possuímos. (Isto não era verdade; o dote de Lucy tinha sido extremamente generoso, e Gregory tinha descoberto que possuía um bom olho para os investimentos).

Mas de verdade, oito, tinha que ser suficiente.

E não é que estivesse desejoso de abreviar suas atividades noturnas com Lucy, mas havia coisas que um homem podia fazer coisas que provavelmente já deveria ter feito, para falar a verdade.

E por isso, já que estava convencido de que este seria seu último filho, decidiu que podia ver de que se tratava tudo, e apesar da reação horrorizada da parteira, permaneceu ao lado de Lucy em todo o nascimento (em seu ombro, claro).

- Ela é toda uma perita nisto - disse o doutor, enquanto levantava o lençol para lançar uma olhada-. De verdade, a estas alturas sou desnecessário.

Gregory olhou a Lucy. Havia trazido seu bordado.

Ela encolheu os ombros.

- Em realidade se faz mais fácil cada vez.

E era certo, porque quando chegou o momento, Lucy desceu seu trabalho, deu um pequeno grunhido, e...

- Whoosh!

Gregory piscou enquanto observava o infante gritando, tudo enrugado e vermelho.

- Bom, isso foi muito menos complicado do que tinha esperado - disse.

Lucy o olhou com uma expressão de mau humor.

- Se tivesse estado presente a primeira vez, teria... !ohhhhhhh!

Gregory voltou seu olhar rapidamente para seu rosto.

- O que acontece?

- Não sei - respondeu Lucy, com os olhos cheios de pânico-. Mas isto não anda bem.

- Vá, vá - disse a parteira-. Você somente...

- Sei como deveria me sentir - estalou Lucy-. E assim não deve ser.

O doutor lhe entregou ao novo bebê - uma menina, Gregory estava contente de inteirar-se- à parteira e voltou ao lado de Lucy. Pôs as mãos em seu estômago.

- Hmmm.

O doutor levantou o lençol e olhou abaixo.

- Gah! - soltou Gregory, enquanto retornava ao ombro do Lucy-.Não quero ver isso.

- O que está acontecendo ? - exigiu Lucy-. O que está... ohhhhhhh!

- Whoosh!

- Céu santo - exclamou a parteira-. São dois.

Não, pensou Gregory, sentindo-se definitivamente enjoado, eram nove.

Nove filhos.

Nove.

Só lhe faltava um para os dez.

O qual tinha dois dígitos. Se fizesse isto de novo, estaria na escala de dois dígitos de paternidade.

- OH Deus bendito - sussurrou ele.

- Gregory? - disse Lucy.

- Preciso me sentar.

Lucy sorriu fracamente.

- Bom, pelo menos, sua mãe estará contente.

Ele assentiu com a cabeça, incapaz de pensar. Nove filhos. Que fazia alguém com nove filhos?

Amá-los, supôs.

Olhou a sua esposa. Seu cabelo estava desgrenhado, seu rosto estava torcido, e as bolsas sob seus olhos, puseram-se de cor lavanda, e estavam a ponto de ficar de cor cinza púrpura.

Pensou que era formosa.

O amor existia, pensou para si mesmo.

E era genial.

Sorriu.

Nove vezes genial.

O que era muito genial, em efeito.

Fim.

Resenha Bibliográfica

Julia Quinn

Durante seu último ano na Universidade de Harvard, Julia Quinn (mais conhecida no ciberespaço como JulieQ) compreendeu que não sabia o que desejava fazer com sua vida. Conseguir um trabalho parecia muito difícil. A única opção era (depois de sopesar diversas Faculdades) a Faculdade de Medicina. Resultou que passaram dois anos antes que pudesse entrar na Faculdade de Medicina já que tinha que tomar todas essas aborrecidas aulas de ciência para poder solicitar a vaga (ela tinha um título em História da Arte). Precisava encontrar algo que fazer durante esse tempo. Foi quando olhou o livro que estava lendo: Era uma novela romântica.

"Eu poderia escrever uma", pensou. E isso foi o que fez. Dois anos depois, justo quando Julia estava decidindo entre a Universidade de Medicina do Yale e a Universidade para Médicos e Cirurgiões de Columbia, seu agente chamou para lhe dizer que seus dois primeiros livros, "Splendid" e "Dancing at Midnight", eram objeto de uma intensa guerra de ofertas entre duas editoras. Assim adiou por um ano a Faculdade de Medicina e escreveu "Minx". Logo adiou a Faculdade de Medicina outro ano e escreveu "Everything and the Moon". Então pensou que possivelmente deveria fazer uma tentativa na Faculdade de Medicina, mas meses depois, compreendeu que devia ter experimentado um ataque de loucura temporária, retirou-se da Faculdade de Medicina e escreveu "Brighter Than The Sun". A este livro seguiram "To Catch An Heiress" e "How To Marry ao Marquis", que foi aclamada pela crítica.

O estilo de escrita da Julia ganhou rapidamente uma reputação por sua calidez e seu humor, e seus diálogos são considerados como dos melhores do gênero.

Foi assunto de uma resenha na revista Teme (uma raridade entre escritores de novela romântica).

Julia Quinn atualmente vive com seu marido Paul no noroeste do Pacífico.